

**“Eu vi o horror, e ele tem hora
para chegar.” - Lucas Dallas**

HORÁ RIO DE VERÃO **EVERALDO RODRIGUES**



HORÁRIO DE VERÃO

Everaldo Rodrigues

HORÁRIO DE VERÃO

2ª edição

Copyright © 2016, 2018 by Everaldo Rodrigues da Silva Junior Todos os direitos reservados ao autor.
[2018]

www.everaldorodriguesblog.wordpress.com www.facebook.com/escritoreveraldorodrigues/

www.twitter.com/EveraldoRodr www.instagram.com/everaldorodr É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhum trecho desta obra poderá ser reproduzido, transcrito, copiado ou transmitido por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzido, sem a permissão, por escrito, do autor.
Sujeito a lei vigente (nº 9.610/98).

Capa, revisão e diagramação

ER Revisões *Ilustrações internas*

Altair Messias Lucas Dallas Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

R696h

Rodrigues, Everaldo
Horário de verão / Everaldo Rodrigues; Monte Mor – SP
2018 – Edição do Autor

CDD: B869.3
CDU: 821.134.3(81)

1. Romance brasileiro. I. Título

Para Neusa Camargo.

Agradecimentos

Agradeço aos amigos Hellen Monteiro Cardoso, Luciano Barbosa, Tatiane Durães, Lucas Dallas, Fidel Correia Borges, Beatriz Beccari, Rafael Machado, Ana Carolina Ribeiro e Flávio Pontes de Gouveia Vieira, por lerem este livro antes que ele visse a luz do dia. Agradecimentos especiais à amiga, escritora e mestra Claudia Sobreira Lemes, pelos conselhos e pela atenção; ao amigo e desenhista Altair Messias pelo excelente trabalho nas ilustrações da capa e contracapa (na primeira edição); e à minha esposa Carol, pelos elogios e todo o apoio, sempre.

Os acontecimentos desse livro são pura ficção. No entanto, a cidade na qual essa história se passa existe de verdade, e ainda que não seja citada, alguns pontos serão reconhecíveis por aqueles que vivem nela. Além disso, é claro, há locais que não existem; foram criados de forma deliberada, ignorando a geografia, apenas em prol da história. Portanto, não perca seu tempo procurando por eles.

Já a questão do horário de verão é uma das coisas que não posso afirmar, nem negar, se é real ou não.

Eu, no seu lugar, tomaria cuidado.

Sumário

[Prólogo](#)

[Parte 1 — Cinco para meia-noite](#)

[Capítulo I: Dia chuvoso](#)

[Capítulo II: Sonhos e surtos](#)

[Capítulo III: A história da bruxa - parte 1](#)

[Capítulo IV: A história da bruxa - parte 2](#)

[Capítulo V: No teto](#)

[Capítulo VI: Homem feito](#)

[Capítulo VII: Tempo perdido](#)

[Capítulo VIII: Ficar forte](#)

[Capítulo IX: O baú](#)

[Capítulo X: Árvore de Natal](#)

[Capítulo XI: Véspera de Natal](#)

[Capítulo XII: Natal](#)

[Capítulo XIII: Grito no silêncio](#)

[Parte 2 — Meia-noite](#)

[Capítulo XIV: Desconfiança](#)

[Capítulo XV: Enigmas](#)

[Capítulo XVI: Ponto zero](#)

[Capítulo XVII: Sombras interiores](#)

[Capítulo XVIII: Promessa](#)

[Capítulo XIX: O campo](#)

[Capítulo XX: O ramo de oliveira](#)

[Capítulo XXI: Egrégora](#)

[Capítulo XXII: A chave](#)

[Capítulo XXIII: A coisa à espreita](#)

[Epílogo](#)

[Posfácio para a 2 edição](#)

“Infeliz é aquele cujas memórias de infância lhe trazem apenas medo e
tristeza”

O Forasteiro (H.P. Lovecraft)

23h59min55seg...

23h59min56seg...

23h59min57seg...

23h59min58seg...

23h59min59seg...

23h00min00seg...

Prólogo

— Cara, cê *acredita mesmo* nisso?

Era Samuel. Olhava para Carlos com aqueles olhos que se arregalavam engraçados. Mas não havia graça em sua voz. Havia medo.

— Cala a boca, Samuca. Já tá quase na hora. Falta três minutos!

Falou com rispidez, olhando o relógio, sem sequer tentar esconder o nervosismo. Olhei no meu celular. Eram 23h57min, e eu não consegui conter um arrepio.

— Tá tudo bem aí, Paulo? — perguntou Carlos, preocupado.

— Tá, tá sim... tô tranquilo — falei. Era mentira. Eu estava me borrando de medo.

Também, como não ficar com medo, se era eu quem estava segurando o tal do ramo de oliveira que, segundo Carlos, iria deter *a coisa* que viria?

A coisa que *passaria*.

O vento soprou forte. Aquela noite de fevereiro estava fria. Verão ali, só no horário. Carlos vestia um casaco marrom que com certeza foi do avô dele, puído, as costuras despregadas, desfiadas, soltas, e ainda assim com certo charme. Olhava para a grama com o que parecia uma mistura de fúria e determinação. Segurava a tocha apagada em uma mão e o isqueiro na outra. Samuel usava somente uma camiseta regata e uma bermuda de cor qualquer, curtíssima e ridícula, e tremia, tremia muito, e eu posso apostar aqui e agora que não era de frio. Eu vestia uma blusa de lã que minha mãe fizera para mim pelo menos uns dois anos antes, e em qualquer outro momento aquilo seria a piada do dia. Não ali. Ali não havia espaço para risos nem piadas. Estávamos esperando, dentro do círculo que tínhamos acabado de desenhar cuidadosamente na grama baixa, que a meia noite chegasse, e por mais estranho que aquilo fosse, sabíamos que a meia noite não duraria um segundo sequer, e que quando o relógio voltasse uma hora em *quase todos* os relógios *do Brasil* (ou pelo menos das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, o que já era o bastante, caramba, aquilo já influenciava

tudo!), *alguma coisa aconteceria*, e não saber *o que* aconteceria fazia tudo parecer muito pior do que já era.

E por mais que a pose de durão que Carlos se esforçava para fazer fosse boa, eu sabia que ele também estava com medo.

Muito medo.

23h58min.

— Falta dois minutos — falou Carlos. Eu não sei qual era a intenção dele com aquela contagem regressiva, mas não ajudava. Samuca gemeu de novo. Abraçou a si mesmo com mais força, os braços gordos arrepiados e marcados pelos dedos. Eu me agachei. Ficar de pé passou a ser uma tarefa difícil. As pernas simplesmente *não queriam*. Carlos olhou para mim, preocupado novamente. Ele tinha noção de que o meu fardo era um pouco pesado. Caramba, *um pouco*? Pesado pra cacete, como diria meu pai (que, aliás, não fazia nem ideia de que eu estava ali, longe de casa uns dez quilômetros mais ou menos). Nós três tínhamos noção do que *a coisa* era capaz. Já tínhamos visto *o que ela fazia quando estava furiosa*. Carlos não podia segurar o ramo, pois a situação sairia do controle. Seu talento era o maior entre nós três, mas ele tinha pouquíssima noção do *quanto* esse *maior* significava. Deixar que a criatura se apoderasse dele era arriscadíssimo. Samuel faria a *sombra*. Sobrara para mim a missão de ser visto pelo ser quando ele saísse. E segurar aquele raminho verde-claro na mão com a ideia de que seria aquilo que impediria a coisa não era um conceito muito confiante.

O raminho tremia e eu também.

O casaco de Carlos balançou no vento, fazendo um barulho de capa de super-herói, e eu torci que na hora em que ele tivesse que entrar “em ação” ele realmente virasse um.

A insegurança pairava no ar como a neblina rala que nos cercava, movendo-se ligeira com o vento frio que insistia em fustigar nossos corpos e nossas mentes. Samuca olhava para o chão, confuso, a pergunta estampada na cara: “*O que que eu tô fazendo aqui?!*”. Seus joelhos quase se tocavam, os pelos dos braços esticados como espinhos, a cara vermelha e repuxada, e como diria meu pai (porra, o que que a culpa não faz com a gente, não parei de pensar no velho!), “o bigulim dele deve tá quase *pra dentro!*”. Olhou para mim, quase chorando. Sabia que a pergunta que fizera pra Carlos, “Você acredita mesmo nisso?”, não fazia mais sentido àquela altura do campeonato, porque *ele próprio* também acreditava. Todos nós. Caso contrário, não estaríamos ali, quilômetros longe de casa, sozinhos, com frio e amedrontados, prestes a encarar uma criatura inimaginável que poderia nos matar tão rápido quanto pisco meus olhos; estaríamos em casa, sentados no sofá, debaixo das cobertas, comendo pipoca e

assistindo algum seriado ou jogando *videogame*.

23h59min.

— Falta um minuto — falou Carlos, e eu ouvi sua voz tremer um pouco.

— Porra cara, cala essa boca! — gemeu Samuca. — Cê só tá piorando as coisas, meu! Cê tá vendo que eu tô me cagando de medo, caralho!

— Agora não é hora pra ter medo! Você sabia o que tava por vir. Ninguém te forçou a ficar aqui. Tá aqui por vontade própria — falou Carlos, aquele jeito sério que machucava.

— *Como é que é?! Tô aqui por vontade própria?! — berrou Samuca, a voz mais fina do que o normal — Eu tô aqui porque foi você quem veio choramingando pedindo ajuda! Você que tava quase louco e que só num endoidou porque a gente foi te ajudar! A gente só tá aqui pra não deixar você sozinho nessa roubada! Nessa treta que você arrumou!*

O rosto de Carlos fechou, e uma lágrima desceu no seu rosto. O vento arrancou a lágrima do rosto dele e a lançou no meu, uma espécie bizarra de coincidência, daquelas que só cremos quando acontece conosco. E visto a sequência de eventos que nos levaram até ali, a palavra *coincidência* não fazia mais sentido. Então eu despertei. Quando Samuca disse “*a gente*”, “*eu*” estava no meio, e eu sabia que havia muitos motivos para estarmos lá.

— Para, Samuca! Você *sabe* por que a gente tá aqui. Por *quem* a gente tá aqui — falei, e o gordo gemeu de novo.

— Eu sei cara, eu sei! — falou choramingando, só que de arrependimento dessa vez. — Desculpa, Carlinho... é que eu tô com um baita cagaço, véio!

— Quando isso acabar... eu juro que eu quebro essa sua cara gorda. Seu frouxo — respondeu Carlos, secando discretamente o rosto molhado por uma única lágrima.

— Pode vir que eu te quebro também! — gemeu Samuca. Carlos sorriu de leve.

— A gente precisa ficar unido agora! — falei, as palavras se despedaçando entre batidas de dentes — Vai deixar a gente mais forte!

— Eu sei — disse Carlos — Eu que te ensinei isso.

Sorri. O vento trazia nuvens escuras que ocultavam a lua crescente, um olho semiaberto vigilante no céu, pálida e reduzida, única testemunha da nossa coragem (ou seria *pretensão*) de enfrentar aquela coisa.

Olhei o relógio.

23h59min48seg.

Fechei os olhos com força. Sei que Samuca e Carlos fizeram o mesmo, com sentimentos diferentes.

23h59min49seg.

O ramo jazia frio na minha mão, e eu o apertei com o máximo de fé que eu tinha.

23h59min50seg.

Samuca deu outro apertão nos braços, e eu sabia que aquilo devia estar doendo.

23h59min51seg.

Carlos respirou fundo. Soltou o ar, uma nuvem de fumaça saindo pela boca. O tremor era de medo.

23h59min52seg.

O isqueiro prateado despontou na mão direita e o polegar se posicionou sobre a tampa, puxando-a, um movimento ensaiado durante meses.

23h59min53seg.

Estava perto.

23h59min54seg.

Quase na hora.

23h59min55seg.

23h59min56seg.

23h59min57seg.

Três segundos.

23h59min58seg.

Dois segundos.

23h59min59seg.

Um segundo.

É agora.

23h00min00seg.

Parte 1

Cinco para meia-noite

Capítulo I

Dia chuvoso

Eu sei o dia exato em que tudo aquilo começou, pois foi um dia determinante, o meio que provoca o fim, se é que você me entende. Foi no dia 15 de outubro de 2011, um sábado chuvoso, “como todo sábado em que muda pro horário de verão”, como dizia minha avó Otília, todo ano, sempre naquele antepenúltimo mês, quando os avisos de mudança de horário eram constantes na TV. Eu não sei por que ela sempre insistia naquilo, não fazia sentido; mas ela já havia passado por muito mais sábados e mudanças de horário de verão do que eu, e depois de alguns anos eu pude perceber que no fundo ela tinha razão.

Sábado era dia de dormir até tarde, como de costume para um moleque de doze anos que estudava de manhã e não fazia mais nada o resto do dia a não ser jogar *videogame*, então eu acordei por volta das 10h30min. Chovia descomunalmente. As gotas atingiam as janelas de vidro e o telhado da casa como pedras, desfazendo-se em gotículas cristalinas que se perdiam no ar. Eu tinha combinado de dar uma volta de bicicleta com o Samuca, mas com aquela chuva era difícil até mesmo sair para o quintal. Minha mãe tinha ido para o curso matinal de inglês e meu pai estava trabalhando desde as sete da manhã. Não restava muito a fazer a não ser assistir desenho até a hora do almoço e esperar a chuva passar. Depois era só ligar o *videogame* e gastar tempo. O café da manhã já estava pronto, me esperando. Fui até o banheiro e encarei meu rosto pálido no espelho. Estava cheio de marcas do lençol de cama enrolado sobre o qual eu o forcei durante quase toda a manhã. O cabelo castanho caía amassado sobre a testa, repleto de linhas e pelos do cobertor. Ainda não tinha espinhas para me incomodar. Não muitas, pelo menos. Os dentes retos enchiam minha mãe de

orgulho. As orelhas um tanto proeminentes me enchiam de vergonha, assim como os braços magros e o peito seco, o osso do esterno despontando como um pomo de adão. Pouco ou nenhum pelo que pudesse expressar qualquer masculinidade. Natural, apesar de tudo, para a tenra idade de doze anos. Hoje sinto tanta falta daqueles dias que até dói.

Desci depois de ignorar a escovação de dentes matinal e fui para a cozinha. Comia quando o telefone tocou. Era o Samuca.

— E aí, Paulinho. Molhou o rolê hoje hein... — disse com aquela voz às vezes fina, às vezes grossa.

— Então... — falei — Com essa chuva fica osso...

— Vou pedir pro meu pai me levar aí pra gente jogar *videogame* — falou, e dava para sentir a animação na voz dele. Na época, não era todo mundo da cidade que tinha um *Playstation 3*.

— Beleza. Cola aí — falei. — Acho que vou ligar pro Carlinho também. Samuca ficou em silêncio um momento.

— Será que ele vai? Porque eu fiquei sabendo que a vó dele tá meio doente.

Carlos vivia sozinho com a avó desde que seus pais morreram em um acidente de carro, sete anos antes. Eu e Samuca nos conhecíamos desde a 3ª série, porém só conhecemos Carlos no começo daquele ano. Ele era bolsista e parecia ter vergonha daquilo. Era meio sério, fechado para amizades, contudo conversávamos normalmente. Não sei o que o influenciou para que aceitasse nossa amizade. Acredito que foi o fato de não fazermos parte da turma dos “valentões” da escola, representados nas figuras patéticas de Jonas e Peterson, dois molecotes esticados que insistiam em quebrar seus óculos “por acidente” (foram quatro em menos de oito meses). Começou a frequentar nossas casas só depois do mês de *junho*, graças ao recesso, e mesmo assim não se sentia à vontade. Só se mostrava menos sério e mais moleque mesmo quando estava em casa com a avó, dona Mônica. Já tínhamos os visitado várias vezes, ao contrário dele, que pouco nos visitava. Ela fazia uns biscoitos muito bons e contava histórias bem aterrorizantes às vezes.

Como a história da bruxa. Mas isso fica para depois.

— Putz, que pena... mas acho que vou ligar pra ele pra ver como tá as coisas. Falou!

Liguei para o Carlos em seguida. Ele atendeu com a voz impassível de sempre. Disse que fazia algumas semanas que a avó andava meio doente mesmo, mas que não era nada grave, só umas dores no corpo, e que iria na minha casa sim. Pude ouvir dona Mônica falando com ele, pedindo para que tomasse cuidado com a chuva, e então ele se despediu e desligou.

Não passou pela minha cabeça infantil *como* ele chegaria até minha casa naquele temporal.

Samuca chegou às 13h15min. Seu pai o trouxera de carro e ele desceu correndo do automóvel e escapuliu para dentro do meu quintal. Usava uma camiseta do *Homem de Ferro* e uma de suas bermudas minúsculas que só o deixavam mais engraçado. Àquela altura, minha mãe já havia chegado do curso e acabado de fazer o almoço. Almoçamos filés de frango com creme de milho, o tipo de refeição que nenhuma criança rejeita. Muito bom.

Carlos chegou dez minutos depois de terminarmos.

O rosto dele estava pálido e ele estava encharcado. Os cabelos pretos e lisos estavam grudados no rosto arredondado e com covas nas bochechas.

— Carai, véio! — gritou Samuca, e eu ouvi minha mãe rir lá na cozinha — Cê tá parecendo um pato molhado!

Ele não sorriu. Bateu o sapato no pano de chão.

— Acabei... pegando toda a chuva...

— Por que você num avisou, cara? Meu pai ia lá na sua casa e te buscava — disse Samuca, mas Carlos não pareceu ouvir. Havia algo nele mais estranho que o normal naquele dia.

— Nossa, que belos amigos você arrumou, querido! — disse minha mãe, se aproximando. Trazia uma toalha nas mãos. — Não te trazem nem uma toalha! E por que você não me avisou que ele vinha, Paulo?

Ela chegou perto dele e secou seus cabelos, e eu não vou mentir, senti um pouco de ciúme na hora. Também senti pena. Ele não tinha mãe para fazer aquilo para ele. Só a avó. Uma avó doente. Ele sorriu de leve com o afago.

— Fazer o que, são os amigos que eu tenho, né? — disse, e riu. Por um momento aquela nuvem de estranheza pareceu sumir. Ele entrou, minha mãe ofereceu o almoço, e ele comeu como se não fizesse aquilo havia dias. Samuca ficou na sala jogando *Mortal Kombat*, a língua para fora da boca. Eu fiquei na cozinha com Carlos enquanto almoçava.

— Tá tudo bem com sua vó? — perguntei. Ele parou de comer e ficou em silêncio. Minha mãe secava os pratos, ouvindo tudo.

Depois de um tempo ele disse:

— Então, ela sempre foi meio doente... — Ficou quieto de novo. — Mas agora parece um pouco pior.

Ficamos calados. Era difícil compreender a situação de Carlos. Como uma criança de classe média relativamente bem de vida e recheado de regalias, eu não conseguia me imaginar em situações de pobreza, de baixas condições de saúde, alimentação ou higiene. Não conseguia me imaginar *sem meus pais*, para ser exato. Não conseguia conceber a ideia de não ter meus pais, imaginar que

poderiam morrer em um acidente de carro como os pais de Carlos. Pensar que dependeria de uma mulher incrivelmente velha e doente, e que poderia perdê-la também em pouco tempo... isso não passava pela minha cabeça, não com seriedade. Nem como uma *hipótese*. Olhava para Carlos em seu sofrimento velado e me sentia impotente.

Foi minha mãe quem quebrou o silêncio:

— Por que vocês dois não vão lá jogar *videogame*, pra distrair um pouco?

Ele olhou para ela e sorriu.

— Boa ideia — falei — Vamo lá, porque deixar o Samuca sozinho é meio perigoso.

Ele riu. Deu uma gargalhada sincera, e agora eu consigo lembrar...

Aquela foi uma das raras vezes em que sorriu de verdade.

As coisas começaram a ficar estranhas depois daquele dia, mais exatamente depois da meia-noite.

A chuva caiu durante toda a tarde, uma cascata ruidosa e sem fim, e ficamos jogando *videogame* até onde os relâmpagos permitiram. No fim da tarde eles explodiam no céu, e eu fui obrigado a deixar o jogo de lado. Samuca quase chorou. Depois nós três saímos para a garagem, onde ficamos olhando a água cair e jogando conversa fora. O céu escuro parecia noite, e a água caía com peso sobre a grama no jardim. O assunto do momento para Samuel era o jogo *Dead Island* que seu irmão traria diretamente dos EUA para ele no fim do mês. Ele não conseguia parar de falar daquele jogo, de como os zumbis reagiam nos vídeos que ele havia visto, e como se viraria com seu pai quando ele visse as notas daquele semestre. O ano estava perto de acabar e ele tinha que melhorar um pouco, pelo menos para fechar o semestre com nota *seis* (sua meta deixaria minha mãe abismada!). O barulho da chuva era ensurdecedor, ele berrava para se fazer ouvir, sua voz começando grossa e afinando no fim das frases.

— Cara, é simplesmente *incrível*! O bicho vem correndo pra cima de você, véio! Babando! Babando *sangue*, cara!

Eu prestava atenção porque também gostava dos jogos. Já Carlos parecia longe dali. Virado para a rua com os olhos vagos e perdidos, apoiava a cabeça com uma das mãos no queixo. Não precisávamos pensar demais para adivinhar o que martelava sua cabeça: dona Mônica, sua avó. Por outro lado, não podíamos

imaginar do que sua avó estaria sofrendo, porque ele sempre evitava falar daquilo. Nas diversas vezes em que eu e Samuca fomos até a casa dele, um pequeno sítio muito bem escondido dentro de uma mata perto da SP-101, ela parecia somente cansada, uma senhora de setenta e poucos anos que andava curvada, com rugas fortes no rosto, braços brancos flácidos e cheios de manchas e um sorriso doce, cativante. Um sorriso de dentadura, tudo bem, mas provavelmente mais sincero do que muitos sorrisos originais de fábrica que se vê por aí. Uma coisa, porém, era fato: durante o ano, Carlos havia faltado diversas vezes nas aulas porque teve que ficar em casa cuidando dela.

Ademais, ele nunca falava o *que* era. Nunca se abria. Aquilo despertava minha curiosidade, mas também despertava pena, e minha mãe dizia que pena não era um sentimento muito bom para se sentir, porque parecia com arrogância. E como tínhamos somente doze anos, a situação se complicava, pois eu não me sentia seguro para perguntar, para insistir em saber o que ela tinha, o que podíamos fazer para ajudar ou quais eram os riscos da doença. É muito difícil responder perguntas assim quando se é uma criança, principalmente se você for uma criança inteligente, porque crianças inteligentes *sabem* o que está acontecendo, mesmo que você minta para ela. E também é difícil *fazer* perguntas como essa quando se é criança; parece que a garganta trava, entope. Você pensa que aquilo não tem importância. Fica com *vergonha* de falar.

Samuel percebeu que Carlos não lhe dava atenção e que eu começava a seguir o mesmo caminho, então ele se calou e nós ficamos quietos ouvindo o som da chuva. Ela desabava sobre o telhado da garagem, um som intenso que parecia preencher tudo ao nosso redor.

— Hoje começa o horário de verão, né gente? — perguntou Carlos, repentinamente, depois de alguns minutos de transe com todo aquele som.

— É hoje sim.

— Eu odeio horário de verão — protestou Samuca. — Minha mãe sempre diz que a gente acorda mais cedo no horário de verão.

— Na verdade a gente não acorda mais cedo! — falei. — A gente só perde uma hora *no dia* que muda pro horário de verão. Depois a diferença é que vai estar mais escuro na hora de levantar, e o sol vai se pôr mais tarde...

— Mas se vai estar mais escuro na hora de levantar, então a gente acorda mais cedo, ué! — falou Samuca, abrindo os braços.

— Nada a ver! Isso não tem nada a ver com acordar mais cedo!

— Lógico que tem, larga a mão de ser burro, Paulinho! — disse Samuca, rindo. Carlos voltou a falar, sério, ainda olhando para a rua.

— Minha vó não gosta do horário de verão.

Samuca se calou.

— Ela diz que horário de verão é uma besteira, que ninguém pode ficar alterando a ordem natural das coisas. — Ele nos encarou, como se aquilo fosse uma pergunta. — Ela até desligou a TV quando eu saí, porque toda hora ficava avisando que ia mudar pro horário de verão e ela ficou irritada.

— Sua vó é meio louca... — disse Samuca, mas na mesma hora ele se calou quando viu a cara que Carlos fez.

— Cala a boca, Samuca! — falei. — A vó dele tá doente porra! Pega leve.

— Eu não disse por mal! — falou, abrindo os braços de novo, aquele gesto de quem quer mostrar que tem a razão. — É só que...

— Cala a boca véio!

— Eu quero ir pra casa — falou Carlos. Se ficou magoado ou não com Samuel, não demonstrou. Usou o mesmo tom de voz que sempre usava, vago, distraído. — Será que seu pai poderia me levar, Paulo?

Meu pai ainda não havia chegado do trabalho, mas depois de uns dez minutos o carro parou na frente do portão e ele sequer entrou na garagem. Nós três corremos para dentro do automóvel e fomos levar Carlos para casa. No caminho a chuva foi diminuindo, as nuvens se abriram devagar no horizonte, e foi possível ver as últimas luzes de um pôr do sol no *horário correto*, como diria dona Mônica. A estrada que levava até a casinha no meio das árvores estava lamacenta e escorregadia, e as janelas úmidas e embaçadas do carro não permitiram que víssemos muito. Já estava escuro quando a pequena casa se fez visível graças a uma pequena lâmpada sobre a porta. Era uma casa minúscula no meio de uma clareira, cuja porta arredondada a fazia parecer com a toca de um *hobbit*. Dona Mônica estava com o rosto na janela. Saiu assim que viu o carro se aproximando. Os passos lentos pareciam pesar toneladas naquele pequeno terreno lamacento de terra batida que levava até a porteira. Carlos saiu do carro se despedindo brevemente de nós. A voz de dona Mônica foi se aproximando.

— Menino, por que tu demorou tanto? — Ela acenou sorridente para nós. Carlos foi até ela, que passou a mão no ombro dele e depois veio até nós.

— Que bela chuvinha não, dona Mônica? — disse meu pai.

— É... esses dias que muda pra horário de verão é sempre assim. Chove que é uma beleza! Da chuva eu gosto, viu. Queira Deus que continue assim por esses dias, mas esse horário novo... odeio esse horário!

— Minha mãe fala a mesma coisa, dona Mônica, e ela tem razão, sempre chove.

— Sempre. Sempre chove — disse a avó de Carlos. Reparei que a sua mão esquerda tremia vez ou outra. Fiquei encarando aquela mão trêmula enquanto ela falava com meu pai e me sentia cada vez mais aflito ante aquelas

movimentações involuntárias. Fiquei tenso, prestes a arrancar lascas das minhas unhas, e só melhorou quando o carro deu a ré e nos afastamos.

Partimos dali, deixando para trás aquelas duas pessoas que só tinham uma à outra, e levamos Samuca para a casa dele. No caminho ele voltou a falar de jogos, mas a imagem da mão de dona Mônica tremendo não saía da minha cabeça. Aquele tremor poderia não ser nada, mas também poderia ser uma doença grave. O motivo da aflição de Carlos. Minha ideia então era, assim que chegar em casa, conversar com meus pais para ver se podíamos ajudá-la de alguma forma. Eu gostava de Carlos e não queria vê-lo sozinho. Dona Mônica era a única pessoa que ele tinha. A única. Passei a *me* imaginar naquela situação, sem ter pai ou mãe, somente uma avó a beira da morte para cuidar de mim, e não conseguia ver aquilo como algo bom. Era mórbido.

Deixamos um tagarela Samuel em casa e fomos embora. Passei o resto daquela noite de frente para o computador. Qualquer assunto que eu houvesse programado para discutir com meus pais foi esquecido, e em meio a vídeos, jogos e downloads, eu mal notei o relógio mudando de 0h00min para 1h00min no espaço de tempo de um segundo. Um fato tão curto, tão aleatório e isolado, tão *ínfimo*, e ao mesmo tempo tão corriqueiro, tão normal a ponto de ter regras e programação até 2038 (início no terceiro domingo de outubro e fim no terceiro domingo de fevereiro, ou o domingo seguinte, no caso de coincidir com o Carnaval), que eu sequer havia notado...

Eu nunca poderia imaginar, mas aquela hora que durou um segundo (ou seria um segundo que valeu por uma hora?) mudaria para sempre nossas vidas. Naquele exato momento, uma força que jamais seríamos capazes de conceber mudou seu curso lentamente, uma pequena inclinação, um suspiro grave de triunfo, um pequeno passo adiante, mas um passo que nos fez ficar *frente a frente*.

Naquela mesma noite tive um pesadelo estranho.

Eu estava sozinho em uma mata, rodeado por árvores tão altas que era impossível ver o céu, ou o sol ou qualquer outra coisa. Descalço, pisava em pequenas pedras duras e frias que formavam uma trilha tortuosa mata adentro. Minha respiração saía pesada, com pequenas nuvens de fumaça, e depois eu começava a caminhar, acelerando aos poucos, até perceber que eu não usava nenhuma roupa. Estava nu e sozinho em uma floresta negra e fria. Então eu

corria, desesperado, protegendo meu pênis enquanto tentava gritar, mas não conseguia, e eu passei a sentir que *algo* me seguia. Eu ouvia os passos rápidos e pesados nos cascalhos jogados na trilha, era tão rápido que eu podia ouvir o som de sua respiração à cada pisada...

Acordei gemendo às 9h47min, com a sensação de não estar sozinho no quarto. Depois de alguns segundos de olhos arregalados fui voltando à realidade. Era um dia bem ensolarado, podia-se notar pela luz que entrava pelas frestas da janela. E até onde eu sabia, estava *sozinho* no dormitório.

Os domingos eram sempre iguais, pelo menos para mim. Meus pais eram rigorosos quando o assunto era escola e estudos, por isso que me esforçava bastante. E ia bem, caso contrário não teria ganhado o tão desejado *Playstation 3*. As notas eram cobradas a cada mês. Todo dia eu tinha que estudar pelo menos uma hora em casa, além das cinco horas que eu já passava dentro da escola. Não que eu achasse ruim, mas se fosse para escolher, é lógico que eu preferiria ficar o tempo inteiro jogando ou quem sabe andando de bicicleta pela cidade. Mas meus pais me ensinaram desde pequeno que para conquistar algumas coisas eu tinha que abrir mão de outras, mesmo que temporariamente. E era o que eu fazia. Estudava com afinco, e até que gostava. Ficava facilmente entre os melhores da classe, minhas notas eram invejadas e meus trabalhos admirados. Quando precisávamos formar grupos de trabalho, era sempre requisitado. Entretanto, meu grupo sempre foi o mesmo: Samuel e Carlos. Foi em um momento de formação de grupo de trabalho que eu e o gordo viramos amigo de Carlos.

Ninguém queria chamá-lo para integrar seus grupos. Ele era uma espécie de rejeitado. Todas as escolas têm os seus. Todas as classes. Não dá para saber se eles são rejeitados ou se eles se “auto excluem”; eles simplesmente surgem na escola e não conseguem agradar a maioria. Andam de cabeça baixa, não olham nos olhos, não cumprimentam ninguém. Não sorriem. E sofrem as chacotas na primeira oportunidade. Por não revidarem, continuam sofrendo. É um tipo de lei, de regimento da realidade, que definitivamente nunca vai mudar, não só nas escolas. Na vida.

Infelizmente, sempre haverá o rejeitado.

Bom, os domingos, graças a Deus, eram livres. Eu passei o dia inteiro dentro do quarto, só jogando. Vez ou outra o Samuca me chamava no bate-papo, mas eu sabia que ele estava fazendo o mesmo que eu: jogando, jogando e jogando. Almocei às 16h00min. Sequer jantei. O máximo que fiz foi descer até a cozinha e pedir para minha mãe fazer um sanduíche para mim, e ela fez sem cerimônia; domingo era o dia que eu podia relaxar.

Infelizmente, estávamos no primeiro dia do horário de verão, e meu domingo foi uma hora mais curto. Demora para você se acostumar com a luz do

sol batendo na janela até depois das 19h00min. Demora para você se habituar com o escuro que faz mesmo às sete da manhã, quando o sol já deveria estar totalmente visível. A preguiça é inevitável nesses dias. Acordei na segunda-feira com a sensação de que não tinha dormido sequer duas horas, mas minha mãe estava lá me cutucando, e o relógio não mentia. Era hora de ir para a escola.

A escola em que eu estudava, um colégio particular considerado um dos melhores da região, ficava do outro lado da cidade. Não à toa éramos considerados os “playboyzinhos” da cidade. Não gostava nem um pouco disso, pois era sempre a mesma coisa: no horário de saída, se por acaso cruzássemos com estudantes de escolas públicas, éramos “levemente” hostilizados. Houve brigas algumas vezes, e por Deus, em todas eu estava fora. Lógico, tinha os “playboyzinhos” que também ofendiam os estudantes menos favorecidos, os de escolas públicas. Os bolsistas. Ter dinheiro (ou *não ter*) de fato não define o caráter de ninguém. Como dizia meu pai, “filho da puta tem em todo lugar”.

Meu pai me levava todos os dias para a escola e depois ia direto para o trabalho. Samuca chegava logo em seguida, já com os dedos frenéticos em cima do 3DS, um dos motivos de suas notas não serem das melhores.

— Cara, você devia deixar isso em casa — sugeri uma vez. Ele me respondeu com uma careta tola e continuou mexendo os dedos.

O dia transcorreu de maneira normal, exceto por dois fatos: primeiro, todos pareciam ter dormido muito pouco, reflexo do dia mais curto e conseqüentemente da noite. Lógico, dali em diante tudo voltaria ao “normal”, só o domingo teve vinte e três horas.

E segundo, Carlos chegou completamente atrasado, mais exatamente na terceira aula. E seu rosto estava muito pior do que o nosso. Parecia que sequer tinha dormido, com olheiras tão profundas que o deixavam incrivelmente abatido. Olhei dele pra Samuca e este ergueu as sobrancelhas. Do fundo da sala uma bolinha de papel voou e acertou Carlos na cabeça. Risadas se seguiram. Olhei para o fundo, apertando os olhos de raiva, e os dois meliantes da sala, Jonas e Peterson, sorriam cinicamente para nós. Um deles me mostrou o dedo médio.

Conseguimos bater um papo com Carlos na hora do intervalo. Contou, à contragosto, que sua avó sofrera a madrugada inteira com dores no corpo. Na mesma hora lembrei que deveria ter conversado com meus pais sobre ela e me senti péssimo.

— Mas não esquenta a cabeça com isso não... — disse, com o rosto sério de sempre. — Ela vai ficar bem.

— Vai sim, cara — falei, dando um tapinha no ombro dele. Samuca balançou a cabeça positivamente. — Qualquer coisa, estamos aí.

Samuel me culparia meses depois pelo nosso envolvimento graças a essa frase. Mas era o máximo que podíamos fazer por ele. Amigos são para essas coisas, certo?

Capítulo II

Sonhos e surtos

Presenciamos Dona Mônica tendo seu primeiro *surto*, como Samuel chamaria os ataques que ela sofreria a partir de então, uma semana depois do início do horário de verão.

Durante toda aquela semana Carlos chegou atrasado à aula. Aquilo já tinha certo nível de normalidade para os professores, então eles pouco se importavam. Porém, eu sabia que sua avó estava doente, e que esses atrasos, somados às olheiras profundas e às sonecas durante as aulas (os professores não suportavam esse fato, “já não basta chegar atrasado e perder *duas* aulas, ainda por cima ele vai e *dorme* nas aulas que restam?”) significavam que a situação era séria: ele estava perdendo noites de sono para cuidar de dona Mônica. Na sexta-feira, um dia antes das coisas *realmente* começarem, eu tentei conversar com ele sobre o assunto. Ele foi evasivo, como sempre. Não que eu soubesse o que essa palavra significava na época.

— Não, a minha vó não está tão mal assim... — disse, olhando para um lugar qualquer diante de si. Samuca olhou para mim com aquela cara de que não estava nada convencido, mas também de quem não iria insistir nem um pouco. Já eu persisti.

— Mas é sério mesmo, Carlos, se sua vó precisar de ajuda, cara, não pensa duas vezes, liga pra mim que meu pai vai lá e ajuda vocês, beleza?

— Tá certo, eu ligo sim... se precisar. Valeu.

Ele parecia um pequeno mártir ali, naquela hora. Eu não sabia que sofreríamos juntos bem mais do que aquilo, mas já enxergava sacrifícios demais nele. Isso me deixava incomodado, e ainda me deixa, até hoje. Foi devido ao

incômodo que aquela situação me passava, como se ele preferisse simplesmente sofrer sozinho, que eu me convidei para visitá-los no sábado.

— Eu e o Samuca vamos lá amanhã pra gente trocar ideia, bater uma bola, sei lá... — falei, observando com o canto do olho a careta que Samuel fazia. Carlos encolheu os ombros, com as mãos no bolso.

— Tudo bem, podem ir sim. Minha vó gosta quando vocês vão lá.

Ainda assim ele não sorriu. Não admitiu que *ele* gostava quando íamos lá. Pediu licença e foi ao banheiro.

— Porra, Paulinho, por que você sempre me leva junto quando vai na casa dele? — protestou Samuel, a frase começando grave e terminando aguda.

— E aí Samuca, qual é? A gente é os únicos amigos dele, que que custa?

Ele soltou um muxoxo, socando as mãos dentro dos bolsos.

— O problema nem é tanto *ele*, mas a vó dele... droga, ela me dá arrepios!

— Ela é uma boa pessoa, cê sabe disso. E tá precisando de ajuda.

— Droga, se ela contar mais uma história igual aquela da bruxa... véio, eu mal dormi naquele dia!

Ele se calou quando Carlos saiu do banheiro. Por dentro eu sabia que ele se remoía. Mas ele foi comigo, pois assim como Carlos só tinha a nós, Samuca só tinha a mim. Não que isso o incomodasse. Na verdade, eu não sabia se isso incomodava o Carlos também. Um puxava o outro.

O sábado chegou quente e totalmente contrário ao da outra semana. Acordei mais cedo do que o normal, tomei o café e saí de bicicleta. Segui pedalando até a Praça da Figueira, ponto de encontro comum para nós três. Foram poucas as vezes em que Carlos saiu de bicicleta conosco. A *bike* dele vivia quebrando. Eu e Samuca dávamos pelo menos uma volta por semana. Ele suava demais e se cansava com facilidade. Sua roupa ficava como se tivesse saltado em uma piscina. Se esforçava para me acompanhar, e era inevitável ouvi-lo se reclamar de dores no dia seguinte. Mas não falhávamos. Ignorávamos qualquer rota pré-estabelecida e seguíamos pedalando. A liberdade que se sentia equilibrado nessas magrelas era indescritível.

Samuca chegou dez minutos atrasado. Eu o vi subindo a ladeira empurrando a bicicleta, com a língua para fora, assim como uma boa parte da barriga, que se esparramava sobre o elástico do *short*, e não consegui não rir. Ele me mostrou um singelo dedo médio e eu montei na bike, seguido por ele. Para chegar até a casa de Carlos tínhamos que primeiro alcançar a rodovia SP-101, e até lá era só descida. Minha mãe odiava quando íamos para aquele lado de bicicleta, e ela tinha razão. A estrada era traiçoeira. Descíamos por uma ladeira enorme, estonteante, que caía em um acesso à pista, um trecho asfaltado simples,

recém-recapado e muito movimentado.

Muitas vidas se foram naquela estrada. No sábado em questão ela estava até calma, e nós seguimos um belo trecho de quase dois quilômetros pelo acostamento, encarando uma subida bem cumprida que nos obrigou a descer das bicicletas para descansar pelo menos duas vezes, enquanto os carros passavam zunindo por nós. Vez ou outra uma carreta surgia, se arrastando pelo asfalto fervente, e minhas pernas tremiam de medo com a ideia de ser esmagado por uma coisa daquelas. Quando elas passavam, pesadas e lentas, rugindo e espalhando nuvens negras de gás venenoso pelos escapamentos que pareciam enormes canhões, nós descíamos das bicicletas e, educadamente, para não dizer *temerosamente*, saíamos da possibilidade de entrarmos em seu caminho, empurrando nossas magrelas para o gramado depois do acostamento.

Depois de quase uma hora pedalando chegamos a uma grande abertura na mata que ladeava a rodovia, onde um grande portão aberto mostrava uma placa com os inscritos “CHÁCARA ÁGUAZUL” e “PROPRIEDADE PRIVADA”. A abertura levava a uma grande estrada que descia floresta adentro, uma área gigantesca de Mata Atlântica preservada, e cujo fim escuro se escondia entre árvores que entrelaçavam suas copas e derrubavam em um fluxo constante pequenas folhas verdoengas e flores cróceas. Descemos a estrada levantando folhas com as rodas e chutando-as com pés, enquanto o vento sacudia as árvores ao nosso redor, árvores essas enormes e frondosas, tão altas que ocultavam o céu sobre nossas cabeças. Metros depois a estrada voltava a retidão, e se mostrava irregular devido às grossas raízes de eucalipto arco-íris que surgiam naquele ponto, largos troncos coloridos em tons verdes e laranjas. Então, depois de percorrer quase um quilômetro cercados por árvores coloridas e gigantes, chegamos a *outro* portão, lateral à estrada que se estendia mata abaixo até onde não podíamos mais ver, e passando por ele, ao longe, a pequena toca de hobbit onde Carlos e sua avó Mônica moravam, dentro de uma clareira enorme.

O terreno era largo e plano, todo de terra batida e descarnada, nu exceto por uma modesta jabuticabeira que crescia no centro, ponteando a metade do caminho entre o portão e a casa. No alto e ao fundo podíamos ver o céu claro e azulado, e depois dela mais floresta, numa baixada que se estendia por quilômetros sem fim. A casa era feita parte de cimento e parte de madeira. A maior parte externa parecia deteriorada, estragada, repleta de furos e rasgos que dona Mônica vez ou outra cobria com massa ou cola. Era baixa e miúda, o telhado de fibrocimento levemente inclinado e repleto de musgo, quase como uma impermeabilização natural. Havia apenas uma janela pequena na frente e um vitrô nos fundos. A porta, único ponto interessante, era de madeira maciça, mas fina, leve e arredondada na parte superior. Em uma das laterais, um banheiro

apertado de cimento. Na outra, um tanque e estacas altas de madeira com varais entrelaçados. Algumas roupas secavam ao vento.

Passamos pelo portão sem chamar e chegamos até a pequena jabuticabeira, onde estacionamos nossas bicicletas. Samuel suava em jorros, a camisa inteira molhada, e respirava como se estivesse sofrendo um ataque de asma.

— Caraca véio, que saga! — A voz saiu fina e falhada.

— Carlos! — chamei, andando na direção da porta, que continuava fechada mesmo depois do barulho que fizemos quando chegamos. — Carlos!

Nada. Nenhum movimento. Nenhum som. Olhei para Samuca e a cara dele era uma mistura de medo com dúvida.

Andei na direção da porta. Samuel gemeu atrás de mim.

— Peraí véio... cê vai entrar assim, sem nem...

— Eu não vou entrar, só vou bater pra ver se...

— *Ah droga!*

Samuel me agarrou pelo ombro quando a porta se abriu lentamente e um rosto magro e cadavérico apareceu. Era a dona Mônica, isso era óbvio, mas na hora eu entendi o porquê do susto de Samuca. Não *parecia* ela. Estava *muito* mais magra, as covas nas bochechas eram abismos, e as rugas na testa e ao redor dos olhos pareciam fendas infinitas. Seus olhos brilhavam dentro das trevas que habitavam a casa, como uma estrela de brilho ínfimo no meio da mais profunda escuridão. Ela abriu um largo sorriso e aquela sensação se perdeu.

— Ora, são vocês, garotos! — disse ela, abrindo por fim a porta, e revelando um corpo bem mais magro que o da semana anterior. — Podem entrar meus queridos. Como vocês estão?

— Estamos bem, dona Mônica — falei, enquanto puxava um tolo Samuel pela manga da camisa.

— Carlinhos, querido, seus amigos chegaram! — disse ela, enquanto fechava a porta atrás de nós, e durante alguns segundos tudo virou escuridão. Ela caminhou lentamente pelas sombras até a janela. Seus passos eram lentos e arrastados, as solas dos chinelos raspando o chão de madeira. As cortinas foram puxadas com lentidão e a luz invadiu a casa, revelando que não era assim tão pequena. Além disso, carregava aquele aconchego característico de casas de campo. Tudo era um único cômodo, metodicamente dividido pelos móveis bem posicionados, que deixavam claro onde era a sala, a cozinha e os dormitórios. No meio havia um grande tapete bege, rodeado por um sofá marrom velho e uma antiga poltrona, uma cômoda que também servia de *rack*, onde repousava a TV, e um grande baú de madeira escura no canto, trancado. Perto da sala, duas camas, ambas de solteiro. Do outro lado uma velha mesa sem verniz com quatro

cadeiras, cada uma de um tipo. Uma geladeira azul e datada se posicionava do lado de uma pia amarelada devido ao tempo. Um pequeno fogão de lenha pipocava vez ou outra naquele silêncio todo. Era tudo muito *marrom*, muito rústico e bucólico. Entretanto, eu não descreveria assim naquela época. Eu só diria que era *simples*. Mas bonito.

Carlos estava deitado na própria cama, separada da cama de Mônica por uma cortina branca pendurada em um cano de ferro. Ele ergueu a cabeça, confuso, e depois levantou.

— Achei que vocês viriam mais tarde... — disse, passando a mão nos cabelos pretos e lisos que cobriam as orelhas.

— Já tava mais que na hora dele levantar! — disse sua avó, antes mesmo que eu respondesse. — É bom que vocês aproveitam e comem alguma coisa.

— Não precisa, dona Mônica... — falei, como minha mãe havia me ensinado.

— Ah, precisa sim — disse ela, afável como sempre são (ou como imaginamos que são) todas as avós. — Vocês estão em fase de crescimento, tem que comer direitinho né?

Ela sorriu enquanto puxava panelas, pães e talheres do armário, e na mesma hora eu notei que ela não tremia como naquele dia. Suas mãos pareciam ágeis, apesar da visível fragilidade. Como se lesse meus pensamentos, ela me encarou e sorriu, e eu desviei os olhos das mãos dela.

Durante a tarde inteira as únicas coisas que fizemos foi comer e jogar conversa fora. Na maior parte do tempo era Samuca quem falava, seus papos de sempre sobre jogos ou algum vídeo engraçado que havia visto. Eu e Carlos ouvíamos calados. Dona Mônica andava de um lado para o outro, lavando a louça ou varrendo a casa, e sorrindo com o canto da boca quando olhava para nós ou quando Samuel afinava a voz sem querer. Carlos parecia um pouco mais leve, mas a cada minuto ele lançava um olhar para sua avó, um olhar preocupado que me fazia ignorar o que Samuel falava e olhar para ela também. Eu não conseguia notar nada de diferente. Ela só parecia mais magra, e até mesmo mais *curvada*, como se carregasse algo bem pesado nos ombros. No entanto, a velocidade com que ela fazia as coisas era a mesma de sempre, lenta mas contínua.

Depois, fomos para o lado de fora. A tarde estava clara e convidativa, e depois de alguns minutos debaixo do forte calor percebemos que aquilo significava *chuva*. As nuvens se acumularam rapidamente sobre nós, colossais massas disformes de aparências indescritíveis. O vento empurrava o topo das árvores com força, e elas faziam movimentos leves de vai-e-vem, como numa dança, até que o primeiro raio rompeu o véu acinzentado de nuvens, e nós

corremos para dentro da casa, seguidos por pequenas e frias gotas de água que precipitavam do céu. Toda a luz daquele dia pareceu esvair-se, minguar.

A casa se inundou de uma leve escuridão que convidava ao sono e a histórias fantásticas.

— Vó, conta uma das suas histórias pra gente! — pediu Carlos, um leve sorriso nos lábios. Samuel, ao contrário, arregalou os olhos.

A senhora demorou alguns segundos para responder. Foi o tempo suficiente para se criar um silêncio aviltante. Ela olhava para fora, pela janela, e sequer virou o rosto. Ela sequer *se moveu*. Segurava o cabo da vassoura com as duas mãos unidas, enquanto a chuva atingia o vidro com força.

— Sem histórias hoje, querido — disse, por fim, com uma voz um tanto grave. Nos entreolhamos confusos. A cara de Carlos era mais de constrangimento, enquanto que Samuel parecia travado com a boca entreaberta, mas aliviado.

— Não tem problema — falei, sem pensar. — Na próxima a senhora conta.

— Não haverá próxima, garoto... — ela sibilou, e dessa vez foi impossível não se arrepiar com aquela voz grave que saía, aquela voz que *não era* de forma alguma a dela. Os dedos da mão de Samuel se arreganharam e agarraram um dos travesseiros, como se procurasse algo seguro. Meu coração deu um disparo inconstante. Carlos respirou fundo e com força, levantou-se e foi até ela. Segurou nos ombros da avó e falou algo bem baixinho no seu ouvido. Foram segundos estranhos para mim e Samuel, porque nunca tínhamos visto algo parecido.

O corpo dela começou a se mover lentamente, para frente e para trás, enquanto ela cochichava algo. Carlos tentava puxá-la pelos ombros, para que saísse de perto da janela e se sentasse ou não sei o que, porque eu não fazia ideia do que estava acontecendo. Relutante, ela cedeu a ele e virou-se para nós. Seus olhos estavam abertos e vidrados, e a boca se movia bem rápido. Pouco a pouco a frase foi ficando nítida. Ela dizia “Não haverá próxima, não haverá próxima” repetidamente, e os lábios se moviam tão velozmente que não parecia que aquelas palavras saíam dali de dentro dela, e sim como se fossem emitidas diretamente para nossas cabeças. Ela foi caminhando lentamente com a ajuda de Carlos na direção da própria cama. Eu e Samuel já estávamos de pé, prontos para ajudá-los caso ela desmaiasse, mesmo que a intenção de Samuel fosse correr para longe daquela casa. No meio do caminho ela pareceu recobrar a consciência. Soltoou a vassoura, que caiu no chão com um som seco, e levou uma das mãos até a testa, e dessa vez a mão tremia. Por fim, Carlos conseguiu deitá-la na cama, correu até o guarda-roupa e pegou um grosso cobertor escuro, com o

qual a cobriu delicadamente. Depois virou-se para nós dois com um pouco de vergonha no olhar.

— Ela está assim ultimamente. Fica falando coisas nada a ver...

Samuel olhou para mim, intrigado, mas nada disse. Também preferi ficar quieto.

Ficamos com eles até a chuva passar. Depois de meia hora do primeiro “surto”, dona Mônica parecia melhor. Sorriu e pediu desculpas por não ter feito um lanche para nós. Só que ela *tinha feito* o lanche para nós, assim que chegamos! Durante todo o tempo eu ficava encarando ela e tentando entender o que tinha acontecido. Um pouco mais de vivência ou idade e eu teria imaginado logo que ela estava apresentando sinais de demência, esclerose ou até mesmo esquizofrenia. Naquela idade ingênua, porém, eu só conseguia pensar em uma coisa: ela estava morrendo. Não naquele momento, mas em breve.

Eu estava completamente errado sobre as causas e totalmente certo no que dizia respeito ao *resultado*.

Naquele dia eu e Samuel fomos embora sob o escuro da noite sem trocar nenhuma palavra sobre o ocorrido. O simples raspar do vento em nossos pescoços era capaz de nos aterrorizar e nos trazer de volta aquele sentimento de estranhamento e irreabilidade que presenciamos na casa de Carlos.

Quando nos separamos, peguei meu celular e me espantei com as dezessete ligações perdidas que minha mãe havia feito. No meio de toda aquela situação estranha, eu sequer notei o celular tocando. Lógico que quando cheguei em casa eu ouvi uma bela bronca, mas foi só. Quis falar para ela sobre a forma como dona Mônica agiu enquanto chovia, porém fiquei com vergonha de contar o que havia ocorrido, porque parecia uma situação muito particular, muito íntima. Tomei meu banho, fui para o meu quarto e passei o resto da noite até dormir sem chegar perto do computador, apenas imaginado o que estaria acontecendo com ela.

De madrugada tive aquele mesmo pesadelo, porém um pouco mais longo e mais *vívido*.

Eu andava com pressa dentro da mesma mata escura, ainda nu, protegendo meu órgão com as mãos e respirando com dificuldade. Porém, dessa vez a mata parecia muito maior, um mundo de verde que me cercava por todos os lados, cada árvore parecendo uma gigantesca mão que pendia com dedos

alongados e cadavéricos, balançando com o vento e se lançando sobre mim, e então eu começava a acelerar meus passos. Cada pisada pinicava em um pedregulho frio. Havia uma sensação estranha de umidade ao meu redor, meus cabelos estavam colados na minha testa e os pouquíssimos pelos pubianos estavam molhados. Eu tremia de frio. Chovia. De repente, como no outro sonho, eu me sentia *seguido*, ouvia as passadas rápidas sobre as pedras ásperas, um trote compassado e assustadoramente veloz, assustadoramente *próximo*, e eu corria gemendo de pavor, tirando dos genitais uma das mãos e virando a cabeça sobre o ombro, desesperado, querendo *mas não querendo* ver o *que* me seguia. Acordei, quase que num *deja vu*, deitado na minha cama com a respiração rápida e suor escorrendo da testa.

Durante todo o domingo foi impossível esquecer o fato do dia anterior, o corpo de dona Mônica balançando quase que involuntariamente para a frente e para trás, os sussurros rápidos que pareciam falar tão perto de nossas orelhas, e principalmente a voz grave com a qual se dirigiu a nós. Quando encontrei Samuel no bate-papo, tentei conversar com ele sobre tudo aquilo, mas ele evitou o assunto categoricamente:

— Naum qero nem lembrar daqlo — escreveu, e depois fingiu que eu não queria falar sobre.

Quando chegou a segunda-feira, eu não via a hora de ir para a escola, encontrar Carlos e perguntar para ele como dona Mônica estava e se ela precisava de ajuda. Porém, ele faltou naquele dia. Pensei em ir na casa dele depois da aula, mas minha mãe não me deixou sair. Alegou que nos últimos dias raramente eu estudava em casa, como o combinado desde sempre. Samuel não estava nem um pouco interessado no que dona Mônica poderia ter. Disse no bate-papo que estava com muito mais medo dela do que antes. Eu sabia que ele era um gordo medroso, mas aquilo já era pura frescura. Por que ter medo de uma senhora de aparência tão frágil? O que mais eu sentia dela era pena, e isso me deixava furioso comigo mesmo. Eu não queria sentir pena, eu queria ajudá-los! Nada me deixava mais decepcionado do que não poder ajudar eles só porque eu não podia sair de casa ou porque meu amigo era um covardão!

No dia seguinte Carlos também não foi à escola, assim como nos dias seguintes, e foi assim durante mais uma semana. Na casa dele havia telefone, mas eu ligava e sequer chamava. Os professores já não pareciam dar tanta importância para suas faltas constantes, mesmo ele sendo bolsista. Aquelas faltas o fariam perder a vaga na escola, o que seria péssimo. Decidi, finalmente, no dia 4 de novembro, que quando saísse da escola iria à casa dele, mesmo que minha mãe não permitisse. Depois eu me desculparia com ela ou ficaria de castigo, mas estava disposto a correr o risco para saber o que estava ocorrendo. Forcei

Samuca a ir comigo. Não me pergunte com que poder eu fazia isso. Bastava eu dizer que se ele não fosse eu nunca mais o deixaria encostar no meu *Play 3* e ele já se desesperava, com seus choramingos abafados e as palmadas que dava nas próprias coxas.

— Droga Paulinho, cê ainda insiste nisso?

— Lógico que sim! E hoje cê não escapa. Cê vai comigo e pronto!

Mais cedo naquele dia avisei à minha mãe que iria para a casa do Samuel e ela não duvidou. Saí de bicicleta com uma mistura de apreensão e culpa, não só pelo que eu queria descobrir, mas também por estar *mentindo* para minha mãe, coisa que eu nunca havia feito antes, ou pelo menos não sobre algo que ela não gostava, que era *eu* andando de bicicleta na beira daquela pista perigosa. Mas eu precisava ver Carlos e dona Mônica e saber o que estava realmente acontecendo com eles, porque podia ser algo bem sério, e ele era uma pessoa muito fechada. Aquilo poderia ser arriscado para sua avó se ela precisasse de cuidados médicos. Além disso, mais algumas faltas e a bolsa dele iria para o bebelê.

Depois da longa jornada que era pedalar até a Chácara Águazul, chegamos até a casinha deles, e nos surpreendemos com dona Mônica, que nos recebeu no portão com um sorriso sincero nos lábios enrugados e a mão na lombar.

— Olá meus queridos, tudo bem?

Normal. Tudo. Tom de voz, aparência, agilidade, ela estava *bem*, ou parecia bem, pelo menos em comparação ao outro dia. Convidou-nos a entrar. Carlos estava na porta da casa, observando-a atentamente. Recebeu-nos da mesma forma de sempre. A avó entrou e nós ficamos na porta da casa.

— E então, como tá as coisas cara? — perguntei, e automaticamente ele baixou a cabeça. — Cê tá faltando demais véio, vai perder a bolsa desse jeito.

— Os caras tão até com saudade de você. O Jonas e o Peterson... — comentou Samuca, com um sorriso idiota, mas depois se calou quando viu nossas caras.

— Me desculpem... é que eu... na verdade eu não quero mais estudar, é isso. Não quero ir pra escola.

— Cê tá zuando né? — perguntei, esticando o pescoço para a frente.

— Cara, num é por nada — falou Samuel —, mas aquela é a *melhor escola da cidade*, e cê tem uma *bolsa integral* lá, mano. Se cê sair, num vai arrumar outra dessa, cê sabe...

— Eu sei, eu sei... — disse, coçando a nuca. — Mas eu não *quero* ir pra escola, então... se eu perder, tanto faz...

Ficamos olhando para ele, intrigados, enquanto ele olhava toda hora para

dentro, ao mesmo tempo em que impedia nossa passagem e nossa visualização do interior da casa.

— E sua vó, como ela tá? — perguntei.

— Ela tá bem... — disse, e a mentira era óbvia. — Ela só tá meio cansada porque ela num para, então...

— E cê falou pra ela que não ia pra escola mais?

Ele levou um tempo para pensar na resposta, outro sinal de que estava mentindo.

— Eu falei, e ela disse que tudo bem, que na época dela ela não estudou tudo completo também e mesmo assim conseguiu sobreviver, então...

Ouvimos tudo aquilo calados e estarecidos, enquanto ele novamente se virava para ver sua avó.

— Cara, vê bem o que cê tá falando... eu duvido que sua vó falou isso — disse Samuca, em um arroubo de razão, e eu concordei.

— Eu também duvido. Sua vó é quem mais insistia pra cê ir pra escola.

— É cara, larga a mão de besteira e...

— Oh meu Deus!

Ele deu um grito e correu para dentro da casa, e a curiosidade, que já era grande, ficou enorme e nós entramos também.

A surpresa foi tremenda quando demos de cara com uma dona Mônica incrivelmente saudável e com os braços erguidos carregando *uma televisão* de 29 polegadas na altura da *cabeça*. Carlos correu até ela desesperado, e imediatamente colocou as mãos na TV, por baixo, para ajudá-la a carregar.

— Vó, que que a senhora tá fazendo...

Então de novo saiu *aquela voz*. Era ela quem falava, mas era tão grave que parecia quase um homem:

— Pode deixar que eu carrego sozinha, você num tá vendo...

— Vó, deixa isso, deixa que eu levo, vai...

— Carlos, eu tô arrumando a sala, me deixa...

— *Vó!* — Carlos gritou, e todos nos assustamos. Então a televisão foi baixando, baixando, e por pouco ela não desabou no chão. Samuca e eu corremos até onde eles estavam e ajudamos a pôr a TV, que era *pesadíssima*, em cima do sofá.

Olhamos para dona Mônica e ela parecia confusa. Olhou aturdida ao redor, coçou a testa, e então sorriu de leve, como fazia.

— Devo estar ficando louca de querer... querer carregar isso sozinha, né queridos? Devia ter chamado vocês pra me ajudar...

Ela se virou e foi para fora. Carlos a acompanhou com o olhar. Nós também. Observamos com atenção ela passar pela porta, caminhar pelo quintal e

ir até o tanque, abrir a torneira e começar a torcer um pano de chão que havia lá dentro, uma atividade totalmente aleatória. Carlos passou a mão na testa, preocupado.

— Tá vendo? Tá vendo por que não posso ir pra escola? Num posso deixar ela sozinha senão... senão ela faz alguma *cagada*! — disse, e então se calou.

Fiquei digerindo aquela frase, e percebi que ele tinha razão. Ele não tinha mais ninguém; aliás, *eles* não tinham mais ninguém. Ela cuidara dele durante todos os doze anos de sua vida, e agora que ela estava velha e provavelmente à beira da morte, era sua obrigação cuidar dela. A diferença é que ele era um simples *garoto*, um molecote que mal tinha pelos no saco. E estava parando de estudar para cuidar daquela senhora. Quais implicações futuras aquilo teria para ele? Ela poderia morrer dentro de semanas, mas e se levasse mais *dez anos*, o que ele faria? Seriam dez anos de estudos perdidos. No final ele seria um homem de vinte e dois anos com a escolaridade de uma criança, e teria que correr atrás do prejuízo.

Mas o que também me preocupava era se ela morresse dentro de alguns dias, e então o que seria *dele*? Não havia parentes próximos ou qualquer coisa parecida, não que eu soubesse. Seu destino óbvio seria o conselho tutelar e consequentemente uma casa de adoção, um orfanato.

Eram coisas demais para analisar, e eu não pensei nisso naquela hora. Queria apenas ajudá-los.

— Cara, a gente não quer que cê deixe sua vó sozinha. Ela parece mesmo doente e precisa de cuidados. Mas você não pode perder aulas. Então... acho que tenho uma ideia.

— Qual ideia? — perguntou, me encarando impaciente.

— A gente vem aqui pelo menos umas três vezes por semana — Nessa hora Samuca se contorceu de raiva —, ajuda você a cuidar dela, e te traz a matéria da escola, pra cê estudar. Que tal?

Ele olhou para a avó, e da avó para nós novamente.

— Mas eu estou dando conta cara, não se preocupe.

— Lógico que não tá! Ela ia derrubar aquela televisão em cima da sua cabeça! — falei, e Samuel concordou. — Sorte sua que a gente tava aqui.

— Ela não ia derrubar nada! — disse ele, fechando a cara. — Ela... ela não tá fazendo nada... ela nem sabe o que tá fazendo...

Samuel me olhou intrigado.

— Cara, cê tem que levar ela no médico, pelo menos — disse Samuel. Carlos olhou para ele, ainda com a cara fechada.

— Ela não precisa de médicos, *droga*! Ela só precisa descansar! Mas ela

não tem sossego, ela não para, e vocês ainda ficam vindo aqui, ela fica querendo fazer as coisas, daí...

— Beleza cara, desculpa se a gente tá querendo *ajudar*, é porque cê é tão *mala* que cê não tem *nenhum amigo* que venha aqui pra fazer algo por você, seu...

— Hey, hey, qual é, cara? — gritei para Samuca. — A gente não veio aqui pra tratar, beleza?

— Porra, Paulinho, o cara num quer ajuda, velho, cê num tá vendo? E ainda fica insistindo com isso, cara? Para, deixa ele aí sofrendo...

— Samuca...

— Porra, eu vou embora!

Saiu andando, mas parou quando Carlos falou:

— Me desculpa, mas... vocês não podem ajudar. Não pro que tá acontecendo com ela. Desculpa mesmo.

— Tá beleza, tá ok... mas eu não venho aqui de novo ver como as coisa tá! — disse Samuel, com a boca apertada. — Bora, Paulinho?

Cheguei perto de Carlos.

— Tem certeza, cara? A gente vem aqui uma vez por semana só, pode ser?

— Não precisa cara. Não esquenta. Se ela melhorar, eu volto pra aula. Beleza?

Encarei-o durante um tempo, então balancei a cabeça.

— Beleza. Mas eu vou falar isso lá na escola, senão você *vai* perder sua vaga.

— Valeu... — disse, dando um sorriso leve, mas seus ombros caídos indicavam que ele não estava ligando tanto. — Valeu mesmo.

Parti dali com a sensação de que foi uma viagem perdida. Tentei trazer Carlos de volta para a escola e ajudar sua avó, mas no fim das contas não consegui nenhum dos dois, além de ter permitido que Samuel gritasse com ele, mesmo sabendo que estava fragilizado. Passamos por dona Mônica, que estava no portão raspando crostas de musgo da madeira velha da cerca, nos despedimos, e ela, por detrás de seu sorriso afável, parecia *saber* o que eu estava sentindo, pois sua cabeça inclinou levemente para o lado, seus olhos se apertaram e eu pensei ter ouvido ela dizer “Não se preocupe querido, vai ficar tudo bem”, e então senti um pouco de alívio, algo como uma respiração mais forte, uma injeção de oxigênio direto nos pulmões. Mesmo assim não desisti da ideia de trazer meus cadernos com a matéria da semana para Carlos, e planejei secretamente voltar ali na outra semana. E sem o Samuca, de preferência. Ele era preguiçoso e muito impulsivo, além de egoísta. Não ajudaria em nada.

Mas, como eu digo, naquela época eu não sabia pensar assim, então o que passava na minha cabeça quando olhava para ele era: “Seu gordo chato filho da puta!”.

Segui todo o caminho da volta na frente de Samuel, tentando mostrar o quanto estava chateado com ele, mas o gordo ou era insensível demais ou estava fingindo.

— A gente podia dar um rolê na praça amanhã. — disse. Ignorei-o. Primeiro porque eu sabia que ele só estava querendo se aproximar, se esgueirando entre as palavras como fazia; e segundo porque sabia que minha mãe não permitiria, mesmo se eu quisesse. Mesmo se eu tirasse dez em todas as matérias o ano inteiro.

— Ou então fazer uma maratona de *Breaking Bad*... — cochichou. Não respondi. Ouvi-o soltar uns muxoxos de desapontamento. Pedalei em silêncio até chegar em frente à casa dele. Lá eu parei e desci da *bike*, enquanto ele me encarava na calçada. Levou um tempo até que eu falasse algo.

— Será que você não percebe que o que tá acontecendo com a vó do Carlos é coisa séria?

Ele olhou para mim conturbado, visivelmente abalado com o que eu acabara de dizer.

— Porra Paulinho, eu sei, mas...

— “Mas” nada, mano! Porra, você é meu amigo ou não? Você é amigo *dele* ou não? Tá só fingindo? Caralho...

— Não é isso, véio. Sério, é claro que eu sou seu amigo... amigo de vocês... mas é que... eu me sinto estranho quando eu tô lá na casa deles e fico olhando pra vó dele e ela fica tremendo e dando aqueles surtos... sei lá. Não é por mal. Juro.

Olhei para a cara de tolo dele e vi que não mentia. Vi também que era o tipo de cara que não conseguia conter o que sentia ou o que pensava. Isso era bom e ruim ao mesmo tempo.

— Eu também não suporto ver isso, Samuca... é por isso que a gente tem que ajudar eles.

— Eu também tenho vó, mano... — falou, e me calei de imediato. — Ela não é tão velha como a dona Mônica. Ela é meio endiabrada, joga bingo todo fim de semana e usa uns batom vermelho na boca. Ela não conta histórias

bizarrras que nem a vó do Carlos... tipo aquela da bruxa... mas é minha vó, e também tenho medo que ela... vá e sei lá... morra. Eu só... só não consigo...

— Eu sei — falei. — Eu também não consigo, às vezes... expressar. Sei como é. Mas acho que é uma boa hora pra... tentar, né?

— É...

Ele entrou e eu fui para casa. E quando me deitei mais tarde, o silêncio preenchendo o vazio da rua e apenas as pequenas árvores no quintal se movendo com o vento, eu fiquei pensando em duas coisas.

Uma era a minha avó Otília, e como ela parecia saudável na época.

E a outra era dona Mônica, sentada imponente em uma poltrona, nos contando a história da *bruxa*.

Capítulo III

A história da bruxa - parte 1

Foi uma tarde malignamente quente aquela em que dona Mônica nos contou a “história da bruxa”.

Impossível esquecer os detalhes daquele dia: a luz forte que invadia as janelas abertas e as cortinas amareladas, revelando a poeira que insistia em pairar pelo ambiente; o cheiro aglutinado de café, os fungos enegrecidos nas quinas das paredes, a meia-escuridão que cobria nossos corpos; e principalmente, as faixas de sombras tremulantes que passeavam pelo rosto antigo e rugoso de dona Mônica. Ela estava sentada na poltrona igualmente velha e esburacada no canto da sala, próxima da cômoda antiga e torta e da grande TV posicionada de forma desleixada e que quase nunca era ligada. Samuel encontrava-se sentado no outro lado da sala, no sofá marrom, com os pés apoiados no assento, atitude que provavelmente faria minha mãe me dar um forte puxão na orelha, os braços envolvendo as pernas gordas como se elas fossem escapar, os olhos arregalados olhando para a anciã. Carlos estava no outro lado, sentado no chão, as pernas abertas e com um leve sorriso nos lábios, talvez porque pensasse que já conhecia a história que a avó se propusera a contar. Eu estava no mesmo sofá que Samuel, mas encarava dona Mônica de frente, e aquela posição me incomodava, pois daquela forma ela podia me olhar nos olhos. Diretamente. A apreensão pela história era crescente, e talvez só perdesse em peso para a forte sensação de magnetismo que o olhar da avó de Carlos causava.

Ela respirou fundo, uma fungada de ar que pareceu retirar tudo o que havia em volta dela. *Minha* respiração paralisou ante aquele movimento, e se

pudesse desviar o olhar do rosto impalpável de dona Mônica, provavelmente teria visto Carlos e Samuel prenderem a respiração assim como eu. Quando ela falou, a voz etérea preencheu tudo ao redor:

— Essa história que eu vou contar é sobre uma bruxa.

Dona Mônica já havia nos contado diversas histórias. A maioria delas eram contos antigos e lendas que ela dizia ouvir de seus pais quando era criança. Mulas-sem-cabeça, Sacis e Curupiras eram suas favoritas, e ela dizia que eles ainda viviam naquelas matas que nos cercavam, pois eram forças da natureza que ainda resistiam à evolução do homem. Às vezes, contava sobre as presepadas que fazia na infância, como na vez em que se perdeu na floresta e dormiu em uma árvore para fugir de uma onça pintada (não necessariamente acreditávamos nessas histórias, em especial). E em outras oportunidades, em dias frios e chuvosos, com o bule de café fumegando no fogão e um bolo de cenoura de cheiro fabuloso assando no forno, ela nos contava histórias de terror. Naquele dia eu não esperava que ela fosse nos contar uma história daquele tipo, pois o “clima” não era favorável. Estava quente e ensolarado, tanto que as poucas janelas estavam todas abertas para que se aproveitasse ao máximo o vento seco que soprava. Mesmo assim, a avó de Carlos escolhera aquele dia para contar aquela que seria a história mais assustadora que ouvimos de sua boca, mais até do que a história da boneca viva ou do tal cachorro fantasma que ela disse ter ouvido do seu marido quando ele voltou de uma viagem dos EUA, anos antes de seu falecimento. E se eu fosse um pouco mais esperto, teria notado a mudança do tempo à medida que a história avançava, a coloração azulada do céu transmutando-se em um cinza-claro, retirando as faixas de luz do rosto da velha contadora de histórias e imergindo-o em sombras, o vento que acelerava em lufadas frias, fazendo Samuel se encolher ainda mais contra as pernas, e as gotas geladas e finas de chuva que, trazidas pelo vento, invadiam a casa em pequenos respingos.

Acredito, porém, que nada disso foi notado de imediato porque a história da bruxa nos apavorou além da nossa infante compreensão.

— Essa história aconteceu faz muitos anos atrás... séculos, no caso, conjunto de anos sem fim, que graças a Deus afastam a gente o bastante do acontecido pra que a gente não sinta o bafo quente e fedido do demônio soprando na nossa cara.

Samuel se arrepiou quando ouviu aquilo.

“Era uma vez uma mulher,”, prosseguiu Mônica, “que graças aos seus modos era considerada uma bruxa”.

“Vocês pequenos podem não entender ou nem imaginar qual o significado disso, a *grandeza* desse fato: ser considerada uma bruxa naqueles

anos não era nem um pouco reconfortante. Viviam em anos negros e assustadores aquelas pessoas, sempre temendo o que podia vir de Deus, principalmente sua fúria. E é até compreensível, veja, porque naquela época nada sabiam que não fosse o que a igreja contava. Ela era a voz de Deus, e consequentemente a voz da verdade, e nunca deveria ser questionada. Lógico, quem sou eu para questionar a Santa Igreja... naquela época eram os únicos que de alguma forma confortavam aquelas almas apavoradas pela morte e pelo mistério que ela traz. Mas sempre tem o tipo de gente que inverte o que ouve, ou não entende direito a mensagem.

“Essa mulher era uma cigana de nascença, e isso por si só já atormentava aquelas pessoas de mente assustada. Morava em uma casinha no meio de uma mata, assim como essa aqui... só que a dela ficava no alto de uma colina, rodeada de árvores, mas de onde se podia ver a Vila, que ficava alguns metros lá embaixo. Durante muitos anos aquela mulher viveu solitária, o que já despertava o interesse das pessoas do vilarejo sobre o que ela fazia em sua casa, no meio do mato, sozinha. Muitos diziam que ela passava as noites acordada e que dormia de dia, porque a luz do sol a fazia mal. Fugia da ‘luz de Deus’. Outras pessoas diziam que tinham visto ela passeando pelas matas de madrugada, emitindo ruídos macabros e uivando para a lua como um lobo, seminua e rastejando como a cobra de Satã... mesmo que essas pessoas depois não soubessem explicar o que *elas* faziam durante a madrugada na mata pra ter visto a mulher nessas condições. Os mais medrosos, e mais *fanáticos*, diziam que a mulher morava sozinha e ficava acordada de noite porque é nessa hora que os espíritos maléficos e os demônios do inferno saem de suas prisões e seus esconderijos para atormentar nossos sonhos. É o que dizem... Eu não sei. Mas para aquele povo, era a hora que os espíritos iam *visitar* ela. Diziam que ela recebia o próprio Lúcifer na cama, mesmo ninguém nunca tendo chegado a menos de cem passos da casa dela, durante o *dia*, tamanho o medo que aquelas pessoas tinham da mulher.

“A história que mais se ouvia dela, no entanto, era de que podia se transformar em um gato preto de olhos vermelhos e brilhantes. Muitos disseram ter visto esse ser apavorante andando pela vila à noite. Era como uma sombra que caminhava, artiloso e arisco, e somente ver aquele bicho já era um sinal definitivo de mau agouro. Se rosnasse para você, então... santo Deus, era a morte.

“Isso, lógico, não significa que aquela mulher fosse realmente uma bruxa. Uma bruxa *do mal*, eu quero dizer. Os católicos nessa época não viam diferença entre o pagão e o demoníaco. Independente da entidade que aquela mulher cultuasse, fosse Pã das florestas, ou Sara-la-Kali, ou até mesmo a

Grande-Mãe, ah, para os católicos fervorosos ela estaria adorando o demônio. Se ela não adorava Deus Javé, então, quem mais ela estaria louvando naquelas noites de lua, dançando ao redor de uma fogueira?

“Mas uma coisa fez com que tudo aumentasse, não só a desconfiança que eles sentiam, mas também o medo: misteriosamente, a mulher engravidou, e oito meses depois deu à luz uma menina, a quem chamou de Diana.

“Para aqueles que viviam na Vila logo abaixo da mata que cercava a colina, Vila esta repleta de casebres pobres e emendados, rodeando uma pequena capela de torre pontuda com uma majestosa cruz no alto, aquela mulher que vivia na colina tinha deitado com Satanás e engravidado dele. Realmente, o medo que possuíam não os fazia pensar algo diferente de uma mulher que morava sozinha e que nunca recebia ninguém, nem parente, nem conhecido. Pelo menos daquela Vila ninguém ousara antes visitá-la, ao contrário dela, que sempre descia até a Vila para comprar mantimentos.

“Essa parte preciso contar, pois é muito importante pra que vocês percebam o quanto a temiam: quando a mulher vestia seu vestido puído e cinzento que lhe descia até os tornozelos, jogando sobre ele uma longa capa com capuz preto que sombreava seu rosto, prendia seus brincos e pulseiras e colares, e descia aquela colina na direção da Vila, era como se a peste-negra, na forma simplória de uma mulher, tivesse chegado até aquele lugar, e como se montada no cavalo branco do apocalipse, sua chegada causava tanto alvoroço que com certeza a divertiria não fosse a seriedade daquele pavor que emanava do vilarejo. Ela podia sentir o temor escurecendo aqueles olhos, aquelas faces, aquelas mentes, contraindo dentro de cada um o ser humano que existia e reduzindo eles a meros ratos. Ela não ria porque sabia que o medo, em momentos extremos, facilmente podia se transformar em gana, em histeria, em perigo. Sabia que, mesmo amedrontando aquelas pessoas, elas poderiam reagir como o ouriço encurralado que dispara espinhos pontudos na fera que ameaça ele. Ela pegava sua charrete e descia lentamente a colina, acariciando as árvores pelo caminho e admirando a beleza das pequenas frutas que brotavam nos galhos encrespados. Enquanto isso, no alto da igreja, alguém vigiava os arredores da Vila, um jovem amedrontado que, orientado por um padre igualmente amedrontado, deveria tocar o sino um certo número de vezes assim que avistasse ‘Ela’ (era assim que eles falavam dela!). E quando o jovem rapaz via aquela forma cinzenta descendo pelo campo inclinado em sua charrete velha puxada por um único cavalo preto e magro, com o coração aos pulos ele soava o sino... uma, duas, três, quatro... cinco, seis, sete, oito... nove, dez, onze, doze... e treze. Treze vezes. Aquele era o número, e quando o povo da vila, com os ouvidos atentos desde a primeira badalada, contava aquele número lúgubre, imediatamente interrompiam o que

faziam para se esconder.

"As lavadeiras largavam as roupas dentro dos tanques de água e, com mãos trêmulas, faziam o sinal da cruz na fronte enquanto corriam para suas casas. Os artesões paravam suas peças mesmo que faltassem apenas os retoques finais. Colheitas eram imediatamente paralisadas, e mesmo na pressa, nenhuma ferramenta era deixada para trás, nada que 'Ela' pudesse usar como arma. As mulheres que por ventura preparassem o pobre jantar da família no fogo a lenha eram aconselhadas a jogar a refeição no lixo, nunca aos porcos ou aos cães, pois até mesmo eles poderiam morrer. Crianças que brincavam na rua corriam apressadas para a casa mais próxima e eram acolhidas imediatamente até se fossem os mais endiabrados da vizinhança. Nenhum humano 'puro' deveria ser tocado por 'Ela', ou até mesmo ser visto pela 'bruxa'. Cachorros eram amarrados à coleira e levados para dentro das casas, pois assim que ela começava a descer a colina eles ficavam enfurecidos, raivosos, e não podiam ficar à solta; cavalos eram amarrados dentro dos estábulos, e bois e vacas eram presos e rapidamente separados para que não cruzassem durante a passagem de uma agente de Satã, coisa que acreditavam ser capaz de amaldiçoar o novilho a ponto de nascer torto e irreconhecível. Inclusive, havia uma *criança* naquela vila que nasceu doente e com o corpo defeituoso, e que todos acreditavam que foi concebido durante uma das visitas daquela mulher. Seu nome era Daniel, e eu vou voltar a falar dele em breve..."

Dona Mônica deu um profundo suspiro... e de novo minha respiração travou enquanto ela sugava o ar em sua volta. Samuel se encolhera ainda mais contra as pernas e encarava a velha com fixação. O sorriso de Carlos havia desaparecido.

Ele não conhecia aquela história.

"Bom, vocês entenderam que, quando aquela mulher visitava a vila, todos se escondiam, pois temiam absurdamente seu estigma satânico, a sombra negra que o medo do oculto lançou sobre ela. Mas... nem *todos* se escondiam. Havia uma meia dúzia de corajosos, que eram os comerciantes, e que por sua vez sabiam que a mulher descia à vila não apenas para irradiar sua aura maligna, mas também para *gastar dinheiro*. Em suas camas à noite, bem iluminados por uma vela e vigiados pela imagem do Cristo crucificado, eles diziam que 'mesmo a meretriz de Satã deveria se alimentar'. Diante dela, é claro, se limitavam a apenas encarar os pés enquanto ouviam atentos o pedido da mulher e a dar a ela o solicitado em troca do dinheiro que ela sempre tinha, sem entenderem como ela o conseguia, mas cientes de que era *dinheiro*, fosse tocado pelo diabo ou não. E o que seria dos comerciantes sem o dinheiro, não é? Então, enquanto toda a vila ocultava-se do olho físico da mulher, os vendedores permaneciam firmes em

seus postos. Com o coração em disparada, mas firmes.

“E havia quem dissesse, no fim daquelas tardes em que a mulher se atrevia a invadir aquela vila ‘pura’ (longe de todos é lógico, confidenciando isso apenas a quem realmente fosse de confiança ou que pensasse igual), que ‘Ela’, a mulher maligna, a meretriz do cão, por trás da aura sombria que a cercava, era de uma beleza estonteante, capaz de acender no ventre de qualquer um a chama de um desejo louco. *Tentação do Demo! Artimanha do Maligno!*, isso era dito em resposta, e mesmo o menos crente daquela vila perceberia que a beleza cigana daquela mulher seria ao mesmo tempo o paraíso e a perdição... mas acho que vocês são um pouco jovens pra entender isso.

“Mas... depois que aquela mulher engravidou e pariu uma criança sem pai, imaginem então no que se transformou aquele medo? Tentem imaginar o que se passava na mente daquelas pessoas que, além de amedrontadas pelo próprio Deus que seguiam, agora se viam diante do que acreditavam ser a mulher e a *filha* do próprio Inimigo? Não seria compreensível o pavor dessas pessoas que, atormentadas não somente pelos próprios pecados, mas também pela dívida que isso traria, naquele momento contemplavam o maior *absurdo* que poderiam imaginar? Sim, é compreensível e talvez até mesmo justificável a atitude que tomariam anos depois. O medo pouco a pouco os cegaria.

“Pois bem, os anos se passaram e aquela criança, Diana, a filha da ‘bruxa’, cresceu e se transformou em uma bela menina, quase à imagem da mãe, os cabelos castanhos cor de carvalho, a pele levemente abaçanada, menos do que a da mãe, os olhos verdes e pulsantes, os lábios finos e discretos, as mãos e pés pequeninos, o jeito delicado... era uma garota como qualquer uma, talvez até com a mesma idade que vocês. Ou mais jovem, creio que fosse um pouco mais jovem, mas já bela, já florescendo o encanto da adolescência, e ainda que brincasse como pequena, por dentro já parecia completamente madura.

“Assim como os anos se passaram para a bebê Diana, que se tornou a pequena Diana, também se passaram os dias para ‘Ela’, a ‘bruxa’, e agora ela já não emanava tanta beleza como nos tempos áureos, ainda que fosse de uma formosura exótica. As rugas ao redor dos olhos, porém, lhe entregavam sua real idade, e as maçãs do rosto saltadas já não eram esticadas como antes, com linhas que a cortavam como canais de água já secos. Na Vila, que pouco havia crescido, e que com o passar dos anos ainda não se acostumara com a presença pulsante no topo da colina, todos viam admirados, ao longe, a menina crescendo e convivendo sozinha, isolada, com a mãe.

“Chegou o dia, entretanto, que a garota teve que assumir uma séria responsabilidade, compromisso esse que sua mãe com certeza passou para ela com enorme preocupação: a idade avançada, que de certa forma lhe retirara um

pouco da força, a impedia de ir com regularidade à vila comprar mantimentos, coisa essa que ela fazia anteriormente com uma frequência exata de a cada duas semanas, e que agora se resumia a visitas bimestrais. Aquilo afetaria diretamente seus estoques de alimentação, ela sabia, e o inverno naquelas bandas era incrivelmente forte... capaz de prender elas durante meses na colina congelada. Então a mulher incumbiu sua filha, a pequena Diana, da missão de descer a colina e visitar a vila a cada duas semanas para comprar seus necessários alimentos.

“Certamente que ‘Ela’ não deixaria sua filha ir pela primeira vez até a vila sozinha, e então, numa manhã em que estava disposta, vestiu-se como sempre, e em Diana colocou uma roupa quase idêntica, tanto pelo vestido como pela capa e o capuz, além de alguns colares e pulseiras, e desceu a colina de mãos dadas com a menina.”

Dona Mônica olhou para cada um de nós devagar:

“Imagine qual foi a surpresa do jovem que ficava no alto da torre da igreja, e que agora já não era um molecote e sim um homem feito, quando olhou para o campo e viu aquelas duas figuras fantasmagóricas descendo a colina? A vila, que por quase três meses não ouviu mais as treze badaladas, foi surpreendida pelo berro do homem e pelos puxões desesperados que ele deu na corda do badalo. As treze tilintadas foram tão rápidas e próximas que muitos acreditaram, durante os segundos que levaram para perceber o próprio engano, que já era meio-dia.

“Na verdade, não passava das nove. Quando se deram conta, a mulher e sua filha já estavam nos portões da vila.

“Foi, como meu pai gostava de dizer, um verdadeiro *escarcéu*. Balaios com grãos foram jogados pro alto, pastores largaram inconscientes suas ovelhas na rua, crianças deixaram suas bonecas e esculturas de barro no chão, galinhas voavam sobre as cabeças das pessoas, carroças eram abandonadas, bancas foram reviradas e portas se fecharam diante de algumas pessoas que não tiveram agilidade para perceber que o monstro que mais temiam já estava na porta.

“Quando ‘Ela’ e Diana entraram na Vila, encontraram tudo em verdadeira desordem, e a mulher, pela primeira vez em anos, se sentiu assustada com aquilo. Com medo do medo que causava. Ela parou e segurou a mão de Diana com firmeza, enquanto olhava ao redor e ao longe com os olhos apertados.

“Várias pessoas estavam do lado de fora das casas, agachadas perto das portas ou com as costas encostadas na parede com tanta força que pareciam grudadas. Outros estavam escondidos abaixados atrás de barris e de tanques. Um homem estava em baixo de uma carroça, as mãos sobre a cabeça e o rosto grudado no chão de terra batida. Nas casas, olhos surgiam detrás das frestas das

cortinas, esferas brilhosas e escancaradas de terror. Até os homens das bancas e das vendas pareciam mais assustados do que o normal. Ela nunca tinha visto tamanho estado pós-caótico antes na vida. E isso a amedrontava. Todos os olhos abertos estavam fixos na direção delas.

“Ah, se eles soubessem do medo que ela sentia do medo deles, o que será que eles teriam feito? Será que teriam perpetrado a empreitada que estragou tudo meses depois? Acredito que não; acho que tudo teria se resolvido se descobrissem que ela também os temia, que eram todos iguais naquele jogo da vida... ou *quase* iguais...

“Ela olhou para a pequena Diana e se surpreendeu. No rosto da menina havia um largo sorriso.

“— Mamãe! — disse a pequena, puxando a barra do vestido dela com a outra mão — Essa que é a vila? Essas que são as *pessoas*?

“Um homem que estava escondido, ao ouvir aquela voz aguda e angelical, levantou-se do esconderijo, um barril velho de madeira, e saiu correndo e gritando na direção da igreja. Esbarrou na porta com força, mas ela estava trancada, então ele caiu de volta com um estrondo, e levantando em seguida se pôs a correr para além dela. Uma mulher murmurou alguma oração e fez o sinal da cruz tão rápido que parecia que estava se coçando. Outra se abaixou com tanta rapidez que seu queixo se chocou com o joelho direito, e o som dos dentes se batendo ecoou pela rua. Ela levou uma das mãos até a boca que começava a sangrar, enquanto cobria a cabeça com a outra.

“— Querida — disse ‘Ela’, bem baixinho, e então vários olhos saíram de cima da pequena e voltaram-se para ela — Quero que fique bem quieta e não fale com ninguém. Nem acene. A gente veio aqui pra buscar comida e é só isso que vamos fazer. Tudo bem?

“A pequena olhou de novo para aquelas pessoas apavoradas, girando lentamente a cabeça da direita para a esquerda, e olhou de volta para a mãe, erguendo o ombro. Aquilo significava ‘tudo bem’, embora Diana não fosse capaz de entender ainda por que sua mãe lhe pedia isso.

“E foi o que fizeram. Diana e sua mãe foram de banca em banca, enquanto trêmulos atendentes as serviam e trêmulos moradores as vigiavam, com os olhos arregalados ou olhando de esguelha. De vez em quando um ou outro irrompia de seu esconderijo e entrava à força em uma das casas, e em todas essas vezes ‘Ela’ apertava a mão da filha e fechava os olhos, na esperança de que não fosse nenhum louco correndo na direção *delas*.

“No fim daquele dia, quando elas ultrapassaram o portão na direção da mata e da colina que levava até a pequena choupana no alto, Diana virou-se contente antes das árvores esconderem o vilarejo atrás dela e olhou para as casas

miúdas, feias e misturadas, para os muros escuros de madeira e barro e para a torre da igreja, onde ela pode ver que um homem a observava com metade do rosto escondido, e pensou: ‘Não foi assim tão mau. Quando eu vier sozinha, vou tentar fazer amigos’.

“A mulher olhou para ela e se preocupou com o sorriso que despontava naqueles lábios finos. ‘Não se iluda, minha querida’, pensou com força, na ânsia de que a pequena pudesse ouvi-la, mesmo que fracamente, mas não obteve o olhar desejado de volta. Os olhos de Diana estavam repletos de esperança, e isso não era bom.

“A partir daquele dia, Diana passou a ter fixação pela vila. No dia seguinte à visita mesmo ela já perguntou a sua mãe se voltariam lá, *quando* voltariam lá. E diante da resposta da mãe, ‘Só daqui a duas semanas, querida’, ela relaxava os ombros desanimada e soltava um muxoxo, inchando o beijo, e a mãe ria e a abraçava com força. Os dias passavam, e todo dia Diana fazia a mesma pergunta: ‘É hoje que a gente vai na vila, mamãe?’. A resposta negativa a desanimava, mas, inteligente como era, sabia que esse dia chegaria, porque precisavam de comida, e mesmo sendo apenas duas naquela casa miúda, um dia a comida acabaria, e elas teriam que ir até a vila comprar mais. Não passava pela sua mente o modo como sua mãe conseguia o dinheiro para pagar pelos mantimentos, e nem o que as pessoas da vila pensavam sobre *isso* em especial. Não imaginava que a mãe era considerada uma ‘bruxa’ pelo que achavam que fazia, e muito menos seria capaz de imaginar a imagem maligna que aquele povo fazia dela: a pequena ‘filha do Demônio’. A única coisa em que pensava era em visitar a vila, e ainda mais: pensava nos dias em que teria que ir *sozinha*, pois sabia, de uma forma inocente que apenas as crianças pequenas sabem ou desconfiam ou *desejam*, que algum dia seria maior e mais velha, e andar sozinha seria uma coisa que deveria aprender e com a qual se acostumaria, mas acima de tudo, uma coisa da qual tinha *direito*. Era uma menina muito pequena, então imaginem, apenas pensamentos inocentes poderiam correr pela mente infantil que tinha... não sabia que aquelas pessoas estavam estáticas e em choque naquele dia porque a *temiam*... porque acreditavam seriamente que ela era o fruto de uma noite em que o próprio Satã visitou sua mãe... e... bem meninos, vocês estão entendendo essa parte? Quando eu digo que as pessoas pensavam que o Coisa Ruim *visitou a mulher*... o que eu quero dizer é que... bem... ah...”

— Que eles fizeram... sexo? — arriscou Samuel. A senhora virou-se para ele com um olhar debochado e divertido, enquanto fingia estar assustada.

— Mas o que é isso, menino? Onde você aprendeu isso? — disse, e deu uma gargalhada alta, agarrando os braços da poltrona. Não nos controlamos e rimos também.

Obviamente que sabíamos o que era o *sexo* entre um homem e uma mulher, pelo menos *teoricamente*. Sabia que era desse tipo de contato que se faziam os bebês, mas nunca havia visto nada sobre isso, pois meus pais não me permitiam e me disseram que eu era muito jovem para ver algo sobre isso. *Vídeos pornográficos*, é o que eu quero dizer. Samuel, por outro lado, já havia visto “várias vezes”, segundo ele, na internet. Sabia que no fundo ele poderia ter visto, mas não teria entendido muito o que estaria acontecendo...

Quanto a Carlos, apesar das gargalhadas, ele nada demonstrava. A maturidade que aparentava já me dizia que ele sabia um pouco mais do que nós, mas também sabia esconder bem isso.

— Bom, mas é isso mesmo, meninos. As pessoas “quadradas” daquela vila acreditavam que a mulher e o diabo haviam feito sexo — disse por fim dona Mônica, com um suspiro. Depois inclinou o rosto para o lado, com um meio sorriso, e entendi aquilo como um “seus pais não precisam ficar sabendo que falamos essa palavra, certo?”, e assenti, rindo.

“E dessa noite, teria sido gerada a pequena Diana. Mas,”, continuou, “o que posso dizer, de certa forma, é que essas pessoas não estavam totalmente erradas... mas vamos seguir a história pela ordem certa.”

“Enfim, Diana desconhecia completamente o fato de que as pessoas a temiam, enquanto sua mãe tinha completa consciência disso, e graças a isso, a menina demorou alguns anos para que fosse para a Vila sozinha pela primeira vez. Durante um longo tempo, até que se tornasse quase uma mocinha, talvez um ano mais velha do que vocês, a mãe a acompanhou em todas as visitas à Vila, ignorando as dores que cresciam no seu ventre e nas suas pernas, e todas as vezes elas chegavam na Vila e a encontravam quase deserta. A pequena estranhava aquilo, porque se lembrava muito bem da primeira ida, e tinha visto várias pessoas na rua naquele dia (mesmo que elas aparentassem estarem “nervosas”), ao contrário do que agora se resumia aos vendedores, cada vez mais calados e sérios, e nada mais. Ela olhava na direção das casas e das janelas, forçando a vista, e como sua mãe não soltava sua mão, esse era o único meio de contato que ela possuía. O *olhar*. Olhava para as casas de portas trancadas e para as janelas fechadas com tanta força que podia *sentir* as pessoas do outro lado das paredes... encolhidas, amedrontadas, esperando... e pouco a pouco Diana começava a perceber que alguma coisa incomodava aquele povo. Mas ainda era inocente o bastante para imaginar que fosse *ela* o incômodo.

“Vez ou outra, durante essas visitas em que a mãe a acompanhava, Diana conseguia ver algumas pessoas, escondidas dentro das casas, espiando pela janela ou por uma fresta na porta. Ela enxergava aqueles olhos na escuridão interior das casas, e então encarava, franzindo a testa. Quando conseguia manter

um contato de mais de cinco segundos, sentia-se tão satisfeita que sorria para a pessoa... e imediatamente aquele olho desaparecia, com um arrastar de cortinas ou um puxar repentino da porta. Ao invés de se assustar e se magoar com aquelas atitudes, Diana sorria e pensava, esperançosa: ‘Quase que eu consegui falar com ela! Quase!’. E foi assim muitas vezes, percebendo que a espionavam por detrás das portas, das janelas e dos furos nas paredes, que ela se deu conta (e então vocês devem entender da forma como realmente aconteceu, ela *imaginou*) de que aquelas pessoas na verdade estavam com *vergonha* de se dirigir a ela. E logo em seguida pensou: ‘Na próxima vez vou tentar um contato. Vou me soltar da mão da minha mãe e vou tentar falar com alguém. Quem sabe não consigo fazer um amigo?’

“Certamente que não era a melhor ideia do universo, vocês devem imaginar, porque se aquela menina se aproximasse de alguém, seria impossível prever a reação desta pessoa, se ela iria fugir berrando desesperada ou se atacaria a menina, cegada pelo medo. Porém, ela planejou os mínimos detalhes e repetiu dentro de sua cabeça todos os movimentos que deveria fazer: quando sua mãe fosse pegar o dinheiro para pagar pela mercadoria (ela escolheu o momento em que sua mãe fosse comprar uma grande abóbora, pois precisava segurá-la com as duas mãos), ela se soltaria dela e correria imediatamente na direção da casa do lado, aquela que tinha um buraco na parede, e chamaria por alguém, com um ‘olá!’ ou ‘oi, tem alguém aí?’, e veria o que aconteceria. Se ninguém a atendesse, certamente sua mãe já estaria bem próxima a ela, e ela voltaria, pegaria na mão da mãe (não sabia o que esperar dela se isso acontecesse), e voltaria para casa, decepcionada, é claro, mas ciente de que tentou; mas, se alguém a atendesse... se alguém se *dirigisse* de volta... ah, isso ela também não fazia ideia ao que poderia levar. Mas era o que ela mais queria: que alguém falasse com ela.

“Ela não sabia o que significava, mas sentia a ausência da amizade em sua vida e isso a machucava por dentro.

“Um dia decidiu tentar seu plano, ver se dava certo. Se sentia preparada. Enquanto desciam a colina, ouviu o tilintar dos sinos, e sua mente ingênua julgava que aquilo era algum tipo de aviso de que chegavam à vila. Não fazia ideia do quão macabro aquelas treze badaladas eram para as pessoas da vila. Para ela, era como um som de boas-vindas. Passaram pelo pequeno portão de madeira e adentraram a Vila. Deserta como esperavam que estivesse. Mas Diana ainda pensava no seu plano, e esperaria o momento ideal para colocar ele em prática...

“O momento veio no fim das compras, quando sua mãe sempre deixava o mais pesado para pegar depois, e naquele caso era uma enorme abóbora dourada como fogo e do tamanho de um tacho, ela respirou fundo, sentindo seu peito

disparar tão forte que se assustou com a sensação... era o momento de sua vida, aquele com o qual sonhava durante dias. E então, quando soltou os dedos do braço da mãe, ela viu algo se movendo entre as sombras de uma pequena estrebaria, perto da última banca. Ela parou, a mão trêmula travada próxima do vestido da mãe, e forçando a vista naquela direção ela viu um par de olhos pequeninos fitando-a, detrás de um monte de palha seca. Por um momento tudo pareceu silenciar enquanto ela contava os segundos ('um, dois, três, quatro... cinco...), e então começou a sorrir devagar... e em resposta, ela viu que pequenas rugas se formaram nos cantinhos dos olhos daquele que a observava secretamente detrás de um feixe de feno seco. Ele também sorria, ela sabia, e aquilo entrou em seu coração como água morna. Sentiu seu peito balançar tão forte e o coração martelar tanto que apenas esse ruído conseguia se sobrepor ao silêncio que sempre preenchia sua rápida estada na Vila. Ela inclinou a cabeça para o lado, intrigada, e detrás do monte de feno a pessoa que a observava inesperadamente se escondeu. Ela desfez o sorriso, sentindo pela primeira vez uma repentina pontada de decepção por não ter levado adiante aquele breve contato, quando de repente os olhos surgiram de novo. Seu coração deu outro pulo, e enquanto seu sorriso voltava, ela viu que pouco a pouco a pessoa dentro da estrebaria se revelava para ela, colocando sua cabeça para fora do esconderijo. Primeiro surgiram os dois olhos, e então um nariz pontudo e em seguida uma boca grande com dentes grandes, e depois o queixo, fino e com um buraquinho esquisito no meio.

“Quando o rosto se revelou ela se sentiu confusa, e novamente inclinou a cabeça, sem entender. Aquele rosto... ele não se parecia com nenhum rosto que vira antes, e não que tivesse visto *tantos*, mas de alguma forma ela sentia que havia naquele uma certa desarmonia... os olhos eram miúdos mesmo, em comparação à cabeça meio larga, e o nariz era meio torto. A boca era a única coisa que parecia com outra que já vira, como a da mãe, por exemplo, ou como a dela, que podia ver no espelho que sua mãe tinha. Tirando os dentes um tanto quadrados, era uma boca bonita, e ela pensava isso porque a boca *sorria*.

“Foi a primeira boca que sorriu para ela ali naquela vila. A primeira pessoa que se revelou para ela, e ainda mais sorrindo! A felicidade que sentiu foi tão grande, tão forte, que ela ignorou completamente o rosto defeituoso do jovem Daniel, o menino que todos acreditavam ter sido amaldiçoado pela mãe da garota, e, exprimindo sua completa satisfação, puxou de vez a mão que relava no vestido da mãe e acenou para o menino.

“Tudo aconteceu muito rápido então. Sua mãe puxou seu braço no mesmo instante em que o menino Daniel fazia um aceno idêntico para ela, e a pequena Diana conseguiu ver apenas um breve instante daquele movimento, pois

se virou assustada para a mãe. Ela a encarava com os olhos cheios de fúria.

“— Eu te falei para não acenar para ninguém! — sibilou sua mãe.

“— Mas mamãe, é só um *menino*! — protestou a pequena, mas a mulher já a puxava para longe da barraca. Paralelo a isso, várias pessoas correram escondidas na direção da estrebaria, onde um patético Daniel ainda acenava sorrindo para a pequena e bela Diana. As pessoas, quatro homens altos e fortes, correram na direção do jovem doente e, jogando-se sobre ele, abaixaram seu braço a força. Outro se agarrou às pernas do menino, enquanto outro tapou sua boca, abafando o grito assustado que dela partiria. Diana ainda olhou para trás, revoltada com sua mãe, ainda na esperança de rever o menino, a primeira pessoa que decidiu se dirigir a ela, mesmo que timidamente, mas não viu ninguém mais detrás daquele monte de feno. Olhou ao redor então, e viu que as pessoas botavam agora suas cabeças para fora das casas, encarando ela enquanto deixava a vila, e nos rostos dessas pessoas viu algo muito próximo da fúria momentânea de sua mãe, com uma diferença crucial, entretanto: a raiva da mulher vinha da proteção que praticava, enquanto que a raiva daquelas pessoas estava repleta de real hostilidade.

“Vou deixar de lado do meu relato o sermão que Diana ouviu de sua mãe, que foi longo e com certeza deixou a menina com a orelha vermelha (mas que provavelmente não adiantou de muita coisa, pois a menina voltaria a contrariar a mãe mais adiante) e vou ficar um pouco na Vila... aquela vila feia, pequena e escura que de longe parecia um lugar bom para Diana... mas que de perto poderia ser exatamente o contrário. Até agora não falei de ninguém de lá com mais detalhes, no máximo sobre o abobalhado Daniel, então eu vou apresentar algumas das pessoas que moravam lá, e que vão ser importantes para o resto da história.

“A primeira dessas pessoas é um homem, é o Padre, e acho que se chamava Dória... ou Dorian... não sei certinho. O padre era um dos homens mais velhos daquela vila, e só perdia em idade para o casal mais velho da Vila, o senhor Petruquio e a senhora Malena. Eram os mais antigos daquela vila, e ainda sim eram crianças quando a vila já tinha dezenas de anos, então, mesmo tendo visto a vila crescer um pouco, nenhum deles a viu *nascer*. Mesmo sendo tão velhos, nenhum deles ajudou a erguer os muros de madeira nem o portão. Ajudaram a construir a igreja, durante vários anos, mas antes daquela capela, a vila já existia.

“Eram boas pessoas, o senhor Petruquio e a senhora Malena. Iam sempre à igreja, comungavam, eram tementes a Deus e se confessavam sempre. O mesmo podia se dizer de Brandom, um homem que era uma espécie de líder da vila. Como um prefeito, por isso vou chamar ele de Prefeito. Naquela época não

existia eleições como hoje, mas de alguma forma, talvez por bravura ou por direito, aquele homem era o líder da vila. Ele tomava as decisões mais importantes no quesito pessoal da vila: o destino das partes da colheita, quanto seria vendido e quanto seria consumido, quais pessoas fariam o quê, quem ensinaria pros pequenos os primeiros trabalhos manuais, quem limpava as ruas, quem caçava, quem plantava, quem colhia, quem protegeria a vila, quem vigiaria... enfim, ele era o Prefeito da Vila, e juntamente com o Padre, ele se responsabilizava pela Vila.

“Foi decisão do Padre, tenho que dizer, prender o jovem Daniel dentro da igreja durante três dias, dando a ele somente água, depois do aceno da ‘filha do diabo’, como ele se referia à Diana. Para o sacerdote, aquele gesto era uma maldição e um disparate, principalmente por ser direcionado a um jovem que já sofreu antes influência maligna da mãe da garota, a ‘meretriz do diabo’, quando ele foi gerado. Deve-se se considerar aqui que naquela época se desconhecia completamente a origem de qualquer tipo de doença física e mental, e que crianças que nasciam por exemplo com Síndrome de Down eram imediatamente discriminadas e desprezadas, como se fossem crianças *incompletas*, defeituosas. Daniel não tinha essa doença... mas era tratado como um lesado, um imbecil. Seus pais, que segundo a falácia do povo estavam... estavam ‘na cama’ durante uma das visitas da ‘bruxa’, tinham morrido alguns anos depois de seu nascimento, quando ele ainda era um pivete, e desde então ele vivia na vila, sozinho, ora se alimentando na igreja, ora na casa de alguma alma caridosa e temente a Deus. Dormia na estrebaria e as vezes nos bancos da capela, escondido do Padre. Apesar do rosto levemente torto e das feições débeis e bizarras, do cabelo avermelhado e do sorriso tolo que sempre ocupava seus lábios, ele tinha dentro de si um enorme coração, e compreendia, da forma dele (e não tão erroneamente), tudo o que se passava naquela vila, não só com os outros, mas também com ele.

“Desde quando tinha idade pra entender o que as pessoas falavam, ele já conhecia a história de que foi amaldiçoado pela presença da ‘bruxa’ e que por isso era ‘defeituoso’. Inclusive, sabia exatamente *quem* era essa mulher... e para seu próprio espanto (e com certeza espanto do restante da vila se soubessem), ele não tinha medo dela. Apenas uma ligeira desconfiança, claro, pois imagine você, se fosse um rapaz com problemas e ouvisse a vida inteira que seus problemas foram causados por uma mulher que além de ‘bruxa’ ia para a cama com o diabo e se transformava em um gato preto de olhos vermelhos, não acha que você se sentiria no mínimo *assustado* quando soubesse que ela está sempre por perto? Que visita a vila com regularidade? Eu, mesmo se não fosse boba, também sentiria, por que não Daniel?

“Mas Daniel possuía uma pureza latente, era isso e mais nada. A falta de ‘intelecto’ era compensada pela candura de seus pensamentos.

“Ele passou os três dias que se seguiram após o aceno de Diana amarrado aos pés do altar da capela, e naquelas três noites não teve missa e ele apenas bebeu da água que um aparentemente surdo sacerdote lhe dava, porque ele gritava desesperado para que o tirassem de lá e o homem não reagia. Nas primeiras horas em que foi preso até escurecer, ele berrou tão enlouquecidamente que o som dos gritos ecoava pelas paredes da capela e faziam a construção vibrar. Depois, sua garganta começou a doer e ele parou, exausto e confuso, apavorado. Se perguntava por que estava amarrado dentro da igreja se nada tinha feito de ruim. Não conseguia aceitar a ideia de que estava ali, sentado no chão e amarrado com as mãos para trás, fortemente preso no altar de pedra, porque havia acenado para a pequena e bela menina que vinha na vila com a bruxa. E como era linda! Ele estava embasbacado (‘ainda mais, se me permitem a piada’, disse dona Mônica sorrindo) com tamanha beleza! Ela tinha a pele da cor mais bela que ele já havia visto, meio bronzeada, e seus olhos brilhavam num verde que lembrava os topos das árvores quando iluminadas pelo sol forte, um verde brilhante... e ela sorriu para ele. Sorriu para ele! Imaginem como devia estar confuso o coração e a mente do nosso pobre Daniel: amarrado e castigado depois de se apaixonar! E mesmo que sua mente tentasse afastar dele a ideia de que era por culpa dela que ele estava amarrado de castigo, ele sabia que tinha algo a ver: ouviu o Padre falando que ele precisava ser ‘purificado do gesto demoníaco da criatura’. Sabia que, na verdade, ele estava ali, em castigo e em sacrifício, não porque ele acenou para ela, e sim justamente pelo contrário! E, mesmo sabendo, ele não queria culpá-la, porque algo em seu coração dizia que era muita injustiça culpar a menina de maldade por um simples aceno e um sorriso. ‘O sorriso mais lindo do universo’, como ele imaginava quando se recordava daquele riso alegre e cheio de ansiedade, do aceno suave e bruscamente interrompido pela mulher. ‘Pela bruxa’, pensou.

“Ele gritou durante quase toda a madrugada, sons inarticulados e sem nexos. Para as pessoas da vila o demônio estava dentro dele, travando uma luta por seu corpo e sua alma, e aquela voz que nada falava de correto era a voz do diabo. Na realidade, Daniel estava apavorado demais e *sozinho* demais para dizer algo que fizesse sentido. Sua língua se enrolava contra a vontade, pois não queria compreender aquilo. Não fazia sentido, então não queria entender.

“Ele estava apaixonado demais para fazer sentido.

“No dia seguinte, Daniel não emitiu nenhum ruído, nenhuma reclamação desesperada, nenhum pedido de socorro e de perdão. Apenas ficou calado, taciturno, bebendo a água que lhe era servida e encarando o nada em tudo. Mas,

ainda assim, as pessoas esperariam que mais um dia se passasse pra tirar ele de lá, porque temiam que o demônio estivesse apenas fingindo que partiu.

“Enquanto isso, no alto da colina, dentro da pequena choupana, a também pequena Diana não conseguia parar de pensar em Daniel, mesmo não sabendo seu nome. Talvez isso fosse o que mais a torturasse. Mas não *era*, na verdade. Quisera ela que a única coisa que a incomodasse agora fosse não saber o nome do rapaz que acenou para ela... aquele que ela viu ser arrastado por pelo menos quatro homens, visivelmente contra a vontade. Sem contar a fúria repentina da mãe, a quase fuga da vila, e os olhares carnívoros das pessoas que saíam das casas... olhando pra ela como se fosse algo... podre, ruim.

“Havia também, entrelaçado aos sentimentos incomuns de dúvida e irritação, uma estranha movimentação no seu peito... no seu coração. Ele dava saltos que ela nunca sentiu antes, cortando sua respiração e fazendo ela arreppiar. E pra aumentar ainda mais a confusão em sua cabeça, essa sensação só surgia quando pensava no rapaz de rosto estranho que acenou para ela. Ela sentia uma coisa muito forte vindo dele... como uma luz branca que saía de seu peito. E por mais que tenha estranhado seu rosto torcido e nada belo... ela ainda conseguia ver a beleza que emanava de seu espírito.

“Não é difícil perceber que Diana também tinha se apaixonado pelo rapaz Daniel, assim como ele por ela. E vocês três, pequenos garotos, podem se perguntar como isso foi possível, apenas com um olhar e um aceno... mas no fundo do coração de cada um, vocês sabem por que. É porque eles se ‘viram’. De verdade. Por dentro.

“Mas não há história mais triste do que aquela do amor que não pode se concretizar, e a mãe de Diana sabia muito bem disso... tanto que seu maior desejo, ao ver o olhar perturbado da filha, era prendê-la dentro daquela choupana para sempre, para que não saísse, não se machucasse, não se iludisse e não sofresse. Ela sabia, porém, que era impossível.

“E as dores crescentes em seu corpo velho (vocês podem não acreditar, mas ‘Ela’ já era muito mais velha do que muitos homens daquela vila... tão velha quanto o ancião Petruquio, não duvidem, apesar de ainda parecer bela... eu nunca disse que ela *não* era uma bruxa...) aumentavam dia após dia. Ela sabia que não ia conseguir descer a colina na próxima vez... e se ousasse fazer isso, corria o sério risco de morrer no caminho. Diana não merecia tal sofrimento, ela sabia, de ver a própria mãe morrer, definhando na sua frente em segundos... mas também não merecia sofrer naquela vila. Não merecia correr atrás daquele rapaz doente (‘e a culpa ainda é minha!’), e sabia que mesmo que aquilo que parecia crescer no peito da filha fosse puro e real, não permitiriam... nunca permitiriam.

“Mas o destino, meninos, é *impiedoso*. Ele não faz perguntas. Ele só *vai*. Segue sua regra e mais nada. E se estava marcado que houvesse sofrimento na vida daqueles dois, quem impediria?”

Capítulo IV

A história da bruxa - parte 2

Dona Mônica parou quando a chaleira começou a apitar no fogão, um ruído repentino que fez Samuel quase pular do sofá. Segurei o riso, mas rapidamente esqueci a chacota, pois Diana, Daniel, a mãe “bruxa” e a Vila estranha continuavam na minha cabeça.

— Vou passar um cafezinho novo pra gente, e já volto a contar a história — disse ela, com a voz afável, enquanto a água fumegante caía sobre o pó do café no coador de pano, levantando um cheiroso vapor branco que o vento trazia para nossos narizes.

Aquele cheiro era uma espécie de refúgio para mim. Estava acostumado com ele, não só na minha casa, como também no sítio da minha avó. Era dela que eu me lembrava quando via dona Mônica andando lentamente pela cozinha, a diferença era que minha avó parecia um pouco mais alta e não tão magra, e visivelmente mais saudável. Já a avó de Carlos mantinha sempre o corpo curvado, quase como se fosse corcunda, o que diminuía seriamente sua estatura.

Reparei que Samuel olhava diretamente para ela, os olhos meio estufados.

— Dona Mônica... — começou, com a voz trêmula. — O Daniel e a Diana vão ficar juntos no final?

A velha do outro lado riu com prazer.

— Por que você quer saber o final da história, Samuel? — perguntou, divertida, enquanto enchia a garrafa térmica de café.

— Ah... num sei... tô ficando meio incomodado com essa história...

— Incomodado? — gritei, apontando para ele. — Caraca, você nunca

falou uma palavra tão difícil!

Carlos me acompanhou na gargalhada que se seguiu. Não foi uma piada tão criativa... mas estávamos acostumados a ouvir Samuel falar “indiota”, então...

— Cê tá com *medo*, fala a verdade! — disse Carlos.

— É lógico! — berrou Samuca, com a voz afinando. — Sei lá, pior que não aconteceu nada de tão assustador até agora, mas... a sensação...

— A sensação de *angústia* que você sente, Samuel — disse dona Mônica, cessando as gargalhadas —, é porque você sabe que de uma forma ou de outra, nada vai dar certo para esses dois, Diana e Daniel. É por isso.

Nos calamos, e eu pensei nas palavras dela. A forma como enfatizou a palavra *angústia*. Decerto acreditando que entendíamos que aquela história que ela contava era uma história de *terror*. Na verdade, não tínhamos percebido isso ainda. Claro, havia uma bruxa e havia pessoas apavoradas, fiéis... *fanáticas*, provavelmente. Mas a forma como me apeguei tão facilmente com as figuras de Diana e Daniel me faziam querer que houvesse um final feliz para os dois. Samuel provavelmente esperava isso também.

Dona Mônica, entretanto, não dava sinal de que isso aconteceria.

— Você quer saber o final da história — continuou ela para Samuel —, mas ele não é o que importa de verdade. Veja, se você assiste um filme inteiro e na cena final eu desligar a TV, você vai ficar ansioso, não é, porque você estava esperando pra saber o que vai acontecer *depois de tudo*. Agora, se eu mostrar apenas o final do filme pra você, sem que você antes conheça os personagens ou a história, que graça isso vai ter?

Ele encarou a senhora de pé com a garrafa na mão com cara de quem não entendeu.

— Olha, o final de uma história é *apenas* o fim. E um fim é sempre triste, porque *é o fim*, você se despede e pronto, não vai ter mais nada pra você depois. Mas o *meio* da história, esse sim é o importante, porque ele *é a história*.

Naquela hora, eu não pensava que ouvia palavras tão sábias daquela senhora, e me sinto extremamente feliz agora por poder relembrar essas palavras com clareza, e finalmente entendê-las.

Ela se esticou ao máximo até o armário e tirou de lá um pote de biscoitos, colocou-o em cima da mesa e nos chamou com a mão. Pegamos café e alguns biscoitos de coco e voltamos para o sofá. Dona Mônica veio trazendo a garrafa de café, pressionando as costas com a palma de uma mão e fazendo uma careta de dor um tanto discreta.

— Bom, mas vamos continuar a história, porque está chegando na sua parte mais importante — disse, sentando-se e colocando a garrafa de café sobre a

cômoda/estante. Ela pegou a xícara vazia que equilibrou na tampa da garrafa e a encheu de café. Encarou aquela fumaça dançante e em seguida deu um rápido gole, o vapor entrando por suas narinas. — E, como eu ia dizendo, o destino é o cara que manda na história...

“E eis que chega o dia em que a nossa ‘bruxa’ não pode mais adiar a visita da filha até a Vila sozinha. Seu corpo belisca em dores e puxões terríveis, nas costas e nas pernas, e ela mal consegue levantar da cama. Diana assiste aquilo com o coração assustado e recheado de dúvidas, ao mesmo tempo em que vislumbra, naquele ataque de dores da mulher, sua primeira chance de enfim ter um pouco de liberdade.

“E aquilo doía no fundo do seu peito, aquela ânsia... pois apenas na desgraça da mãe ela via realizar seu mais profundo desejo.

“Quanto a sua mãe, nada mais restava a não ser lamentar, pois sabia que precisava que a filha fosse, *sozinha*, até a Vila. Não só pelos mantimentos, que tinham acabado já há quase uma semana, e por isso ultimamente elas viviam do que restou nas panelas e das pequenas caças que ela conseguia apanhar na floresta com armadilhas, mas também porque via que a filha já tinha *crescido*. Lembrava que na idade de Diana ela já viajava pelas regiões montanhosas e pelas escuras florestas com aquela que um dia foi sua família. E quando a menina saiu, fechando a porta logo em seguida, aquele som rebateu e reverberou pelo coração da mulher.

“E quem sabe, no fim das contas, aquela visita fosse um passo inicial para que... era um sonho pensar isso, mas... poderia ser um passo decisivo para que a Vila a respeitasse, ou pelo menos, se os mais velhos ainda estivessem vivos, para se lembrarem por que *ainda* estavam vivos.

“Talvez as bandagens envolvendo a mão de Diana fossem capazes de fazê-los *lembrar*...”

— Bandagens? Que que é isso? — perguntou Samuca, com a voz grasnada.

— É uma faixa, daquelas pra pôr em machucados — falei.

— Ah tá...

— Mas a senhora não contou que a mão da Diana tinha um machucado — disse Carlos. A avó olhou para ele em dúvida.

— Não contei? Oh, não acredito, acho que esqueci deste detalhe! — disse, surpresa, mas logo em seguida emendou. — Mas acredito que escondi esse detalhe de vocês porque, de certa forma, *ninguém* notava isso...

“Ninguém parava para olhar fixamente para a pequena para perceber que ela sempre aparecia com a mão esquerda enfaixada... não lhe davam essa atenção, entendam, porque tinham medo até de encarar ela... mas, podem

acreditar, isso vai ser exatamente a *ruína* deles.

“Naquele mesmo dia sombreado, com nuvens cinzentas vagando com velocidade pelo céu, enquanto a pequena Diana descia pela primeira vez sozinha aquela colina, atravessando a mata com naturalidade, tocando a charrete com o cavaleiro desnutrido puxando, o coração em disparada e aumentando o ritmo a cada metro avançado, o jovem Daniel teve um terrível pesadelo.

“Pesadelos são perigosos, garotos. Algumas vezes, nos dizem qual nosso maior medo... outras, nos mostram *qual vai ser* nosso medo. Nos mostram o que está oculto. E Daniel, naquela manhã, via-se abraçado pelas mãos sinistras e imundas do horror de um pesadelo, um sonho maldito que o fez gritar. Ele ouvia vozes naquele sonho, como sempre acontecia em todos os sonhos. Vozes por todos os lados, um turbilhão de palavras e tons e sussurros e gritos, que se misturavam em sua mente com tanta força que pareciam querer explodir sua cabeça de dentro para fora. Estava escuro, uma escuridão desalentadora e vazia, como um precipício eterno, e então ele via uma coisa nessa escuridão... ele *sentia* aquilo, vivo, quente, maçante.

“Era um olho. Um grande olho branco com uma íris tão negra quanto o abismo que o rodeava, e ele olhava para Daniel... via dentro dele... e o pobre menino sentia como se aquele olho tivesse mãos negras, úmidas e pegajosas, e dedos longos e languídos, que brilhavam com uma estranha aquosidade, uma secreção pegajosa, e ele sentiu quando a mão tocou nele, repulsivamente, espalhando sobre ele aquele estranho líquido que parecia óleo... e *era* óleo, fervente, e pouco a pouco ele via sua pele inchar em dezenas de bolhas, desgrudar de sua carne dolorosamente e cair pelo abismo infinito, e aquela coisa queimava seu corpo e sua alma sem piedade e sem escrúpulo. Sentia todos os ossos de seu corpo, todos nus.

“Sorte que foi despertado de tão maligno sonho, mesmo que tenha sido aos tapas na casa onde dormiu de favor pelo que provavelmente seria a última vez. O dono da casa o levantou às bofetadas e o pôs à rua na base dos cascudos e tabefes. A luz do sol atingiu seus olhos como fogo, e ele berrou, da mesma forma que berrava enquanto ainda apalpava os secos ossos de sua face com os igualmente descarnados dedos em seu horrível pesadelo. Continuou gritando, durante alguns segundos, enquanto as pessoas passavam por ele na rua e apenas o observavam, como sempre estavam acostumadas a observar ele, como um garoto onde faltava ‘algumas peças’. Depois os berros deram lugar a dor ardida dos tapas que tomou na nuca e nas orelhas e do pulsar constante dos cascudos em sua cabeça, dados pelo homem que o enxotou para fora da cama de palha montada no corredor. Nunca mais dormiria naquela casa, ele sabia. Não deixariam. Nunca mais jantaria pernil com milho.

“Mas também não tomaria mais tantos tapas como aqueles que ardiam em seu rosto agora.

“A simples lembrança do sonho, em seguida, o fez se arrepiar do fio do cabelo à unha do pé. A sensação de vazio daquele abismo fazia o jovem Daniel se sentir fraco e indefeso, e aquela escuridão que o rodeava enchia seu peito e sua mente de terror, um terror gigantesco, insano, colossal. E além disso, havia o *olho...* e era tão terrível pensar nele que era como se estivesse *ali*, no mundo real, não apenas habitando seus pesadelos, mas na verdade rodeando aquele lugar, faminto, exalando um cheiro insuportável e gotejando aquele óleo que queimava...

“Ele só afastou aqueles pensamentos quando se pegou pensando novamente na garota, na filha da bruxa... e riu de como seu peito fisgou, quase como uma dor, ao pensar nela.

“Se de um lado da vila Daniel imaginava como seria a maciez da voz da pequena ‘filha da bruxa’, e se a mesma descia aquela colina verde e macia em direção às casas e às vendas, chegava pelo leste, iluminada pela luz do sol de Deus, uma distinta cavalaria.

“Naqueles tempos, meus queridos, existiam os bravos guerreiros medievais, sim, e esses, podia-se ver pela bandeira branca com uma cruz grande e negra desenhada, seguiam e serviam à Santa Igreja Católica. Seus corpos eram cobertos por armaduras rígidas e prateadas que refletiam o brilho do sol numa luz clara. Montados em cavalos grandes e imponentes, carregavam enormes espadas no lado esquerdo, e as cabeças eram adornadas por elmos formosos e suntuosos, que revelavam apenas os olhos vigilantes e ágeis desses destemidos guerreiros. Aqueles homens, meninos, lutavam pelo Cristo ressuscitado e pela sua causa. Derramavam sangue em nome dele. Eram as espadas e as lanças de Deus na Terra.

“Isso pode parecer terrível para vocês... mas eram tempos de guerra aqueles. De luta pela própria terra e pela terra prometida. Além disso, o mundo ainda está repleto de homens que matam em nome de Deus. É só prestar atenção nos noticiários.

“Mas aqueles cavaleiros, especificamente, viajavam em direção à vila por um único motivo: um de seus mais nobres e honrados guerreiros havia nascido ali. Sebastião, esse era seu nome, e ele era um bravo homem, tendo lutado muitas vezes em nome do Papa por terras cristãs, combatido hereges e pagãos por toda Europa oriental... e havia nascido ali, naquela pequena e escondida vila. Era um orgulho e tanto para os moradores do vilarejo ter no exército de Deus um guerreiro de sua linhagem, um garoto que cresceu ali, que recebeu os ensinamentos do Padre Dorian e ouviu com atenção os conselhos

sábios do Prefeito. Além disso, fazia mais de sete anos que não voltava à Vila, que não via aquelas pessoas. Seus pais tinham morrido anos antes, pouco depois do nascimento de seu irmão mais novo.

“E, é claro, assim como todos ali, Sebastião temia a ‘bruxa’. Mas seu temor facilmente tinha se transformado em ódio aos pagãos e hereges, e *daquele* ódio Deus o perdoaria. Derramou sangue em seu nome tendo absoluta certeza de que já foi perdoado antes mesmo de fazê-lo, porque era sua missão. Em suas viagens ao oriente ceifou na lâmina de sua espada incontáveis vidas pagãs e desabenhoadas, atirou dezenas de bruxas às fogueiras e empalou centenas de guerreiros de Satanás, porque essa era sua missão. Não temia o Maldito, porque Deus estava do seu lado e já o havia perdoado. Antes que fizesse.

“Suas mãos estavam tão sujas do sangue ‘ímpio’ que, por muito pouco, levaria ele próprio ‘aquela’ mulher à fogueira, sem cerimônias e sem julgamento, apenas por... apenas por ter jogado seu augúrio macabro sobre seu irmão mais novo.

“Diana descia aquela colina com uma distração inocente, pura, pois pensava no quão deliciosa seria aquela primeira visita sozinha à vila, quando ouviu o som pulsante dos cavalos avançando lentamente pelos campos. Seu coração deu um salto de pavor, e ela teve poucos segundos para se esconder, pois aquele ruído era opressor, amedrontador. Encontrou uma larga árvore e tocou a carroça para trás dela. Desceu da charrete e amarrou o cavalinho em um dos seus galhos. Depois, agachou-se detrás de uns arbustos no chão. Afastou com as mãos as folhas que bloqueavam sua visão e acompanhou atenta a procissão que surgia.

“Não saberia dizer o que era aquilo, pois sua mãe nunca havia lhe falado de homens com corpos feitos de metal, mas teve medo ao ver as espadas, pois *disso* sua mãe havia falado. E das cruzes também, e aquelas coisas carregavam cruzes em bandeiras, em escudos e até desenhada nos corpos de ferro. Um deles fez um gesto com a mão, o que seguia na frente, parando, e todos que o seguiam pararam ante aquele movimento. Estavam na frente dos portões da Vila. Seu medo diminui quando viu o mesmo retirar a coisa de ferro que cobria sua cabeça, revelando seu rosto sério e seu cabelo comprido e avermelhado (‘é apenas um homem’, pensou). Todos os outros seguiram seu gesto e retiraram os elmos. Eram todos apenas homens, concluiu a pequena, mas mesmo assim não se permitiu sair detrás da segurança do arbusto.

“Um homem veio de dentro da vila, segurando o que a pequena sabia ser uma corneta. Ele se curvou diante dos homens montados nos cavalos, fazendo uma reverência da qual a menina achou graça, e após se levantar, soprou a corneta com força. Ela emitiu um silvo grave e profundo, que ecoou dentro do tórax de Diana. O barulho era imenso. Diana suportou o som até o momento em

que viu que mais pessoas surgiam no portão da vila, aplaudindo e se curvando diante daqueles homens. Parecia que toda a vila se encontrava ali, na entrada. E todos pareciam felizes, reluzentes. Percebeu que se ficasse ali, tão perto, seria descoberta. Tinha que escolher: ou esperaria até que aquela balburdia terminasse, ou entraria na vila às escondidas... e então sua mente se iluminou, como uma daquelas ideias que a gente tem sempre, mas que nos deixam com uma sensação incrível de superioridade.

“Minutos depois, Diana já estava dentro da vila, tendo passado tão perto dos cavaleiros que sentiu quando um deles a encarou mais do que o normal. Mas não reagiu, e ela respirou com alívio quando se viu sozinha no meio da rua principal, vazia.

“‘Passei por todos e ninguém reparou!’, pensou rindo, enquanto tentava se lembrar onde tinha colocado a lista de compras.”

— Peraí! — exclamou Samuel, repentinamente, fazendo Dona Mônica engolir a frase que se formava no mesmo instante. — Como que ela passou sem que ninguém visse ela? Ficou invisível?

— Paciência, Samuel, paciência... — disse a velha, e Samuel se contorceu de dúvida. — Ainda temos um pouco de história pela frente até que as coisas se expliquem. O que posso dizer é que Diana *passou* por todas aquelas pessoas... de uma forma que ninguém em sã consciência acreditaria.

“Uma vez dentro da vila, tratou logo de buscar a primeira banca, que era a de hortaliças e tubérculos, mas de longe notou que o velho que ficava nela não estava em seu posto. Todos da vila estavam nos portões, recebendo os cavaleiros de metal. Ela soltou um muxoxo, enquanto passava os dedos pelas cascas duras e brilhantes de pimentões agressivamente vermelhos e abóboras grandes e vistosas. Admirada, não notou aquele que se esgueirava lentamente por trás dela, observando-a calado... esticando lentamente o braço e os dedos na direção de sua nuca.

“Quando os dedos frios de Daniel tocaram de leve sua orelha, ela soltou um grito e virou-se, apavorada. O rosto débil do rapaz, que antes sorria, fechou-se de medo e arrependimento. Assustou a garota. Era um burro e assustou a menina. Diana pôs a mão sobre a boca, contendo o resto do grito que saía.

“Indignado com a própria estupidez, Daniel esbofeteou o próprio rosto. Diana encarou aquele ato tolo com surpresa, enquanto tampava com a mão o grito que se transformava em uma risada relaxada.

“De repente, começou a gargalhar, divertindo-se com o berro que dera sem necessidade e com a reação chocante do garoto, que a essa altura já havia se auto-estapeado uma dezena de vezes. Ele olhou para ela, percebeu que ria... então, ainda mais envergonhado, começou a se bofetear no meio da testa.

“— Oh, por favor, pare! — disse Diana, agora não mais suportando ver o garoto se machucando. — Não precisa fazer isso! Eu estou bem, só foi um susto...

“E tocou de leve a mão direita de Daniel, impedindo o golpe que se seguiria. Como um choque, Daniel travou, virando os olhos abismados para a linda garota que ainda sorria de leve.

“— Está tudo bem... certo? — perguntou Diana, mas o garoto apenas a encarava com os olhos arregalados e a boca levemente aberta. ‘A mão dela é quente’, pensou ele.

“Ela soltou a mão de Daniel, envergonhada, uma sensação que ela nunca havia sentido e da qual não fazia ideia que sentia agora, mas foi graças a esse sentimento que ela jogou uma mecha do cabelo por detrás da orelha e sorriu olhando para baixo.

“Daniel, por sua vez, estava em transe. Diana era a pessoa mais linda que ele já havia visto em toda sua mera existência. E quando os olhos de ambos se encontraram, naquela tarde clara e aparentemente tranquila, dois espíritos se encheram de felicidade e esperança, pois os olhos, de um para o outro, não mentiam.

“Quem quebrou o silêncio foi Diana. Ela esticou o pescoço, aproximando-se do rosto de Daniel. Encarou-o com análise, com profundidade. Ele, acostumado com os olhares frios e secos ou repletos de uma compaixão velada, porém revoltante, sentiu como se aqueles dois pequenos olhos verdes olhassem dentro de sua alma, evitando aquele rosto torto que ele sabia que tinha. Ela, pela primeira vez se aproximando de *uma pessoa* que não fosse sua mãe, pôde sentir toda a beleza da pureza que emanava daquele ser humano diferente diante dela.

“— Seu rosto... ele é diferente do meu, ou do rosto dos outros... — disse ela, cautelosa, como se sentindo, mesmo sem saber, que aquele era um ponto incômodo. — mas você parece tão... tão mais *luminoso*. Por dentro.

“A cabeça de Daniel pareceu rodopiar. Ele nunca ouviu tantas palavras bonitas dirigidas a ele como aquelas poucas que Diana usou para defini-lo. Sentiu o coração saltitar como um coelho que corre pelos campos.

“Diana passou por ele, olhando-o com atenção. Deu a volta em torno do rapaz, avaliando com os olhos cada fio de cabelo, cada sinal na pele e cada marca que a vida tinha lhe dado, enquanto ele permanecia quieto, surpreso, imóvel e servil, sabendo que era analisado, mas não se incomodando com isso, pois era *ela* que o avaliava, então não tinha problema.

“— Bom, não é tão diferente assim, afinal — disse ela sorrindo, voltando para diante do rapaz. — Enfim... você é a primeira pessoa da vila que conheço.

Minha nossa! Nem falei o meu nome!

“Ela estendeu a mão para Daniel, e ele a encarou com os olhos duros e surpresos.

“— Meu nome é Diana, e o seu? — perguntou, com o braço esticado na direção do menino. Ele ainda olhava abobado para a mão dela. Ela percebeu que ele não havia entendido o que era pra fazer.

“— Você tem que segurar minha mão... — disse ela, pegando a mão direita de Daniel e encaixando-a na sua mão. —... apertar de leve e dizer seu nome.

“Sentindo definitivamente a maciez e o calor da mão de Diana, o bobo Daniel finalmente abriu um sorriso, daqueles que vem do fundo da alma. Ao ver aquilo, a menina também sorriu. Sem saberem, estavam conectados. Suas almas e seus corpos, num daqueles instantes que são intimamente curtos, mas infinitamente poderosos.

“— Bom, — disse Diana, enquanto Daniel sacudia sua mão sorrindo com os olhos fechados — acho que você não é lá muito de conversar. Mas... pelo menos é *alguém*. — Ela olhou para os lados, procurando notar a aproximação das pessoas que àquela altura já deviam estar voltando para seus afazeres, mas não viu ninguém. Ela puxou a mão lentamente, enquanto Daniel a sacudia, sem querer largá-la. Quando se soltaram, ele fez uma rápida careta de desgosto.

“— Então, meu amigo sem nome — disse ela, juntando as mãos abaixo do ventre —, eu preciso fazer essas compras pra minha mãe, mas... o que foi?

“Daniel havia arregalado os olhos e retesado as mãos, quase fazendo a forma de garras com os dedos.

“— Algum problema? — perguntou a menina, um pouco assustada com o comportamento repentino do rapaz.

“Ele sacudiu a cabeça positivamente, então repreendeu a si próprio com um tapa na testa e sacudiu a cabeça novamente, mas agora em negativa. Lógico que havia um problema, e esse problema era a *mãe* de Diana. Daniel tinha ouvido as histórias, e sabia, mesmo sem entender o porquê, que se ele era *daquele jeito*, era por culpa da mulher. Isso se as pessoas da vila estivessem corretas, mas quem era ele para questionar aquilo? Durante todos aqueles menos de dois minutos que se seguiram ao contato com a garota, ele não tinha raciocinado direito (coitado, não era lá um talento que ele possuísse) que aquela garota era a *filha da bruxa*. Lembrou-se com amargura das três noites seguidas dentro da igreja, amarrado e vivendo de migalhas e água porque tinha apenas *acenado* para ela. Pensou no que poderia acontecer se o *vissem conversando com ela*. Seu corpo se arrepiou inteiro.

“Depois, num breve lapso de lógica, pensou ‘É só não nos verem!’, e riu

envergonhado.

“— O que foi agora? — balbuciou Diana quando o viu sorrindo encabulado. — Menino! Hey, menino! Eu preciso fazer essas compras pra minha mãe! Será que você não poderia me ajudar?”

“Daniel parou de rir e olhou para ela, mudo. Diana olhou de volta, sem entender. Depois ele encarou o nada, coçando a nuca. Então, ergueu o dedo para cima, como se tivesse acabado de ter uma ideia. Em seguida, passou por Diana, agachou-se por baixo da banca de hortaliças e desapareceu debaixo da lona marrom.

“— Mas o que esse menino... que que ele tá fazendo? — perguntou Diana para si mesma. Naquele instante, lembrou-se das palavras da mãe, as palavras que eram constantes nos tempos em que sequer podiam se afastar da clareira onde moravam: ‘Não fale com estranhos! Não *confie* em estranhos!’.

“Quando já pensava em se afastar dali, temendo a chegada das pessoas (e daqueles cavaleiros que pareciam assustadores demais para ela), surpreendeu-se com o menino Daniel, que repentinamente surgiu detrás do balcão, com um sorriso gigante na cara.

“— Ah, que maravilha! Você vai me ajudar?”

“Ele sacudiu a cabeça, abobalhado, com as mãos na cintura.

“— Ah, muito obrigado, amigo! — disse Diana, sorrindo. Ela deu a lista para Daniel. Ele pegou o pedaço amarelado de papel e o olhou com uma careta. Coçou a cabeça e olhou para o nada, pensando (ou tentando); por fim, colocou a lista sobre as hortaliças e abriu um largo sorriso para Diana. Não tinha entendido uma única palavra, mas não passaria a vergonha de se assumir analfabeto diante da menina. Estendeu uma mão para ela, apontando para a sacola de pano que ela trazia.

“— O que? Ah... — falou a menina, passando a sacola de pano para o rapaz. Ele colocou a sacola sobre o balcão, foi até uma abóbora de tamanho médio e a tocou, olhando indagador para Diana. Ela fez cara de dúvida, e ele automaticamente deixou a abóbora de lado. Passou para um grande pimentão vermelho como sangue e, tocando-o com a ponta do dedo, olhou para a menina de novo. Diana não reagiu, não entendendo o que o menino pretendia.

“Desapontando, ele deixou o pimentão de lado e levantou um belo nabo com a mão direita, apontando para ele com a outra mão enquanto sorria.

““Oh, não acredito... ’, pensou Diana, querendo gargalhar, mas apenas sorrindo enquanto balançava a cabeça. O menino pegava hortaliça por hortaliça, uma maior do que a outra, e mostrava para ela, na expectativa de que ela escolhesse um deles. Dois minutos depois, a sacola de pano estava repleta de pimentões, dezenas de rabanetes, um nabo do tamanho do braço dela e uma

abóbora maior do que a cabeça de Daniel. Ele tentou tirar a sacola do balcão com apenas um dos braços e não conseguiu, quase se estatelando no chão e arrancando deliciosas gargalhadas de Diana.

“Ele amava aquele som.

“Com esforço, ele conseguiu levar a sacola para a menina passando por baixo do balcão, assim como fez para entrar. Ergueu a sacola com os dois braços, orgulhoso e sorrindo. Diana pôs a mão dentro do vestido e puxou de lá um pequeno saquinho cheio de moedas.

“— Quanto custa isso tudo? — perguntou ela.

“Daniel largou o saco no chão, confuso. Não tinha pensado nisso. Ela tinha que *pagar* pra levar aquelas coisas. Ele pegava as coisas sem pagar vez ou outra, mas isso porque às vezes as pessoas tinham pena dele e lhe davam, e outras porque ele roubava. Ele coçou a cabeça, e depois de alguns segundos ergueu o dedo para cima de novo. Pegou o saquinho de moedas da mão de Diana, delicadamente, e o abriu. Remexeu com os dedos aqueles pedaços arredondados de metal que tilintavam. Devolveu para ela quando achou o que procurava: uma moeda velha e toda lascada. Colocou-a sobre as hortaliças que restaram na banca. Olhou para Diana com firmeza. ‘Está pago’, disse com os olhos.

“Ela olhou dentro da sacola e viu várias outras moedas como aquela, mas nada disse.

“Ou não teve *tempo* de dizer, pois no mesmo instante um forte vozerio se aproximou, chamando a atenção de ambos. As pessoas estavam voltando.

“O coração de Diana disparou, e seria contra sua vontade não fosse o medo inconsciente que aquelas vozes lhe despertava. Instintivamente retesou-se por inteiro e olhou ao redor. A mão correu até o antebraço do menino e ali ficou, tensa, rígida, apertando a carne rústica do rapaz.

“Ele também reagiu por instinto: passou um dos braços por detrás do ombro da menina e a puxou, sem pedir, na direção contrária de onde as vozes vinham. Sabia que ela não podia ficar ali.

“Mas, mesmo correndo aterrorizado na direção contrária das vozes, arrastando Diana sem olhar para trás, ele percebia que o som das vozes não se afastava, e pelo contrário, aumentava como uma onda do mar se aproximando. Foi terrível para Daniel reconhecer vozes de pessoas que se aproximavam e não saber quais seriam as atitudes dessas pessoas quando o vissem com...

“— Pelo sangue sagrado de Cristo! — berrou uma mulher, tão agudo e forte que Daniel estremeceu. Em seguida, uma diminuição leve das vozes, e um segundo grito, esse mais contido: — É a filha do diabo!

““Viram a gente”, foi o que teve tempo de pensar antes que se chocasse

contra algo tão pesado que sua cabeça vibrou e girou. Seu corpo foi arremessado para trás.

“Diana não teve tempo de reagir a nada. Desde o primeiro segundo em que ouviu as vozes até o choque repentino com o homem de metal, ela foi guiada pelo jovem que acabou de conhecer, sem poder comandar nenhuma de suas atitudes. E mesmo que pudesse, não adiantaria nada.

“No segundo seguinte ao choque, ela olhou para o alto, tão para o alto que seu pescoço estalou, e encarou contra a luz do sol o rosto do homem de armadura que a encarava com os olhos repletos de fúria. Em sua mão havia uma espada e a lâmina estava inclinada, como que pronta para ir em sua direção. Então Diana pôde olhar à sua volta.

“Estavam os três, ela, Daniel e Sebastião, o homem de armadura e espada, rodeados pelos moradores da vila, todos mantendo uma distância segura, os olhos estufados para fora, braços cruzados ou mãos unidas, dedos entrelaçados, as costas curvadas de medo e espera. Olhavam com aquele pavor o qual pareciam não se importar em esconder, que disfarçavam com dificuldade. Diana sentia o peso de cada um daqueles olhos. Olhos carregados de receio.”

“*Medo do medo que sentiam.*”, foi o que pensei enquanto Dona Mônica descrevia aquela cena.

“O homem foi o primeiro a falar, e quando sua voz saiu, todas as outras se calaram.

“— A ousadia dos hereges não tem limites! Como ousa entrar nos limites dessa vila? Essa terra limpa e protegida de sua depravação! Como *ousa*?

“Diana permaneceu imóvel diante do homem. Estava obviamente com medo dele... medo de todos, porque até aquele momento só tivera contato com *um* garoto, que aparentemente era mudo, e então de repente toda a vila estava à sua volta e um homem estava gritando enraivecido diante dela. Quem não se amedrontaria? Quem não imploraria silenciosamente que alguém lhe salvasse?

“Ela só conseguia pensar na mãe.

“Não percebeu a aproximação do homem. Estava em pânico, dura, pregada no chão, não só pela ameaça eminente dele, mas por *outra coisa*... era como um cheiro rançoso, e estava ali e ela não conseguia entender por quê. Ele tapou completamente a luz do sol, e encostou a lâmina da espada no fino pescoço de Diana. O metal frio fez seu corpo estremecer.

“— Posso matá-la aqui e agora, na frente de todos. *Posso*. Deus me permitiu tirar a vida de pagãos amaldiçoados como vocês. Uma forma de se postarem diante dele antes que seja tarde, para que possam se arrepender de seus pecados...

“Diana continuava estacada, mesmo com aquele homem proferindo

tantas palavras ameaçadoras. E a *outra coisa* lhe incomodava. Feria suas narinas. Sebastião falava baixo, somente para ela, como se tentasse assustá-la... pensando ver nos olhos perplexos da garota o terror que causava. Acreditava que era apenas por causa dele que ela estava daquele jeito. Bastava um simples movimento de seu braço direito e a lâmina amarga penetraria aquele pescoço branco e fino como uma mão penetra a água. E ele sabia disso... mas ver aqueles olhos arregalados de pavor lhe dava uma sensação incrivelmente saborosa.

“Atrás da garota podia ver o corpo magro de seu irmão jogado no chão. Ele tremia agarrado ao nariz, que provavelmente sangrava depois da pancada que deu na armadura. Não levantaria tão cedo, ainda mais tolo e medroso como era, pensava. Era seu irmão, mas não se envergonhava por pensar aquilo. O irmão torto que durante anos fingia não conhecer.

“E ali, bem diante dele, a filha da maldita que, por influência demoníaca, fez aquilo com o inocente Daniel. Ele não podia deixar que ela saísse daquela vila. Não com vida.

“Em volta daquela cena, as pessoas pareciam petrificadas. Sentiam uma mistura de ânsia pelo que Sebastião podia fazer e de medo pelo que Diana podia fazer. Porque acreditavam piamente que ela *podia*.

“Sebastião olhou nos olhos de Diana, e aquele gesto atraiu de vez sua atenção. E então, finalmente, ela percebeu *o que* era aquele cheiro, aquele incômodo. E o mais importante: percebeu de *onde* vinha.

“De *quem* vinha.

“Ela fechou os olhos e pode vê-lo rodeando o homem de armadura diante dela... era como uma fumaça verde musgo que saía de sua boca, enrolava-se em seu pescoço e descia em voltas pelo corpo, balançando em pontas diversas como tentáculos (apesar de ela não fazer ideia do que fossem ‘tentáculos’).

“Quando abriu os olhos, ele a encarava com ainda mais ódio. Diana inspirou uma grande quantidade de ar e depois expeliu tudo lenta e sonoramente, como se quisesse se limpar por dentro. Sem um pinga de medo (ele havia ido embora assim que fechou os olhos) ela encostou a mão na ponta da espada e a afastou de seu pescoço. Sebastião observou aquilo com os olhos vidrados. Antes que ele tentasse se mexer, ela falou, e toda a vila se calou para ouvir.

“— Você tem o cheiro da morte. Não vai durar muito tempo. Apenas aceite. *Revertere ad locum tuum*.

“As palavras invadiram os ouvidos de Sebastião como areia quente. Seu coração disparou e ele sentiu uma leve tontura, como se o chão já não fosse tão firme. Então deu um berro de fúria e ergueu a espada.

“— BRUXA MALDITA! VOU MANDAR VOCÊ PARA O INFERNO AGORA MESMO!

“A espada desceu com força e fúria, mas Diana sequer se moveu. Ela sentiu o ar movendo a barra de seu vestido e sabia o que aconteceria.

“Daniel se jogou contra o braço do homem de armadura, e todo o peso de seu corpo se encontrou com quase dez quilos de ferro que cobriam toda a extensão do braço do cavaleiro. A espada desacelerou no ar e o choque desestabilizou a pressão nos dedos. A mão se abriu e a lâmina caiu fincada no chão de terra batida.

“Daniel gritava agarrado ao braço de Sebastião, que por pouco não caiu no chão.

“— NÃO! NÃO! NÃÃÃÃÃÃO! — berrava o garoto, apertando os olhos com força, sem encarar o homem que ele sequer sabia que era seu único irmão.

“— *Saia de cima de mim!* — berrava Sebastião, mas era inútil. Daniel estava enroscado no braço dele, e o peso do corpo do garoto venceu o equilíbrio e a força de Sebastião: ele se desequilibrou e caiu sobre um dos joelhos.

“De repente, toda a multidão soltou um suspiro alto e apavorado, quase como um berro derradeiro... e só quando Sebastião ergueu a cabeça, se deu conta de que estava ajoelhado diante de Diana.

“Sua mente e seu corpo se encheram de fúria. Fechou a mão livre e desferiu um soco forte sobre o rosto de Daniel. Sua mão estava envolvida por uma luva de ferro e o sangue espirrou do nariz do pobre rapaz no mesmo instante que aqueles vários quilos de aço se chocaram com seu rosto. Ele soltou um grito infantil e choroso, mas não covarde, e se jogou no chão, a mão cobrindo o nariz ferido. Ainda assim, encarava o cavaleiro atentamente.

“Diana permanecia imóvel e ativa. Não havia mais medo em seu peito, porque ela havia acabado de descobrir que, tendo medo ou não, certas coisas não poderiam ser evitadas, então ela deveria encarar tudo com coragem e confiança. Foi com olhos cheios de coragem e confiança que ela fitou o fundo dos olhos do guerreiro católico que a olhava com fúria. Como se tentasse dizer a ele ‘Não tenho medo de você, então por que deverias ter medo de mim?’. Mas tudo o que Sebastião via era afronta e maleficência.

“— Já debochastes demais, *bruxa!* *Eu juro que vou matar você! Por esta vila! Por toda desgraça que vocês já trouxeram! Por toda desgraça que vão trazer se continuarem vivas!* — e apontando para o irmão: — *Por Daniel!*

“‘Então é assim que ele se chama...’, pensou ela, enquanto via a mão de Sebastião se aproximando lentamente do seu rosto, fechada e pesada, ‘... Daniel? Daniel?’.

“Antes mesmo que Sebastião tocasse o rosto de Diana com uma mão pesando quase trinta quilos, Daniel já estava de pé do lado dele. Com os olhos quase fechados. E a espada na mão. Apontada para o irmão.

“De nada adiantou o grito de Diana, diante do resultado certo do que estava diante dela. Não adiantou os berros desesperados das senhoras que acompanhavam aquela cena com um misto de horror e curiosidade mórbida, nem o latido dos cachorros, que pareciam de fato sentir o que se passava. Não adiantou o grito agudo do padre Dorian, quando proferiu desesperado a frase ‘Não Daniel! É seu irmão!’. De nada serviu o furor da multidão, que correu em massa na direção dos três ali no meio da rua.

“Não adiantou de nada, pois a lâmina que se projetava das mãos de Daniel trespassou a junção da armadura no abdome de Sebastião e fincou-se com força dentro de sua barriga.”

— Meu Deus! — berrou Samuel, soltando as mãos dos joelhos e pisando no chão com força, quase a ponto de se levantar. — *Ele matou o próprio irmão?*

Dona Mônica, após recuperar-se do breve susto, olhou com pesar para Samuel. Seus olhos quase diziam que aquela história era *real*.

— Sim... mesmo sem querer, mesmo por pura inocência, Daniel matou o próprio irmão. Mas não naquela hora. O sangue de Sebastião banhou a própria lâmina, lâmina aquela da qual se orgulhara dezenas de vezes por ter tirado a vida de hereges e pagãos. O sangue quente escorreu por todo o comprimento do aço frio e tocou os dedos de Daniel... e só então ele se deu conta... e a soltou.

“Quando isso aconteceu, dezenas de pessoas já o cercavam desesperadas, com as mãos sobre as têmporas, como se não fossem capazes de compreender que aquilo havia acabado de acontecer.

“O resultado óbvio do pensamento de todos, entretanto, era um só: a culpa era de Diana. Por isso todos se viraram enfurecidos para ela, com os punhos cerrados e os olhos se enchendo de raiva.

“Só que ela havia *desaparecido*. Assim como entrou, ela *saiu* da vila.”

Dona Mônica ergueu a palma da mão para Samuel, um “cale-se”, antes mesmo que ele se empertigasse para protestar.

“Sebastião não morreu na hora... não. E isso foi o pior, o mais triste. Ele queimou de febre durante dias. Mesmo com o corte costurado, sua barriga sangrava e o furo logo se abria, como se *algo* o descosturasse de dentro para fora. Vertia pus de sua chaga. Ele delirava alucinado, com os olhos arregalados e a mão para o alto, como se quisesse alcançar algo... e então balbuciava e pronunciava nomes desconhecidos... nomes estrangeiros. Nomes que muitos acreditavam ser de pessoas que ele conheceu durante sua “cruzada”. Mas a maioria sabia com certeza que aqueles nomes, aqueles nomes estrangeiros quase impronunciáveis, eram os nomes de pessoas que certamente Sebastião tinha matado em sua missão em nome de Deus... e agora as almas amaldiçoadas dessas pessoas atormentavam seus sonhos, permeando sua cabeça de delírios e

devaneios numa vingança maligna e injusta. E depois de treze dias e treze noites de sofrimento e delírios, a morte veio para Sebastião, pesada e lúgubre, lenta... como se saboreasse cada segundo da separação daquela alma, daquele corpo...

“Durante aqueles treze dias, Daniel ficou preso dentro da igreja. Mas não amarrado como antes. Estava livre para sair, inclusive, mas não quis. Tinha medo do que as pessoas poderiam fazer com ele.

“E quando Sebastião morreu de certa forma ele sentiu, como um aperto forte no peito. Não compreendeu por que sentiu aquilo por um estranho, aquele arrepio e aquele aperto. Só depois que teve certeza de que o ‘estranho’ havia morrido, foi que chorou.

“E Diana, que naquele dia voltou para casa sem nenhum mantimento comprado, teve que se explicar para sua mãe... e durante os mesmos treze dias em que Sebastião sofreu em devaneios e dores profundas, ela ficou enclausurada, de castigo, enquanto sua mãe rezava e se lamentava aos deuses sibilando bem baixinho... como se chorasse.

“Durante aqueles treze dias em que o Cavaleiro Sagrado da Grã-Ordem Católica de São Pedro delirou e definhou em sangramentos e escandescência, o povo do vilarejo pensou e orou, entre lágrimas e lamentos... mas à medida que os dias passavam, os pedidos de clemência e piedade viraram prantos de fúria e fé cega. O choro virou ódio.

“Desde que se tornara cavaleiro, Sebastião fora o orgulho daquela vila, e agora ele estava morto. E tudo por culpa da cria *satânica* daquela mulher que morava no alto da colina. E enquanto os dias passavam, as pessoas se perguntavam por que toleraram aquilo por tanto tempo. Por que aceitaram doenças periódicas, mortes de rebanhos e a deformação de uma criança. Por que admitiam que uma coisa que sempre lhes tirava o que havia de melhor, até mesmo seu alimento, permanecesse *viva*.

“Não foi preciso consultar o Padre Dorian e muito menos o prefeito, Brandon, para que todas as pessoas daquela vila, lentamente, chegassem a uma conclusão. Não confessaram seus pensamentos homicidas nem comentaram uns com os outros suas ideias vingativas. Depois do enterro silencioso e mórbido do Lorde e Cavaleiro Sebastião, todos, ou *quase* todos da vila, haviam chegado a uma silente conclusão.

“Diana e sua mãe deveriam morrer.

“No alto da colina, Diana ainda tentava compreender por que as coisas caminharam para aquela situação mórbida quando finalmente sua mãe permitiu que ela saísse de seu quarto. Ela sentou-se em uma tosca cadeira perto da lareira, pois fazia um frio terrível naquele dia em que o corpo de Sebastião foi enterrado sob a grama ressecada dos fundos da igreja. Sua mãe não a encarou até que ela

notasse os arranjos na sala.

“Estava acostumada com aquilo, todos os meses, mas ainda a incomodava os primeiros minutos, quando o corte ainda estava aberto e ardendo, pingando sangue... ela pensava nisso, enquanto encarava o pequeno pires de metal escurecido, o osso de carneiro amarelado e a pena de abutre dos lados direito e esquerdo respectivamente do pires, e o punhal curvo de lâmina brilhante que estava fincado no chão de madeira, quando sua mãe tomou sua mão suavemente.

“— Está chegando o dia, querida... — disse.

“— De novo... — sussurrou Diana, incomodada, pensando na lâmina roçando secamente seu punho e o filete de sangue que ela deixava que caísse sobre o pires, uma vez por mês.

“— É importante, querida — disse sua mãe, os olhos brilhando e flamejando como nunca.

“— Eu não gosto. Não suporto. — Ela estendeu os punhos para a mãe, as bandagens novas e limpas que depois estariam marrons de sangue seco. — Dói... por vários dias... eu não gosto...

“A bruxa olhou para a filha com o máximo de piedade que poderia sentir numa situação como aquela, e decidiu, de uma vez por todas, que sua filha deveria saber por que seu sangue era tirado toda lua nova de todo mês enquanto o sol se escondia do outro lado da Terra. Se contasse a ela, com certeza ela entenderia, pois sabia que no coração da filha crescia um amor puro e poderoso, e que provavelmente a faria suportar qualquer tipo de dor.

“— Querida, eu vou lhe contar uma história agora, e você precisa ouvi-la. Mas também precisa prometer que nunca a contará a ninguém — Diana a encarou confusa, e sua mãe tomou-lhe as duas mãos e as pôs em seu colo. — Depois que terminar de ouvi-la, vai entender por que tens que oferecer seu sangue pelo menos uma vez por mês... e entenderá por que suporto fazer isso com minha própria filha. Quando souber, será capaz de fazer isso em si própria, pois a responsabilidade sobre nossos ombros é tão grande, *tão grande*, que qualquer deslize pode causar uma desgraça sem tamanho.

“E então, a bruxa contou toda a história a Diana, que ouviu quase sem piscar e sem interromper um único instante. E quando sua mãe terminou, Diana suspirou lentamente e percebeu que a dor do corte não era tão terrível assim. E apenas um nome veio em sua cabeça. Um nome que ela gostaria de ter ouvido em um momento menos doloroso: Daniel.

“Na vila, entretanto, os dias foram passando, e o ódio crescia no coração das pessoas quando eles viam a fumaça saindo da chaminé da bruxa e isso mostrava que ela estava viva. A paciência de...”

— Mas peraí! — gritou Samuel, e dessa vez eu soltei um gemido de raiva. Ele interrompeu a história de novo. — O que que a mãe da Diana contou pra ela?

— Você já vai saber Samuel... na hora certa! — disse dona Mônica, demonstrando seu primeiro momento de impaciência, e eu não podia acreditar que ela tivesse se controlado durante tanto tempo. Samuel soltou um muxoxo e cruzou os braços, afundando no sofá.

“A *paciência* de todas aquelas pessoas diminuía a cada dia: ver aquela fumaça subindo pelos céus significava que aquela mulher vivia uma vida provavelmente mais confortável do que a deles. Mas ela não tinha esse direito. Não era digna. Era uma pagã, concubina de Satanás e assassina.

“Foi assim que os moradores formularam silenciosamente um plano. Não precisaram trocar palavras. Apenas seus olhares dirigidos uns aos outros e depois ao alto da colina já diziam tudo. Aos poucos o estoque de lenha aumentava no fundo da casa de uma das velhas beatas. Homens passavam as tardes afiando com facas as pontas de diversos galhos e varões, concentrados e silenciosos, enquanto jovens traziam palha seca empilhada no lombo de burros desnutridos. Velhas foices e facas eram tiradas de seus apoios ou depósitos. Crucifixos eram beijados constantemente. Faltavam bancos na igrejinha para todos os moradores.

“A vingança cega, e por isso *divina*, queimava no coração deles.

“Certa noite chegou, a noite esperada por Diana e sua mãe com nervosismo e um pouco de medo, logo a noite mais importante e decisiva desta história, e elas aguardavam que o sol se escondesse definitivamente detrás das colinas, um sol redondo e alaranjado que naquele dia parecia não querer partir, quando ao longe, entre os galhos retorcidos e negros da floresta que rodeava a casa no alto da colina, Diana viu Daniel e seu coração deu um salto.

“Ele a observava quieto entre os galhos escuros e disformes. Diana se segurou para não correr até ele naquele instante. Seu coração tinha dado um pulo dentro do seu peito e ela sentia-se como que em total formigamento do corpo. Fechou os punhos, controlando a ansiedade que a possuía, enquanto aguardava que sua mãe entrasse em casa, o que pareceu levar séculos. Durante esse tempo Daniel permaneceu onde estava, imóvel.

“A cabeça de Diana dava voltas sem que ela saísse do lugar. Sentia-se tonta e trêmula ante a visão do garoto deformado, o qual ela julgava como a alma mais pura e bela dentre todas que ela havia conhecido. E quando finalmente sua mãe se virou, ignorando o olhar fixo da filha para o interior da floresta, Diana caminhou o mais rápido que pode na direção do garoto.

“Cada passo seu parecia distanciá-lo ainda mais, mesmo que isso não estivesse acontecendo. Suas pernas pareciam fracas. Não queria confiar nelas.

Seu coração batia tão forte que ela podia ouvi-lo detrás das orelhas. Então os olhos claros e o sorriso débil do garoto se tornaram visíveis. Mais dez passos e ela o viu pensando em se mover, mas ele *não* se moveu, apenas se *contraiu*, e rapidamente sua expressão atravessou um momentâneo instante de tensão, para depois tornar ao sorriso de outrora.

“Quando ela já podia ver o branco de seus dentes e o movimento acelerado de seu pomo de adão, fato que seria mais bem interpretado por alguém experiente, ela acenou e gritou para ele, ‘Daniel!’.

“Na mesma hora Daniel desapareceu para dentro dos galhos tortos.

“‘Ele foi *puxado!*’, a mente esperta de Diana alertou, mas seus sentimentos disseram ‘Vá até ele!’, e ela foi, se embrenhando no meio das árvores cinzentas e secas, e em poucos instantes, da mesma forma que a luz do sol se despediu, Diana foi sugada para dentro da floresta.

“Ela não podia medir o quanto aquela floresta estava escura e fria. Quando atravessou o limiar entre as árvores e o campo, foi como ter adentrado em uma caverna negra e seca, com paredes apertadas que cheiravam a musgo e insetos. Galhos ressequidos atingiam seus braços e pontiagudos espinhos roçavam seu rosto sem feri-lo. O som dos passos sobre os gravetos mortos e despencados lembrava o barulho de ossos sendo triturados. Suas mãos afastavam instintivamente a mata fechada e descorada que lhe bloqueava o caminho. Seus olhos percorriam toda a imensidão da floresta que se fechava em volta dela como um abraço mórbido, mas em nenhum ponto daquela vastidão tão igual e desoladora ela via Daniel.

“Foi quando se sentiu pela primeira vez sendo *observada*. Era como ter os olhos de outra pessoa movendo-se em sua nuca.

“No mesmo instante ela soube que aquilo não era *humano*. Estava completamente alheia aos doze homens que a cercavam numa distância segura e razoável para eles, distância que eles temiam cruzar sem saber se a “bruxa” poderia reagir; mesmo assim, *aquela presença* era mais poderosa, mais ameaçadora e incrivelmente mais maligna, tanto que encobriu por completo qualquer coisa viva que estivesse ao redor dela. Sentiu seu peito apertar, e um gosto amargo desceu-lhe pela garganta e chocou-se contra o estomago vazio. A presença tinha cheiro e ele era podre.

“Nenhum daqueles homens sentiu o mesmo que Diana, porque não tinham sido criados para sentir coisas como aquela. Mas a menina percebeu, e sentiu o perigo que aquilo significava.

“‘É ele!’, pensou de imediato, lembrando-se da história que a mãe lhe contara e do planejado culto que deveria ocorrer dali algumas horas. Foi então que se deu conta de que colocara tudo a perder. Caíra na armadilha do *inimigo*.

“Nenhum daqueles homens soube que poderia usar aquilo, aquela *presença*, a favor da investida que fariam, pois desconheciam a coisa que os rodeava, faminta e sedenta de sangue e carniça, mas eram homens que sabiam aproveitar uma deixa. Quando Diana pareceu cambalear, colocando a mão sobre a testa e sentindo toda a maleficência da criatura negra e abissal que a perseguia, os doze homens se aproximaram. O que segurava Daniel tapando sua boca soltou o pobre garoto. Instintivamente ele correu na direção de Diana, as frases se formando na cabeça, subindo pelo esôfago, travando na garganta, enrolando-se na língua, e tudo o que ele queria dizer era ‘Vá embora! Fuja! Eles estão me usando pra te atrair! Fuja!’. Mas a boca lhe traiu, e o máximo que sua garganta produziu foi um berro assustado e decrépito.

“Diana virou na direção do som, a primeira coisa humana que ela ouvira depois de adentrar aquela mata negra e assustadora, e então viu Daniel, correndo para ela assustado. Ela tentou ignorar o zumbido terrível que a coisa lhe causava entre os ouvidos e a sensação desalentadora que a presença trazia e correr até Daniel, mas a única coisa que conseguiu fazer foi virar o rosto para ele e ver seus olhos se arregalando alarmados. Então algo rijo acertou-lhe ambas as pernas na altura das canelas e se enroscou ali, e ela caiu. Seu rosto se chocou contra os galhos secos e seu lábio imediatamente inchou sob o impacto. Ela sentiu o amargo do sangue na língua e escutou os passos que se aproximavam. No segundo seguinte sua cabeça adentrou na imensidão escura de um saco de pano preto, e cinco segundos depois sua mente mergulhou na imensidão de um desmaio. Ela não sentiu o golpe que a atingiu na têmpora esquerda, mas por um breve instante pôde se sentir grata por a desligarem do mundo.

“Aquilo fez a presença maligna partir.”

Dona Mônica fez uma longa pausa dessa vez, e o vento do lado de fora se agitou, fazendo as árvores dançarem e as folhas secas se desprenderem com facilidade. As nuvens encobriam parte do sol, e sombras repartidas caíam sobre a casa, mantendo-a escura e ignorada.

A velha puxou o ar com força quando voltou a falar, e sua voz parecia desesperada e nada contida. Não precisou dizer que o final da história se aproximava. Percebíamos isso.

“A mãe de Diana notou sua ausência quase que imediatamente após entrar em casa e perceber que a filha não a seguia. Seu desespero foi imenso ao sair no campo enegrecido pelo crepúsculo e ver que a menina havia simplesmente desaparecido. Seu corpo inteiro formigou de terror e apreensão, por tantos motivos diferentes que ela chegou a se considerar fria ao constatar que não foi *apenas* pelo sumiço repentino de Diana. Ela percorreu com os olhos cada ponto do campo que rodeava sua casa, enquanto a luz do sol desaparecia por

completo por detrás dos distantes prados no horizonte. Girou e rodopiou aflita, os vultos escuros das árvores e das cinzentas nuvens acompanhando seus olhos abertos e perplexos. Nenhum vento cantava em suas orelhas; havia apenas o som de seus pés esmagando a grama. Nada mais. Gritou pela filha incontáveis vezes. Permitia-se segurar as lágrimas porque sabia que aquilo poderia dar poder à coisa... que surgiria aquela noite.

“Foi a presença maligna e eminente da coisa que a fez entrar em casa e trancar a porta. Passou uma larga madeira de canto a canto e depois arrastou um grande tronco, que encostou no pé da porta. Em seguida, e dessa vez com olhos concentrados, fez uma sequência de gestos na peça de madeira que protegia a entrada de sua casa. Afastou a mão quando os movimentos contínuos desenharam uma espécie de símbolo em brasa na porta.

“Estaria segura ‘enquanto queimasse’, assim lhe foi ensinado. Então se sentou e decidiu esperar. Se chegasse ao fim e Diana não retornasse, aí sim sairia. Procuraria pela filha em cada canto da floresta ominosa, mesmo que isso a levasse à morte, coisa que de fato aconteceria se ela não encontrasse a menina. O ritual sempre dependeu do sangue virgem, e desde que Diana nasceu ela era essencial para que tudo desse certo.

“Passou a considerar a hipótese de não sobreviver àquela noite, pois sabia que, invariavelmente, seria a primeira a ser visitada pela coisa.

“Diana despertou depois do que pareceu uma grata eternidade. Só então sua cabeça começou a latejar e ela sentiu a umidade quente e grudada do sangue em sua cabeça. Mesmo acordada, porém, ela continuava presa no escuro, ouvindo a própria respiração ecoando em sua cabeça. Seus braços doíam e não se mexiam. Suas pernas latejavam. A boca ainda amargava.

“Alguém puxou o saco de pano que cobria sua cabeça, e então centenas de luzes de tochas e velas tocaram seus olhos e eles formigaram e se fecharam. Ainda atordoada, percebia aos poucos o mundo que se revelava ao seu redor.

“Estava sentada no chão, com as pernas afastadas, e aquilo a incomodou profundamente, pois ela estava com um vestido fino e não sabia se ele cobria suas partes ou não. Moveu as pernas, fechando-as, e a dor retorceu suas canelas. Marcas vermelhas e profundas de cordas estavam estampadas em seu tornozelo. Vozes rondavam por seus ouvidos e sua cabeça, vozes confusas e indecifráveis. Percebeu que seus braços estavam amarrados em suas costas, passando por um tronco grosso e repleto de cascas apodrecidas. Seu pescoço beliscava, pois ficou um bom tempo desacordada e com a cabeça caída para frente. Estava muito quente dentro daquele lugar... era um celeiro, ela pôde ver. Havia palha seca em um dos cantos e animais encolhidos e amedrontados pelas chamas no lado direito. No esquerdo e em sua frente, dezenas de pessoas: jovens, idosos,

crianças, adultos sorumbáticos, mulheres assustadas e raivosas, homens levemente perturbados.

“Do outro lado, atrás de todas as pessoas, ela viu a entrada do celeiro, aberta, parecendo distante como sua casa. E depois da entrada, galhos, palha e madeira acumulada e empilhada ao redor de outro tronco, este maior e mais grosso.

“Uma fogueira.

“Imediatamente tudo veio à sua mente: estava na vila, estava cercada pelas pessoas que a odiavam, estava amarrada, estava ferida, imóvel, indefesa, estava à mercê, longe de casa, longe da mãe, longe da floresta... longe do *ritual*...

“‘Cometeram um erro... um erro enorme...’, ela pensou, mas uma voz cortou seu raciocínio. Era uma voz grave, mas ao mesmo tempo serena. Todos se calaram ante aquela voz.

“Padre Dória... ou Dorian, não me lembro, tentava manter a calma e esconder o medo que sentia daquela garota ali diante dele. Tentava esconder dela e *das outras pessoas*, pois sabia que qualquer sinal de hesitação desencadearia uma onda de pavor. O fato de saber o que aquelas criaturas eram capazes de fazer, desde se transformarem em animais até convocar tempestades pra apagar as fogueiras em que deveriam morrer, fazia-o tremer dos pés à cabeça. Mas não podia demonstrar: se um *homem de Deus* temia o poder do demônio, todos os outros, meros cristãos e pecadores, entrariam em colapso. E seria perigosíssimo, não só para si, como para a vila, e até mesmo para a Igreja. Por isso, enquanto falava e encarava aquela criatura ímpia, fruto maligno da indecência, do pecado e da perversão, ele pensava em Cristo pregado na cruz e no seu sofrimento, e forçava-se a acreditar no poder daquele homem. Porque se ele não tivesse em quem se segurar, sairia dali gritando.

“— Então... finalmente temos você aqui conosco... Diana — disse, tentando não entregar o nervosismo. — Depois de *tanto tempo*, finalmente te temos aqui. Finalmente...

“A cabeça da menina ainda rodopiava e pulsava. O sangue secou sobre um dos olhos e quase não a deixava abri-lo. Ela olhou para o padre de baixo para cima, sem notar nada de estranho na voz dele. Apenas imponência.

“— Você pode não compreender sua situação... sua *condição*, uma vez que aparenta... eu disse *aparenta*, ser apenas uma criança; sua mãe, provavelmente, deve conduzi-la da forma que bem entende, para obter as coisas que deseja. Isso parece óbvio, inclusive.

“Diana tentou falar, mas um estrondo de dor ecoou dentro de seu cérebro. Ela apenas gemeu dolorida. Ante isso, as mulheres olharam nervosas para os

homens, que pareciam inquietos. Seus olhos tentavam se desviar da curva do vestido pendurado sobre o ventre da garota.

“— Mas deve entender que eu não posso simplesmente ignorá-la, ignorar sua presença e sua maleficência, simplesmente porque é uma menina. Não, não posso. Você é uma bruxa, e deve ser tratada com tal. — Nisso, ela gemeu de novo, e murmurou.

“— Por favor... eu preciso... eu preciso sair daqui... — Parou. Sua cabeça martelava.

“Ao ouvir aquilo, as vozes se alteraram, mulheres e idosas protestaram, xingaram ela. Homens debocharam baixo. Crianças encolhidas no canto do celeiro olhavam aturdidos para a menina que parecia apenas um pouco mais velha que elas.

“— Não finja que não entende! Não permitiremos que saia daqui deste celeiro, não permitiremos em nome de Deus que saia desta vila, pois não podemos aceitar mais sua influência abjeta e indigna! — Com isso, as pessoas vibraram e concordaram em estado de fúria.

“— Vocês... não podem me deixar aqui amarrada... — disse, ofegante e nauseada. Uma mão acertou-a com força moderada no rosto. A parte de dentro da bochecha inchou. Não olhou para o lado de onde o tapa veio. Achou que pioraria as coisas. Outra mão puxou-lhe o cabelo rapidamente, mas com raiva.

“— Basta! — disse Dorian, temeroso. O fato de vê-la amarrada não diminuía seu medo. — Deus cuidará de você, jovem criatura maligna, maléfica e vil, mas não aqui neste mundo, nesta sua vida ignóbil... e sim na outra vida, aquela que vem depois da morte.

“— Por Deus, o que eu *fiz* pra vocês? — berrou, atordoada, e por alguns instantes todos se calaram. Depois, uma onda violenta de xingamentos e maldições a atingiu.

“— Como ousa referir-se Àquele que negou durante toda a sua existência? Como ousa buscá-lo de forma tão ímpia? E como pode ser capaz de fingir inocência desta forma? — desta vez foi o ‘prefeito’ quem berrou, levantando junto dele a raiva das pessoas, que agora agitavam as tochas e punhos no ar.

“— Basta! — disse o padre, e agora ele não conseguia conter o nervosismo na voz. — Ninguém aplicará justiça alguma aqui, apenas Ele!

“— Vocês não entendem... — sussurrou a garota. Sua cabeça parecia enorme, inchada, e ondas excruciantes de dor atingiam seu cérebro de têtora a têtora. Sua voz não sobressaiu às outras ali.

“Segundos depois, o celeiro inteiro emanava um som descontrolado e desconexo: o som de dezenas de vozes que digladiavam entre si para ver qual

tinha um volume maior e uma carga maior de fé e fúria. Punhos eram erguidos, sinais da cruz eram feitos em sequência, tochas balançavam, lançando faíscas pelo ar. O barulho era insuportável.

“Mas a vila inteira não se encontrava ali dentro daquele celeiro, não mesmo. Parte dos cavaleiros que permaneceram por dias na Vila velando o corpo de Sebastião seguiam agora na direção da casa da bruxa. Tochas enormes queimavam nas mãos de cada homem. Espadas eram erguidas para o céu. Olhares apertados e enfurecidos miravam a casa no alto da colina, e a mulher que vivia ali cumpriria, finalmente, sua pena há anos postergada.

“E havia um casal de idosos que estava cansado demais e velho demais para querer sair de casa numa noite fria como aquela. Eram tão velhos que se sentiam como se eles próprios tivessem erguido aquela vila, tijolo por tijolo, tora por tora... mas lógico, havia certo exagero nessa sensação. Mas Petruquio e Malena realmente tinham ajudado aquela vila a se erguer. Os verdadeiros construtores já tinham partido há muitos anos, e eles eram os únicos ‘pioneiros’ que permaneciam vivos.

“E por Deus, lembravam-se bem de *tudo*... tudo mesmo, desde quando aquelas casas começaram a ser erguidas, assim como a modesta praça central e a igreja, essa eles ajudaram realmente a construir... lembravam-se de que ao menos três padres haviam passado por ali antes de Dorian, ou Dória... e que durante anos uma misteriosa aura negra rodeava aquelas terras, impedindo que as árvores florescessem e gerassem fruto, e que os legumes crescessem, e que as vacas e as cabras engordassem... eles se lembravam que Deus *não era bem vindo* naquelas terras... e que precisaram recorrer à algo *diferente*... algo que não dizia respeito a Deus, e sim apenas aos homens da terra... ao nômades... aos ciganos...

“Lembravam-se que nessa época, *Ela* havia chegado. Tinha quase a mesma aparência de agora, apenas um sorriso mais jovial e sedutor a diferenciava da mulher de hoje... mas se não fosse por “Ela”, aquela vila não teria durado dois anos. Se não fosse por “Ela”, estariam todos mortos.

“A primeira coisa que atçou os envelhecidos tímpanos de Petruquio foi o barulho incessante de vozes. Depois, incomodando suas narinas, veio o cheiro agudo de fumaça, e então ele percebeu que algo *fora do comum* estava acontecendo.

“Daniel tentava desesperadamente se soltar das cordas que o prendiam em um grosso caule de salgueiro. As cordas davam voltas em suas pernas, sobre a barriga, dificultando sua respiração, e em volta do pescoço, lhe dando uma sensação terrível de submissão. Estava furioso: acompanhou toda a ação dos homens da vila, quando amarraram Diana pelas pernas e cobriram sua cabeça

com um saco preto. Pra completar, acertaram sua cabeça com uma tocha apagada. O golpe doeu *nele*. Sentiu tanta raiva, tanto ódio, que jurou que se estivesse desamarrado teria matado todos aqueles desgraçados! Já tinha passado mais de uma hora que ele estava ali amarrado, no mesmo lugar que os homens o deixaram depois que levaram Diana. Ainda debocharam dele. ‘Vamos dar um jeito na sua amiga, depois a gente vem aqui te soltar. Se sentirmos sua falta, é claro’. Na hora ficou chorando, apavorado, mas naquele momento seu coração saltava de fúria incontrolável. Precisava se soltar. Diana corria perigo, isso ele sabia, e como sabia. Além disso, *alguma coisa* naquela floresta o enchia de medo...

“Ele sentia como se algo o *rondasse*. Não era uma sensação boa.

“Fez pressão contra as cordas, estufando a barriga e o peito com força, rosnando e gemendo de raiva e desespero. A corda rangia contra o pescoço, deixando-o vermelho e esfolado. Gotas de suor desciam de sua testa e entravam ácidas em seus olhos. Retorcia o rosto numa careta, relaxava, respirava e forçava as cordas outra vez. Enquanto isso, a coisa que o rondava parecia raspar-se nas árvores próximas, produzindo um ruído que o torturava e o deixava sem ar...

“Mas a coisa não *estava lá...* mas *estava!*

“Seu medo o fez ver um grande e avermelhado olho na escuridão, olho esse que brilhava como o sol entre as árvores negras e ressecadas, e então seu corpo se contorceu, o puro instinto de sobrevivência tomando as rédeas de sua consciência; conseguiu forçar seu corpo para cima, empurrando a base da árvore com os pés, e jogou seus braços sobre a corda que prendia seu pescoço. Girou-a e encontrou o nó que a prendia. Começou a soltá-lo, enquanto o olho crescia nas trevas, aumentando, chegando perto...

“O suor fazia suas mãos escorregarem, e o nó na corda parecia não ter começo nem fim. A criatura fazia sons sibilantes na escuridão, como se falasse, sussurrasse nos ouvidos de Daniel, que não conseguia manter os olhos abertos de tanto medo. Suas mãos lutavam contra o nó apertado, contra o tremor, contra a fraqueza que se enroscava em suas pernas e apertava seus intestinos e bexiga. Pensava em Diana, e no que poderia acontecer com ela se não saísse dali... então as duas pontas da corda soltaram-se sobre suas mãos e seu corpo pendeu para frente. A gravidade fez o resto e ele caiu, acertando o chão coberto de folhas secas com o rosto e os joelhos.

“Levantou numa velocidade absurda, os músculos das pernas tremendo, quentes, implorando por um descanso, mas sua cabeça apenas martelava constantemente a urgência de fugir de dentro daquela floresta. Mas para onde? Por onde fugiria? Pra que lado? *Como*, se seus olhos estavam fechados?

“Correu mesmo assim, com os olhos cerrados, esbarrando em galhos,

gritando apavorado, enquanto sentia a coisa persegui-lo sibilante entre as árvores. Abriu os olhos e percebeu que fechados não mudaria nada, pois a noite era negra como o fundo dos olhos do Diabo.

“Os galhos secos fustigavam sua pele, seu rosto; os braços se estendiam diante do corpo na ânsia de evitar o encontro da cara com o grosso galho de uma árvore. Foi quando sentiu o toque frio do vento em seu rosto e a suavidade do ar roçando seu corpo suado. Olhou ao redor e não havia mais árvores. Estava em um pequeno campo, a grama batendo-lhe nas canelas, e do outro lado havia uma casa.

“Ele *sabia* qual casa era aquela.

“Petruquio levantou-se da cama com esforço, o coração dando agudas e perigosas agulhadas de medo. Malena não se moveu, dormia o sono dos anjos, pensou Petruquio, e sentiu-se aliviado por isso. Sabia que não tinha idade para *pensar* naquela história, e muito menos sua velha, que tinha alguns anos a mais que ele. Jogou o lençol sobre a cabeça e ombros, pois percebeu que fazia um estranho frio. Andou até sua janela, desviando da mesinha e das cadeiras na escuridão. Por uma pequena fresta olhou para fora e de uma vez seu coração deu um salto.

“Na cama, ainda dormindo, Malena foi arrebatada rudemente de um sonho tranquilo para um pesadelo fervente de vozes agonizantes e murmúrios de dor. Morreu segundos depois.

“Diana estava atordoada. Sua cabeça ainda latejava. Ela precisava se recuperar, e se *concentrar*, se quisesse sair dali com vida. Mas a cada minuto uma mão diferente acertava-lhe a cabeça, por mera covardia ou por puro ódio, e isso diferenciava a intensidade dos golpes. Também precisava trocar de posição, pensou, pois com os braços amarrados para trás não tinha certeza se poderia *mudar* sem consequências dolorosas.

“Daniel seguiu na direção da minúscula e sombria casa, onde apenas a fina fumaça da chaminé indicava que alguém *poderia* estar lá. Sentiu cada minúsculo pelo de suas pernas como pequeninos estrepes brotando para fora de seu corpo. O ar frio resvalava em seus braços. Ele próprio se enlaçava, temeroso. A meio caminho da casa, um vento forte acertou-o nas costas, lançando-o para frente. Fincou seus pés no chão com força. Olhou para a casa, que ainda parecia distante, e viu a porta se escancarando pela força do vento. Em seguida ouviu um grito, um berro como ele nunca acreditou que pudesse existir, um urro que reunia sentimentos terríveis de dor e medo. Imediatamente esqueceu o pavor e correu na direção da casa da bruxa.

“Petruquio abriu a porta de sua casa com as mãos tremendo e caminhou o mais rápido que pôde até o celeiro onde praticamente toda vila se reunia naquela

noite. Viu o amontoado de galhos e palha do lado de fora, próximos à igreja, e também viu a quantidade de tochas empunhadas e as sombras que elas lançavam na escuridão daquela noite. Seu peito se remexia em estocadas que lhe tiravam o ar. Passou pelas primeiras pessoas que se reuniam na frente do portão do celeiro, e as ultrapassou sem muita dificuldade, mas à medida que seguia adiante o número de pessoas suadas, empunhando tochas e berrando aumentava, e passar por elas exigia um esforço que seu corpo e principalmente seu coração queriam cobrar o preço. Algumas pessoas simplesmente não lhe abriam caminho. Pareciam concentradas, absortas em pensamento indecifráveis, encarando o fundo do celeiro como se nada mais importasse.

“Diana conseguiu uma pausa para se concentrar quando o padre ordenou que os homens mais corajosos da vila a levassem para fora. Olhando para o padre, ela tinha certeza que *ele* não era um desses homens, e que havia poucos com essa característica ali reunidos, pois quando esperou que voluntários se antecipassem, o que o padre percebeu foi que ninguém queria se aproximar *de verdade* dela. Tocá-la. Tocá-la por mais tempo do que o quanto durava um tapa. Trocavam olhares nervosos, como se quisessem se isentar de qualquer responsabilidade. *Aquele* era o tempo que ela precisava.

“‘Preciso me soltar’, pensou, o corpo inteiro úmido de suor. Esfregou as mãos discretamente nas cordas que amarravam seus punhos. Havia um nó, mas o aperto era fraco. Uma afrouxada e a mão molhada de suor faria o resto: escorregaria as mãos para fora, se posicionaria e...

“‘Bem, e provavelmente vou matar metade da cidade de pavor... mas não posso ficar aqui... minha mãe corre peri...’.

“Seu pensamento foi interrompido por um grito que carregava uma dose incrível de esforço. Todos se viraram na direção daquela voz velha e cansada. Durante alguns segundos Diana procurou o dono da voz, mas como não o viu decidiu que aquele era o *momento*.

“Era Petruquio que gritava, e sua voz, apesar de fraca, foi eficaz. Todos se viraram em sua direção, espantados com o esforço daquele senhor. O padre olhou diretamente para o prefeito, preocupado. Aquilo não era normal.

“— Mas o que vocês estão fazendo? — berrou o velho, a voz fraca, porém veemente. — Me deixem passar... vocês... oh, por Deus, se estiverem fazendo o que penso que estão... — e então tentou forçar-se contra as pessoas que bloqueavam seu caminho. Que escondiam Diana.

“O prefeito fez um leve aceno com a cabeça para alguns homens. Eles acenaram de volta e rapidamente se postaram diante de Petruquio. Com os braços cruzados impediam a passagem do homem.

“— Mas o que... o que pensam que estão fazendo? Me deixem passar!

Por que estão fazendo isso às escondidas? Dorian? Padre Dorian, o que se passa aqui? — Mas sua voz estava cada vez mais baixa. O prefeito foi até onde o velho estava.

“— Petruquio, o que está fazendo a essa hora fora de sua cama? Deixou sua senhora sozinha em casa... — foi dizendo, mas o velho o cortou bruscamente.

“— *Ora, cale-se Brandom!* — gritou, deixando a maioria constrangida. Ninguém falava com o prefeito daquela forma. — Conheci seu pai antes mesmo que ele conhecesse sua mãe e você não tem o direito de me questionar em nada! Agora me responda, *o que vocês estão tramando aqui? E se for o que eu estou pensando, Brandom...*

“— Não importa o que está pensando, velho — sibilou o prefeito. — Volte agora mesmo pra sua casa antes que se arrependa...

“— Brandom... você não faz ideia do que está...

“— Volte antes que eu...

“Daniel irrompeu porta adentro. Um cheiro terrivelmente familiar de carne podre feriu suas narinas, cheiro que habitou seu pesadelo dias antes. Tudo estava escuro e frio, e de tão frio o chão queimava a sola de seus pés e ele arrepiou-se por completo. Não conseguia ver nada diante de si, apenas sombras indistintas que afugentavam a coragem de outrora.

“Então novamente veio o grito, espavorido, pálido, levando Daniel a uma dimensão de horror nunca antes imaginada. Sentiu como se sua alma lhe fosse arrancada do corpo. No instante seguinte, uma mão branca e fina agarrou seu tornozelo. O medo foi tamanho que ele desabou no chão.

“A mão fina e branca tinha um aperto fraco, mas estava tão gelada quanto aquela casa. Ela se ligava a um braço igualmente alvo e sem viço. Esquelético. Daniel não conseguia mais gritar. Havia apenas um aperto forte em sua garganta, como duas mãos pressionando-as por dentro, ou como se estivesse entupida por folhas secas. Deu um gemido fraco e sofrido, e com imenso asco afastou aquela mão de sua perna, ao mesmo tempo em que se levantava freneticamente, os pés escorregando e se apoiando no chão repetidas vezes, raspando secos como ossos; e quando finalmente se livrou do corpo sem vida que o segurava numa tentativa desesperada de alerta, ele correu até a porta fechada que por alguns segundos não cedeu às suas investidas, e quando já sentia o cheiro fétido da coisa que se levantava atrás de si, a respiração chiada vazando por buracos ressecados, ele notou o quanto era burro por forçar a porta no sentido errado. Então puxou-a, desesperado, ao mesmo tempo em que algo ganhava, lamuriava atrás dele, e virando-se enquanto cruzava a porta em direção ao gramado que parecia terrivelmente quente, ele viu por poucos segundos o corpo da bruxa, aquela que

anos atrás o teria amaldiçoado a ser eternamente lerdo e torto, descarnando, desfazendo-se, arrepiando-se como lascas de madeira estalando ao fogo, e quando os pés de Daniel tocaram a grama fresca ela caiu seca atrás dele, lançando pedaços de carne, pele, sangue e qualquer outra coisa pútrida que vivesse naquele corpo mortício.

“Ele caiu deitado na grama, sentindo-se quase abraçado por ela, mas suas veias ainda estavam repletas de pavor, pulsando em sua cabeça. Ignorando a sujeira que o corpo da bruxa deixou nele, Daniel levantou-se aturdido e olhou na direção da casa. Suas pernas tremiam, tirando sua força. Não queria correr. Não conseguia.

“Foi quando o som terrível e indescritível de algo *saindo* – como se rasgando algum ponto daquela crível realidade – fez-se ouvir, preenchendo toda a imensidão da noite. Todo e qualquer vento parou de soprar antes de um último suspiro. Algo rugiu na escuridão, e então Daniel correu. Passou pelas árvores espalhadas pela descida da colina e pelos cavaleiros que subiam, a passos urgentes, na direção da casa maldita. Só notaram o garoto muito em cima. Ele passou como uma flecha por eles, o rosto contraído e as pernas se movendo depressa. Não o pararam, e nem pensaram nisso. Seguiram na direção da casa onde colocariam fogo aquela noite, alheios ao rugido que também seguia de encontro a eles. Quando passou, foi como um trovão gigantesco ribombando em suas cabeças. Pararam onde estavam, o receio brotando da garganta, empurrando para fora da boca orações que os protegeriam da morte apenas no mais ridículo dos sonhos.

“No segundo seguinte seus corpos foram reduzidos a reles pedaços de carne dentro de suas grossas armaduras.

“O rugido chegou até a vila. Apenas Diana tinha ouvido o som de quando o monstro se libertou, como se rasgasse um tecido resistente, e naquele momento já aceitou o destino de sua mãe. Mas o rugido... aquilo foi indescritível e sem precedentes. Toda a vila calou-se. Todas as tochas se apagaram. A voz sibilante do prefeito ainda protestou um ‘mas que diabos é isso?’, e então o silêncio dominou toda a vila.

“Após breves segundos de silêncio, o burburinho de vozes retornou, ao mesmo tempo em que o vento lentamente se agitava. *Ele* estava a caminho.

“— Aaaaaaahhhhhh! Me tirem daqui *agora!* AGORA! — berrou Diana, o grito sobressaltando a todos. — Vocês cometeram um erro terrível, e se não me tirarem daqui *agora* vai ser o fim de todos vocês!

“Todos se entreolhavam, desconcertados e apavorados, talvez percebendo tarde demais que de fato haviam cometido um erro. O último.

“— O QUE ESTÃO ESPERANDO? ME TIREM DAQUI! AGORA! —

continuava Diana, aos berros, mas todos pareciam travados ante aqueles gritos e ante o silvo forte do vento que os impediam de reascender as tochas. No escuro, sentiam-se pressionados por um medo incomum.

“— Oh, pelo amor de *Deus*, como ainda insistem em me deixar aqui?

“— Como ousa! — berrou o prefeito, avançando na direção da garota. Bocas se escancararam e olhos se esbugalharam quando viram a mão do prefeito erguendo-se no ar, mirando o rosto da jovem que naquele momento, para a maioria, já não parecia representar nada diante daquele rugido de segundos antes.

“A mão, entretanto, não se mexeu. Brandom olhava nos fundos dos olhos da garota, olhos que pareciam fortes e pesados demais pra se encarar.

“Ele pareceu pensar... durante alguns segundos, respirando exausto, como se aquele gesto, *tocar* na garota, fosse extremamente perigoso para ele. Então abaixou a mão.

“— Levem-na! Terminem o que começaram! — gritou para o povo. — Queimem-na *agora*!

“O burburinho retornou. Diana começou a berrar desesperada. Homens seguravam Petruquio pelos braços. Tochas começaram a ser acesas novamente, com a ajuda de óleo. A chama do ódio pouco a pouco parecia retornar.

“— Vai ser a última coisa que vão fazer! Tem algo maligno a caminho! E vai matar *todos*! — gritou a garota, enquanto cinco homens erguiam a madeira em que ela estava amarrada. — Vocês vão todos morrer! *Todos! E vai ser tão rápido que mal vão perceber o momento em que a alma de vocês será arrancada!*

“— Cale-se bruxa! — berrou o prefeito de volta — Suas palavras de confusão não mudarão as mentes cristãs e tementes a Deus de nossa vila! Se há algo maligno aqui, é *você*!

“O prefeito aproximou-se do rosto da garota, que agora se encontrava pendurada na madeira, que cinco homens carregavam horizontalmente. Seus cabelos caíam-lhe sobre a face suada, cobrindo suas feições e deixando apenas dois olhos brilhantes à mostra.

“— Espero que queime no inferno por tudo que você e sua mãe fizeram a essa vila... — começou o prefeito, mas não teve chances de continuar, pois no segundo seguinte os dentes de Diana estavam cravados em seu rosto.

“Mas não era mais Diana. Sua cabeça parecia ter encolhido, seus olhos brilhavam verdes e fendidos, olhos felinos que brilhavam como a lua que naquele dia preferiu se esconder. A boca se projetava para frente, alongada, onde dentes pontiagudos se destacavam, enfiados na pele fina do nariz e da bochecha de Brandom. Ele gritou, o som abafado pela boca da garota que agora era quase

um felino, o rosto preto e coberto de pelos. Apavorados, os homens largaram o pau onde a carregavam. Ela e o prefeito caíram juntos, Brandom sendo puxado pelo rosto que gotejava sangue por pequenos furos. Ela o arrastou junto e só o largou quando a madeira se partiu. A corda que amarrava seus pulsos se soltou e ela finalmente pôde puxar seus braços para a posição correta.

“Todos da vila encaravam a cena petrificados. Brandom berrava no chão, agarrado ao rosto que sangrava, enquanto uma coisa metade garota metade pantera olhava com ferocidade para todos. Ela esticou os braços, que estalaram sonoramente devido à desconfortável posição de outrora, e então, para espanto de todos, completou sua transformação, jogando os braços para baixo e finalmente se curvando como um quadrúpede. Seu corpo escureceu em pelos e ela encolheu. Em dois segundos Diana se transformou em um pequeno gato preto.

“Repentinamente qualquer tipo de razão que habitasse as mentes daquelas pessoas se esvaiu por completo quando viram o objeto de seu medo imediatamente tomar forma e se confirmar como verdade. Isso trouxe a força de volta às pernas de todos, e imediatamente começou uma correria generalizada. Tochas eram largadas no chão e na palha seca. Pessoas corriam, eram empurradas, pisoteadas e ignoradas. O som de vozes em pânico era ensurdecedor. As bocas se arregalavam em esgares de pavor e insanidade completa. Alguns sequer viveram para ver a carnificina que tomaria conta daquela vila dali a poucos segundos.

“Diana aproveitou e simplesmente correu. Correu sem direção, melancólica e desesperada, ciente da morte da mãe, mas certa de que pensar nisso seria inútil. Teria que continuar sua missão. A missão da mãe que agora era mais dela do que nunca. Teria que concluir o ritual, ou o monstro mataria a todos naquela vila.

“Correu primeiro na direção da saída, mas o fluxo de pessoas apavoradas era tão intenso que percebeu que poderia ficar presa ali mesmo. E morreria como todos.

“Foi quando a coisa chegou.

“Ela não podia ser vista por olhos humanos ou por olhos destreinados. Ela nunca o tinha visto, porque nunca antes seu ritual foi atrapalhado como dessa vez. Ironia, pensou ela, que justamente as pessoas que elas salvavam e protegiam todos os meses haviam atrapalhado o rito e chamado a própria morte. Que no auge daquele preconceito e ignorância, tivessem assinado a própria condenação. Com os olhos de gato ela podia vê-lo, e era *gigantesco*... malévolo e sedento.

“Uma mulher corria na direção do portão quando seu corpo foi dividido em dois e arremessado para o alto, uma chuva de sangue e tripas escurecidas

atingindo até mesmo o limiar da praça, e as poucas pessoas que conseguiram ver isso entraram em pânico e enlouqueceram quase imediatamente. Um dos currais foi arrancado do chão, lançando bezerros e vacas mutiladas na direção da multidão que se movia sem ordem. Uma criança foi esmagada pela metade de uma vaca, enquanto um homem não tão velho quanto Petruquio foi trespassado pelo chifre curvado de um pesado touro, que caiu sobre seu corpo, esmagando-o. Com as mãos, a coisa despedaçou mais uma pessoa, arrancando seus braços e fazendo seu sangue chover sobre outros que corriam inconscientemente na direção do monstro invisível.

“Os gritos alimentavam sua sede de sangue e morte. Passou como um vento sobre um grupo que tentava se esconder em um celeiro. A metade de baixo de seus corpos ficou estacada no solo, enquanto seus troncos foram arrancados e lançados pelo ar. Alguém se arrastava no chão, as pernas decepadas esquecidas logo atrás. Um homem segurava a cabeça de alguém que provavelmente amava muito, pois seu semblante de sofrimento era perturbador. Sua cabeça desapareceu também segundos depois. O fogo se espalhou pelo feno seco, incendiando todo o celeiro maior onde Diana outrora estivera presa. Homens eram arremessados por uma força invisível na direção do fogo, as chamas consumindo suas roupas com facilidade e em seguida suas carnes. O cheiro de carne assando pouco a pouco começava a se espalhar.

“Alguns corriam a esmo, sem direção alguma, e facilmente eram dilacerados, os órgãos ainda pulsantes caindo sobre os outros. Os soldados restantes do regimento do falecido Sebastião nada puderam fazer. Acostumados a enfrentar o mal encarnado, não encostaram sequer uma vez na coisa que os devorava rapidamente. Alguns, ainda tentando lutar, tiveram seus corpos esmagados pela própria armadura, que se fechavam sobre eles como quando se amassa uma lata de refrigerante. Os fluídos vazavam pelas brechas. Outros corriam apavorados. Suas armas eram arrancadas de suas mãos e usadas contra eles próprios. Uma cabeça envolta em um elmo rolou pela praça. Logo havia duas, três, quatro, dez, vinte delas espalhadas pelo chão. O padre Dorian rezava ajoelhado diante das escadas da pequena igreja, talvez na fé de salvar-se de sua autocondenação, encarando a cruz pontuda que se destacava no alto. Seu corpo foi arrancado do chão e empalado nela.

“O prefeito Brandom ainda estava no chão, agachado, agarrado ao rosto furado, quando as mãos que cobriam os ferimentos foram arrancadas num átimo. O resto do rosto foi levado junto. O velho Petruquio preferiu não correr. Não sobrou muito dele que sirva para contar.

“Diana corria entre os corpos que se partiam sozinhos, evitando ser vista pelo monstro, pois ela sabia como ninguém que ele também *a queria*. Durante

anos ela e sua mãe impediram que ele fizesse o que justamente fazia agora, então com certeza a coisa adoraria acertar as contas com ela.

“Descendo a colina Daniel podia ouvir o vozerio constantes e os gritos de terror das pessoas na vila. Isso havia corroído todo e qualquer tipo de medo de dentro dele. Ainda corria como fez desde que fugiu do corpo morto-vivo da bruxa; suas pernas tremiam e pareciam prestes a se desfazerem, mas sabia que não podia parar. Podia ser burro e lerdo como todos na vila diziam, mas não tão burro a ponto de não descobrir atrás de *quem* o monstro iria.

“Era no rosto de Diana que pensava agora, nos belos olhos verdes e no cabelo escuro e sedoso, na pele alva e límpida. Em como o sorriso dela era bonito e parecia tirar de dentro dele tudo o que sentia de ruim sobre todos os outros seres humanos que conhecia, tudo de ruim que já ouviu ou teve que sentir na pele, toda dor e todo o sofrimento, toda a humilhação. Era aquele sorriso que ele queria *ver*, que ele queria garantir que estava bem.

“Ele chegou aos portões da vila, e o que viu foi quase capaz de enlouquecê-lo.

“Diana, ainda na forma de gato, corria na direção do grande portão de entrada da vila. Um tapete de corpos e pedaços de gente forrava o chão, e ela corria sobre carne dilacerada e mole que se desfazia sob suas unhas. O que restava de suas roupas no pequeno corpo felino eram apenas as bandagens que antes envolviam seus pulsos feridos, e que agora estavam frouxas entre as patas dianteiras. Repleta dos instintos animais que a forma lhe dava, ela sentia que os olhos da coisa procuravam por ela.

“Num ímpeto, ou talvez por mero acaso, as bandagens se enroscaram em suas patas traseiras... e ela caiu sobre uma poça vermelha. Seu pequenino coração disparou, e ela percebeu a presença maligna da coisa se arrastando em sua direção.

“Atrás dela.

“Sabia o que fazer, e a primeira coisa era tornar-se gente de novo, e ela o fez. Seu corpo alvo e nu imediatamente se mostrou rubro de sangue fresco, sangue inocente, porém impuro, derramado naquele chão amaldiçoado. Mas era *seu sangue* que impediria o monstro, seu sangue puro e casto, assim como fez sua mãe antes que ela fosse gerada. Alongou os dedos, apertando as pálpebras com força, tentando não pensar *por enquanto* no ser que vinha em sua direção e sim nos símbolos que sua mãe lhe ensinara. Sua amada mãe que agora era um corpo profanado e funesto. Ajoelhada no chão, os joelhos e pés afundando na terra fofa e úmida de sangue, ela forçou o dedo contra o solo e desenhou nele um símbolo, conjurando ali todas as forças da natureza, todas as energias benignas que ajudaram ela e aquela vila a atravessarem anos de paz. Sentia a presença do

demônio, sentia o hálito aquoso e podre do ser, ouvia-o *salivar*. Sua sombra já estava sobre ela quando finalmente completou o desenho.

“‘É provavelmente a última coisa que faço nesse mundo’, pensou.

“Esqueceu, porém, de um detalhe. Não tinha como tirar seu próprio sangue.

“Encarou as cicatrizes de seus pulsos, finos cortes que sua própria mãe fazia para que o sangue fosse gotejado durante o ritual que fazia desde que era apenas um bebê... e naquele mísero segundo sentiu o maior ódio que podia sentir por ela, por não ter dado a ela uma vida decente, por não ter permitido que se envolvesse com outras pessoas, por impedi-la de fazer amizades, por fazê-la sangrar todo o mês desde o primeiro mês de vida, por colocá-la em risco constante e por fazê-la ter medo de tudo que a cercava, de tudo que ela não podia compreender, dos outros...

“Mas ao mesmo tempo Diana agradeceu imensamente à sua mãe com todo o amor que tinha no coração por ensiná-la o que era o *certo*. E o certo sempre foi proteger aquele povoado inocente que não fazia ideia do mal que os rondava.

“Ela já estava com as unhas sobre as cicatrizes, pronta para rasgar a carne do pulso com ferocidade, para derramar o sangue sobre o desenho no solo, no exato momento em que o demônio estivesse sobre ela, e talvez ela fosse levada junto, mas isso não importava. Ela só tinha que fazer o que era certo... ela já tinha uma gota brotando dolorosamente do fino corte quando Daniel entrou na sua frente, entre ela e o monstro, a incômoda sensação de repetição, de *deja vu*, e então tudo ficou extremamente vermelho.

“Diana não conseguiu ver o *que* aconteceu, mas viu *como* aconteceu. Daniel foi dilacerado diante de seu rosto. Seu sangue choveu sobre ela e sobre o demônio, e sobre tudo o que havia perto deles, membros, cabeças, órgãos, sangue, sangue, *quanto sangue*, e de repente tudo pareceu emudecer... como se rodopiasse silenciosamente no olho de um furacão. A noite desapareceu, uma luz branca e intensa brotou diante de si e borrando tudo ao redor. Alguém gritou. *Algo* gritou... e na imensidão daquela força que a fazia sentir-se menor do que jamais imaginou, ela viu tudo desaparecer.

“Quando o som voltou, o som da vila, os gritos e berros e urros de pavor, o choro e gemido daqueles que percebiam lentamente que perderam seus entes, ou daqueles que percebiam que não estavam mortos mas que gostariam de estar, daqueles a quem faltavam pedaços, ou a quem a dor era insuportável, o dia já estava próximo de nascer. Um raio minúsculo de sol brotava dentre nuvens abarrotadas, e antes mesmo que ele despontasse uma leve chuva começou a escorrer, lavando tudo de vivo ou de morto que se encontrava jogado sobre

aquela terra inócua e maldita. O solo estava róseo. As pessoas ainda vivas e que surpreendentemente conseguiram preservar um pouco da sanidade se perguntaram imediatamente onde estaria a garota e o garoto que os salvaram, mas ambos haviam desaparecido.

“Diana não sumiu para sempre. Dias depois, enquanto o que restava da vila ainda enterrava seus mortos, ela retornou. Seu rosto era a tristeza esculpida. Arrastava em sua carroça dois sacos escuros de pano. Não precisou dizer uma única palavra àquelas pessoas que, com os rostos inchados, encaravam-na descer a colina, adentrar os portões e seguir na direção da igreja.

“Sozinha ela retirou os dois sacos grandes e pesados, que ninguém precisou perguntar pra saber o que eram, de cima da carroça e sozinha colocou-os diante da igreja. Ao redor dela, mantendo ainda aquela distância segura que estavam acostumados, dezenas de pessoas a observavam, pesarosas demais para fazer qualquer objeção. Diana encarou o alto da igreja, onde uma pontuda cruz ainda aparecia manchada de sangue, e pediu perdão. Perdão por deixar para trás a coisa certa. Feito isso, virou-se de costas e andou para fora da vila. Não subiu as colinas. Seguiu para leste e caminhou sem olhar para trás. E andou mais e mais, até que não fosse mais possível vê-la. E nunca mais ela voltou.

“Demorou até que os poucos sobreviventes daquela vila decidissem chegar perto dos dois corpos desfigurados nos sacos de pano, mas o respeito foi maior e eles finalmente os pegaram, prestaram suas homenagens póstumas e os enterraram, Daniel e a bruxa. Um em ponto do cemitério e o outro no outro extremo, mas ambos próximos da igrejinha. Eles mereciam o solo sagrado.

“E aquelas pessoas procuraram seguir suas vidas depois daquele dia negro... ao mesmo tempo em que olhavam para o horizonte pensando *quando* aquilo iria acontecer de novo...”

Dona Mônica silenciou-se.

Levou alguns minutos até que alguém falasse algo, e inclusive acho que foi a própria dona Mônica, dizendo “Bom, é isso”. Ninguém havia notado a chuva que caía do lado de fora até que ela virasse o rosto para a janela. A água caía com força, levantando seu cheiro característico ao tocar a terra. Os raios brilhavam, mas caíam distantes. Depois, dona Mônica se levantou e encheu uma xícara de café. Nós três, eu, Carlos e Samuca, ficamos quietos, sentados onde estávamos, sem nos encarar, pensando no que a senhora havia acabado de contar, pensando naquela história, naquelas pessoas, Diana, Daniel, Petruquio, padre Dorian, Brandon, Sebastião, a bruxa... e matutando o quanto aquilo parecia *real* pela forma como dona Mônica parecia acreditar que era real. Imaginando aquelas cenas repletas de sangue, das quais ela não nos poupou. Pensando o quanto parecia incrível que enquanto contava, dona Mônica parecia se expressar

incrivelmente melhor e mais corretamente do que o normal... e pensando o quanto aquilo iria me impactar. Confesso que tive dezenas de pesadelos após aquele dia... e depois, quando os *outros* pesadelos começaram, eu me perguntei dezenas de vezes se não havia sentido aquilo antes, aquele medo, aquela sensação de perseguição...

Não imaginava, de fato, por que dona Mônica havia nos contado uma história como aquela. Levei anos para entendê-la (e não só os detalhes básicos, como sendo o sangue virgem de Daniel o que completou o ritual, derrotando o demônio). Quando finalmente compreendi que aquela história não faria sentido para quem não passou pelo que nós passamos, eu me senti de certa forma único e sozinho.

Capítulo V

No teto

Passei o fim de semana pensando como convenceria minha mãe a me deixar sair *sem dizer* para ela que iria à casa do Carlos. O motivo era tolo: a recusa em aceitar ajuda significava que ele estava com vergonha do estado em que sua avó se encontrava. Envolver outras pessoas naquela situação só traria mais incômodo para Carlos. E Samuel já era incômodo o bastante.

Na segunda-feira eu arranjei uma solução: inscrevi-me nas aulas de reforço do horário da tarde, que aconteciam de segunda, quarta e sexta. Eu não precisava das aulas, e esse foi o primeiro problema que encontrei na hora de falar para minha mãe. Ela sabia que minhas notas eram altas e que eu *estaria* escondendo algo com essas aulas-extras. Então, tive que fazer um *pequeno* sacrifício, que foi trocar a nota de uma prova recente, que eu havia feito há umas duas semanas. Com caneta vermelha e corretivo, consegui mudar a nota de 8,5 para 4,5. Meus pais chegariam perto de um enfarto, mas eu sabia que sobreviveriam, e me *obrigariam* a frequentar as aulas. Depois, *outro problema* surgiu, e dessa vez foi Samuel quem me alertou: se eu frequentaria as aulas, como iria para a casa do Carlos? Então, juntei no pacote de mentiras outra pequena balela: disse que as aulas de reforço aconteciam *todos os dias*.

Eu não imaginava como esse pequeno sacrifício seria tão *custoso*.

Enfim, quando cheguei da aula mostrei a prova falsificada para minha mãe e ela não acreditou que eu tinha tirado aquela nota “*Tão baixa!*”, mesmo com minha insistência um tanto quanto exagerada. Quando meu pai chegou, decidi diminuir o falatório, porque ele poderia notar o embuste. Saí-me bem. No fim das contas, eles não me tiraram nenhum “privilégio”, mas insistiram que eu

frequentasse as aulas de reforço.

Primeira parte do plano executada, bastava frequentar as aulas nos dias certos, e escapular de casa nos outros dias para visitar Carlos e ajudá-lo no que fosse necessário. Além disso, eu poderia faltar esporadicamente em uma ou outra aula do reforço sem que isso me prejudicasse. Depois, se meu plano seguisse sem imprevistos, eu pararia por completo de frequentar os reforços, isso não refletiria nas minhas notas, que eram boas, e meus pais nunca saberiam.

No primeiro dia, uma terça-feira, Carlos recebeu a mim e a Samuca, que aceitou ir, no fim das contas (“desde que eu leve meu 3DS e fique de boa!”), com a cara mais fechada do Universo. Dona Mônica estava relativamente alegre, e insistia em querer fazer algo para comermos, mas fomos precavidos e levamos lanches na mochila, pra que ela não se esforçasse por culpa nossa; eu não queria de forma alguma colaborar para a fadiga dela, meu Deus!

O problema foi que, e isso eu percebi no decorrer das semanas, independente do fato de estarmos lá ou não, ela sempre sofria os tais *surtos*.

Naquele mesmo dia, quando estávamos indo embora, eu juro *por Deus* que vi dona Mônica, mesmo com toda sua fragilidade óssea e muscular devido à idade, *esticando as costas* de uma forma tão banal e ao mesmo tempo visivelmente tão dolorosa que aquilo ia contra qualquer definição de elasticidade corporal. Ela parecia um maldito atleta olímpico, levando as duas mãos juntas para o alto e em seguida alongando a coluna lentamente, *bem lentamente*, cada osso da vértebra estalando a cada centímetro movido, e ela ficou naquela posição por impossíveis trinta segundos, como se fosse a posição mais simples que existisse, até voltar rapidamente ao seu formato curvado de sempre, com os ossos crepitando estertoramente, e sem perder o olhar sem foco, frio, impassível. Como se ela não estivesse ali.

Samuel ficou abismado com aquela situação, enquanto Carlos fingia que não olhava. Mas era visível a força com que apertava a mandíbula.

No feriado do dia 15, pude ir para a casa do Carlos sem mentir para minha mãe. Disse a ela que fazia tempo que não ia lá devido às aulas de reforço. E então eu percebi que estava mentindo para ela naquele momento também. Aquilo me encheu de uma culpa agonizante. Eu me sentia mal em mentir para ela, mesmo sendo por uma boa causa. Mas ainda não me permitia dizer a ninguém o que estava acontecendo com dona Mônica (como se eu *soubesse o que* estava acontecendo com ela...), porque Carlos parecia muito incomodado com a situação, e até mesmo com nossa presença, mesmo aceitando nossa ajuda. Era como se aquilo o fizesse fraco. Precisar de ajuda fazia-o sentir-se *incapaz* de cuidar sozinho da avó. E ele *era*. Esse era o problema. Ele sabia que era incapaz de fazer algo sozinho. Mesmo que quisesse.

Samuel não foi comigo naquele dia, o dia que eu chamo de *marcante*, porque estava com trabalhos atrasados para entregar na escola. Trabalhos de Geografia e História, duas matérias nas quais ia muito mal. Liguei para ele antes de sair de casa e ele parecia aflito com o fato de saber que passaria o feriado inteiro debruçado em livros. Eu me senti aliviado, porque no fundo ele nunca ajudava de verdade. Só ficava lá jogando aquele maldito *videogame* que fazia minha cabeça doer, enquanto eu e Carlos ajudávamos dona Mônica nas tarefas domésticas. Depois disso, que durava uma hora e meia no máximo, pois a casa era pequena, eu me sentava com Carlos à mesa e ajudava-o na matéria da semana. Era nesses momentos, os momentos em que estávamos longe dela, que dona Mônica ficava *estranha*.

Era normal ver suas mãos tremendo. Mas era um tremor ligeiramente diferente do tremor desregrado do Mal de Parkinson; no caso dela, os dedos se contraíam quase que individualmente, e cada um de *uma forma*. Não foram poucas as vezes em que víamos seus dedos dobrarem isoladamente em ângulos absurdos, o indicador para frente e o dedo médio para trás, ou dedo mindinho se abrindo para fora com tanta força que quase formava um ângulo reto com o dedo anelar. Ou quando os polegares dela se curvaram sozinhos para trás e assim ficaram durante *horas*, tanto tempo que nós três já estávamos *enojados* com aquilo, e Carlos tinha que ir até ela e *desdobrar* seus dedos, trazê-los à posição correta, porque olhar para aquilo era angustiante.

Em uma quinta-feira nós três tomamos um baita susto quando a encontramos inteiramente *retorcida* na cama, com as pernas viradas para trás com tanta firmeza que os pés quase tocavam as costas. Os braços estavam cada um de uma forma: o esquerdo estava dobrado junto ao abdome, e o antebraço subia levando a mão ao rosto, e a mão estava apoiando o queixo, aberta, como a mão de um pedinte, enquanto o braço direito mostrava-se curvado num ângulo horrível que fazia o cotovelo encostar-se à perna dobrada e a mão quase tocando na nuca. Eu já tinha ouvido falar naquilo. Parecia uma convulsão, mas ela não se contraiu nem espumou pela boca, como eu havia aprendido, ela simplesmente *ficou naquela posição*, como se aquilo fosse confortável. Samuel ficou horrorizado. Suas pernas tremeram, e eu comecei a me sentir mal de olhar para ela daquela forma. Já Carlos parecia revoltado. Com os punhos fechados, foi até ela e começou a puxar os lençóis que ela jogara sobre si, ou que haviam se enrolado ao seu corpo durante o ataque epilético, com uma fúria enorme. Ele

puxava insistentemente e sem efeito algum, parecia que havia um nó amarrando tudo aquilo ao corpo da velha senhora. Eu e Samuel olhávamos para a cena constrangidos, até percebermos que Carlos chorava com a cabeça baixa.

— Droga, me ajudem aqui pelo amor de Deus... — disse por fim com a voz soluçante, e nós corremos até eles, ajudamos a puxar os cobertores, e depois, de uma forma que eu descobriria que era totalmente *negligente*, endireitamos dona Mônica com esforço. Era como se ela se recusasse a deixar o próprio corpo em uma posição mais confortável, ou menos assustadora. Depois de alguns minutos puxando-a e ajeitando-a, ela pareceu acordar do seu sonho de olhos abertos, dizendo somente: — Ah, vocês chegaram e eu tava dormindo! Me desculpem, queridos...

O pior de tudo, porém, a coisa que mais incomodava quando acontecia, era quando sua voz mudava.

Na maioria das vezes acontecia quando ela estava realizando algum afazer doméstico. Podia ser varrendo ou lavando a louça, ou até mesmo quando estava se alimentando: seus olhos ficavam duros e vidrados, os ombros caíam levemente, as mãos se moviam sozinhas, assim como o queixo e os lábios, que se mexiam tão rápido quanto um piscar de olhos constante. Era difícil entender o que saía daquela boca enrugada e de movimentos débeis, mas eu podia ouvir o som da voz, um ruído baixo e ininterrupto, grosso e pesado, quase como uma voz gutural saindo da boca de uma mulher velha e debilitada. Aquela voz chegava até meus ouvidos como dedos descascados e retorcidos roçando no meu pescoço, fazendo eu me contrair e me arrepiar ante as aspereza e obstinação daquele som macabro e terrivelmente *masculino*, angustiante e opressor. Ouvir aquilo era como sentir uma mão gigantesca e negra se enrolando em volta da minha cabeça, do meu corpo inteiro, me apertando e me envolvendo em sombras espessas e malignas.

Sempre que ela falava daquele jeito, eu evitava até mesmo olhar para ela, porque eu quase podia sentir uma nuvem escura sobre nós, querendo nos abraçar, e eu ficava apavorado. Às vezes ela simplesmente parava de repente, olhava ao redor como se não conhecesse aquela casa, e então voltava a fazer o que estivesse fazendo antes de simplesmente surtar. Mas quando ela ficava quase meia hora naquele falatório estranho, Carlos não se continha, ia até ela e falava algo no seu ouvido, tão baixo que nos incomodava, e dava umas sacudidas no ombro dela até ela voltar a si. Era constrangedor.

Mas naquele feriado de 15 de novembro, naquela terça-feira que Samuel não podia sair de cima dos livros, as coisas *pioraram*. Naquele dia eu achei que dona Mônica morreria.

Não consigo pensar naquele dia sem estremecer por completo.

Quando cheguei, pouco depois da hora do almoço, eu já percebi que havia uma aura estranha. Carlos estava visivelmente cansado, com o cabelo colado no suor da testa. Me recebeu com uma voz que lutava para sair. Eu entrei e estava tudo muito escuro. As cortinas tampavam toda luz que vinha de fora, e depois que minha visão se acostumou, pude ver *como* a casa realmente estava. O sofá estava capotado. A mesa da cozinha estava deitada no chão, e todas as cadeiras pareciam velhos caídos com as pernas duras dobradas no alto. Um vaso que era muito bonito quando inteiro transformara-se em pedaços irregulares de vidro afiado no canto da sala. Havia algo no chão que parecia comida. Talheres e copos de plásticos estavam espalhados pela casa. Olhei para Carlos abismado. Ele segurava o choro com dificuldade. Procurei ao redor e finalmente achei dona Mônica deitada na sua cama, de costas para nós, coberta até a altura dos ombros e respirando lentamente. Apontei para ela e perguntei, cochichando para Carlos: “Foi ela quem *fez* isso?”.

— Velho, me ajuda... me ajuda a arrumar essa bagunça que eu já te explico — disse Carlos.

Levamos pelo menos uma hora para ajeitar tudo. Os cacos de vidro do vaso se espalharam por toda a casa. A mesa parecia ter sofrido uma leve avaria nas pernas, não ficando mais firme e reta como antes. E o monte de comida que jazia sobre o chão velho de madeira eu descobri que era vômito quando aquele cheiro acre atingiu minhas narinas. Foi difícil me controlar nessa hora, só conseguia imaginar a pobre dona Mônica sofrendo uma de suas convulsões, se contorcendo na cozinha enquanto comia, correr até a sala tropeçando em tudo pelo caminho e em seguida vomitar aquela papa de arroz com feijão e saliva amarela de dentadura. Consegui retomar as rédeas do meu estômago com esforço.

Vez ou outra eu olhava para ela e podia ouvi-la resmungando, *naquela* voz que eu não suportava. Aquilo foi se tornando desagradável, e paradoxalmente era como se *ela me chamasse*, porque eu não conseguia *não ouvir* aqueles sussurros... então, enquanto Carlos estava de costas para mim, limpando o vômito quente do chão, eu lentamente me aproximei de dona Mônica. Eu podia ver os movimentos lentos e constantes que seu tórax magro e ossudo fazia... e junto a isso aquele som que era uma voz que saía dela, algo tão profundo, mas que parecia dizer algo importante, como um segredo ou uma confissão, e foi impossível não querer se aproximar, não querer colar meu ouvido no rosto dela e saber *finalmente* o que ela tanto dizia... e pouco a pouco eu fui chegando perto daquele corpo que parecia cheio de pontas e arestas que eram seus ossos, e afinal pude ouvir o *que* ela dizia, o que ela sussurrava...

Ela dizia “*A curiosidade matou o gato... a curiosidade matou o gato...*”

Dei um pulo quando a mão de Carlos pousou nas minhas costas. Ele não se assustou com minha reação. Pôs a mão no meu ombro e me puxou devagar, enquanto eu olhava para aquela mulher e ficava pensando naquela frase que ela dizia insistentemente. Fiquei trêmulo.

— Cara, pelo amor de Deus — fui falando enquanto Carlos me afastava de sua avó —, você tem que levar sua vó urgentemente no hospital. Ela tá com sinais de *loucura*, cara... esquizofonia, essa é a palavra...

— Ela não está com *esquizofrenia*, Paulo... — disse ele, me corrigindo.

— Que seja, droga, mas se cê fica segurando ela aqui, cê nunca vai saber. Tem que levar ela no médico.

— Eu acho que tem uma coisa dentro dela, Paulo.

Estaquei com aquela frase. Uma *coisa*...

— Cê ouviu... cê ouviu ela falando. Cê viu como a voz dela fica estranha às vezes. Eu tenho certeza que tem *alguma coisa* dentro...

— Peraí, do que... do que cê tá falando, cara? Coisa? Que coisa? Eu não...

— Vamo lá fora.

Saímos. Um vento suave roçou meus braços e fez os pelos se eriçarem, apesar de acreditar que aquilo só tivesse ocorrido devido ao que Carlos acabara de falar. Chegamos perto da jabuticabeira. Ele encostou-se ao tronco e respirou fundo, passando a mão na testa. Olhou para mim com agrura nos olhos.

— Bom, cê tá vendo como ela tá. Eu acho que isso é alguma coisa dentro dela.

Ele parou e ficamos nos olhando. Carlos só esperava eu deglutir aquela frase. E ela estava me dando *indigestão*.

— Deixa eu ver se entendi... cê acha que tem...

— Droga, Paulo, cê *entendeu*, porra! *Tem alguma coisa* dentro dela, eu tenho quase certeza. Cê já deve ter assistido alguma merda desses filmes de terror... de possessão, tá ligado? — Balancei a cabeça afirmativamente. Já tinha assistido *O Exorcista*. Fiquei alguns dias dormindo com a luz acesa na época. — É parecido com aquilo. Ela perde o controle do corpo, fica se contorcendo. Cê viu. Aquilo tudo é contra a vontade dela. E tem a voz, que muda. Cê ouviu.

— Sim, eu ouvi... — disse, finalmente, mesmo sentindo que admitir aquilo era difícil. Admitir uma *possessão* era complicado. Os sintomas eram de epilepsia, no mínimo. Naquele momento, a meu ver, parecia que Carlos queria a solução mais “fácil”. Pelo menos mais fácil do que levá-la ao médico.

— Cara, mesmo você vindo aqui três, quatro vezes por semana... cê num viu *nem metade* do que ela faz. Nem metade...

— Tipo... tipo o que? — perguntei, ainda processando aquela ideia.

Ele baixou a cabeça, olhando para a ponta dos pés descalços. Não queria falar, era óbvio. Tudo aquilo parecia acumular-se em sua garganta e entupi-la. Carlos fechou as mãos, os dedos pressionando as unhas nas palmas, deixando marcas.

— Ela come insetos. Qualquer um que ela acha. É nojento. E ela bate nela mesma — disse, com a voz embargada. — Cê não viu o rosto dela porque ela tá virada... mas a boca dela tá inchada. Ela começa a rosnar com aquela voz estranha e fica dando socos nos próprios braços... é horrível. E tem isso que cê viu, ela bagunça tudo. É só você se distrair.

— E isso tá acontecendo desde quando?

A pergunta era simplória e veio porque eu realmente *não sabia o que* perguntar. Eu não sabia o que falar, na verdade. Aquela coisa de *possessão* ainda estava martelando na minha cabeça. Mas o rosto de Carlos mudou imediatamente da preocupação para um sorriso leve de *triunfo*. Ele veio na minha direção e pôs uma das mãos no meu ombro.

— É isso! É esse o *ponto*! *Quando* começou! Droga, cê é um gênio Paulinho.

Encarei-o sem graça e sem entender. Ele olhava para baixo como se estivesse pensando em algo bem distante, bem fundo em sua mente.

Foi quando nós ouvimos os barulhos dentro da casa.

O batuque de panelas retumbou no chão por pouco tempo, mas foi o bastante para fazer meu peito disparar de forma incômoda. A adrenalina fez minhas pernas formigarem. Então nos olhamos assustados e corremos de volta.

Carlos entrou chutando a porta, e eu cheguei logo em seguida. De primeira não notamos nada de diferente. A mesa capenga ainda estava de pé, assim como as cadeiras velhas de madeira. Depois, nossos olhos seguiram para a cama e foi ali que tivemos a primeira surpresa.

Dona Mônica não estava na cama.

Como que combinado, eu e Carlos começamos a olhar ao redor descontroladamente, procurando o lugar onde a mulher estivesse se escondido, e parecia *impossível* se esconder dentro daquela casa sem paredes separando os cômodos. Era tudo *ali*, uma coisa do lado da outra, então onde aquela senhora havia se metido? As cortinas fechadas tornavam a procura um tanto soturna. Olhamos debaixo da cama e atrás da cômoda. Carlos abriu até a *geladeira* em busca dela, e não encontrou nada além de panelas resfriadas e uma caixa de leite. Olhou de volta para mim com o rosto aflito. Virei-me para a janela para puxar as cortinas, na expectativa de encontrá-la agachada atrás de uma delas, com as mãos tremendo como se estivesse tomando choques, aquele olhar parado e o balbuciar constante. Eu quase podia ouvi-la abaixo de mim, cochichando aquela

maldita frase, “a curiosidade matou o gato... a curiosidade matou o gato...”, a cada passo que eu dava na direção daquele par de cortinas violetas, e quando puxei a primeira cortina e a luz preencheu a sala, eu ouvi aquele *guincho* gutural, um grunhido cheio de dor, que pareceu fincar-se na minha nuca, e Carlos deu um berro.

— Paulo, em cima de você! *Em cima!*
Virei-me e olhei. A velha estava no teto.

Samuel me encarava abismado enquanto eu virava uma garrafa de 600 ml de água de uma só vez no quarto dele, às 19h35min daquele mesmo dia. Meu corpo inteiro estava molhado de suor, manchas marrons e cinzas de terra e poeira de asfalto se espalhavam pelos meus membros e rosto. Minhas pernas e mãos tremiam, não só pelo esforço de ter pedalado da casa de Carlos até a de Samuel sem fazer nenhuma parada, sem nenhum descanso, sem tomar uma única gota de água, mas também porque eu queria *fugir* de lá, queria sumir e nunca mais voltar.

— Tá certo cara, cê tomou a água, agora senta e respira véio. Cê tá acabado... e que *merda* de história é essa? Meu Deus...

Olhei para ele com os olhos murchos e com a sensação de que meu corpo tinha sido esmagado.

— Eu juro cara, eu te juro pela minha mãe morta degolada... a velha tava *pendurada no teto*, comendo alguma coisa que soltava uma meleca verde... meu Deus, ela rosnava, Samuca... ela *rosnava!* Aquilo... oh meu Deus, eu não vou conseguir... eu não vou conseguir dormir, véio...

E comecei a chorar, sentado na cadeira com os braços sobre os joelhos e o rosto pressionado nos braços. Samuca ficou sentado na cama dele, boquiaberto e sem ação. Não se moveu para me consolar ou sequer bater a mão no meu ombro. Isso não passou na sua cabeça e nem passaria na minha. Éramos *moleques*, droga, duas crianças de doze anos que mal sabiam o significado da palavra medo. Só havíamos tido amostras do que era aquele sentimento, e eu tinha acabado de receber uma bela dose.

— Cê tá falando sério, Paulinho? A dona Mônica tava *grudada no...*

— No teto, velho. No teto. E olhava pra *mim*, cara, com os dentes cheios de pernas de baratas... cara, eu não consegui me mexer... parecia que minhas pernas ficaram sem sangue, cara... e ela começou a andar no teto, igual um

bicho... ela não caía cara, ela tava colada no teto! Igual a porra do Homem-Aranha!

— Mas e aí? — perguntou Samuel, com os braços envolvendo o próprio corpo.

— Carlos gritou alguma coisa. Eu não sei o que era, mas na mesma hora ela arregalou o olho e caiu. Desabou lá de cima, direto no chão. Cara, aquele barulho... de quando ela caiu no chão... — comecei a choramingar de novo, secando o nariz que escorria com a mão suja. — Aquele barulho era de osso quebrando, cara! Ela bateu a cabeça no chão velho...

— Pu-ta-queo-pa-riu...

— Eu não sei como ela conseguiu sobreviver... parecia que ela pesava uns cem quilos... mas ela começou a falar baixinho, com a voz *dela* mesmo, foi daí que eu e o Carlos criamos coragem pra chegar perto dela. Ela tava gemendo de dor mano... foi horrível...

Ficamos em silêncio de novo. Eu soluçava vez ou outra. Ainda custava em acreditar no que tinha visto.

— Então eu peguei meu celular e liguei pra ambulância. Carlos não gostou da ideia... mas não tinha o que fazer naquela hora. Demoraram meia hora pra chegar... eu achei que ela ia morrer, te juro... da forma como aconteceu, eu juro que eu pensei que ela ia morrer. Aquele barulho...

E quando a ambulância chegou, eu e Carlos ficamos sem ação enquanto os paramédicos entravam na casa, envolviam o pescoço de dona Mônica com o colar cervical e moviam-na cuidadosa, porém urgentemente, para a maca. Quando eles a carregavam para a ambulância, que havia parado no portão, ela abriu os olhos um pouco e sorriu para nós. Carlos estava do lado dela e segurou sua mão, e eu vi que ela a apertou com pouca pressão. Na minha mente, sua voz dizia, com aquele jeito afável, “eu vou ficar bem, querido... vai tudo ficar bem... acredite...”, e isso me incomodou ao mesmo tempo em que aliviou, como uma cócega suave atrás da orelha, daquela que é gostosa, mas que dá vontade de coçar. Aquilo, aquele *pensamento*, me intrigou.

Os paramédicos enfiaram a maca dentro da ambulância e Carlos subiu com eles. Teve tempo de gritar para que eu trancasse a casa e guardasse a chave embaixo de uma das plantas na janela, jogando a chave para mim antes que a porta traseira se fechasse e a ambulância partisse. Quando finalmente tive coragem para me mover, o sol já estava se pondo, colorindo o céu de vermelho-alaranjado, deixando as nuvens esparsas e manchadas com um violeta suave. Tranquei a casa ainda com medo de chegar perto dela, e não me atrevi a entrar ou sequer *olhar* para dentro. Algo me dizia que se eu olhasse, se eu *pensasse* em olhar, se eu *pensasse* em entrar, duas mãos enrugadas e esqueléticas desceriam

do teto e me puxariam para cima, na direção de uma boca enorme e contorcida cheia de dentes podres com pedaços de pele entre eles. E ela me devoraria. Devagar.

Foi por isso que praticamente fugi dali. Fugi sem olhar para trás, pedalando como um louco até mesmo nas subidas, porque eu *precisava ficar longe* daquela casa, longe daquele pesadelo real que eu tinha presenciado. E durante todo o trajeto eu sentia como se alguma coisa me seguisse, tão próximo que era como se ela estivesse pendurada nas minhas costas e soprando uma respiração fria e lenta no meu pescoço, como se dissesse “Olhe para trás, Paulo, olhe para trás só um pouquinho e me veja!”

É lógico que não fiz isso. E logicamente eu também não contei nada disso para o Samuca, que já estava visivelmente apavorado. Ele tremia, mesmo com aquele quarto que parecia tão quente, e só depois eu me dei conta de que era *eu* quem estava quente, e o quarto realmente estava gélido como uma câmara mortuária. A sensação de que algo me perseguia ainda me incomodava, mesmo ali no cômodo que parecia tão seguro. As coisas que Carlos falara passaram a fazer *muito* sentido. Não que na hora em que ele havia falado de possessão eu não tivesse acreditado. Quando se é criança, há uma grande facilidade em aceitar o oculto, o sobrenatural. Faz parte da natureza infantil. É como o bicho-papão dentro do armário ou a loira mutilada com algodão nas narinas dentro do banheiro. Uma palavra e tudo se torna *real*. Mas ao mesmo tempo não era *sugestivo*. Carlos havia acabado de me falar de possessão e qualquer pessoa diria que o que vimos em seguida foi simplesmente efeito do nosso *medo momentâneo*, da nossa crença infantil instantânea. Entretanto, não foi isso. Estava lá, na minha *frente*, uma presença tão maligna que me fez sentir-se tão pequeno e tão fraco que despertava em mim somente a vontade de me *esconder*. Era *real*. Era real e aterrador. Era uma mulher de mais de setenta anos andando pelo teto de cabeça para baixo. Não tinha como *não chorar de medo*.

Naquele dia liguei para o meu pai para que ele fosse me buscar. Eu não conseguia criar coragem para sair dali daquela cadeira e ir pedalando para casa, à noite, no *escuro*. Escuro. Eu via tudo escuro.

Quando ele finalmente chegou, tive que disfarçar uma parte do meu choque, do meu pavor. contei a ele que dona Mônica havia sofrido uma queda no banheiro e que estava no pronto-socorro naquele momento. Tinha machucado a cabeça. Ele ficou consternado e me perguntou se eu queria que ele nos levasse ao hospital para vê-la. Eu neguei no mesmo momento, quase que automaticamente, sob o olhar apreensivo de Samuca. Por um breve momento achei que deixaria tudo sair da minha boca, desenfreadamente, entre lágrimas e saliva voando, mas consegui me segurar, não sem despertar um pouco da atenção

dele, que me encarou com o rosto inclinado, como se tentasse ler meus pensamentos (“ela estava no teto ela estava no teto ela estava no teto *ela estava no teto!*”). Depois ele simplesmente deu de ombros, sugerindo que fossemos visitá-la no dia seguinte, o quanto antes. Ela estava muito velha e depois de um acidente como aquele, poderíamos ter poucas oportunidades de vê-la, foi o que ele disse.

Minha garganta endureceu com aquela hipótese.

Capítulo VI

Homem feito

Não sei com que força de vontade eu fui ver dona Mônica no dia seguinte, no hospital.

A noite foi permeada por pensamentos ruins e pelo mesmo pesadelo dos dias anteriores, no qual eu corria nu na floresta enquanto fugia de algo que eu não tinha coragem de ver. Acordava apavorado a cada meia hora. Durante uma hora inteira, das 3h00min até as 4h00min, eu simplesmente *não dormi*. E quando conseguia pegar no sono, caía no mesmo sonho, sozinho, em uma floresta escura, gelada e úmida, e a *coisa* me seguia; eu conseguia senti-la mais próxima dessa vez. Corria um arrepio incômodo em meu corpo quando seu hálito me tocava, o chão tremendo sob meus pés a cada passo que ela dava, e eu insistia em não me virar, somente fugir, não me virar sob hipótese alguma, mas eu *não conseguia*, eu virava lentamente, o músculo do pescoço esticando com esforço, como se quisesse me coagir a não olhar, mas era impossível. Eu olhava, meu coração dava um pulo no mesmo momento e eu despertava, e ainda era noite, ainda estava escuro lá fora e eu estava só. Eu chorava. A luz acesa durante a madrugada não impedia a coisa de me perseguir em meus devaneios. A cada sonho eu a sentia mais perto. Mais perto. No último que consigo me lembrar, do qual despertei para um dia claro e frio, eu virava meu rosto com labor para descobrir que quem me seguia a passos ágeis e pesados, grunhindo e resfolegando na minha nuca, era dona Mônica.

Olhei o relógio e notei que já passava das nove. Tinha perdido a hora para ir à escola. Não me importei. Deitei-me novamente na cama, tremendo de frio e medo. Havia um silêncio maldito rondando a casa. Lembrei em seguida

que estava sozinho. Meus pais estavam trabalhando, e eu estava *sozinho*. Ou pelo menos desejava estar sozinho. Porque mesmo depois de ter acordado eu ainda sentia a coisa à espreita, me observando de dentro do armário ou esperando embaixo da cama o momento em que eu colocasse os pés no chão para ele finalmente puxá-los com aquelas mãos que seriam secas e cheias de rugas e veias saltadas.

Afastei o pensamento em seguida, depois de olhar com cautela para baixo da cama e abrir lentamente e cheio de pavor o armário de roupas. Não havia nada, *por Deus*, não havia nada.

Fui para a cozinha, e para minha surpresa minha mãe estava lá, tomando um café em sua xícara alaranjada e lendo uma revista. Ela me viu descendo as escadas e rapidamente largou a revista, dando um último gole no café. Perguntou se eu estava bem. Se eu estava melhor. Não entendi de cara, e perguntei por que ela não havia me chamado para ir à escola.

— Eu chamei você, Paulo, mas você choramingou e disse que não queria ir hoje. Além disso, você dormiu muito mal durante a noite inteira... acordava o tempo inteiro resmungando.

Cocei a cabeça, disfarçando. Não havia nada na mesa além da xícara da minha mãe, e eu estava com fome, então fui até a geladeira. Lembrei-me de Carlos abrindo a geladeira à procura de sua avó e me arrepiei. Peguei requeijão e pão no armário. Sentei-me a mesa e notei o olhar da minha mãe em cima de mim.

— Está tudo bem, querido? — perguntou, e eu fingi que não ouvi. — Seu pai me contou sobre o que aconteceu com a dona Mônica. Coitada...

— É... coitada mesmo... — falei, olhando para o nada enquanto enfiava distraído um pedaço de pão na boca.

— Você viu ela caindo?

— Não mãe... não vi não — respondi, mas queria ter dito: “A senhora nem imagina... eu estava tão perto que ouvi o som da cabeça dela *rachando*. Ah, claro, ela quase caiu *em cima de mim!*”.

— Pobre mulher... seu pai disse que nos levará no hospital para vermos ela assim que ele chegar do trabalho.

Eu engoli em seco e ela percebeu.

— Algum problema, Paulo?

— Não mãe, nenhum... eu só tô meio...

— Você não tá bem, Paulinho. Suas notas caíram, não tá dormindo direito, tá pálido... qual o problema? É o Carlos, né?

“Quase isso mãe, *quase* isso...”.

— Ah, sei lá...

— Você tá preocupado com ele... se a dona Mônica... cê sabe.

“É bem por aí mãe. Se ela morrer...”.

— Ele não tem mais ninguém, né? É sozinho. Seus pais já morreram...

— continuou ela. Eu não conseguia pensar em outra coisa além de dona Mônica rosnando pendurada no teto. — Sabe filho, você é o único amigo desse menino. O Samuel também é, mas você é mais, com certeza. Nesses momentos, você tem que ajudar ele, apoiar ele... cê sabe, ela é uma mulher já velha, e doente... e agora com essa queda. Ela corre risco de vida.

“A senhora nem imagina, mãe”.

— Mas cê tem que tomar cuidado pra essas coisas não influenciarem nos seus estudos, na sua vida... é o seu futuro, querido.

— Eu sei mãe... eu sei... — falei, com desinteresse e me incomodando com o egoísmo da minha mãe, ou sei lá qual o nome do sentimento em que se prioriza o futuro do próprio filho em detrimento do futuro do filho de outra pessoa. Mais do que preocupado com Carlos e com dona Mônica, eu estava preocupado com minha própria *sanidade*, apesar de não ter compreendido a gravidade daquilo na época. De novo eu via aquele momento na minha frente, o chiado insano na minha nuca, e a forma como me virei e me deparei com aquela senhora de setenta e nove anos colada pelas mãos e pés no teto, enquanto mastigava um mísero inseto. Arrepiei-me em um calafrio incontrolável, e minha mãe passou a mão no meu ombro, preocupada.

— Não se preocupe, meu bem, nós vamos ver se ela está bem mais tarde.

Mas eu não queria ir. Não queria mesmo. Passei a tarde inteira pensando em como reagiria quando a revesse, se eu conseguiria encará-la nos olhos da mesma forma que antes ou se o medo tomaria conta de mim somente pelo fato de saber que ela ainda estava viva. E se ela se dirigisse a mim com *aquela voz*? E se ela comesse a se debater e serpentear na cama, falando palavrões e batendo nos aparelhos que a mantinham viva, nos enfermeiros que tentassem controlá-la, no próprio corpo? E se ela comesse a correr por todo o hospital, mãos e pés tocando as paredes como se não existisse gravidade? Eu não conseguiria imaginar o quão terrível poderia ser aquilo, e hoje penso o quanto risco minha mente corria... era demais para um garoto. Demais.

Depois passei horas imaginando uma desculpa para não ir. Um trabalho escolar ou uma dor qualquer. Porém, quando meu pai chegou e me chamou para ir, eu levantei meio que automaticamente e fui, sem saber se era bom ou ruim para mim. Eu só pensava naquela velha possuída, e pela primeira vez na vida eu rezei *com fé* de verdade, para Deus, pedindo que ela estivesse melhor, nem que fosse *um pouco* melhor, porque se eu a visse novamente com o rosto contorcido e cheio de ódio do dia anterior eu com certeza começaria a chorar.

Era noite quando fomos vê-la, e meu pai não pensou se naquele horário ainda receberiam visitas ou não. A sensação de alívio para mim, porém, foi breve. Depois de conversar um pouco, a atendente foi até o quarto onde dona Mônica estava para falar com Carlos. Meu coração deu um pulo quando ouvi seu nome. Eu não o via desde o acidente, que parecia ter acontecido há muito tempo, e nós tínhamos interrompido uma conversa exatamente sobre o que acontecia com sua avó.

A atendente voltou e liberou nossa visita por dez minutos.

Os corredores do hospital pareciam ameaçadoramente vazios, espaço perfeito para um eventual passeio pelas paredes, se a coisa que estava em dona Mônica assim decidisse. Meu coração pareceu encolher ante aquele pensamento. Enquanto seguíamos a atendente que nos guiava, passávamos por homens e mulheres que me pareciam incrivelmente altos e alvos, andando aceleradamente com os rostos ligeiramente tensos. Pessoas em macas eram transportadas de lá para cá, olheiras escuras sob olhos fundos e entreabertos. Seguimos por vários corredores e viramos tantas vezes que eu não saberia voltar sozinho.

Quando chegamos próximo ao quarto que dona Mônica estava, eu soube que aquele *era* o quarto antes mesmo que a atendente nos dissesse. Havia uma *presença*, uma atmosfera desarmônica ali, um peso que se sentia com os olhos. Era a *coisa*. A coisa que Carlos insistia que habitava sua avó naqueles dias. Estava ali, e provavelmente ainda estaria dentro da avó de Carlos.

Entramos no quarto e aquele peso simplesmente *desapareceu*. No quarto havia três leitos separados um do outro mais ou menos um metro, dois deles vazios, e no leito do lado da janela estava deitada dona Mônica, com a cabeça quase inteiramente enfaixada, deixando à mostra somente a máscara inchada que era sua fronte, onde era possível ver cascas de feridas no nariz e no canto da boca. Um dos olhos estava totalmente fechado devido a um enorme galo que se projetava sob a sobrancelha. O outro olho rapidamente se atentou à nossa chegada. Moveu-se lentamente entre as pálpebras e virou-se para nós, vivo.

De pé ao lado dela, Carlos se virou e esboçou um sorriso quase inexistente.

Eu me sentia anestesiado a tudo aquilo, na verdade. Rever dona Mônica não me despertou medo ou qualquer lembrança do dia anterior. Vê-la daquela forma, ainda mais debilitada e fragilizada do que já era, me incitou ainda mais pena, sentimento sobre o qual eu já expliquei meu repúdio. Carlos olhava para

mim enquanto meus pais conversavam com dona Mônica. Ela aparentava total lucidez, apesar da lerdeza que os sedativos lhe conferiam, enquanto “explicava” o acontecimento da “queda no banheiro”. Mesmo assim, em minha mente eu ouvia sua voz dizer outras coisas, frases embaralhadas (“ah, agora eu vou contar uma história pra vocês...”, “... comer um lanchinho hein...”, “... essa chuvinha agora está ótima...”, “... pode deixar, meu bem, eu carrego isso...”, “... sem histórias por...”, “... a curiosidade... a curiosidade...”, “vou contar uma ótima história...”)) que me deixavam atordoado.

— Tomara que a senhora fique bem, dona Mônica — disse minha mãe, enquanto passava a mão no braço enrugado dela. — Se precisar nós cuidamos do Carlos por um tempo, enquanto a senhora se recupera, o que acha?

Ela sorriu mostrando as gengivas nuas.

— Ah, não precisa minha querida... Carlos já é um homem feito por dentro.

Todos olharam para ele e sorriram, e ele forçou-se a sorrir de volta.

— Quando a senhora sair dessa cama — começou meu pai —, eu vou visitar sua casa e projetar algumas adaptações necessárias para que a senhora não sofra outro acidente como esse. Todo cuidado é pouco.

— Oh, por Deus, não se preocupe, por favor, não se preocupe comigo. Logo, logo eu tô em casa de novo... — disse ela com um sorriso leve. — Essas coisas acontecem... não é culpa da casa nem nada. É a idade, sabe como é... e esse horário de verão, ah, esse horário de verão *acaba* com gente da nossa idade. Tira tudo da ordem. Odeio essas coisas...

Meus pais riram da forma como dona Mônica falava, mas no fundo ela parecia querer dizer *mais*. Depois eu notei que era na minha cabeça. Ela dizia “Não tenha medo... não tenha medo...”, e aquela voz lá, dentro da minha mente, estava me deixando zozinho.

Não pensei nem um pouco em como a versão do acidente contada por dona Mônica, “queda no banheiro”, batia exatamente com a minha, se não tinha conversado sobre ela nem mesmo com Carlos.

Fomos embora e eu não troquei uma única palavra com Carlos, que ficou olhando para mim com uma cara que não dava pra traduzir. Eu só o veria em dezembro.

Depois disso, as coisas apenas pioraram.

Capítulo VII

Tempo perdido

Os dias se seguiram confusos e eu me sentia vazio. Não sabia por quê.

Pouco a pouco parei de “frequentar” as aulas de reforço, visto que o fim de ano se aproximava e minha média final seria boa, ou até mesmo ótima. Além disso, com dona Monica e Carlos no hospital, a farsa já não servia para nada. Não foi difícil convencer meus pais de que não precisava mais dos reforços: fiz um comparativo de todas as notas do ano e mostrei-lhes minha média estimada (ainda faltavam as últimas provas de cada matéria, mas a somatória bimestral até aquele momento não prejudicava o total), e eles concordaram que eu passaria de ano tranquilamente, pois “com meu esforço, e juntamente com os dias de reforço que frequentei, eu tiraria ótimas notas nas provas finais”.

Na verdade, nem tudo saiu do jeito planejado.

A prova de matemática foi a primeira bomba, e a maldita equação de duas incógnitas me pegou desprevenido; tirei “3” na prova que valia “6”. Na revelação dos resultados da última prova de Português, fui chamado pelo professor para conversar, naqueles momentos em que a sala inteira parece um enxame de abelhas que ficam zanzando de um lado para o outro, tagarelando desenfreadamente na ânsia de superar o volume da voz do outro. Ele perguntou se eu estava com algum problema depois de me mostrar a nota: quatro.

— Você é um dos meus alunos mais exemplares. O que está acontecendo?

— Não... não é nada sério, professor. Acho que preciso me concentrar mais...

— Se concentrar *mais*? Você é um dos mais aplicados, foi o que quis

dizer com *exemplares*. Você mal conversa, nem fala direito com seu amigo, o Samuel. — Olhamos de soslaio para Samuca, que encarava a nota da prova com a testa franzida. — Ele tirou seis. Mais que você.

Cocei a cabeça sem graça. Eu não me importava com aquilo. Fiquei até feliz por ele.

— Eu vou recuperar, professor.

— Bom... você não precisa se preocupar, vai passar de ano da mesma forma, pela média. Seu ano foi ótimo. Mas não pode desandar no final. É um conselho de amigo. Desista perto do final, e está tudo perdido.

— Tá certo...

— E quanto ao seu amigo. Carlos. O que há com ele? Nunca mais veio à escola...

Ele folheava o diário. Pensei no que falar para ele sobre Carlos.

“Ah, ele tá tendo que ficar em casa porque a vó dele tá meio que, você sabe, *possuída*. Suave.”

— Bom, acho que ele vai trancar a matrícula... não sei, na verdade.

— Ok. Se o vir, diga que é melhor ele voltar pra escola logo... as faltas estão quase estourando.

“Sim, eu diria professor, não fosse por um detalhe: *Não quero vê-lo*. Não quero chegar perto dele. Perto da vó dele. Perto daquela casa. Quero distância”.

Odiei-me mais ainda por aquele pensamento.

Durante as duas semanas em que não vi Carlos e sua avó, perdi completamente a vontade que eu sempre tinha de jogar ou andar de bicicleta. Eu ficava dentro do quarto, deitado na cama e pensando em como Carlos e dona Mônica estariam se virando. Samuel foi até a minha casa algumas vezes, mas eu pouco lhe dava atenção. Ele percebia isso, depois de alguns minutos jogando *videogame* e falando praticamente sozinho. Ele pareceu entender um pouco o incômodo que eu sentia. Às vezes ele ia em casa e ficava falando coisas para ver se me alegrava, contando piadas ou falando dos jogos, coisa que ele nunca deixava de lado. Eu me esforçava para rir, para retribuir um pouco daquela amizade. Ele era um pouco egocêntrico, mas era meu amigo. O único que eu tinha além de Carlos, e naquele momento eu conseguia entendê-lo, entender por que sempre me procurava na hora do recreio, ou por que me ligava quase todas as tardes ou conversava comigo pela internet. Eu dava o mínimo de atenção que ele precisava. Não sabia como era seu relacionamento com os pais, se ele tinha a devida atenção que necessitava. Isso me marcou, de alguma forma. Fez-me olhar para ele com um pouco mais de profundidade, e não mais como um simples garoto gordo e bobo que falava pelos cotovelos. Ele era só. Carlos era só. Droga, *eu era só*. Éramos três solitários que só tinham um ao outro.

Minha mãe notou meu desapego com as coisas depois de uma semana sem jogar *videogame*. Ela me questionou novamente se eu estava bem, perguntando se eu estava preocupado com Carlos e dona Mônica, e se não queria que meu pai me levasse para vê-los. Eu desconversei um pouco, pois não queria ir até lá sem realmente estar *pronto*. Pronto para rever algum acontecimento macabro como aquele. Eu deveria estar preparado para rever dona Mônica comendo insetos ou se movimentando com uma força que normalmente ela não tinha quando finalmente fosse revê-la.

Mas eu *não estava* pronto.

Quanto a meu pai, questionou-me algumas vezes, na mesa, durante o jantar. As mesmas perguntas que minha mãe havia feito, mas com um tom *diferente*, ciente que aquilo de alguma forma havia me afetado além do normal, porque ele percebeu isso quando foi me buscar na casa do Samuca na ocasião do acidente. Eu desviava a conversa da mesma forma que fazia com minha mãe. Ele me olhava com o rosto inclinado que costumava fazer quando não acreditava em alguma coisa. Foi difícil não ser *forçado* a visitar dona Mônica, porque meu pai estava quase *fazendo questão* que eu fosse vê-la. Eu pensava na hipótese de me ver descendo novamente aquela estrada cercada de árvores e cheia de folhas secas no chão e logo me forçava a pensar em outra coisa. Eu não queria. Não mesmo.

Para tentar *ludibriá-los* usei uma tática reversa, que eu nunca usaria em dias *normais*: mostrei-lhes a nota da última prova, um “quatro” reto e destacado. Eles me encararam com desconfiança e com pena, provavelmente pensando que aquela nota era consequência do meu estado psicológico. Estavam certos afinal. E o fato de não saberem exatamente o que me afligia deixava-os confusos, e eu não queria que eles se sentissem assim em relação a mim. Mas foi necessário. Obriguei-me a ficar em casa sem sair por uma semana, para estudar. Eu *me obriguei*, disse a eles que faria dessa forma. Subi as escadas em direção ao quarto, sendo seguido por seus olhares embaraçados; não me importei depois se especulariam o motivo de minha nota baixa, se seria por hipoteticamente estar apaixonado ou traumatizado por algo. Com certeza pensariam que seria devido ao acidente de dona Mônica e todo o problema que ele trouxe a Carlos. Nada disso chegaria um décimo próximo do *real* motivo.

De uma coisa não conseguia fugir: dos pesadelos.

Eram cada vez mais vívidos. Mais *palpáveis*. Eu conseguia sentir cada gota de água que escorria de meus cabelos molhados e descia pelo meu pescoço, minhas costas, minha barriga e meus braços, causando um arrepio torturante e fazendo meus dentes martelarem uns contra os outros. Eu percebia a agitação do vento, que batia contra meu corpo nu e molhado aumentando ainda mais o frio que sentia. Eu ouvia o farfalhar das folhas das árvores e o estalido dos galhos que se sacudiam quase que por vontade própria. E ouvia os passos da coisa que me seguia. Enquanto corria, sentia o calor de seu hálito podre e os pedregulhos que me atingiam quando eram lançados pelas suas patas que pareciam subir e descer em uma velocidade absurda, que não permitia fuga, tornando meu desespero e minha corrida inúteis. Pouco a pouco aquele sonho parecia me levar para lugares nunca antes visitados, mas que me deixavam de certa forma com uma sensação de repetição, mesmo cada sonho sendo milimetricamente diferente do outro. A cada sonho era como se um novo detalhe fosse acrescentado, revelado, construindo assim uma enorme cena que aumentava a cada noite. Se eu pudesse escolher, porém, teria vivido aquela cena de uma única vez.

Eu sempre acordava instantes antes de realmente ver a criatura que me seguia; não chegava a ver sua face e sua expressão, que com certeza seria de extrema fome e loucura.

E depois daquelas duas semanas, eu comecei a me sentir melhor. Apesar dos pesadelos, eu retomei minhas atividades aos poucos, e a sombra *daquele* dia já não me apavorava como antes. Passei a pensar: “se sobrevivi *aquilo*, àquele dia, então...”, e pouco a pouco eu me percebia mais *confiante*. Rever dona Mônica foi passando de “amedrontador” para “necessário”, depois de tudo, afinal. E tinha Carlos, lógico. Era um grande amigo. Não podia abandoná-lo daquela forma. Eu não sabia se a “coisa” continuava em dona Mônica. Sobretudo, sequer sabia que realmente era uma “coisa”. Era tudo muito vago. Aterrorizante e vago.

Não imaginava o que Carlos faria. Não sabia se os ataques continuariam, e a que ponto aquilo era perigoso para ela e para *nós*. Mas precisava saber. Não podia fugir o tempo inteiro. Será que eu teria mais paz se eu realmente fingisse que nada havia acontecido? Eu me sentiria bem sabendo que uma senhora doente estava passando por uma situação tão perigosa e eu não fazia nada para ajudar? Tudo bem, eu não imaginava *o que* eu faria para ajudar, mas parado eu não podia ficar.

Foi por isso que fui até a casa do Carlos no dia 5 de dezembro, não sem antes passar na casa do Samuel e convidá-lo também. Não me importava se ele dissesse que não queria ir, mas eu precisava falar com ele, e precisava avisá-lo que estaria me envolvendo de novo com aquilo.

Para minha surpresa ele aceitou ir comigo.

— Tudo bem, eu vou sim... acho que ele deve tá precisando da gente agora né?

Abri um largo sorriso, e ele corou.

— Sim, com certeza ele precisa!

E então partimos, cada um em sua bicicleta, com a sensação de que tínhamos um “tempo perdido” que devíamos recuperar. Havia um frescor diferente no vento, algo que nos empurrava em direção ao nosso destino. Hoje vejo o quanto aquilo era temível. Mas naquele momento, enquanto percorríamos o acostamento de uma rodovia disputada e perigosa, foi como um abraço de boas-vindas. Bem-vindo de volta.

Capítulo VIII

Ficar forte

Apesar da ânsia de revê-los, sabíamos o quanto aquilo poderia ser perigoso.

Samuel não tinha visto dona Mônica “possuída” ainda, e eu não queria nem imaginar qual seria sua reação. À medida que descíamos aquela estrada ladeada por árvores e coberta por folhas que agora estavam apodrecendo úmidas, a sensação boa foi desaparecendo e dando lugar a uma apreensão malvinda e um terror que crescia como uma liana, forçando por minhas pernas, meu tórax, meu pescoço, sufocando, apertando, subindo com uma força descomunal em direção à minha cabeça. Eu não sabia o que fazer para impedir aquele medo. Só me restava conviver com ele.

Ao chegar ao portão da casa enfiada dentro da mata, já pudemos notar a diferença que a “doença” de dona Mônica causara. A quantidade de folhas secas espalhadas pelo quintal era enorme, além dos restos podres de jabuticabas que rodeavam a árvore. Dois pássaros se alimentavam tranquilamente ali, mas voaram embora quando chegamos. Eram dois corvos.

Olhei para Samuca e ele inconscientemente já abraçava o próprio corpo, amedrontado. O vento soprava sacudindo tudo ao redor, e a sensação que nos angustiava era a de estarmos sendo *observados*. A brisa parecia girar ao nosso redor, como se nos cercasse. Respirei fundo e segui em frente, obrigando Samuel a me acompanhar.

A porta se abriu sem esperarmos, fazendo Samuel soltar um breve gemido de pavor. Minhas pernas formigaram, mas só durante o tempo em que meu cérebro titubeou em discernir quem era figura que nos recebia.

Carlos estava entre os batentes com um rosto sério, mas que se permitiu

um breve sorriso de canto de boca, um sorriso que pouco a pouco eu gostava mais de ver e que raramente eu presenciava. Ele abriu mais a porta para nós e nos convidou a entrar. A casa estava com um cheiro levemente adocicado, e quando cumprimentei Carlos, notei que o cheiro também estava em suas mãos, em seu corpo.

— Tô tentando fazer uma torta... uma torta de maçã, que minha vó sempre faz pra gente.

Olhamos ao redor, procurando dona Mônica, e finalmente a encontramos deitada na cama, com a cabeça enfaixada. Seus olhos estavam semicerrados e a boca estava fechada, quase contraída. Seu tórax subia e descia devagar. Depois que notei isso, *meu* tórax passou a se mover mais devagar. Andamos até ela, e por alguns segundos pensei que aquele movimento de respiração que havia visto era pura imaginação. Mas ela *estava* viva, afinal. Abriu lentamente os olhos, um deles com um pouco de dificuldade, pois seu supercílio ainda apresentava um grande inchaço, e virou o rosto para nós devagar. Foi ali, naquele momento, que eu percebi que nunca mais seria *a mesma coisa*. Eu nunca mais olharia para dona Mônica sem medo ou sem o mínimo de apreensão, porque no momento que ela virou o rosto para mim, eu a vi com o mesmo olhar vidrado e os dentes arreganhados, sujos por alguma pasta amarelada e *sorrindo* daquele jeito maligno.

E ouvi aquele rosnado.

Mas não havia nada. Ela sorria para nós, tentando não mostrar que sua dentadura estava em um copo na mesa de cabeceira. Ela não se moveu muito, apenas virou o rosto e ficou nos olhando. Imaginava que ela já estaria melhor depois de duas semanas de recuperação, mas vi que estava enganado. Ela não conseguia se mover.

— Oh, meus queridos, como vocês estão? — perguntou, com a voz arrastada, e, por Deus, *era* a voz dela.

— Eu tô bem, dona Mônica — falei. Ela olhou para Samuel, ainda sorrindo, e eu vi que ele estava arrepiado. Dei uma leve cotovelada na sua pança e ele fez uma careta para mim. Eu devolvi a careta, e ele olhou para a senhora com um sorriso meio forçado.

— Eu também tô bem, dona Mônica. Graças a Deus...

— Que bom, meus queridos, que bom... eu já tava com saudade de vocês. É uma pena que eu não possa levantar daqui pra fazer um lanche pra vocês — Então ela forçou de leve o braço esquerdo, erguendo o cobertor, e eu pude ver, perplexo, que a mão dela estava amarrada à estrutura da cama com uma tira de tecido enrolada, num laço forte que marcava a pele enrugada de seu punho —, mas o Carlinho tá fazendo uma tortinha de maçã pra gente. Eu vou

falando como faz e ele vai fazendo, né querido?

— Eu tô tentando, vó, não garanto nada... — disse ele, bem humorado, enquanto eu ainda olhava com desconfiança para a amarra no braço de dona Mônica. Olhei dali para seu rosto, e ela me encarava com o mesmo sorriso nos lábios, mas com um olhar diferente, um olhar de *confiança* que eu nunca havia visto direcionado a mim. Ela abaixou o braço e se mexeu na cama, procurando uma posição um pouco mais confortável, mas não mudou muito de como já estava. Imaginei imediatamente que suas pernas também estariam amarradas.

Então de novo eu ouvia sua voz na minha cabeça: “Não tenha medo... não tenha medo...”, e depois “Vocês tem que se preparar... vocês tem que se preparar...”, e novamente eu olhei para ela, dentro dos seus olhos, e eles pareciam brilhar de leve naquela escuridão. Depois minha cabeça começou a doer um pouco e eu tive que sair de perto dela. Samuel me acompanhou com os olhos, desconfiado, e se afastou dela da mesma forma.

Sentamos à mesa. Carlos parecia indiferente a nossa presença, e olhava a todo instante para a torta dentro do forno.

— Carlos? E então? — perguntei.

— Acho que vai ter que assar mais. Tá meio cru em cima.

— Não é disso que tô falando. Quero saber dela — falei, indicando dona Mônica com a cabeça. Carlos suspirou e jogou o pano de prato que enrolara na mão para abrir o forno sobre o ombro.

— Ela está um pouco melhor. Mas *ele* ainda tá dentro dela.

— Cê ta brincando? — disse Samuel, se remexendo incomodado na cadeira.

— Não, tô falando sério. Ele ainda tá dentro dela. Eu posso sentir.

— E você trouxe ela *pra cá*? Não podia, sei lá, deixar ela... internada? Em algum... lugar? — Samuca sendo o *Samuca*.

Carlos o ignorou. Ele me encarou em silêncio, e eu senti uma leve dor de cabeça enquanto ele me encarava. Quando seus olhos se desviaram, a dor se foi automaticamente.

— O médico disse que ela ia tá bem em uma semana, mais ou menos, porque ela não quebrou nada, só machucou mesmo. Mas eu acho... acho que *ele* tá atrapalhando ela de se recuperar. — Olhou na direção dela. — Preciso arrumar um jeito de expulsá-lo, antes que faça mais alguma coisa com ela.

— Por que ela tá amarrada? — perguntei. Ele me encarou com impaciência, e de novo a dor na cabeça me incomodou. Só parou quando ele começou a falar:

— Como assim *por quê*? Cara, cê lembra o que aconteceu, cê tava aqui... ela podia ter *morrido* com aquela pancada na cabeça.

— Eu sei, mas... *amarrá-la*? Não é...

— Cruel? É isso que quer saber? Pois acredite, é *muito cruel*, ainda mais para mim. Mas se eu não amarrar ela...

— Eu sei, eu sei... ela se machuca. Eu sei. Mas mesmo assim...

De novo o silêncio cobriu aquela mesa. Samuel olhava ao redor inquieto, enquanto Carlos encarava o chão. Eu olhava diretamente para ele, com o coração aos pulos.

— E então, o que vai fazer? — perguntei finalmente. Ele não moveu a cabeça em nenhum momento.

— Não sei... quero tentar expulsar ele, mas tenho medo de não conseguir e...

— Mas como? — dessa vez foi Samuel quem perguntou — Porque, tipo, se cê quer *exorcizar* ela, cê vai precisar de um padre. Né?

Carlos balançou a cabeça negativamente:

— Não, uma coisa não tem nada a ver com a outra...

— E como não? O que tem dentro dela? Cê sabe?

— Eu ainda não sei. Mas vou descobrir, é questão de tempo.

— Como? — Ele encarava Carlos, que o encarava, e notei que aquelas perguntas incomodavam o neto de dona Mônica.

— Olha aqui, cara, eu tô falando, eu *vou descobrir*. Eu só preciso de...

— Ajuda? — falei, e ele assoprou.

— Droga, não preciso de ajuda! Não pra isso. Preciso é de *tempo*. Eu... — Ele reparou nossos olhares constrangidos e coçou a nuca. — Olha, na verdade, eu não queria envolver vocês nisso. Sério mesmo. Deixa a coisa... deixa a coisa comigo, ok? Não perguntem sobre ela, não se metam com ela... eu tenho certeza que vocês tem pesadelos com ela *faz tempo*...

Ele olhou para mim e eu desviei o olhar para Samuel, que encarava o chão com os olhos meio arregalados.

— Essa coisa é *perigosa*. E vocês... droga, vocês não tão acostumados com isso. Eu *sei* que não.

— E você tá? — indagou Samuca, com a voz afinando no “tá”.

— Mais do que vocês... acreditem.

Ele baixou a cabeça de novo. Parecia sem jeito em dizer aquilo para nós. Seria a segunda vez em que recusaria nossa ajuda. E eu não entendia o porquê.

— Olha, eu sei que cês tão fazendo de tudo pela gente... — Ele olhou para a avó novamente. — Mas *nisso*, nesse assunto, não se envolvam. É pelo bem de vocês.

Ele nos encarou, indagador. Esperava uma resposta. Uma *promessa*. Depois de alguns segundos, eu balancei a cabeça afirmativamente, e Samuca me

— Ok, e brigado mesmo assim. Me ajudaram bastante, mas agora, eu tenho que me livrar dele *sozinho*.

— Garoto imbecil... não consegue nem cuidar de uma *tooooooooooooo* no *fooooooooooooo* e acha que pode me *enfrentar sozinho*?

Samuel caiu da cadeira no mesmo instante, e começou a se arrastar para longe, os pés escorregando no piso de madeira escorregadio devido à farinha da torta. Ele gemia de pavor, e a reação foi além do que eu esperava. Ele olhava na direção de onde vinha a voz, na direção da cama. Onde estávamos não podíamos ver o rosto de dona Mônica, e eu agradeci por aquilo. Seus dedos se arreganharam, e ele chutava o ar como uma criança que esperneia no corredor de um supermercado.

[illegible]

— É você? Você que *queeerrrrrrrr* me *derrotaaaaarrrrrr*? Sozinho? — esnobou a coisa. Carlos olhava para a avó com olhos cheios de fúria, e eu temia alguma reação impulsiva contra *ela*, que acabasse machucando-a. — Garoto, você não faz ideia *do que* eu sou... sua existência é *ínfima* diante da minha... eu vivo há milênios... enquanto você provavelmente não verá sequer o alvorecer da sua *adolescência*!

— Você vai morrrrrrrreeeeeeerrrrrrrrr sem ao menos sabeeeeerrrrrrr pra que seeeeeerrrrrrrve essa coisinha que você tem pendurado no meio das peeeeeeeerrrrrnas!

— Já chega! — berrou Carlos, e no mesmo instante as gargalhadas da

coisa cessaram. Samuel ergueu o rosto assustado, tirando não sei de onde coragem para ver o que estava acontecendo. Saí de perto dele e pouco a pouco me aproximei do limite do quarto. Carlos respirava como se tivesse acabado de correr alguns quilômetros, e a face retorcida de sua avó era um rosto de mágoa. E também de *desafio*. Sua boca desdentada foi se arreganhando em um esgar arrepiante, e ela riu fino.

— *Ou o quê?*

— Ou isso.

Então Carlos puxou algo do bolso. Não pude ver direito o que era, mas era verde escuro, e no mesmo instante a criatura dentro de dona Mônica fez sua face mudar do deboche para o asco. Suas gengivas se arreganharam como se estivesse querendo atacá-lo. Sua testa franziu, revelando tantas rugas quanto um *shar pei*. Ele/ela se contorceu.

— Não ouse... — começou a coisa, mas Carlos não deu ouvidos. Enfiou com força o que quer que tenha tirado do bolso *dentro da boca* da avó. Um som gorgolejante atingiu nossos ouvidos. No mesmo instante aquilo se tornou brasa, e eu consegui ver brevemente que se tratava de uma folha de alguma árvore. O corpo de dona Mônica se projetou para frente e depois se afundou na cama. O ramo desapareceu para dentro dela.

O silêncio invadiu a casa novamente. Carlos desabou sentado sobre a cama, a cabeça entre as mãos. Samuel encarava a cena abismado, mordendo o lado da mão. Andei até Carlos apressado, sentindo uma necessidade imensa de tirá-lo de tão perto dela/dele. Quando o toquei, ele *fervia*.

— Não se preocupe, ele foi... por enquanto — falou.

No mesmo instante dona Mônica começou a gemer baixo, e não era mais a voz da coisa que saía dela. Ainda assim recuei disfarçadamente.

— Vó? Tudo bem? — perguntou Carlos, chegando bem perto de seu rosto, e eu imaginei a velha avançando sobre ele com aquela boca babenta e banguela. Mas ela somente abriu os olhos devagar e sorriu ao ver o neto.

Carlos chorou enquanto deitava a cabeça no colo da avó. Eu sentia que ela queria acariciar seus cabelos, mas não podia, pois estava amarrada, e aquilo foi como uma mão fria apertando meu coração.

— Não se preocupe querido... você foi bem, você foi bem... você foi muito bem.

Então ela moveu a cabeça, olhando ao redor, e eu vi seu nariz se remexendo.

— Acho que você esqueceu alguma coisa no forno, querido.

Naquela noite fui abraçado pelo mesmo pesadelo. E foi tão real que, quando acordei, as mesmas gotas geladas de água da chuva do sonho escorriam do meu cabelo pro meu pescoço.

Dessa vez eu ouvia a gargalhada múltipla da coisa, vozes dentro de vozes, agudas e graves se misturando em um uníssono sinistro. Ela me perseguia de forma implacável e ao mesmo tempo eu percebia que se ela quisesse, ela conseguiria me pegar, mas ela segurava o passo somente para ver meu pavor. E correr ficava cada vez mais difícil, como se meu corpo pesasse dez toneladas.

Eu sentia o hálito pestilento na minha nuca quando ele dizia “*volta pra barra da saia da mamãe, seu bichinha*”.

Quando acordei, o choro estava entupindo minha garganta, mas eu não queria chorar. Não podia deixar que eu chorasse. Então eu segurei, e foi duro. Contraí o pescoço inteiro, esticando músculos e tendões que eu sequer imaginava que existissem, e por fim consegui. Eu *não podia chorar*. Não queria demonstrar qualquer fraqueza. Se eu quisesse ajudar Carlos e sua avó, eu teria que me tornar forte. Forte por dentro. E precisava começar logo.

O fim das aulas estava próximo. Mais duas semanas e seríamos os pesadelos dos vizinhos. Quanto a mim, decidi que faria das minhas férias um período de aprendizagem *interior*. Não sabia o que aquilo realmente significava, mas eu *queria*, precisava aprender mais sobre mim e distinguir corretamente minhas emoções e meus medos, pois com certeza eu precisaria disso, precisaria me conhecer para enfrentar aquela coisa.

Mas Carlos havia recusado nossa ajuda, então por que eu continuava pensando naquilo? Por que eu ansiava ajudá-lo mesmo sabendo que ele não queria nosso envolvimento? Por que eu queria tanto estar perto dele e ajudá-lo a carregar sua avó onde quer que fosse ou precisasse? Aqueles questionamentos me deixavam confuso e me forçavam a passar longos períodos do dia calado, pensativo, introspecto, mas de alguma forma as respostas não vinham.

Passei a pesquisar na internet sobre o assunto da possessão e do exorcismo, coisa que anteriormente sequer havia passado pela minha cabeça. Apesar da enorme quantidade de artigos, todos eram incrivelmente parciais, e sempre apresentavam os dois lados da moeda: o religioso e o científico. Se por um lado eu fui testemunha ocular da alteração de comportamento de dona Mônica, de seus espasmos e tremores constantes, contorção do corpo, força desproporcional e movimentos aparentemente impossíveis, além da mudança repentina do tom de voz, eu também descobria que cada um desses sintomas era característico de uma ou outra doença do campo psicológico ou cerebral, como Parkinson, epilepsia, esquizofrenia, e até mesmo uma doença chamada Síndrome de Tourette, que explicaria perfeitamente os espasmos e vocalizações repetitivas.

Havia também o chamado efeito Placebo, que explicaria a melhora repentina de dona Mônica após Carlos jogar um simples ramo verde de uma árvore qualquer em sua boca. Logicamente que essas doenças não explicavam o ramo pegando fogo dentro da boca dela e o fato de ela ter se pendurado no teto, contrariando qualquer maldita lei da física. Foi por isso que continuei pesquisando. Encontrei diversas páginas que levavam a possessão totalmente a sério. Outras eram tão caricatas que não mereciam atenção. Depois, pude notar que todas possuíam praticamente as mesmas opiniões, os mesmos dados, algumas até as mesmas *palavras*, e aquilo me deixou irritado. Eu precisava de *mais*, e o assunto parecia ter chegado ao limite.

Decidi pesquisar nos livros no fim da semana. Mas me decepcionei com a biblioteca da cidade, que era pequena e não tinha nenhum material sobre o assunto. Na escola só havia livros didáticos. Estava de mãos atadas e com informação limitada.

Foi quando, em uma tarde daquela semana, em um dia em que eu, Samuel e Carlos vigiávamos dona Mônica pacientemente, enquanto jogávamos baralho, a contragosto de Carlos, que não nos queria lá até expulsar a coisa, eu notei o *baú* no fundo da sala, encostado na parede, quase que escondido por um grande vaso. Era um grande baú de madeira quase negra, trancado com um cadeado enorme. Fiquei olhando para aquela peça de madeira e me perguntando o *que* haveria dentro dela. Cadeados gigantes devem proteger coisas importantes, pensei. Carlos e Samuel notaram minha pausa no jogo e seguiram meu olhar.

— O que tem no baú, Carlos? — perguntei.

— Eu não sei.

Olhei para ele intrigado.

— Como assim não sabe?

— Não sei. E minha vó não me deixou abrir pra ver.

— E faz tempo que ele tá aí? — Samuel perguntou.

— Faz, desde quando vim morar aqui — respondeu, voltando ao jogo.

Continuei olhando para o baú, e do baú para dona Mônica, que estava deitada (amarrada) na cama, com o rosto virado para o teto, dormindo.

— Cê *nunca* quis abrir ele? — perguntei, cochichando, e ele interrompeu novamente o jogo, irritado.

— Claro que sim! Mas não posso. Ela não deixou.

— Era ela mesmo? — perguntei, olhando para o baú. — Era ela mesmo, ou a *coisa* dentro dela?

— Droga Paulo, acha que eu não saberi... — foi dizendo, mas se interrompeu, notando o erro que havia cometido.

Nós três passamos a encarar o baú, sentindo uma energia muito estranha

girando entre nós. Eu me arrepiei. Conhecia aquela sensação. Era *ela*. Tentando nos desencorajar.

— O que pode ter lá dentro? — perguntou Samuca. Falava baixo.

— Não sei. Talvez fotos, roupas...

— Ou livros — falei, e ele me encarou com curiosidade.

— Livros? Livros sobre...

— Livros que nos *ajudem*. É nisso que tô pensando — falei, e me levantei na direção do baú.

No mesmo instante dona Mônica gemeu, despertando. Eu travei ao ouvir aquele som. Samuel e Carlos viraram-se automaticamente.

— O que vocês tão fazendo, meus queridos?

Era a voz de sempre, e momentaneamente eu relaxei. Carlos, porém, olhou para mim e mexeu a cabeça lentamente.

— Tamo jogando, vó — disse Carlos, e balançou a mão para que eu continuasse na direção do baú. Eu obedeci. Dei meu primeiro passo e no mesmo instante o rosto de dona Mônica virou-se para mim.

— O que cê tá fazendo, Paulinho? — perguntou. Minhas pernas travaram de novo, mas Carlos continuou indicando para que eu fosse em frente.

— Eu...

— Ele vai pegar o baú, vó, pra gente dar uma olhada. Não tem problema, né? — disse ele me interrompendo. Dona Mônica fechou os olhos e esticou o pescoço levemente.

— Baú? Que baú, querido? Não tem baú aí...

— Tem sim vó, e a gente vai dar uma olhada. A senhora não liga, né?

— Oh meu querido, mas não tem baú...

— Tem sim, vó.

Ela calou-se. Eu já estava a menos de um metro do baú. Era enorme e escuro, e de perto pude notar os detalhes dos desenhos talhados na madeira, quase ocultos pelo pó que se esgueirava entre as brechas dos relevos. Era tão grande que eu caberia tranquilamente dentro dele. Pus a mão na tampa, áspera, e arrastei alguns milímetros de poeira para fora. Ela cintilou no ar e se perdeu nas sombras.

— Hey, menino... — disse ela, com a mesma voz afável. — Não mexa no baú. Eu não deixei...

— Pode mexer sim, Paulinho — disse Carlos, olhando o tempo inteiro para sua avó. Samuel já estava com os braços em volta do próprio corpo. — Não tem problema.

— Mas eu não deixei, Carlinho... — disse ela, com uma voz tão afável que quase me enganou. Os ombros já se mexiam devagar, e ela alongava o

pescoço constantemente.

— *Você* não deixou... mas *minha* vó deixou — disse Carlos. Eu peguei no cadeado, e então a voz da velha engrossou.

— *Seu bichinha filho da puta! Se você ousaaaarrrrr mexeeeeeerrrr de novo nesse cadeado... eu juro que faço sua mãezinha em pedaços!*

— Vai Paulinho, traz o baú pra cá.

Tentei arrastá-lo sozinho, mas era incrivelmente pesado. Chamei Samuel com a mão, e ele fez uma careta de medo. Fechei a mão e balancei o punho para ele, furioso. Ele se levantou e veio até onde eu estava, sem tirar os olhos de dona Mônica se contorcendo na cama. Juntos, conseguimos arrastar o baú uns trinta centímetros.

A coisa na cama gritou de novo.

— Ah seu *gooooorrrdo* maldito! Saia daí ou vou *comeeerrrrrrrrrrr* suas tripas agora mesmo! Sim, agorinha mesmo!

Samuel gemeu outra vez, fechou os olhos, mas não fraquejou. Continuamos puxando o baú e ouvindo os insultos da coisa que possuía dona Mônica. Murmurei um “fica frio” para ele, mas eu mesmo estava apavorado.

— Ah, eu vou *mataaaaarrrr* vocês, juro que vou! Vou *mataaaaarrrr* o *bichinha*, com certeza que vou! E vou me *enfiaaaaaarrrrrr* em cada canto escuro da mãezinha dele antes de despedaçá-la, juro, juro que vou!

— Você não vai fazer nada! — berrou Carlos pra ele/ela. — Você não pode sair daí, vai ficar preso pra sempre nessa cama, seu imundo!

A coisa gargalhou alto, em vários tons.

— Ah como você é ingênuo, pequeno órfão, como é *ingênuo*! Acha mesmo que essa velha vai *duraaaaarrrrr* muito? Acha mesmo? — A coisa relinchava aquelas palavras para Carlos, e eu imaginei que o que quer que ele estivesse fazendo ali contra a coisa enquanto conversava com ela era *muito* mais difícil do que carregar aquele baú. Eu podia ouvir seu cansaço em minha cabeça. — Essa velha vai *morrreeeeeerrrrr*, seu *meeeerzinha*, e depois disso, eu vou *saiiiiiiiiirrrrrrrrrr*, *saiiiiiiiiirrrrrrrrrr* para esse mundinho medíocre! E você nunca vai *podeeerrrrr imaginaaaaarrrrrrr* as coisas que vou *fazeeeeerrrrrrrrrrrrr*, porque você vai *estaaaaaaarrrrrrr mooooooooooorrrrrrrrrto*!

Conseguimos arrastar o baú até o meio da sala. Dona Mônica/a coisa virou seus olhos para nós e viu que o baú estava perto de Carlos, então deu mais um berro. Foi o berro mais assustador que eu poderia imaginar. Tudo pareceu encolher ante aquilo, aquele berro espectral. Foi tão forte que por um segundo a realidade deixou de existir, baú, dona Mônica, Samuel, Carlos, a casa, eu, *tudo*, e havia apenas aquele grito, aquele som opressor, terrível e caótico. A casa inteira parecia vibrar. Samuel agarrou-se às orelhas e eu não consegui não fazer o

mesmo.

O primeiro prato atingiu Samuel na canela, e ele gritou como se a mão gelada de um defunto tivesse invadido sua cueca. Deu um salto, tirando os dois pés do chão, e olhou atônito para a louça pousada no tapete. Então veio mais um prato, e tivemos que nos abaixar o mais rápido possível para que ele não nos atingisse. As coisas começaram a tremer dentro da casa, desde os quadros rústicos nas paredes até o enorme e pesado sofá, e de repente *tudo* estava voando.

As cortinas se agitavam, mesmo com as janelas fechadas. O chão tremia como se houvesse um terremoto.

Víamos perplexos as portas dos armários e da geladeira abrirem na cozinha. Gavetas saíam e entravam constantemente, e em cada movimento mais e mais talheres venciam a gravidade e avançavam pelo ar. A porta do forno do fogão abria e fechava como que tentando falar. Meias, cuecas e calcinhas passavam por nós como pombas em pleno voo. Pratos, copos e panelas rodopiavam, formando um tornado de objetos. O sofá trepidava e levitava lentamente, caindo logo em seguida e subindo de novo. Permaneci parado e embasbacado, surpreso, confuso e acuado, sem pensar um segundo o quanto aquele furacão de coisas podia ser *perigoso*. Olhei para onde Carlos olhava e travei. A cama onde dona Mônica/a coisa estava deitada começou a tremer. Carlos deu um berro.

— Droga, alguém pega o martelo lá fora *pelo amor de Deus* e estoura esse cadeado!

Samuel levantou-se no ímpeto, titubeou um pouco, mas avançou para a porta no meio de um tufão de vasos, sapatos e talheres que voavam. Um prato atingiu-lhe com força na nuca. Ouvi o baque rijo do impacto de seu corpo no chão, e gritei por ele. Ficou deitado no chão, tremendo, passando a mão sobre a nuca. Levantei-me desesperado e fui para a porta. Carlos não podia sair dali, do contato visual com a coisa que também o encarava, pois eu já havia percebido que travavam um intenso duelo *mental*, e se ele desviasse o mínimo que fosse sua atenção, a coisa *venceria*. Derrubaria não só a nós, como à casa inteira; lembrei-me do esforço em não chorar dias antes, na força com que segurei meu gemido infantil de medo e da necessidade de me tornar forte. Passei por Samuel, que permanecia imóvel. Uma panela passou a centímetros do meu rosto. Abaixei e puxei a porta pelo trinco.

Forte.

Ficar forte.

Uma faca cravou-se na porta, tão próximo da minha mão que eu senti o frio do metal. Consegui abri-la. O mundo lá fora também rodopiava, também era

escuro e frio, e os relâmpagos cortavam o céu em flashes repentinos e assustadores. Bati a porta atrás de mim a tempo de ouvir algo pesado chocar-se contra ela.

Olhei ao redor atordoado. Não fazia ideia de onde estaria o maldito martelo. Procurei embaixo do tanque, dei a volta na casa, remexi caixas e mais caixas, e não achei nada. Enquanto isso, o barulho na casa era enorme, como se uma tropa de centenas de militares estivesse marchando lá dentro. Aquele som foi me deixando confuso e minha própria cabeça parecia girar, minha mente parecia contorcer-se, e junto a isso veio uma ânsia de vômito enorme, que me obrigou a ficar curvado com as mãos nos joelhos, em um estado de exaustão que eu nunca havia experimentado; fiquei com medo daquilo. Não sabia como era sofrer um infarto, mas foi o que consegui associar no momento.

Era a coisa.

Forte.

Em meio a isso, a voz de dona Mônica começou a invadir meus pensamentos, contra a minha vontade, e de repente eu entendi. Ela estava tentando *falar* comigo, assim como fez tantas vezes sem que eu percebesse. Eu não conseguia aceitar aquela ideia. Falar comigo. *Mentalmente*.

Forte.

Sua voz não estava tão forte e presente como das outras vezes, mas ainda era capaz de me causar um forte incômodo no meu estômago. Era como um sussurro. Um esforço desesperado. Ela dizia “Na jabuticabeira... na jabuticabeira...”, e mesmo com aquilo ecoando na minha cabeça e me deixando perdido, eu corri para a frente da casa e vi, encostado ao pé que parecia morto rodeado por frutos podre, um pequeno machado. Lancei-me para ele, temendo que repentinamente ele criasse vida e se movesse na minha direção, mas isso não aconteceu. Senti uma espécie de calor invadir meu corpo quando envolvi o cabo liso e amarelo do machado com minhas mãos, uma espécie de força que me nutriu e expulsou de mim o medo momentâneo. Quando a voz de dona Mônica cessou em minha mente, a vontade de vomitar também se foi, e eu corri de volta para a porta.

Quase caí no chão duro de terra batida quando me choquei fortemente contra a porta e ela não se moveu. *Ele* estava segurando-a.

Forte.

Ficar forte.

Forcei com insistência a maçaneta, ainda na esperança de que a porta cedesse, mas percebi que a coisa queria isso, queria nos separar. Com Samuel quase desmaiado e eu aqui fora, Carlos ficaria só para enfrentá-lo. Aquilo não podia acontecer. Ergui o machado com as duas mãos o máximo que pude e dei

uma forte pancada no meio da porta. Lascas de madeira voaram na minha direção, e o machado momentaneamente ficou preso à rachadura recém-aberta. Apoiei o pé na porta e puxei o machado com toda a força que tinha. Ele soltou-se com esforço e por pouco não atingi minha perna com sua lâmina escura. Peguei um pouco de distância e desci outro golpe contra a porta. O machado quase se enfiou para dentro da casa. O buraco aberto já me permitia ver Samuel deitado no chão, protegendo a cabeça e olhando de soslaio para a porta que eu destruía. Choquei o machado mais três vezes contra a porta velha, que pouco a pouco se desmanchava a cada golpe. Constatei apavorado que a cama onde dona Mônica/a coisa estava já não apoiava mais os quatro pés no chão. A coisa conseguiu girá-la de forma a manter o corpo de dona Mônica de *pé*. O cobertor havia escorregado para o chão, revelando o corpo magro da velha vestido com uma camisola branca e longa, que tremia com o vento criado pelo tornado de objetos que girava dentro da casa. Ele encarava Carlos com os olhos de dona Mônica, olhos que ele havia conseguido tornar cruéis e esmagadores, repletos de veias que brilhavam em vermelho. A maldade exalava dali.

Passei pelo buraco na porta com dificuldade, me arranhando nas farpas da madeira. Uma afundou no meu ombro, e eu o senti formigando enquanto corria na direção de Carlos, na direção do baú, mirando o cadeado desde o momento em que havia entrado.

Ardia. O corte ardia.

Forte.

Ficar forte.

Foi tudo muito rápido. Quando levantei o machado e desci-o sobre a tranca, senti meu corpo sendo erguido do chão contra minha vontade. Era como se não houvesse mais peso ou gravidade. Depois tudo rodopiou, minha vista acinzentou-se e eu senti o impacto da parede na minha cabeça e nas minhas costelas. O inchaço na cabeça foi imediato, eu o percebi crescendo rápido e latejando como se fosse estourar. Olhei com esforço para Carlos. Ele já estava fraquejando em seu duelo mental com a coisa. Suas pernas começaram a se dobrar lentamente, e a mão estava fechada com tanta força que havia perdido toda a cor. Olhei ao redor atordoado e não vi Samuel. Meu coração estava em disparada. Não havia mais o que fazer. O fim era iminente, e não porque não tentamos, mas porque aquela *coisa* se mostrava ali tão poderosa que eu não podia imaginar o que ele queria dizer com “*eu vou sair, eu vou sair*”. Se ele *saísse*, estaríamos mortos. E ponto.

Então eu ouvi um grito agudo de medo e ao mesmo tempo de desafio. Meus olhos se viraram e eu vi Samuel em pé perto da cama, com as pernas flexionadas e algo na mão. Um vaso de uma planta. Naquele instante os objetos

começaram a se mover mais lentamente e a cair, ao mesmo tempo Carlos conseguiu se erguer, abrindo as mãos e andando na direção da avó. O sofá que caminhava vivo aquietou-se. Os pratos ainda inteiros agora se espatifavam no chão. O que sobrava de comida sobre o fogão repousava misteriosamente sobre o tapete da sala.

Dona Mônica/a coisa olhava para Samuel com a face cheia de nojo. Tremendo, ele chegou perto dela e aproximou o vaso do seu rosto, e Dona Mônica/a coisa começou a puxar a cabeça na direção contrária, distanciando seu rosto da planta que Samuel segurava. Em segundos Carlos arrancou um pedaço da planta com uma mão, e com a outra forçou a abertura da boca da coisa, que contraía os lábios de dona Mônica com muita força. Por fim, a cama atingiu o chão com um baque seco, o resto das coisas foi caindo, uma atrás da outra, enchendo a casa de um barulho ensurdecedor de desordem.

Carlos não precisou colocar a planta na boca de dona Mônica, pois a coisa tinha acabado de abandoná-la; *temporariamente*, isso era óbvio. Em um segundo não se ouvia mais nada. A casa era puro silêncio.

Aquela luta não seria a última e provavelmente não a mais difícil.

— Meu Deus... meu Deus... — sussurrava Samuel, caindo de bunda no sofá revirado, com o vaso na mão. Carlos sentou-se no chão, com a cabeça abaixada e o suor pingando de sua testa.

— Tá tudo bem aí, Paulinho? — ele perguntou, olhando para mim com o rosto sério.

— Tô sim... mas acho que vou precisar passar um gelo na minha cabeça... e ver esse corte no meu ombro. Porra, o que foi isso? De onde cê tirou aquilo, Samuca?

— Tava no chão, parado... — disse, ofegante. — Era a única coisa que não mexia, junto do baú... então lembrei daquele dia e...

— Valeu, cara. Cê é foda — falei sorrindo, e ele riu sem graça.

— Isso é só uma amostra cara... do que essa coisa é capaz. Minha vó não vai aguentar outra dessa, tenho certeza... — Olhou para nós com o rosto desolado. Depois soprou forte. — Mas ela deu com a língua nos dentes, cês perceberam?

Balançamos a cabeça.

— Ela quer sair... — balbuciou Samuel, e a frase me causou arrepios. — Ela quer sair, cara...

— Sim, ela quer sair, mas não vamos deixar — disse Carlos levantando-se; ele observou a avó durante alguns segundos até notar o normal movimento do seu tórax, e então passou a mãos pelos cabelos que já lhe caíam sobre as orelhas. — Vamos endireitar essa cama, pelo menos. Deixa o resto pra depois.

Depois que a gente dar uma olhada nesse baú.

Balancei a cabeça, enquanto encarávamos o baú que eu consegui abrir com um único golpe.

Capítulo IX

O baú

Mal terminamos de reposicionar a cama de dona Mônica com os quatro pés no chão, nos reunimos imediatamente ao redor do baú. Havia um magnetismo estranho nele, algo que despertava nossa curiosidade além do normal; mas ele também parecia querer nos repelir, nos afastar. A mensagem era clara: *Abram-me, mexam em tudo, descubram o que não devem e sofram as consequências.*

O corte no meu braço coçava e ardia, mas era superficial e sangrara pouco. Carlos me trouxe um pano de prato, com a qual pressionei o machucado até parar de sangrar. Samuel passava constantemente as mãos pelos braços, aquecendo-se. Carlos coçava a cabeça.

O tempo lá fora parecia revoltado. Ou somente um reflexo do que havia acontecido *dentro* da casa. As árvores sacudiam em uma agonia alucinante, o vento as obrigando a quase se curvarem perante sua força e lançarem suas folhas e frutos ao chão. As nuvens se acumulavam com pungência e velocidade assustadora, comprimiam-se umas nas outras e lançavam fochos de luz de potência descomunal sobre o verde logo abaixo. O som ribombava pelo ar e pelo nosso peito, sobressaltando-nos vez ou outra graças à adrenalina ainda presente.

Encarávamos o baú com medo e necessidade. Era óbvio que continha *alguma coisa* que, de certa forma, poderia nos ajudar contra aquilo que agora repousava, e que minutos antes fizera o interior da casa parecer um modelo em pequena escala de um ciclone. Nossos olhares saíam do baú somente para que encarássemos uns aos outros, esperando a atitude de alguém. A atitude que seguiríamos. Por fim, Carlos acenou com a cabeça e pôs a mão sobre a tampa empoeirada. Seguimos seu gesto e abrimos o baú os três juntos.

Um cogumelo de poeira subiu do baú. Junto ele trouxe um cheiro úmido que parecia ter centenas de anos. Momentos depois nós três espirrávamos e tossíamos enquanto revirávamos seu conteúdo. Inicialmente fiquei temeroso em relação a quais “tipos de vida” poderia haver ali dentro. Caixas assim abrigariam famílias inteiras dos mais variados tipos de insetos e parasitas. Depois de alguns segundos encarando o interior do baú, decidi deixar a frescura de lado. Havia *tudo* o que se podia imaginar que coubesse ali, mas acima de tudo, também havia coisas que nos *interessava*.

Encontramos diversas roupas, em sua maioria vestidos, corroídos por traças e cheios de manchas e deterioração. Peças que em um passado longínquo eram brancas e agora se mostravam amareladas e sem vida, sem beleza. Havia uma enorme pasta com capa de couro cheia de fungos e rasgos pequenos nas costuras, e a pasta logo em seguida revelou-se um álbum de fotografias, repleto de imagens em tons de sépia e acinzentadas. Não reconheci nenhum rosto de imediato. Achamos diversos objetos no mínimo curiosos: um ferro de passar roupas, à brasa, que provavelmente pesava uns dez quilos; uma pequena caixa de madeira recheada de moedas prateadas com quase cem anos de idade; um rádio antigo e quebrado, com teias de aranha penduradas; um pequenino boneco dourado de olhos apertados e pesado segurando o que parecia um lampião; e o mais curioso de tudo, uma pequena e antigüíssima arma de fogo, quase inteira de madeira, com o cano de metal curto e todo entalhado com pequenos desenhos que se misturavam formando ramos entrelaçados e flores delicadas. O cano se alargava na ponta. Eu e Samuel gastamos alguns segundos contemplando aquela arma belíssima, enquanto Carlos continuava puxando coisas e mais coisas de dentro do baú.

E havia livros, lógico. *Dezenas* de livros. Todos muito velhos, com as capas de couro marrom incrustadas de poeira ou capas moles e desbotadas que quase se desfaziam ao toque. O cheiro era insuportável.

— Como descobriu que a planta tinha efeito sobre a coisa? — perguntei para Carlos enquanto esvaziávamos o baú velho.

— Não é uma simples planta. É um broto de Oliveira. Foi minha vó que falou que ajudaria a espantar ele... — respondeu, dividindo a atenção entre as coisas que encontrava e eu. — Ela fala comigo sempre que pode... na minha cabeça.

Ele olhou para mim com atenção quando percebeu que dei um leve suspiro. Em seguida senti aquela mesma dor na cabeça, insistente. Era *Carlos* quem tentava falar mentalmente comigo agora; mas não obteve sucesso. Ele tirou os olhos dos meus e imediatamente minha cabeça parou de doer. Olhei em seus olhos, atordoado.

— Ela tem poder... poder *mediúnico*, foi o que ela disse. Talento. É como ela chama. Eu tenho um pouco também. Coisa de família — Ele limpou as mãos na calça depois de tirar a última coisa que havia dentro do baú, uma caixa sem tampa cheia de cartas de tarô. — Então ela consegue falar comigo, por telepatia. Foi assim que eu fiquei sabendo que tinha alguma coisa dentro dela, porque *ele* não deixa ela falar isso com a boca.

— Deixa eu ver se eu tô entendendo... — disse Samuca — Sua vó é uma *médium*, e você é um... aprendiz de médium?

— Mais ou menos. Não se aprende a ser médium, você nasce assim e vai evoluindo. Eu estou muito longe do que minha vó é... se ela não fosse tão forte, essa coisa já tinha matado ela.

Samuel olhou para mim, espantado. Eu também estava surpreso, mas sentia como se aquilo já fosse algo familiar. Algo *previsível*.

— Tem uma coisa que eu já entendi, principalmente depois do que *a coisa* disse naquela hora. Ele quer *sair*. E minha vó tá impedindo isso, com o poder dela. O poder que *resta*, porque ela já estava muito doente antes da possessão começar.

— Então, a gente tem que arrumar um jeito de tirar isso dela — falei — Antes que ela...

Carlos baixou a cabeça em silêncio. Começou a folhear alguns livros e eu fiz o mesmo, constrangido. Samuel continuou observando aqueles objetos todos que nos cercavam, meio aturdido.

Os livros despertaram minha atenção quando achei em meio a pilha um exemplar do *Rituale Romanum*. A capa era vermelha e desbotada, e o texto inteiramente em latim. Havia outros livros de ordens ocultistas, livros com desenhos macabros nas capas, caveiras de olhos ocos e assustadores, demônios cheios de dentes afiados nas bocas e asas pontiagudas. Um livro negro tinha uma enorme estrela de cinco pontas na capa. Outros não tinham título ou nada parecido, apenas capas duras marrom escuro ou pretas, com os cantos amassados e as lombadas cheias de rugas. As páginas amareladas davam uma ideia da idade daqueles livros, que pareciam mais velhos que a própria dona.

Peguei um com a capa branca e cheia de riscos escuros preenchidos de sujeira, e o abri. Era totalmente escrito à mão, e havia anotações soltas entre as páginas, desenhos rabiscados com caneta preta e azul, e folhas velhas e frágeis do que eu já reconhecia como Oliveira. Observei com atenção a letra rabiscada e caída para a direita. Havia datas no alto das páginas.

— Acho que isso é um diário, Carlos — disse. Ele imediatamente largou o livro pequeno que observava perto das lentes dos óculos e o tomou da minha mão.

— Um *diário*? Caramba! Se isso for da minha vó, pode ter informações muito úteis! — disse, olhando o caderno, fascinado.

— Cara, tem muita coisa aqui... — disse Samuca. — A gente não vai poder ficar muito tempo aqui. Vai cair um puta toró!

Pela janela podíamos ver o tempo escuro demais pra ser 16h00min. Olhei para Carlos com urgência.

— Vamos dividir algumas coisas. Paulo fica com o álbum de fotografias e Samuel... — ele olhou para um Samuel amedrontado e passou a mão na cabeça. — Bom, não precisa pegar se não quiser... eu fico com os livros pra ver se acho alguma coisa importante.

Ele enfiou o suposto diário da avó embaixo do braço. Ressenti-me um pouco por aquilo, porque *eu* o havia achado, mas depois pude compreendê-lo. Provavelmente era o diário da *sua avó*. Ali poderia haver informações importantes não só para combater a coisa, como também para satisfazer sua curiosidade em relação à própria família. Eu não sabia na época qual era o relacionamento dele com o próprio passado. Sabia que seus pais haviam morrido em um acidente de carro quando ele tinha apenas cinco anos, mas era só isso. Quais dúvidas, quais incerteza ele teria no coração? Eu nunca poderia imaginar. A única coisa que eu podia afirmar é que ele *nunca* me contaria o que o afligia além daquilo tudo que estava ocorrendo.

— E essa zona? — perguntei, olhando a bagunça que começava na cozinha, espalhava objetos pela casa e terminava na porta quase destroçada. Não queria deixá-lo ali, sozinho com aquela coisa que podia despertar a qualquer momento. — Cê não vai dar conta de arrumar tudo sozinho.

— Pode ir, Paulinho. Deixa isso comigo. Pode ter certeza que não foi a primeira vez que tudo saiu voando.

Olhei para ele, ainda com pena (ah, maldita *pena*!) de deixá-lo arrumando aquilo tudo sozinho, mas fiz sua vontade. Enfiei os álbuns de fotografia que encontramos no baú dentro da minha mochila e parti com Samuel, não sem antes olhar para o corpo imóvel de dona Mônica, que só demonstrava vida graças ao inflar e desinflar constante dos pulmões.

A chuva não nos pegou no caminho, mas a ventania e os trovões constantes fizeram meu coração bater mais depressa durante toda a viagem. Samuel parecia ter acabado de sair de um pesadelo. Cada relâmpago lhe causava uma careta seguida de algum palavrão ou um conjunto deles. Quando nos separamos, ele só disse “amanhã a gente se vê”, como se tudo o que acabara de ocorrer na casa de Carlos não o tivesse abalado nem um pouco. Mas eu sabia que ele escondia o jogo. No fim das contas, ele foi incrivelmente corajoso e inteligente ao notar a planta imóvel e usá-la contra a coisa. E com certeza

arrependia-se profundamente da atitude, porque ele sabia, assim como eu, que aquilo *irritou* a coisa. Foi uma afronta. E ela não deixaria barato.

Quando cheguei em casa, a bronca foi forte. Minha mãe odiava que saíssemos à rua com aquele tempo. “Um raio na cabeça e *puff*, já era”, dizia ela, com razão, mas sem pensar no fato de que quando eu saí de casa o tempo estava ótimo.

Passei a noite pensando se *a coisa* possuía algum tipo de influência quanto àquilo.

O corte no braço me incomodou durante alguns dias. Aquela noite, no banho, eu quase chorei quando a água e o sabonete passaram sobre a ferida como limalhas de ferro quente. Felizmente não precisou de pontos.

Examinei o álbum de fotografias após o banho. Sentia uma urgência enorme naquilo. Precisávamos *avançar*, expulsar a coisa de dentro de dona Mônica o quanto antes. Lógico, eu não fazia ideia do que eu poderia encontrar em um álbum de fotografias que nos ajudasse em relação a isso. Mas eu queria muito ajudar Carlos com esse problema.

Porém, as fotos me decepcionaram. Primeiro, porque eu não conhecia ninguém retratado nelas. Segundo, porque pareciam simples e casuais, e não fotos que, de alguma forma, nos guiassem. Foi bom saber depois que eu estava errado.

A primeira fotografia do álbum era também a mais velha. Mostrava um belo e vasto campo recheado de grama baixa, cercado por árvores altas e cheias de prumo. Havia algumas marcas na grama, mas era impossível discernir aquilo de areia ou buracos. A foto era amarela de tão antiga: 12 de janeiro de 1931.

Organizei as fotos o mais cronologicamente que eu podia, considerando também a fragilidade de algumas, não permitindo que eu as removesse da película protetora. Depois da foto de 1931, havia várias fotos de 1940, que mostravam um casal sorridente segurando um pequeno bebê. Na maioria dessas fotos era possível ver esse casal em uma espécie de festa. O homem era alto e ligeiramente bonito, imponente, com um pequeno bigode bem penteado e o cabelo liso repartido de lado. Usava um terno aparentemente claro, bem desenhado, e sapatos escuros. A mulher era mais baixa que ele, de cabelos possivelmente escuros (as coisas ou eram pretas ou brancas na foto...), pele clara e maçãs do rosto salientes. Tinha uma pequena pinta no lado direito do

queixo. Usava um vestido que batia no meio das canelas, florido, e que se encaixava bem em sua cintura fina e seu busto pequeno e delicado. A criancinha no colo deles era *minúscula*, usava uma touquinha na cabeça e estava enrolada numa espécie de manta, e só. Não era possível ver mais nada além das pessoas ao fundo, todos vestindo roupas iguais ou quase iguais às que o casal principal usava. Havia fogueiras e crianças comendo milho. Deduzi que era uma pequena e recém-formada família curtindo uma festa junina qualquer.

Em outra foto aparecia esse mesmo casal, mas a criança estava um pouco maior, talvez uns cinco anos, e o homem usava o bigode maior, mais cheio. A mulher estava mais bela do que na foto anterior. Ambos usavam roupas de banho enormes, que ocultavam a beleza de ambos os corpos. A criança, do contrário, usava um vestido branco cheio de babados, revelando-se então uma menina. Havia um lago logo atrás. Avancei cronologicamente, e a foto de 1949 trazia várias pessoas reunidas ao redor de um avião pequeno de guerra, daqueles que possuíam hélices na ponta. Em primeiro plano, o mesmo casal posava com o avião ao fundo, e a criança da foto já estava um pouco mais crescida. Seu rosto despertou um breve reconhecimento em mim. Na foto seguinte, o casal e a criança posavam formalmente com um belo campo gramado ao fundo. Seus rostos estavam mais sérios.

A foto seguinte datava de 30 de março de 1953. Nela, o mesmo casal posava com a criança no mesmo campo da foto anterior, porém suas faces se mostravam bem diferentes: o homem apresentava uma barba rasa, por fazer, e no rosto da mulher havia uma seriedade, uma dureza que eu não tinha percebido antes. Já a criança tinha um leve sorriso de canto de boca. Parecia contrastar com os rostos circunspectos dos pais.

Dez anos avançaram de uma foto para outra. E a mudança no rosto do casal que protagonizava essa minha viagem no tempo foi drástica e implacável. O homem mostrava olhos apertados e a testa franzida de cansaço. As rugas marcavam os cantos dos olhos e provavelmente as bochechas por baixo da barba considerável que já atingia a gravata do paletó. Os cabelos negros da bela mulher estavam repletos de mechas claras, e sua venustidade pareceu decair, assim como sua imponência. Seu corpo parecia mais curvado. A criança não estava na foto, e a resposta veio rápida: ela havia *crescido*. Na foto seguinte, que era do mesmo dia, 28 de fevereiro de 1963, eu a encontrei, e descobri de onde vinha toda aquela familiaridade.

Ela era linda e tinha os olhos brilhantes. Usava um vestido de mangas compridas e que descia até os joelhos uma sapatilha simples e escura. Seu cabelo era escuro, liso e batia nas orelhas. Seu sorriso aberto revelava belas covinhas nas bochechas.

Olhei de perto, e ela usava pequeninos óculos de armação fina.

O rosto que aquela mulher me evocava era o de *Carlos*, mas ainda assim me surpreendi, apesar da data das fotos. Era dona Mônica a bela moça na fotografia. Meu coração deu um sobressalto, e imaginei o que Carlos sentiria ao ver a avó tão bela, jovem e saudável naquela fotografia.

Com certeza, ele sentiria *pena*.

Avancei para as fotos seguintes. Até 1968, o casal ainda aparecia nelas. Os *pais* de dona Mônica, provavelmente. A foto seguinte era de 1974, e mostrava um grupo de jovens sorridentes sentados no chão do que parecia uma sala de estar. Dona Mônica estava entre eles. Parecia mais forte, com o rosto levemente inchado, e então eu notei sua barriga. Ela estava grávida. Passei sorridente para as fotos seguintes. Em uma das fotos daquele ano, dona Mônica, com uma barriga *gigante*, posava ao lado de um rapaz magro de barba escura. Em outras fotos pude vê-los se beijando levemente. Era o avô de Carlos.

A foto seguinte saltou onze anos: dois de novembro de 1985. Havia um pequeno grupo de pessoas, todos usando calças jeans que subiam até as costelas e camisetas simples com estampas confusas. No meio deles, dona Mônica, com o corpo um pouco mais gordo, de mãos dadas com uma criança. Fora ela, reconheci somente o rosto de sua mãe, com os cabelos totalmente brancos e o corpo tão curvado que me deu dores. Seus rostos eram tristes e indecifráveis. Ao fundo, um campo gramado familiar.

Depois desta, havia mais uma foto do mesmo campo da foto de 1931. O ângulo da fotografia era quase o mesmo... mas havia tons de verde e o azul claro do céu, desbotados, lógico. Fiquei comparando aquelas fotos durante alguns minutos, e depois repassei próximo a estas todas as fotos que tinham em comum o mesmo campo gramado ao fundo. Fiquei olhando aquilo durante muito tempo, até sentir o estômago roncar de fome. No fim não consegui tirar conclusão alguma, ou pelo menos nada que nos ajudaria.

A única coisa que fiz levando as fotos comigo foi evitar que Carlos chorasse ao vê-las.

Capítulo X

Árvore de Natal

Eu não sei por que senti o anseio de ajudar Carlos e dona Mônica a montarem uma árvore de Natal. Eu sequer perguntei a eles, apenas fui com Samuel até lá e falei:

— Que tal montar uma árvore de Natal?

Na semana em que abrimos o baú eu tive tantas coisas para concentrar minha atenção que só notei a árvore de Natal na sala de casa na sexta-feira, quando finalmente saí da escola naquele dia com a frase do professor ecoando na minha mente: “Parabéns, você foi aprovado!”. Foi uma semana recheada de provas de última hora, trabalhos para entregar e expectativa de boas notas, além dos pesadelos recorrentes. Do lado de fora da escola o sacrifício de cadernos e livros era intenso, um ato que até hoje eu não compreendo muito. Samuel ia rasgar os próprios cadernos também, mas me viu balançando a cabeça com desgosto e desistiu, com a boca torta.

— Droga, cara, é a hora da *vingança*, entendeu?

Seguimos juntos durante um tempo, a pé e calados. Ele parecia muito mais feliz do que eu. O fato de ter sido aprovado se mostrava uma surpresa para ele. Seus passos eram soltos e leves. Só faltava assoviar. Porém, ele notou minha preocupação.

— E então? Como vai ser? Tamo de férias agora...

— É.

— Lembra daquele jogo que eu te falei? O *Dead Island*? Então, meu irmão trouxe... — ele viu meu desinteresse e emendou: — E pelo jeito a gente num vai chegar nem perto de jogar, né?

Dei um suspiro. Passávamos pelo canteiro central e vi um banco extremamente convidativo. Fui e me sentei. Ele ficou de pé na minha frente.

— Cara, eu não sei o que cê acha, mas parece que eu tô num pesadelo, véio. Eu não consigo parar de pensar no... no que tá acontecendo cara... com a dona Mônica e o Carlos... eu não sei você, mas...

— Eu não consigo dormir direito — disse ele, sentando-se do meu lado, com uma seriedade estranha, permeada por toques de medo — De vez em quando tenho uns pesadelos, cara... é tão real!

Olhei para ele.

— Como... como que é esse pesadelo?

— Eu tô no meio de um monte de árvores... tá chovendo e... cara, eu tô pelado no sonho. Essa é a pior parte.

— Não, não é — falei, olhando nos olhos dele. Estava arrepiado dos pés à cabeça. — A pior parte é quando você vira pra ver *ele* e não consegue...

— *Putá que pariu!* Eu já tinha falado dessa porra pra você?

Ele deu um berro, a voz tão fina quanto o miado de um gato, e a velhinha que passava do outro lado da rua, em frente ao hospital, virou-se para nós assustada.

— Não velho, cê não contou... mas... puta merda... eu também tô tendo esse pesadelo. E faz mais tempo que tô sonhando com isso do que posso lembrar.

Samuca arregalou os olhos e esticou o pescoço pra frente. Achei que ia babar, visto o tamanho da boca que abrira e que não parecia disposto a fechar.

— Sabe de uma coisa? Do jeito que tá tudo acontecendo... eu nem acho estranho — falei, e nisso ele fechou a boca. — Eu tô com medo, cara... não dá pra saber o que vai acontecer. A gente tá lá e de repente, *POW!*, a velha vira um monstro que fala grosso e te ameaça! Que faz as coisas saírem voando!

Ele me olhou surpreso, e eu sabia que era porque havia acabado de chamar dona Mônica de “velha”. Mas era um desabafo, e foi espontâneo.

— E cara, eu *quero* ajudar ela... ajudar o Carlos... mas... eu não sei *como*, entendeu?

— Eu também não sei, cara — disse ele, conseguindo deixar a voz mais baixa e conseqüentemente mais grave. — Mas a gente tem que descobrir, porque essa porra tá me matando de medo e me tirando o sono de noite. Eu nem sei como consigo tirar azul na última prova, semana passada... num tá fácil.

— Não mesmo — falei, encarando o céu azul e pensando o que faria pra aliviar aquela sensação que nos cercava. A sensação de que éramos vigiados por algo que não podíamos ver nem ouvir, mas que sabíamos que *existia*.

No caminho de volta fui com ele até sua casa. Era o início das férias, então eu não teria problemas se chegasse um pouco mais tarde na minha casa.

Nos despedimos, e ele me surpreendeu perguntando sobre as fotos. Respondi a verdade, que as fotos mostravam a família de dona Mônica, provavelmente, mas que não havia visto nada nelas que nos ajudasse realmente.

Caminhei de volta para casa, sem pressa, pensando durante o trajeto em como as coisas enlouqueceram em tão pouco tempo. O quanto aquilo se mostrou tão *perigoso*, tenso e misterioso. Ao mesmo tempo, tudo parecia muito distante, tudo parecia muito *lá*, na casa em que Carlos dividia com sua avó, a pequena casa de madeira envelhecida que abrigava dentro dela uma força terrivelmente ameaçadora. Enquanto eu me sentia acuado com aquela *coisa*, paradoxalmente eu quase podia perceber o quanto aquilo não me cabia, o quanto aquilo não deveria significar nada para mim, mas que invariavelmente eu me metia. Por quê? Por que eu me importava? Sim, Carlos era meu amigo, mas eu tinha provas o suficiente para saber que me envolvendo com aquilo eu corria sérios riscos. Droga, a faca que a coisa lançou contra mim fincou-se na porta. Um pouco mais para o lado e eu teria perdido minha mão. Um pouco mais de força no arremesso e a entidade teria quebrado meu crânio contra a parede, quebrado o pescoço de Samuel com aquele prato ou *desfeito* a mente de Carlos como uma escultura de areia entre os dedos. Valia a pena correr aquele risco?

De certa forma, eu sequer sabia o que era *risco*. Aquelas amostras de poder da criatura não significavam nada perto do que ela poderia fazer, e isso eu veria e sentiria na pele dias depois. Mas, ao mesmo tempo em que aquilo parecia querer me afastar, também me puxava com um magnetismo intenso. O *que* seria aquela coisa? De onde viera? Por que atacara o corpo de dona Mônica? O que queria dizer, exatamente, quando afirmava que estava prestes a *sair*? Eram perguntas que não fugiam da minha cabeça ali naquele caminho para casa, e que despertavam em mim o desejo de me envolver *muito mais*.

Então, quando cheguei em casa e finalmente reparei na árvore de Natal, tudo pareceu se anuviar com a beleza daquela coisa tão banal. Era singela e ao mesmo tempo estonteante, com seus dois metros e meio de altura, totalmente coberta por bolas vermelhas e brilhantes de diversos tamanhos e decorada com pequenos detalhes dourados, sinos, laços, papais-noéis de barba branca e olhos azuis felizes, anjos que cintilavam junto às pequeninas luzes que piscavam em um ritmo cadenciado e hipnotizante. Aquilo tinha sabor de família reunida, sabor de pessoas em volta da mesa, vestindo belas roupas e sorrindo, dando presentes umas às outras e comemorando o nascimento de Cristo. Não era o que eu pensava, moleque que era. Mas foi o que senti *naquela hora*. Ainda hoje sinto isso quando vejo uma árvore de Natal... mesmo depois do que aconteceu.

No mesmo instante eu vi em minha mente uma árvore daquele tamanho dentro da pequenina casa de dona Mônica; eu sabia que não caberia, e sabia

também que eles não teriam “cabeça” ou “tempo” para montar uma, pois com certeza tinham mais com o que se preocupar. Mas pensei no efeito positivo que aquele símbolo de esperança e prosperidade faria em Carlos. E em sua avó também.

E era especialmente em Carlos que eu pensava. O quanto aquilo faria bem a ele. Era ele quem segurava toda a barra que aquela situação criava.

Naquela mesma tarde saí de casa com um pouco do dinheiro que havia restado da mesada do mês e voei na minha *bike* até a casa do Samuel. Ele se surpreendeu com o motivo.

— Como assim montar uma árvore de Natal na casa do Carlos? Pra quê?

— Cê não entende... ele tá passando por um momento muito foda, cara. A gente precisa ajudar ele...

— É claro que precisa, mas no que uma árvore de Natal vai ajudar?

Eu deveria ter dito que aquilo devolveria ou pelo menos ajudaria a devolver o mínimo de dignidade que aquela senhora tinha, depois de ter seu corpo invadido por uma entidade maléfica que queria matá-la. Também deveria ter falado que queria ver um sorriso no rosto do Carlos. Um sorriso de criança. Porque era isso que ele ainda era. Mas eu não sabia me expressar dessa maneira. E falei de um jeito que no fim convenceu Samuel:

— Droga, daqui a duas semanas é Natal, seu imbecil! E eles merecem ter uma árvore de Natal também! Agora, vai me ajudar a montar a porra da árvore na casa dele ou não?

Ele veio comigo na hora.

Andamos pelo centro da cidade procurando lojas que vendessem árvores de Natal, o que não deveria ser difícil visto a época do ano, mas isso no fim das contas mostrou-se uma tarefa árdua. Eu não conseguia encontrar a árvore no tamanho que eu queria, com pelo menos um metro e oitenta. Tudo o que eu conseguia encontrar eram árvores pequenas, de um metro e meio no máximo, esqueléticas e, o que mais me decepcionou, sem presença, sem charme. Gastei pelo menos uma hora e meia passando de loja em loja até que Samuca me convenceu de que eu não conseguiria encontrar ali uma árvore como a da minha casa, que foi comprada no shopping e custou pelo menos umas duzentas vezes mais do que o dinheiro que eu tinha. Por um momento pensei em desistir daquilo, daquela demonstração tola de solidariedade. Uma árvore de Natal para

Carlos? E para a avó dele, que estava amarrada à uma cama porque em seu corpo morava uma criatura capaz de nos matar com a força do pensamento? Qual a razão daquilo?

Um pouco de alegria, essa era a razão. Porque era disso que eles precisavam, e não só uma árvore, mas uma ceia bem-feita no dia vinte e cinco, com boa comida e presentes. Porque eles sabiam, de uma forma indireta, ou até mesmo diretamente, sensitivamente, pois era esse o talento que tinham, que aquilo iria acabar mal. Dona Mônica não resistiria por muito tempo, e depois disso Carlos ficaria mais só do que o de costume. Precisava dar a ele a oportunidade de experimentar o mínimo de alegria que ele merecia, porque sempre foi um bom garoto, e mesmo assim Deus, se existisse, não estava do seu lado.

Continuamos na busca pela árvore, e encontramos uma bela e felpuda pequenina de um metro e meio, com um preço que levava quase metade do que eu tinha nos bolsos. Apoiamos a caixa sobre o banco da bicicleta e seguimos para comprar os enfeites. As bolas vermelhas com detalhes dourados foram fáceis de achar. Compramos vinte e fomos até outra pequena loja onde minha mãe comprava quinquilharias vez ou outra, e lá encontramos pequeninos anjos brancos com asas brilhantes e um pisca-pisca que alternava as cores entre tons de vermelho, azul e verde. Imaginei aquelas peças unidas e concluí que ficaria no mínimo singelo. Eles adorariam.

Samuel foi comigo até a casa de Carlos levar a árvore. Na descida pela mata tivemos que saltar das bicicletas e empurrá-las, não só por causa das caixas e pacotes, mas também porque as folhas que cobriam a estrada tinham sido carregadas pelo vento, revelando pequenas pedras arredondadas e escuras, que era o que na verdade recobria aquele caminho. Pedalar sobre elas parecia perigoso com tanta coisa para carregar. Desci todo aquele trecho encarando aquelas pedras e notando o quanto eram belas e familiares. Entretanto, a única coisa em que eu pensava mesmo era o quanto aquela árvore de Natal ficaria linda dentro daquela casa. O quanto ela deixaria aquela casa mais bonita.

Quando chegamos, o quintal mais sujo do que no começo da semana e a jabuticabeira completamente vazia, somente um emaranhado de troncos retorcidos e descascados, batemos à porta, cujo buraco que eu havia aberto no começo daquela semana fora cuidadosamente tampado com um pedaço grosso de compensado preso a pregos por fora, e Carlos a abriu. No mesmo instante desabrochei um sorriso que depois eu lembrei ter sido *gigantesco*, o que levou Carlos primeiro a fazer um rosto rápido de incompreensão e logo em seguida esboçar um leve e belo sorriso que revelava suas covas nas bochechas. Aquilo me impulsionou por dentro. Em um sobressalto, eu queria abraçá-lo, queria dizer

para ele que as coisas dariam certo, que ele ficaria bem, que sua avó ficaria bem, que ele voltaria a estudar e não seria mais assombrado pela perda dos pais ou pela coisa que possuía sua avó, que ele não precisaria mais se sentir sozinho, porque se precisasse ele teria até mesmo uma família emprestada. Mas eu não entendia *meus* sentimentos quando tinha doze anos. O máximo que fiz foi respirar fundo ainda com o sorriso na cara e dizer:

— Que tal montar uma árvore de Natal?

Ele me encarou sem entender, ainda com o meio sorriso na face.

— Como assim? Uma árvore...

— Eu não sei se sua vó tem costume de montar a árvore — falei, entrando na casa junto com Samuel —, mas já é nove de dezembro, eu não sei o dia certo de montar, mas acho que em casa já tá montada desde quarta-feira. E então, vamos?

O sorriso dele foi se desfazendo devagar. Ele olhou para um ponto atrás de mim, e eu me virei. Dona Mônica dormia profundamente em sua cama, ainda amarrada a ela. Aliás, mais amarrada do que outrora: tiras de lençol a abraçavam por cima do cobertor fino que a protegia dos mosquitos. Seu corpo aparentava mais magreza do que o normal. As pálpebras estavam escurecidas, assim como seus lábios. Havia várias protuberâncias notáveis: as clavículas saltadas, o osso do esterno entre os seios ressequidos, a borda da bacia e os ossos da patela. Tudo isso era visível mesmo com o lençol cobrindo seu corpo.

Encarei aquilo como uma tentativa de me desanimar, e se foi isso, era sortilégio da *coisa*, e eu não podia me deixar influenciar. Virei-me para Carlos com olhos cheios de súplica.

— Mas Carlos, eu tenho certeza que ela ia gostar de ter uma árvore de Natal!

— Eu sei, Paulo, eu sei, mas a gente não tá com a menor vontade. Eu preciso correr atrás de tanta coisa, ler aqueles livros, aqueles cadernos... a gente deixa isso pra...

— Não, Carlinho, a gente tem que montar *agora* cara, Natal tá chegando! Vai deixar isso pra quando?

— Pra quando a gente conseguir tirar essa coisa da *minha* vó, que tal? — respondeu ele, com um tom de rispidez que começava a se tornar comum em nossas conversas. Olhei para ele sem me ofender com a forma como ele havia falado, pois de um jeito que eu não podia explicar, eu sabia que aquilo era efeito do estresse mental, não era sua culpa e eu o entendia. E o desculpava.

Atrás dele, deitada na cama, dona Mônica suspirou e despertou lentamente. Fechei os olhos e me preparei para uma sequência de palavrões e desaforos com aquela voz assustadora, mas o que ela falou me encheu de alegria.

— Isso nessa caixa é uma árvore de Natal? Meu Deus, como não montamos a nossa ainda, meu filho?

Carlos olhou para ela com dúvida, também temendo que a entidade dentro dela estivesse tentando nos ludibriar como na última vez. Mas depois ele sentiu, assim como eu senti, que era *ela*. Com um esforço que poderia desperdiçar suas últimas energias, mas ela. Quando ele finalmente sorriu e olhou para mim de volta, eu estendi a caixa para ele:

— Vamos montar?

Ele balançou a cabeça afirmativamente, e Samuel se juntou a nós. Depois de uma hora montando, sob a vigilância atenta de dona Mônica deitada na cama, nós três nos reunimos em volta da árvore com um pouco de suor nas costas e um delicioso sorriso no rosto, cientes de que aquela árvore de Natal era a mais bonita do mundo.

Capítulo XI

Véspera de Natal

“*A calmaria que precede a tempestade*”, essa é a frase que definiu aqueles quinze dias que antecederam o Natal. Eu não a conhecia naquela época, e logo nunca poderia ter notado. Nunca desconfiaria. Hoje posso olhar para aqueles dias e pensar: “droga, isso cheirava mal!”. Mas agora é tarde. Já *era* tarde no dia vinte e cinco de dezembro.

Foram semanas tranquilas, isso se você puder imaginar a situação em que convivíamos com uma mulher que era um barril de pólvora, e a coisa dentro dela uma fagulha que crepitava a todo o momento. Naquelas duas semanas, porém, não houve nada que se comparasse ao último acontecimento, com facas e pratos voando pela casa e nos acertando. Não houve vozes graves e agudas em uníssono nem as gargalhadas sarcásticas e muito menos os xingamentos que nunca imaginaríamos que um dia sairiam da boca de dona Mônica. A única coisa que permaneceu, e que vez ou outra éramos obrigados a presenciar, era o *olhar*. Quando nos atingia, quando nossos olhos se cruzavam com os da coisa, era como se nos ferisse com um gancho quente que entrava pelas narinas e alcançava a nuca.

Nas vezes em que eu sem querer olhava direto naqueles olhos, eu o ouvia dizer em minha mente: “Estou próximo”. E então eu tremia.

Adjacente a isso, continuávamos pesquisando dados importantes nos livros e cadernos encontrados no baú. Carlos me permitiu levar um dos livros para casa, o famigerado “*Ritual de Exorcismo e outras súplicas*”, em uma edição antiquíssima e caindo aos pedaços. Eu fiquei estupefato, e me sentia como se carregasse algo proibido dentro da mochila no caminho para casa, como

um cigarro de maconha ou uma revista pornô de zoofilia. Isso foi o bastante para tornar aquela leitura uma coisa fascinante e arrepiante. Porém, ao fim dela me senti melancólico e um pouco desanimado, porque em nenhum momento o ritual explicado me deixou seguro, certo de que funcionaria com dona Mônica. É uma piada de merda, eu sei, mas parecia que o demônio em dona Mônica *não era* “católico”. Demônio. Foi nesse dia a primeira vez em que me referi a ele como esse tipo de criatura, uma coisa que habita os pesadelos da humanidade há séculos, rivalizando em tempo provavelmente somente com o próprio Deus. O mal e o bem. Seculares e opressores em seu âmbito psicológico, como a criatura na história da bruxa, a criatura que matou a mãe de Diana e dizimou uma vila quase inteira, mas que nada me diziam nos meus tenros doze anos.

Durante as noites daqueles dias, eu me pegava olhando as fotos antigas que encontramos no baú de dona Mônica e tentava em vão perceber algo que me ajudasse. Mas não encontrava nada além dos belos rostos dos que pareciam ser seus pais e o encantamento que sua beleza quando jovem me causava, aquele rosto que lembrava tanto Carlos, mas que parecia mais leve e feliz. Mesmo assim, mesmo não me ajudando, guardei-as com cuidado, com aquela sensação que começava a frequentar meu cérebro. A sensação de que as coisas dariam certo.

E durante quinze dias *pareceu* dar certo. Encontrávamos Carlos pelo menos três vezes por semana. Na semana que antecedeu o Natal, fomos até a casa dele todos os dias. Na maioria das vezes, ele nos contava o que estava aprendendo com os livros, o que eu constatei que, ou era *pouco*, ou ele estava nos escondendo uma boa parte do aprendizado. Podia ver isso nos olhos que ele insistia em desviar dos meus.

— Por enquanto, não podemos enfrentar ele. Do jeito que está, com ele quieto dentro dela, estamos bem. Mas *ela* não está bem. Ela precisa que ele saia, ou não vai aguentar. Porque ela está sozinha. Lutando sozinha dentro dela mesma — disse ele, com uma linguagem um tanto rebuscada, visível reflexo de suas leituras.

— E se a gente tiver... que enfrentar ele... como que isso vai ser? — questionou Samuca. Carlos lançou para ele um olhar raivoso, mas quando falou, não olhava para ele, e sim para a avó, amarrada na cama por mais de duas semanas.

— Se a gente for enfrentar ele, pode ser a última coisa que vamos fazer na vida.

Durante os dias seguintes, Samuel reclamou de pesadelos constantes onde se via esmagado por uma versão gigante da avó de Carlos, com olhos vermelhos e vomitando sangue, e eu sabia que não compartilharia desse sonho

porque ele era reflexo do pavor que Samuel sentia tanto da *coisa* quanto *dela*. Nos meus pesadelos eu ainda fugia de algo que eu não me permitia ver. E cada vez ela estava mais perto

estou próximo

e isso sim me deixava apavorado. Porque era uma confirmação. Ela ainda estava ali e nos observava.

Não obstante, os preparativos para os festejos de Natal e *réveillon* seguiam a pleno vapor em casa. Minha mãe vivia levantando o assunto à mesa, dizendo que naquele ano a ceia de Natal teria de ser *incrível*, com o máximo de pessoas e familiares possíveis. Então, certa noite daquela última semana, enquanto falava disso em um ritmo frenético, ela olhou para mim e cessou, e no mesmo instante eu entendi, e torci mentalmente pra que ela esquecesse. No fundo eu sabia que não adiantaria.

— E por que o senhor não aproveita e convida o Carlinhos e a dona Mônica pra ceia de Natal?

Meu pensamento durou pouco menos que três segundos, porém creio que foi o bastante para meu pai desacelerar a mastigação e me observar com atenção. Eu sabia o quanto ele era esperto, e qualquer hesitação de minha parte poderia fazê-lo desconfiar do estado de saúde de dona Mônica e, conseqüentemente, levá-lo a sugerir uma *visita* à casa dela, e isso seria uma péssima ideia. Não que meu comportamento levantasse suspeitas de que dona Mônica estava *possuída*, mas o fato de não falar muito dela, principalmente depois do acidente no banheiro, o qual meu pai acreditava que resultara no meu estado de choque na noite em que me buscou na casa do Samuca, de certa forma pareceria estranho para ele. Eu sabia que ele acharia estranho.

— Ela vai fazer uma ceia na casa dela — falei rápido. Depois dei um gole no suco e desacelerei. — Vai ser só ela e o Carlos mesmo. Eles sempre fazem assim, todo ano.

— *Ela* vai fazer a ceia? — meu pai perguntou, e foi a primeira vez naqueles dias em que temi que desconfiassem do que acontecia com ela. — Mesmo depois de sofrer um acidente como aquele? Ela tá em condição de se *mover*, pelo menos?

— Tá sim pai... ela... — e foi difícil encarar meu pai para falar. Para mentir. Desviei o olhar. — Ela se recuperou bem, eu acho.

— Sérioo mesmo?

— Sim.

— Porque eu me lembro de como aquela mulher estava, e ela estava *péssima*. Eu disse que iria na casa dela projetar algumas adaptações e sequer visitei ela depois daquele dia.

“Não pai, por favor...”.

— É mesmo, querido. A gente poderia convidar ela pra ceia desse ano. Acho que ela vem sim, ela é uma senhora muito educada até...

“Não mãe, não...”.

— Sim, é uma boa ideia. Acho que Carlos também vai gostar, vai poder ficar com os amigos aqui. O que acha, filho?

“O que eu acho? Eu acho que vai dar merda, é isso que eu acho pai!”.

— Eu acho que ela não vai aceitar.

Eles me encararam, confusos.

— Mas por quê? — perguntou minha mãe.

— Porque ela é uma senhora muito... religiosa. E ela faz a ceia com o Carlinho desde... você sabe. Desde que os pais dele morreram. Por isso que eu acho que ela não vem. Porque ela não gosta de quebrar assim... o ritual, entendeu?

Por Deus, eu sabia que em dias normais, dona Mônica aceitaria o convite dos meus pais de muito bom grado, com um sorriso largo de dentes modelados na cara, e ainda levaria um de seus bolos. Mas, se eles fizessem esse convite naquela situação, correríamos o risco de ter uma ceia de Natal na companhia de uma criatura que poderia fazer de *nós* a ceia.

Eles tinham que desistir de convidá-la.

— É uma situação delicada — disse meu pai, por fim, tirando o olhar de cima de mim e voltando a comer. — Mas na próxima vez que você for lá... na próxima vez que *quiser* ir lá, me avisa que eu te levo, aproveito e dou uma olhada nas adaptações que ela precisa e a convido; pode ser?

Balancei a cabeça, lentamente, encarando o prato, e duas coisas me incomodaram naquele momento. Primeiro, era a sensação de que a coisa nos rodeava, ouvia e, pior, *queria* aquilo, aquela ceia, aquela *quantidade de pessoas*. Não podia deixar, não podia *mesmo*.

E segundo, era meu pai. Ele havia notado meu incômodo. E eu sabia que isso significava mais *perguntas*. Não naquele momento ou dali a dois dias, mas em breve. Mais cedo ou mais tarde.

— Se ela não quiser vir no Natal, já que é *tão* religiosa, pode vir no Fim de Ano. Não tem problema — disse minha mãe, alheia ao que acontecia. Não só ela, lógico; todos nós estávamos alheios ao curso real das coisas.

Ao curso *trágico* das coisas.

No dia vinte e três, eu e Samuel nos reunimos com Carlos nos fundos da casa dele, onde existia uma larga pedra na beirada de um pequeno declive que levava à mata fechada que protegia todo aquele lado. O dia estava quente, e as sombras das árvores naquele lado eram uma benção. A pedra em que estávamos era grande o bastante para que nós três sentássemos tranquilamente sobre ela, olhando ao fundo o horizonte coberto por árvores escuras para onde o Sol mais tarde rumaria e se esconderia, lançando sombras frias sobre nós. Carlos trazia nas mãos alguns livros e o caderno que eu havia encontrado semanas antes dentro do baú, o caderno que parecia um diário.

— E então, qual o saldo dessa semana? — perguntou Samuel. Tinha um tom que misturava desesperança e sarcasmo.

— Eu não consegui nada de novo — falei. — O livro sobre exorcismo que eu li então, me deixou ainda mais distante do objetivo. Só um padre pode exorcizar, e o caso tem que ser analisado pelo Vaticano antes.

— Inviável — disse Carlos, categórico. — Não podemos envolver *mais ninguém*. É só nós três e pronto.

Balançamos a cabeça, quase que ao mesmo tempo.

— E você Carlos, o que descobriu?

Ele respirou fundo. Agarrou o caderno com força, fazendo a capa ranger sob a pele.

— Nada. Nada que ajude...

— Certo... — falei, encarando-o. Eu via que era mentira, e fiquei imaginando o que haveria naquele diário que o impedia de falar. Obrigando-o a esconder coisas de nós. Samuel também o encarou depois que me viu fazendo o mesmo. Mas ficamos resolutos, por questão de intimidade. Não parecia ser assunto sobre o qual devêssemos nos meter. Os surtos de dona Mônica pareciam coisa do passado e havia uma aparente tranquilidade sobre nós, sobre ela, sobre *tudo*. Era o clima do Natal também. A árvore de Natal montada na sala, cumprindo seu papel. Parecia deixar tudo mais leve e ao mesmo tempo mais acelerado, mais urgente, como se fosse a coisa mais importante no momento. Que ele ficasse então se resolvendo e quem sabe descobrindo coisas que fossem esclarecedoras em relação a sua família. Era importante para ele. E se era importante para ele, também era para mim. Então assim deixei.

— E no Natal... como vamos fazer? — perguntei. Havia questionado Carlos sobre aquilo anteriormente, sugerido que fizéssemos um almoço de Natal, uma vez que seria realmente arriscado levar dona Mônica para minha casa. Sentíamos a tranquilidade, mas não éramos *burros*. Dona Mônica não poderia sair de sua cama enquanto a coisa estivesse dentro dela, e isso a obrigava a passar o Natal deitada lá. Amarrada. No entanto, não podíamos deixar ela e

Carlos sozinho naquele dia. Seria no mínimo triste.

— Eu não sei... — suspirou ele. — Eu quero muito fazer algo pra ela, Paulo... quero muito, assim como ela fez pra mim esses anos todos, mas...

— Pois então faça. É sua vó. Sua única *família*, não é? Por que não fazer isso por ela, como... recompensa por todos esses anos? Eu juro que te ajudo.

Juntava as mãos diante do rosto, com um sorriso bobo na cara, como se aquilo fosse importante demais para mim, e realmente era. Virei para Samuel.

— O Samuca também ajuda a gente, né Samuca?

— Ah cara, no Natal eu e minha família vamos para o sítio, manja, e...

— Ele coçou a nuca e ficou olhando minha cara. — Oh droga... eu ajudo, cara, beleza? A gente dá um jeito. Eu peço pra minha mãe fazer uma carne ou o que você quiser...

— Ótimo! Mas sem essa de ela vir aqui. Nem ela nem ninguém. Beleza?

Ele balançou a cabeça, revirando os olhos. Virei-me para Carlos novamente, com um largo sorriso.

— Viu! Agora sim podemos fazer um almoço pra ela! E aí, vamos? Por favor...

Ele encarou o horizonte e sorriu de leve. E aquele foi um sorriso sincero, que me fez quase que explodir por dentro.

— Vamo fazer então. Já que você insiste tanto nisso... seu tonto — disse, olhando pra minha cara de felicidade.

— Vai ser um ótimo almoço de Natal. Eu prometo! — falei, pronto pra pôr a mão na massa àquela hora mesmo.

Mas não foi tão fácil fazer aquele almoço. Primeiro porque na casa de Carlos não havia quase nada do necessário. Ele só tinha arroz e alguns ovos, além das poucas frutas que pegava nas árvores nos arredores. E eu queria fazer algo parecido com o que minha mãe preparava na minha casa para o mesmo dia: arroz à grega, farofa com bacon, um salpicão de frango que me deixava desorientado, e lombo de porco ao molho de maracujá, que provavelmente ficaria por conta do Samuca. E eu nunca tinha a ajudado a fazer essas coisas. Nunca imaginei que precisaria fazer um dia.

No primeiro momento pensei em (roubar) pegar um pouco do arroz que ela fazia, visto que a quantidade seria grande, já que receberíamos a visita de grande parte da família, mas eu sabia que seria um pouco difícil e ainda por cima arriscado demais. Além disso, só o arroz não seria o bastante. Por fim, decidi que a *ajudaria* a cozinhar, para então aprender e fazer no outro dia na casa do Carlos.

A ideia de ajudá-la foi recebida com alguns agradecimentos a Deus e aos santos, e uma piada do meu pai.

— Se você aprender mesmo, podemos deixar sua mãe de férias e você

cozinha pra gente até voltar às aulas, que tal?

Eu ignorei a piada, e nós dois passamos o resto da sexta-feira picando legumes para o dia seguinte. Nada complicado, mas eu estava inquieto e quase tremendo de nervosismo, porque no dia seguinte eu saberia que a coisa seria mais difícil. Sem falar que depois seria por minha conta lá na casa do Carlos.

No sábado, dia vinte e quatro, eu auxiliei minha mãe e fiz o possível para aprender o máximo do necessário para cozinhar no outro dia. Não fazia ideia do quanto era complicado cozinhar e ter que dividir sua atenção entre três, quatro coisas ao mesmo tempo. Quase queimei minha mão duas vezes com água fervente. A farofa que mexi na frigideira ficou seca demais. No fim foi uma experiência boa, interessante, e que me reaproximou da minha mãe, em relação ao distanciamento de então, causado pelas visitas constantes a Carlos e sua avó. No fim da tarde ela me deu um forte abraço e um beijo. Ela foi tomar banho e eu roubei o que sobrou das uvas-passas e do bacon.

A noite foi agitada, o que na perspectiva de um garoto de doze anos significa não fazer nada além de receber afagos vigorosos no cabelo e apertões nas bochechas daqueles parentes que sempre surgem do nada em datas como essa. Há meio que uma concordância generalizada de que o Natal e o Fim de Ano sejam os dias certos de se praticar a união familiar e o afeto, sobrando o restante dos dias do ano para simplesmente *deixar de fazê-lo*, mas quando se tem doze anos, você é somente a criança sozinha que ouve elogios dos tios e perguntas do tipo “Como vai na escola?” ou “E as namoradas, como é que é?”, e chega um momento que você enjoa disso. Aquele monte de adultos mascarados que parecem absurdamente mais altos do que você, uma reunião de pernas compridas e velhos de bigodes brancos e velhas com maquiagens pesadas. Distribuindo sorrisos por todos os lados e não vendo a hora da ceia ser servida. E quando finalmente aconteceu, à meia-noite que era onze horas em outras partes do Brasil, as pessoas se abraçaram desejando boas novas e aparentemente comemorando o nascimento de Cristo quando na verdade salivavam ante o belo e dourado peru assado que ocupava o centro da mesa. Naquela hora, depois de receber abraços vazios, eu sentei-me diante da árvore de Natal, enquanto as pessoas lentamente se dirigiam à cozinha. Encarei o enfeite gigante com luzes brilhantes que se agitavam diante da minha retina e pensei em Carlos e em sua avó, sozinhos naquela noite que deveria ser boa para todo mundo.

“Amanhã será bom pra vocês”, pensei.

Capítulo XII

Natal

Naturalmente, todos foram dormir depois das duas da madrugada, mas logo após a ceia eu já estava na cama. Demorei para pegar no sono. A ansiedade era imensa. No entanto, o sono chegou antes mesmo do barulho começar a diminuir na sala de estar.

Acordei com o despertador do celular tocando às 7h00min, conforme combinado com Samuel. Antes de dormir eu havia ligado para ele a fim de saber se tinha conseguido a carne que ele levaria para o almoço na casa do Carlos, o qual ele respondeu positivamente.

— Rapidinho eu convenci minha mãe de que dona Mônica não podia fazer a ceia, e então ela fez a carne e ainda fez uma farofa das boas.

Uma coisa a menos para fazer, pensei.

Na cozinha, peguei os ingredientes que eu sorrateiramente havia escondido no fundo da geladeira. No bloco de recados pendurado na geladeira, escrevi:

“Fui almoçar na casa do Samuel. Ass: Paulo”

Dessa forma meus pais não se interessariam em ir até a casa de dona Mônica. Eu sabia que acordariam por volta do meio-dia, como de costume após as festas que eles faziam, e nesse horário eu já esperava estar em casa, mas na dúvida eu ganharia meia hora para sair de lá e quem sabe chegar em casa antes

que eles decidissem visitá-la. Não poderia arriscar em instigá-los a vê-la. Eu não sabia qual seria a reação deles se vissem dona Mônica falando grosso amarrada a uma cama, mas não queria saber como seria também; evitar era o melhor a se fazer.

Vesti uma boa roupa, a que eu mais gostava, coloquei a mochila nas minhas costas e saí de casa na bicicleta. Era uma manhã de céu azul e sol forte, uma roda branca no céu, impossível de encarar, mas ventava frio, daquele jeito que rapidamente gela suas orelhas. Pedalei o mais rápido que pude até a casa de Samuel.

— Como assim sua *mãe* vai te levar?

Eu queria berrar, mas nós estávamos no portão da casa dele, e ela com certeza ouviria.

— Ah cara, cê tem que admitir que num tem como eu levar a carne na bicicleta, né?

Ele tinha razão. Na verdade, uma carona facilitaria bastante as coisas, mas eu conhecia a mãe do Samuca. Ela o levaria com o pretexto de ajudá-lo, e então quando chegasse no portão, diria: “Será que eu não posso entrar e ver como ela está?”, e daí tudo estaria perdido. Ela veria dona Mônica amarrada na cama, um embornal desmazelado de pele e ossos, com olhos assustadores encarando-a por dentro e sussurrando em sua mente. E se ela comesse a falar então... Eu gostava muito da mãe de Samuel, ela sempre foi simpática comigo e tudo o mais, mas ela era uma abelhuda indiscreta. Estaríamos *fodidos*.

Isso se ela não *enlouquecesse*.

— Cê tem que fazer ela mudar de ideia — falei.

— Num dá, véio... ela já tá com a chave do carro na mão.

— Merda...

— Samuel! Seu amigo tá pronto? Ah, oi Paulinho! Feliz Natal, querido!

Era a mãe dele, uma mulher alta e corpulenta de cabelos pretos e batom vermelho na boca. Ela chegou até nós e me deu uma beijoca no rosto. Senti o batom pegajoso grudado na bochecha.

— Feliz Natal, dona Hele...

— Ah, por favor, esse negócio de *dona* de novo não... me chame de Helena e pronto — disse ela com um largo sorriso. — E então, quer deixar sua bicicleta aí? A gente vai de carro levar as coisas da senhorinha, que tal?

“*Senhorinha... começamos bem!*”.

— Eu... não precisa, dona Hele...

— Ah, que é isso... não tem como vocês levar tanta coisa assim de bicicleta — disse ela, abrindo o portão da garagem. A testa de Samuel estava franzida como se ele fosse chorar. A minha também. — Eu fiz um lombo enorme pra senhorinha... como é mesmo o nome dela?

— Dona Mônica... — balbuciou Samuel.

— Isso, dona Mônica! Pobrezinha, deve tá muito mal depois do acidente... vamos meninos, deem licença que eu vou tirar o carro. Deixa a bicicleta aí na garagem mesmo, mais tarde você pega.

Ela tirou o carro da garagem rapidamente. Olhei uma última vez para Samuca, querendo torcer o pescoço dele e ao mesmo tempo sabendo que ele não tinha culpa de nada. Restava a nós a opção de não a deixar sair do carro quando chegássemos na casa do Carlos.

— Vou lá dentro buscar a carne e a gente já vai — disse, saindo do carro e entrando de novo em casa.

— Eu não consegui fazer ela desistir, Paulinho... eu juro... — gemeu Samuca quando ela entrou.

— Eu sei, eu sei... — falei, com raiva. — Mas se ela ver dona Mônica na cama... cara, cê sabe que vai dar bosta.

Ele engoliu em seco como resposta. No segundo seguinte dona Helena surgiu de dentro da casa com uma assadeira enorme fechada com papel alumínio nas mãos e a colocou no banco de passageiro. O marido dela veio atrás, um homem baixo e gorducho, de quem Samuel era a imagem e semelhança.

— Paulinho... — disse, com a fala vagarosa que era o oposto da voz da esposa. — Feliz Natal!

Apertei a mão dele, mas olhava aflito para a mulher, imaginando o tipo de problema que ela nos causaria.

Estacionei a bicicleta no corredor que levava para o quintal nos fundos, onde o cachorro de Samuel, *Kratos*, um enorme mastim napolitano de quase quatorze anos, descansava com os olhos vermelhos me encarando e a baba pingando da boca, e entrei no carro. O cheiro da carne imediatamente penetrou nas minhas narinas e eu salivei. Aquilo estava de matar.

Nos dez minutos seguintes, enquanto o carro seguia velozmente pela SP-101, o vento roçando meu rosto com um pouco de aspereza, eu rezei mentalmente para que tudo desse certo... e que aquela mulher maluca no volante não decidisse conferir qual era o estado de saúde de dona Mônica; se ela *quisesse*, ninguém seria capaz de impedi-la.

O carro entrou velozmente à direita e tudo escureceu quando as árvores

que ladeavam a estrada de pedras nos cercaram. Os pedregulhos estalavam sob os pneus. Era um som conhecido, aquelas pedras sendo arremessadas para trás e chocando-se uma com as outras. Eu não sabia de onde aquilo poderia ser tão familiar se há menos de um mês aquela estrada estava coberta de folhas úmidas, e eu rapidamente parei de pensar nisso quando o carro desacelerou e parou diante do portão da casa de dona Mônica.

Aquela era a hora de impedi-la, pensei. Dizer algo que a fizesse desistir, talvez... quem sabe dizer que dona Mônica havia perdido o controle sobre os intestinos, ou que estava perturbada e provavelmente a receberia com um pedaço de pau nas mãos, mas eu me envergonhei pelos pensamentos no mesmo instante. O mais sensato seria dizer que havíamos planejado uma *surpresa* para dona Mônica, e que se ela entrasse conosco, todo plano iria por água abaixo.

Quando eu abri a boca para falar, Samuel estragou tudo.

— Não precisa ir não, mãe. Só até aqui tá bom... a gente leva o resto até lá, né Paulinho?

Aquilo só a faria querer *ainda mais* ver dona Mônica.

— Ah, como assim, não precisa? Se eu tô aqui, eu vou lá levar isso. Não quero que você derrube esse pedaço de carne que deu um *belo* trabalho ontem nesse chão de terra batida e estrague tudo. Além disso, sou educada e vou desejar feliz Natal pra senhorinha, não posso? — Ela encarava Samuel como se fosse devorá-lo, e então ele gemeu um “Ah, não sei...”, e eu cocei a testa, apertando os olhos, incrédulo.

Ela abriu a porta e saiu. Saímos em seguida. Fechando a porta em um estrondo, ela olhou a casa por alguns segundos, protegendo a vista dos raios solares que lhe atingiam. Então foi até o lado do carona, abriu a porta e pegou a assadeira. Fechou a porta do carro com o pé.

— E então, não vão chamar, ou pelo menos abrir o portão?

“Chamar, é isso!”, pensei. Se eu chamasse por Carlos, coisa que ele sabia que não éramos acostumados a fazer, ele sairia, nos veria acompanhado, e então daria *um jeito* (e eu não poderia imaginar *qual jeito*) de “esconder” sua avó. Era a única saída.

Chamei por Carlos. A voz saiu fraca, e eu sabia que ele não ouviria. Samuel me encarava com os olhos meio arregalados, enquanto sua mãe olhava tudo ao redor, como se procurasse algo importante. Algo que pudesse contar para os outros quando voltasse. Chamei de novo, dessa vez com mais força. Um grupo de pássaros voou do alto de uma árvore próxima, fazendo dona Helena se sobressaltar rapidamente. Samuel me olhou mais preocupado. Um cachorro latiu ao longe. Nenhum ruído vindo da casa. Então olhei com mais atenção, e reparei que no alto da casa, no canto, havia uma pequena chaminé, que provavelmente

estaria ligada ao velho fogão à lenha. Mas o que me deixou nervoso não foi o fato de ter notado isso somente depois de tanto tempo, e sim a *fumaça preta* que saía lentamente dela; o vento forte rapidamente a espalhava, mas ela já começava a sair em um fluxo mais forte. O que Carlos estaria fazendo?

Ou pior, o que *a coisa* estaria fazendo?

Meus olhos correram da chaminé para Samuel, que me retribuiu o olhar intrigado e com medo. Olhei para sua mãe, e ela também olhava diretamente para a chaminé. Sua voz me assustou.

— Tem fumaça na chaminé. Ela deve tá cozinhando. Vamos entrar.

Dei um pulo.

— Entrar? Não... espera um pouco, talvez ele não tenha ouvido...

— Qual o problema? Veja, o portão não tá trancado... — Ela tocou a corrente com o pé, e ela desenrolou-se devagar com o próprio peso. — Vamos Samuel, abre aqui que eu tô com a mão ocupada.

— Não, mãe. É melhor esperar...

— Mas *qual o problema?* — disse ela, a voz ainda controlando a visível irritação. — Por acaso tem cachorro aí?

Samuel olhou para mim.

— Não tem cachorro não — falei.

— Pois então vamos entrar, ora bolas. Vamos fazer uma surpresa!

“Você nem imagina a surpresa”, pensei. Samuel suspirou, e no mesmo instante eu percebi que ele não abriria o portão. Estava estacado no chão, apertando os braços com as mãos. O vento era forte e o medo era grande. Respirei fundo, torcendo para que Carlos tivesse realmente nos escutado e naquela hora estivesse escondendo desesperadamente sua avó não sei aonde e não sei como, e abri o portão. Ele rangeu na manhã calma. Nenhum som vinha da casa. O vento chacoalhava as árvores ao redor, em especial a jabuticabeira, que parecia agora um velho esqueleto esquecido sob o sol quente, mas da casa só vinha silêncio. Andamos em direção a ela. Sentia uma apreensão que queria me consumir, retorcendo meu coração e travando minhas pernas. Samuel esfregava os braços e soprava de frio/medo. A mãe dele sequer notou isso, apenas continuou andando com a assadeira diante de si, encarando a porta remendada com um pedaço grande de compensado.

— O que é isso? — ela balbuciou quando viu a madeira fina cobrindo o buraco que eu havia aberto há o que parecia anos com o machado.

Ignorei o comentário e bati na porta, prendendo a respiração.

Nenhum sinal.

Eu conseguia ouvir as batidas no meu peito, um passo cavalgar que me deixava tonto. Samuel parecia se esconder atrás de mim, olhando da porta para

sua mãe e dela para a porta de novo. Helena observava a porta com atenção, olhando-a de cima abaixo, tentando mentalmente compreender o que havia acontecido com ela.

— Arrebentaram essa porta, hein? — cochichou para mim.

“Sim. Fui eu. É que tinha um *demônio* dentro de dona Mônica e ele não queria me deixar entrar. Então quebrei a porta”.

— É uma porta velha. A casa é velha.

— Parece que não tem ninguém aí... — cochichou Samuca, então algo tilintou lá dentro.

— Tem gente sim. Chame de novo, Paulo.

Olhei para a mãe de Samuca, a testa franzida como que irritada, mas eu sabia que a inquietude vinha da curiosidade. A porta quebrada e remendada chamara sua atenção. Uma boa história para contar. Tentativa de assalto? Algum louco tentou invadir a casa da *senhorinha*? Suas amigas ficariam em *alvoroço*.

Chamei de novo. Nenhuma resposta. Cadeira arrastando lentamente. Madeira batendo; lenha. Lenha no fogão.

— Acho... que não ouviram...

— Bate de novo. Não vou entrar de bicão na casa de ninguém — disse ela, se contradizendo.

Bati e chamei. Vozes. Cochichos. Nenhuma resposta.

Então o corpo de dona Helena se aproximou e me empurrou de leve para o lado. Ela apoiou a assadeira na perna e estendeu a mão para a maçaneta. Samuel gemeu atrás de mim. Meu coração deu um pulo. Ela vai abrir, ela *vai abrir a porta...*

— Ora, eu não vou ficar o dia inteiro aqui esperando... com licença, dona Mônica...

Ela escancarou a porta e deu um passo para dentro. Instintivamente a segui. Minha mente dizia que eu ouviria o som ribombante da assadeira atingindo o chão de madeira velha derramando molho sobre seus pés quando Helena visse dona Mônica deitada sobre a cama, amarrada pelos punhos e tornozelos, o corpo retorcido como um lençol jogado, ossos pontudos saltando dos cotovelos, joelhos, peito, dedos. Olhos brancos revirados e arregalados, encarando-a, enxergando-a por dentro, vendo seus medos mais profundos e convertendo-os em realidade. Em seguida, o grito agudo seguido das mãos levadas à boca. Ainda em choque, ela daria alguns passos para trás, encostando na parede fria, e então dona Mônica diria, sibilando com aquela voz que não era a dela, mas sim da coisa que a habitava: “*Estou próximo...*”.

“*Estou próximo...*”

“*Estou próximo...*”

Quando a luz invadiu a casa, nós paramos. Minha voz pareceu sumir, morrer dentro da garganta. Na verdade, a sensação foi de que minha respiração havia cessado completamente. Minha cabeça formigou, as orelhas esquentaram, e eu senti as mãos de Samuel me apertarem os ombros, enquanto ele gemia um baixo e comprido *aahhhhhhhh...* ao mesmo tempo em que eu tentava compreender o que estava vendo.

No fundo da casa, na cozinha, Carlos e *dona Mônica*, em um estado estapafúrdio de *lividez*, ambos de pé, nos encaravam com rostos cheios de surpresa; a velha parecia ter engordado uns dez quilos, a pele reluzia e os cabelos brancos brilhavam soltos sobre os ombros. Ela nos viu, e então abriu um largo sorriso, tão grande que parecia prestes a consumir sua face inteira, e disse, com a voz suave de outrora:

— Oh, que bela surpresa! — Caminhou lentamente em nossa direção, com a coluna ereta e passos firmes, e Samuel apertou ainda mais meus ombros. — Eu estou bem velha, mas é impossível não sentir o cheiro *maravilhoso* desse lombo nessa assadeira!

Capítulo XIII

Grito no silêncio

— Ela... ela simplesmente me chamou, e quando eu cheguei perto dela, eu vi que a coisa tinha ido... — disse-nos Carlos, momentos antes do almoço ser servido, depois de levarmos a mãe de Samuel até o portão. Helena e dona Mônica conversaram rapidamente durante alguns minutos, mas eu e Carlos pudemos perceber que, após a constatação visual de que dona Mônica estava bem (e bem *até demais*, diga-se de passagem), Helena emanava uma inquietação singular, como uma urgência inconsciente de que deveria partir logo dali. Não duvidei em nenhum momento que a própria “senhorinha” estivesse causando aquilo nela, com a mente. Nós a levamos até o carro e ela permaneceu calada, abrindo a boca somente para se despedir de Samuel. — Ele não se foi *totalmente*... mas eu consigo sentir a força que ela tá fazendo pra manter ele longe. Fica zunindo na minha cabeça.

Quando o carro se afastou, fazendo as pedras da estrada pipocarem como pequenos estalinhos de festa, nós três retornamos rapidamente para dentro da casa, onde encontramos dona Mônica mexendo sem pressa o conteúdo de uma panela sobre o fogão.

Vê-la daquela forma, com as costas eretas, a pele da face relativamente esticada e lívida, rechonchuda, em relação à face insípida e ressecada de pouco mais de 24 horas antes, sem os ossos pontudos brotando das juntas como se a pele fosse uma fina seda prestes a rasgar, era ao mesmo tempo surpreendente e assustador, e causava uma sensação incomoda de descrença. Não *podia ser*, não depois de tanto tempo com o corpo cansado e consumido. Não depois de meses sem se alimentar direito, depois de um traumatismo craniano e de autoflagelos,

externos e internos, tanto carnaís quanto *espirituais*. Mas lá estava dona Mônica, de pé, usando um vestido comprido de avó com um avental amarrado no pescoço, os olhos despertos e ágeis, assim como os movimentos de suas mãos, firmes e precisos enquanto movia a colher de pau pacientemente.

Prendi a respiração por um momento, me controlando para que meu coração desacelerasse um pouco, e pude então perceber um leve ruído agudo e contínuo, o *zunido* de que Carlos havia falado. Era como o som de um carregador de baterias fixado na tomada, uma frequência baixíssima e quase imperceptível, mas que estava ali para os mais atentos. Ou no caso de dona Mônica, para os que tinham *o talento*.

Aquele som vinha da luta que dona Mônica travava dentro de si. Era o som de um golpe derradeiro.

— Ah, mas como é bom ver vocês assim bem, meninos! — disse ela, desligando o fogo e puxando a panela, que não era pequena, de cima do fogão. Carlos fez menção em ajudá-la, mas no instante seguinte a panela já estava na mesa. — Quanto tempo que não preparo um almocinho pra vocês, e num dia como hoje então...

Ela sorriu para nós. Não consegui responder. Carlos estava sentado à mesa, eu estava parado de pé perto do sofá, e Samuel, ainda amedrontado, estava sentado no sofá, somente a cabeça e as mãos gordas apoiadas, surgindo por trás do encosto, encarando a mulher que antes flertava com a morte.

— Num dia como hoje, dia do nascimento do menino Jesus, nada melhor que comer um lombinho com molho de maracujá... meu filho, sua mãe deve ter um tempero *divino*... — ela olhou de esgoela para Samuel, e ele quase se escondeu atrás do sofá. — Se bem que dia de comer porco mesmo é no dia trinta e um... mas não faz mal, a gente num pode reclamar do que é dado de bom grado, né? “À cavalo dado não se olha os dentes”, é assim que o povo velho fala.

E riu. Carlos olhou para mim e eu devolvi seu olhar, preocupado. Eu sabia o que ele queria. Ele queria respostas.

As horas passaram e dona Mônica continuava bem, sem demonstrar nada de anormal. E pior: ela não parava de *falar*. Não que esse fosse exatamente o problema. Era como se ela soubesse (e eu *aposto* que sabia) que nós tínhamos centenas de perguntas para fazer, perguntas sobre aqueles dias, sobre a coisa que morou dentro dela durante um bom tempo, quase a levando à morte uma dezena de vezes, sobre o *que* aquele ser era, se tinha partido mesmo ou não; mas acho que ela pensava que falar sobre aquilo estragaria a tarde de Natal, então ela simplesmente ficou falando e falando e falando, nos impedindo de dizer qualquer coisa.

— Quando minha mãezinha era viva, e isso faz mais de trinta anos, ela

fazia um peru recheado no Natal que meu Deus do céu, era uma delícia... só de lembrar, meu estômago ronca. — Ela falava sozinha conosco, enquanto de nossa parte só havia o silêncio, uma coisa opressora que parecia nos esmagar.

E tinha o medo também. Medo de vê-la virar-se rapidamente para nós com *alguma coisa* na mão, quem sabe um garfo ou uma faca bem grande, e começasse a rosnar em nossa direção.

— Minha mãezinha... que saudade dela... dela e de papai.

— Vó? — Foi Carlos que falou, e eu quase pulei de susto.

— Não sei se já contei pra vocês, acho que já, mas mesmo assim, vou contar... quando eu tinha lá meus quatorze anos... nossa como faz tempo...

— Vó, tá me ouvindo?

— A gente morava em sítio também sabe, mas não era aqui, era mais pro outro lado da cidade... minha mãe decidiu fazer um desse peru que ela sempre fazia no Natal, mas papai tava voltando de uma viagem, e ia chegar de noite...

— Vó...

Ela continuava fingindo que não ouvia a voz de Carlos. Talvez não *fingisse*, propositalmente, mas o ignorava.

— Adivinha pra quem ficou a tarefa de *matar* o peru? Sim, meus queridos, ficou pra mim mesma! Ai meu Deus, coitado daquele peru...

Ela virou-se de costas, rindo da própria história. Carlos se levantou, furioso. Eu pensei em tocá-lo no ombro e pedir que deixasse as perguntas para outra hora, para outro *dia*, mas não tive tempo.

— Vó! A senhora *tá ouvindo*?

Ela foi parando de rir devagar.

— Lógico que tô, querido — falou, com alegria na voz.

— Então pra onde *ele* foi? — A risada de dona Mônica sumiu por completo, e ela olhou de canto para o neto. — Pra onde foi a *coisa* que tava na senhora?

Ela desviou os olhos e baixou a cabeça, e o silêncio novamente pairou sobre nós. Um silêncio tão ruim quanto o falatório desenfreado daquela mulher que antes estava endemoniada e agora parecia bem. Apoiei-me no sofá. Samuel estava com as mãos cravadas no encosto fofo do móvel. Tencionei as pernas e apertei os dentes com força, me preparando para a voz grossa e os movimentos bizarros. Aquela situação era familiar. Era a coisa. Impedindo-a de *falar*.

Mas por fim ela somente suspirou, desamarrou o avental com facilidade, tirou-o do corpo e virou-se para nós.

— Bem, tá na hora do almoço! Vamos comer, queridos?

Carlos coçou a testa, impaciente, mas não protestou. Olhou para ela e sorriu forçadamente. Pensei na hora que ele deveria ficar feliz por ver a avó um

pouco melhor. Depois me lembrei da insegurança que aquela situação passava. Ele estava com medo.

Até que ponto dona Mônica estaria realmente bem?

O cheiro da comida era maravilhoso, afinal, e de uma forma mágica aquele almoço quase nos fez esquecer o quanto a situação era perigosa. Uma das funções de *comer* deve ser realmente essa. Desligar-nos um pouco da realidade. E eu não precisei cozinhar nada, no fim das contas. Dona Mônica ainda cozinhou maravilhosamente bem. A farofa com bacon ficou ótima, nem seca e nem úmida demais, e o arroz com legumes tinha um gosto adocicado muito familiar. Era a uva passa, que ela também havia colocado na farofa. E, como a aparência não negava, o lombo ao molho de maracujá que dona Helena havia feito estava divino, com um gosto agri-doce e levemente ácido que deixava a língua ansiando por mais um pedaço.

No fim, foi um almoço digno de Natal. Rolou uma energia um tanto quanto reconfortante. Era maravilhoso ver dona Mônica disposta como estava, com um sorriso no rosto e atenta aos vários pedidos de “me passa a farofa” ou “me dá mais um pedaço de lombo...”. Ela comeu pouco, e passou a maior parte do tempo nos olhando sorridente com as mãos sob o queixo. Samuel pouco a pouco foi perdendo o medo, olhava direto nos olhos dela e pedia algo vez ou outra. Eu tentei me concentrar várias vezes para ver se conseguia enviar algo mentalmente para ela, mas não tive êxito. Eu sentia um pouco de inveja quando notava seus olhos se encontrando com os de Carlos, ela sorridente e ele com o rosto fechado e intrigado, e aquele leve zunido aumentava, sinal claro para mim de que trocavam algo naquele nível, pela força da mente, por telepatia, como Carlos dizia. Depois de tentar quatro vezes, ganhei de presente uma pequena e incômoda dor de cabeça.

Percebi que era a primeira vez em mais de dois meses que não havia qualquer energia maligna nos rondando. Não existia mais aquela pressão estranha no ar, querendo nos envolver e nos amedrontar. Não parecia haver mais qualquer influência da coisa sobre dona Mônica. Porém, ao mesmo tempo em que aquilo era gratificante, como uma mão que te puxa de um lago negro e profundo e te salva, também era duvidoso. Traíçoeiro.

Samuel ainda mastigava um pedaço de lombo depois de repetir duas vezes quando Carlos voltou a falar.

— E então vó... vai contar pra gente agora o que tá acontecendo?

Levei as duas mãos às coxas e baixei a cabeça. Samuel desacelerou a mastigação. Carlos encarava sua avó. Ela mexia com o garfo no pouco arroz que restara sobre seu prato.

— O que aconteceu nesses meses? O que é essa... essa *coisa* que a gente tá enfrentando? — Sua voz aumentava a cada palavra, um tanto histérica. Gesticulava com os braços. — Me explica o que tá acontecendo! A senhora podia começar falando como consegue ficar de pé depois de tudo o que aconteceu! E então?

— Calma, Carlinho... — falei, olhando para ele, que soltou um muxoxo.

— Tudo bem, querido... eu explico — disse dona Mônica, e nós nos viramos para ela no mesmo instante. — Mas antes, vamos arrumar essa mesa, certo?

Ela sorriu, levantando-se, e Carlos soltou mais um sopro de insatisfação. Dona Mônica levou a panela para a geladeira, e eu cochichei no ouvido dele:

— Pega leve cara... é a *sua* vó, e cê devia tá no mínimo *alegre* de ela tá andando.

— Droga, eu sei, Paulinho... — disse ele, chegando perto do meu rosto. — Mas será que cê num tá vendo que tem algo errado? Porra, eu *nunca* vi ela com a *coluna reta*... nunca! É o que, agora?

Ajudamos dona Mônica a limpar a mesa, e fizemos isso numa velocidade impressionante, porque estávamos ansiosos para ouvir algo que viesse *dela*, sem interferências da entidade, que àquela hora parecia estar longe. A cada peça guardada, a cada resto de comida jogado na lixeira, eu pensava: “Vou saber. Finalmente vou saber o que é essa coisa. E porque tá habitando meus pesadelos há tanto tempo”. Olhava para Carlos e só via apreensão. Tentava a todo instante manter contato visual com a avó, mas ela não permitia. Ela não parava. Até mesmo Samuca parecia interessado, apesar de expressar seu medo no tom de sua pele.

A mesa de madeira ficou vazia. Nós três nos sentamos. Dona Mônica rodeou pela cozinha durante alguns segundos e trouxe uma garrafa de café e quatro xícaras. Ela encheu as xícaras pacientemente, enquanto Carlos batia a ponta do pé no chão, em um ritmo nervoso. Eu peguei a xícara e dei um longo gole no café feito quatro horas antes. Estava morno e doce. Carlos não tocou no dele.

A senhora sentou-se de frente para nós três, ainda com um leve sorriso nos lábios. Aos poucos o sorriso foi diminuindo, mas não sumiu por completo até ela começar a falar.

— Eu imagino o quanto eu assustei vocês... mas saibam que eu não tive

culpa nenhuma...

— Eu sei, vó, disso eu sei! — interrompeu Carlos. — A senhora nunca faria uma coisa dessas de propósito.

— Não é isso, querido. O que quero dizer é que, no fim das contas, eu estiquei demais isso... essa batalha. Mas eu precisava... precisava saber se vocês estariam prontos. — Ela nos olhou com uma profundidade que me incomodou. — E eu percebi que ainda não estão prontos... prontos pra enfrentar ele...

— *Quem é ele, vó? O que é ele?*

— É uma entidade, querido. Ele não tem nome, não tem forma, não tem idade... mas é antigo, muito antigo... mais velho que qualquer coisa que a gente conhece. Ele não dorme. Ele é *ancestral*. E ele não tá dentro de mim. Não *de verdade*, entende? Ele só... me controla, contra minha vontade. Ele não pode sair. Não com eu viva...

A fala saiu entre soluços, e à cada frase só uma coisa parecia evidente: não, ele não estava assim *tão longe* dela.

Ainda não a deixava falar *tudo* o que queria.

— Tá certo, vó, eu entendi, eu entendi que a senhora tem que tá viva, então, por favor, só me diz como que a gente faz pra te tirar disso? O que a gente tem que fazer, que ritual, que *feitiço* a gente precisa pra esse monstro parar de te usar e você ficar bem?

— Não posso dizer, querido. Ele não deixa. E eu não posso me forçar a dizer, ou não vou resistir o bastante pra dizer o que eu realmente *tenho* que dizer.

— Como assim... — disse Carlos, mas parou, quando viu o belo sorriso da avó contrastando com as lágrimas que começavam a se acumular em seus olhos.

— Sempre foi assim, meu bem, desde muito tempo, foi com meus pais e foi comigo, e foi também com seu pai e sua mãe... mas as coisas nem sempre sai do jeito certo... e a gente não vive pra sempre, né?

Uma lágrima escorreu, e ela passou a mão, secando-a. A mão ainda firme.

— Você... desde que você ficou órfão eu fiquei pensando não em como eu te sustentaria ou como você iria pra escola. Essas coisas a gente consegue, de um jeito ou de outro. A gente faz um esforço. Dá um jeito. Quando seus pais se foram, eu... fiquei pensando como seria, como *você faria* quando tivesse que enfrentar *ele*. Veja você, somente um garoto de doze anos começando a entender a vida, e desde cedo tendo que carregar esse *fardo* tão pesado... mas as coisas são assim, né?

— Vó, eu...

— Então... — continuou ela, erguendo a mão para que Carlos se calasse.

— surgiu esses garotos, esses seus dois *amigos*, e eu enxerguei... uma força tão *grande*! O *talento*! E essa *era a resposta*! Sozinho, você nunca ia conseguir... mas com eles... com eles dois do seu lado... vocês vão vencer, com certeza! Mas não estão prontos. É uma pena, porque eu não vou poder ajudar em mais nada. O máximo que eu podia fazer foi segurar ele o máximo que eu podia, o máximo que minha energia vital era capaz... ah, e como foi difícil... como tá sendo difícil...

Ela suspirou e fez uma longa pausa, nos deixando ainda mais apreensivos.

Então seu sorriso voltou.

— Não tenham medo... não agora. Ele não pode sair, mesmo depois que eu morrer... ele não pode sair na hora que quiser, se não já tinha saído... mas quando ele *for sair*, nesse dia que vocês vão descobrir, vocês tem que tá preparados... preparados pra forçar ele a voltar, forçar ele a desistir... senão será o fim.

Ela empertigou-se, lentamente, alongando-se.

— Mas vó, *quando* ele vai sair? Me diz! A gente tem que derrotar ele agora! A senhora já fez isso antes! Se a senhora me ajudar, a gente pode deter ele antes que...

— Eu amo vocês. Muito. — Soluçou, mas agora meio que engasgando.

Carlos bateu os punhos na mesa.

— Vó! A senhora não pode...

— Sinto muito, querido — disse dona Mônica.

Foram suas últimas palavras.

Quando ela relaxou os braços, o zunido parou. Ela havia cedido.

No instante seguinte seu corpo estava no ar. A cadeira caiu para trás, num baque inflexível. A garrafa de café tombou e saiu rolando pela mesa, espalhando o líquido escuro em ondas. Percebi que a mesa tremia, o cômodo tremia, a casa tremia. Levantei, procurando apoio nas paredes. Samuel agarrou-se a uma cadeira e começou a escorregar para o chão, dobrando as pernas que pareciam de borracha. Carlos abriu as pernas e as firmou, tentando de alguma forma manter-se de frente com dona Mônica, que flutuava diante de nossos olhos.

O ar pareceu *secar*, ficando quase irrespirável.

Seu corpo subia lentamente. Seus olhos estavam fechados e os membros frouxos, relaxados. Os chinelos caíram no chão de madeira que vibrava sob nossos pés. A atmosfera opressora voltava, como um peso que parecia se comprimir sobre nós por todos os lados, distorcendo a nossa visão e a realidade que enxergávamos, e então estávamos cercados por uma nuvem negra de maldade que não podíamos ver, mas que eu sentia colada em cada centímetro do

meu corpo, esmagando-o. As panelas caíam de cima do fogão, jogando no chão arroz do almoço e os últimos pedaços de lombo, marcando a madeira velha do assoalho com uma mancha escura. Ventava dentro da casa. Os móveis se moviam pelo chão, dando passos ritmados que ecoavam no taco poroso e chocavam-se contra nossos ouvidos, criando uma parede sonora que deixava tudo ainda mais desesperador. Carlos berrava contra a coisa, contra sua avó, contra a casa, mas não havia onde *focar* sua fúria, pois *ele* estava por todos os lados. O corpo de dona Mônica parou no ar, e junto com ela tudo pareceu diminuir de peso, entrando em uma lentidão vazia, vaga, como se ao nosso redor não houvesse mais nada além de vácuo, silêncio, pânico e a sensação angustiante de que éramos ridiculamente pequenos e fracos, formigas minúsculas e ínfimas diante do poder e fúria de uma criatura que não conhecia comiseração ou piedade, e sim somente devastação e caos. Morte.

O corpo de dona Mônica girou lentamente até ficar na horizontal, os braços bambos pendurados, balançando a pele que sobrava próximo às axilas. Então ele *subiu*, com uma força e velocidade descomunal.

O som do choque com o teto foi seco e estridente, fazendo tremer ainda mais a casa que já parecia ondular. Carlos deu um berro, mas eu não ouvi. Só pude ver sua boca se arreganhando quase a ponto de rasgar-se, um grito no silêncio. No mesmo instante o corpo desceu, e as costas de dona Mônica estatelaram no chão, quase fazendo a madeira rachar. Tentei me mexer, tentei sair daquela posição e então segurá-la, impedir que a coisa fizesse qualquer outro movimento, mas foi impossível. Ele também me segurava, *nos* segurava.

A coisa levou o corpo da mulher ao encontro do teto novamente, dessa vez com *mais* força. O som foi arrepiante. Humilhante. Eu quis chorar. Uma gota de sangue grudou-se ao teto, e de novo ela despencou para o chão, rachando o taco logo atrás da cabeça. Seu corpo subia e descia. Seus membros pareciam braços e pernas de uma boneca de pano facilmente manipulável, uma marionete, leve, à mercê da coisa que queria trucidá-la; de novo seu corpo subiu, a onda do choque com o teto chegando até o fundo do meu peito, reverberando como um grave. Quando o corpo voltou a atingir o chão, com uma potência assustadora, eu tentei virar o rosto, tentei não acompanhar aquilo, mas meu pescoço estava travado. Meus olhos não se fechavam. Eu *queria fechá-los*, e doía forçar as pálpebras tão inutilmente. Doía aquela pressão que a coisa fazia sobre nós.

Por Deus, se eu pudesse, teria trocado de lugar com dona Mônica.

Ela chocou-se mais três vezes seguidas contra o chão e o teto, fazendo um ruído atroz, duro e pungente. Ouvi seus ossos se partindo. Uma mancha enorme de sangue se formou no teto, na altura do rosto de dona Mônica, e começou a gotejar de lá quando finalmente o corpo pousou com violência sobre

o chão quebrado, os braços moles e em ângulos impossíveis. Seu rosto era uma papa escura de sangue. Lentamente os móveis e objetos foram se aquietando. A mesa e as cadeiras pararam de tremer. O sofá andou quase quatro metros de seu lugar, parando ao lado da cama de Carlos. Pelo chão via-se talheres, pratos, lixo e comida espalhados; o silêncio caiu repentino sobre a casa como uma chuva de verão. Uma tempestade.

Samuel gemia no chão, as lágrimas descendo do rosto e caindo sobre a boca. Minhas pernas ainda tremiam no ritmo da casa, e tremeram durante alguns minutos até eu realmente perceber que as coisas tinham parado de se mover. Havia um cheiro enjoativo de maracujá, madeira apodrecida e o odor seco e quente de sangue. Sangue no teto, sangue no chão, sangue nos vidros, sangue no corpo. Minha garganta parecia entupida com papelão úmido.

Carlos parara de gritar. Estava com a boca aberta e o queixo frouxo. Então cerrou os dentes, e as forças das pernas o abandonaram. Ele caiu de joelhos, o rosto vermelho começando a inchar. Meteu as palmas das mãos no chão com força, quebrando o vazio daquele silêncio; depois, engatinhou lentamente em direção à avó, que depois do último choque contra o piso destruído não fizera nenhum movimento. Chegou perto dela e passou a mão sobre as bochechas vazias e manchadas de sangue, e começou a soluçar, um soluço angustiante e desolado. O soluço não conseguia passar por entre os dentes cerrados.

Deitou a cabeça sobre o corpo sem vida de Mônica e começou a chorar.

Ninguém deveria morrer no Natal.

Fui eu quem chamou a ambulância. Samuel estava em estado de choque, ajoelhado no chão, o rosto molhado de lágrimas. Carlos permaneceu debruçado sobre o corpo da avó até o momento em que os paramédicos chegaram.

Foram eles que chamaram a polícia.

Lembro bem quando um deles olhou para dona Mônica e disse “Meu Deus”.

Cerca de uma hora após o ápice do acontecimento que levou a vida de

dona Mônica, a pequena casa escondida no meio de uma clareira ficou cercada de carros. Devia ter umas quatro viaturas da polícia, além da ambulância. Não lembro bem. Minha cabeça latejava. Levaram um tempo relativamente curto para chegar, visto que era dia de Natal. O sol ainda brilhava sobre nossas cabeças. Talvez mais inclinado para o oeste.

Não lembro bem.

Liguei para meus pais assim que a polícia chegou. Em dez minutos surgiram na estradinha coberta de pedras. A mãe de Samuel apareceu logo em seguida. Somei dois mais dois: o bilhete que eu deixei na geladeira dizia que eu iria almoçar na casa do *Samuel*, então meus pais tinham ligado para ela.

Eu não a queria lá. *Não queria*. Ela falaria *depois*. Para as amigas. Seria o assunto do *mês*. “Eu vi a senhorinha, vocês não acreditam! Ela estava *acabada*! E o que é pior: ela tava *boazinha* horas antes! O que será que aconteceu?”.

Não lembro bem...

Mas ela apareceu, com a mesma roupa de horas antes, quando nos levou até aquela casa no carro novo, o cheiro de carne assada penetrando nossos narizes. Agora só havia o cheiro do sangue. Do sangue no teto. Ela apareceu lá, os olhos curiosos esbugalhados, na exata hora em que três homens retiravam em uma maca o corpo de dona Mônica, enfiado inteiro dentro de um saco preto com um zíper que se estendia por todo o comprimento do corpo da mulher, fechando cada centímetro da carne morta dentro daquela escuridão toda. Não havia um único ponto por onde ver dona Mônica pela última vez. Nenhuma brecha. Nenhuma “entrada de ar”. Não era mais necessário.

Os paramédicos passaram empurrando a maca de rodinhas, que entrou com as pernas se encolhendo dentro do carro do IML, seguido de um estrondo das portas se fechando e a partida do motor. Em poucos segundos o carro atravessou o portão previamente aberto, o caminho desimpedido. Subiu a estrada de pedrinhas e desapareceu levando dona Mônica de nós para sempre.

O quintal estava repleto de pessoas estranhas. Alguns ficavam vários minutos analisando o remendo de compensado na porta arrebitada. Outros andavam ao redor da casa, tomando nota. Usavam luvas cirúrgicas e crachás indistinguíveis. Um paramédico atendia Samuel, que estava encostado em uma viatura, com um lençol em volta do corpo rechonchudo e o rosto travado, perplexo. Outro paramédico tinha acabado de falar comigo, e eu estava relativamente *bem* em comparação aos outros. Tive calma o bastante para sair de perto de Carlos e Samuca e procurar meu telefone celular, e mais calma ainda para ligar para a Emergência e tentar explicar o ocorrido para a atendente. Ou *parte* do ocorrido. Se eu não o fizesse, se eu não tivesse chamado a ambulância, tenho certeza de que Carlos não o faria.

Naquele momento ele estava sentado perto da porta, do lado de fora, em uma cadeira tirada da cozinha; seu rosto estava vermelho e seus olhos tremiam. Olhava retraído para o chão, desolado, sem viço.

Meus pais repetiam constantemente perguntas que eu não queria responder, porque me lembravam do ocorrido, me lembravam de dona Mônica sendo arremessada contra o teto e o chão como um pedaço de carne. E me lembrava *quem* havia feito aquilo. Eles insistiam, e eu somente balançava a cabeça, com os olhos lacrimejando. Forçando-me a *não chorar* (Ficar forte! Ficar forte!). A sensação de garganta entupida com papel molhado ainda estava lá, me incomodando. Perguntei-me de onde tinha tirado força para não desabar como Samuel. Minhas pernas ainda tremiam e eu sentia o medo penetrando minha carne como aço frio e afiado. Mas não perdi o controle, não chorei, não me desesperei de fato. Mesmo quando fechava os olhos e via o rosto esmagado da avó de Carlos.

Um novo carro desceu a ladeira coberta de pedrinhas, um modelo preto, de vidros escuros. Parou bem no fim da ladeira, meio de lado, impedindo a passagem de qualquer outro veículo. A primeira coisa que passou pela minha cabeça foi: “ninguém vai sair daqui tão cedo”.

Duas pessoas desceram, um homem e uma mulher. Ela era alta, loira e magra, aparentava umas quatro dezenas de anos e carregava um coldre extremamente indiscreto na cintura da calça, onde uma arma quadrada e protuberante se exibia. O homem era baixo, de cabelos grisalhos e olhos cansados. A arma estava sob o casaco. Vi por um segundo, enquanto ele ajeitava-o sobre os ombros. A mulher olhou para ele e seguiu em direção às viaturas, sem dizer nada ao homem que veio em nossa direção.

— Eu sou o delegado Norberto — disse ele, dirigindo-se a meu pai e mostrando-lhe o distintivo; ele me olhou bem rápido. Senti um peso naquele olhar, como um rancor, algo que soava como “estava em meu almoço de Natal e fui interrompido”. Desviei os olhos dos dele enquanto ele conversava com meu pai. Ouvi que falavam de mim, de Samuel e de Carlos, da ligação que fiz uma hora antes e da morte de dona Mônica. Da “senhora”, usando as palavras do homem que eu evitava encarar.

— Sim — disse meu pai. Ele encarou o delegado, enquanto passava o braço por trás dos meus ombros. — Eu sou o pai dele, e ele está visivelmente abalado, então eu queria levá-lo...

— Sinto muito senhor, mas não poderá levá-lo agora. Seu filho tem que ficar, pelo menos por enquanto. Preciso entender o que aconteceu aqui.

Olhei para o meu pai, aturdido, e ele me olhou de volta, incomodado.

Naquela hora tive medo. Não o mesmo medo de quando a coisa estava

ali, dentro de dona Mônica e fustigando seu corpo contra a casa. Era um medo diferente, racional. Medo do que *pensariam*, todos aqueles policiais ali reunidos, meus pais, a mãe de Samuca ou qualquer outro.

Pensei no delegado ouvindo de nós a história de que dona Mônica foi morta por uma entidade sobrenatural que estava dentro de seu corpo, lançando-a diversas vezes contra o teto e o chão, e me perguntei se eu, no lugar dele, acreditaria na história. Provavelmente não.

Mas minutos antes havia ali o corpo de uma idosa morta de forma violenta, esse era o *fato*. E nós três éramos os únicos com ela na hora em que aconteceu. Na hora em que morreu.

Três crianças, uma casa revirada e uma idosa morta no chão. O que o delegado pensaria?

Meu coração voltou a disparar. A sensação de que todos me olhavam começou a me inquietar. O delegado pediu que fôssemos com ele. Ele seguia na direção da *casa*. Ia entrar nela.

Eu não queria entrar lá. *Não queria*.

Enquanto o delegado nos conduzia na direção da casa, eu sentia que as pessoas olhavam diretamente no meu rosto, e eu sentia um ruído estranho na minha mente, como um murmúrio constante, e na verdade pareciam *diversos* murmúrios, como uma multidão lamuriante orando dentro da minha cabeça. Quando eu cruzei os dois paramédicos que vieram quando liguei, o som aumentou, e eu tive certeza que aquele maldito ruído era o som de seus *pensamentos*, direcionados para mim. Pensamentos cheios de angústia, choque, e acima de tudo, desconfiança.

Era isso que pensariam, enfim. Que *nós* matamos dona Mônica.

O delegado pediu que aguardássemos do lado de fora, e entrou, acompanhado de outro policial, que não usava farda mas trazia o distintivo pendurado no cinto. A porta foi fechada logo em seguida. A mulher que acompanhava o delegado veio até onde nós estávamos e parou de costas para a porta, os braços cruzados, também esperando.

Olhei para Carlos, ali sentado perto de nós, e não podia imaginar o que dizer para ele. Fiquei calado. Ele não me encarou.

Helena veio até nós trazendo um abatido Samuel, sem camisa e enrolado numa manta. Ele olhava para o chão com olhos arregalados. Olhou para mim depois, franzindo a testa. O medo irradiava daquele olhar.

De novo o pavor da coisa queria tomar conta de mim. Sentia que ele estava ali, *perto*

“estou próximo”

com as garras que provavelmente possuiria viradas para todos nós, e um

único movimento seu tiraria nossas vidas. Meu pai, minha mãe, a mãe de Samuel, ele, eu, Carlos... todos nós e os policiais e paramédicos e o jornalista que acabava de chegar e ligava a câmera, mirando-a na casa. Um único gesto e todos seriam facilmente aniquilados pela besta invisível que matara dona Mônica violentamente. Será que o cinegrafista veria dali a mancha negra que rodeava nossas cabeças? Será que a câmera captaria? O perigo iminente, a morte instantânea? Minhas pernas e minhas mãos tremiam, mas eu *não queria* sentir aquilo, não queria ter medo. Porque ela tinha dito que não devíamos ter medo, pois ele não sairia agora, ele não estaria livre assim tão fácil... chegaria o dia, mas não era esse. Mas... era difícil desenvolver algum instinto corajoso quando o corpo inerte de dona Mônica era arremessado uma, duas, três, dez, vinte, cinquenta, *cem vezes* contra o teto dentro da minha cabeça.

Depois de cinco minutos onde permanecemos calados e envolvidos pelo ruído ensurdecedor de motores de carros ligados, vozes frenéticas falando ao telefone e discutindo possibilidades, a porta da casa novamente se abriu. A voz do delegado, um pouco alterada, se fez ouvir lá de dentro. Ele passou pela policial loira, e eu pude ver nos seus olhos uma certa insatisfação.

— Okay, quero saber por que me chamaram aqui.

— Como assim? — perguntou a moça.

Olhei para Samuel. Ele franziu a testa.

— Pra que eu vim aqui se não aconteceu nada demais?

A pergunta do delegado nos acertou como um martelo. Carlos levantou-se imediatamente e entrou, passando pelos policiais sem ser impedido. Fui logo atrás, correndo, seguido por Samuel, que parecia anestesiado, letárgico demais para reclamar. Meu coração estava em disparada, e eu podia ouvir o dele também, amedrontado.

Juro que não compreendo até hoje como a casa podia estar *daquela forma*, principalmente depois de tudo. A duração da surpresa, do *assombro*, só não foi extensa porque, de uma forma ou de outra, sabíamos, ou *pensávamos* que sabíamos, com o que estávamos lidando. Com a coisa, o *ser* com quem batíamos de frente. A brevidade do momento não foi o bastante, porém, para que se passasse despercebido; meus ouvidos taparam, como que em um rápido momento de surdez, estufando de dentro para fora, e sentia que o mesmo aconteceria com meus olhos, minhas bochechas e meu rosto, até que finalmente minha cabeça explodiria dentro daquela casa. Um formigamento passeou pelo meu corpo, das pernas até a nuca, subindo, atravessando meu corpo como um raio que sobe do chão ao céu ao invés do contrário. A brevidade do momento não foi o bastante para que parecesse *loucura*. Para que parecesse um pesadelo. E apesar de tudo, foi o bastante para que, de certa forma, uma lasca da nossa

mente se soltasse. Não o tanto necessário para destruir nossa sanidade, mas uma quantidade que, de repente, fez falta.

A casa estava intacta, simplesmente isso. *Intacta*, como quando entramos antes do almoço e vimos dona Mônica e Carlos ascendendo o forno à lenha. O sofá estava no lugar. A mesa estava no lugar. As gavetas, a geladeira, as cadeiras, a cama. O chão estava limpo. O *teto* estava limpo. Não havia uma gota de sangue na madeira do chão nem gotículas na pia da cozinha, como havia gotejado quando o rosto dela atingiu o teto com força.

Não havia *nada* de errado. Nada.

Só de constatar isso me senti um tolo, um iludido. Não acreditariam na história, no que havia acontecido, um espírito imundo, diabólico, que possuía o corpo de dona Mônica e a matara violentamente, arremessando-a contra o chão e o teto. Não. Essa história já não faria sentido. Como se *antes* fizesse! Não haveria história para contar. Não tinha explicação! Nem mesmo os paramédicos que chegaram primeiro se lembrariam do estado em que encontraram o corpo de dona Mônica.

Algo me dizia que a coisa apagou isso de suas mentes assim que teve chance, deixando-os com um vácuo de memória que causaria breve confusão e lhes trariam problemas com o delegado.

Pensei em me virar e olhar para Samuel, mas por diversos motivos não o fiz. Não quis ver como seu rosto estava. Não quis dar sinal de que, de um jeito implícito, nos comunicávamos. Não queria desviar os olhos dali, daquela casa que parecia até mais arrumada do que o *normal*, porque seria simplesmente *inútil*. Já era inútil antes mesmo de entrarmos.

Apenas uma coisa não mudava: dona Mônica *ainda* estava morta, e não havia mais histórias. Só havia o fato. E nós. Nós *três*.

Virei os olhos de soslaio para Carlos, e ele sequer parecia surpreso. De fato, a coisa ocultou tudo. *Modificou* tudo. Limpou dali qualquer vestígio *dela*, de algo sobre-humano, abstrato ou invisível. Deixou apenas o prático, o concreto, o humano, o *visível*: uma idosa morta e três garotos. E ponto. A casa revirada, a *história*, que eu sequer pensei seriamente em *revelar*, já não existia mais. Éramos só nós e a morte. Nenhuma fuga.

Soube na hora que ela queria nos enlouquecer. Só podia ser esse o motivo. Qual o sentido de limpar a cena de um crime que não podia ser *provado*? Enlouquecer-nos. Torturar-nos.

Dementar-nos com a certeza de que *tinha acontecido* e a certeza maior ainda de que não podíamos *provar*.

A voz do delegado me puxou do devaneio. Eu não queria voltar. *Não queria*.

— Ok, tudo bem que a senhora morreu, mas não me parece caso de polícia... a não ser que... — dizia enquanto entrava na casa outra vez. Meu pai o seguia. — Ah, os garotos. Ok. Qual de vocês ligou para a polícia? O que aconteceu aqui?

Ninguém se manifestou. Samuel começou a tremer sozinho, lentamente. Carlos encarava sisudo o lugar onde sua avó perdera a vida. Pensei no delegado, um homem alto e de rosto forte, que deveria ter uns quarenta e cinco anos, ouvindo a história absurda que era a verdade, e tentando entender como *tudo aquilo* teria acontecido sem deixar uma única gota de sangue.

— E então? — o delegado insistiu. Sem encará-lo, respondi:

— Não foi a gente. A gente só ligou pra ambulância. Foram eles que chamaram a polícia.

Não precisei me virar para saber que ele balançava a cabeça em afirmativa.

— Certo, certo... mas quando fui chamado, me disseram que tinha acontecido um... acidente violento aqui. Mas... — continuou o delegado, alheio ao nosso espanto — Eu não vejo nada.

Silêncio. Meu pai olhava incisivamente para mim. Evitei encará-lo. Ele notara meu tom de voz na resposta ao delegado, e me conhecia o bastante para saber que eu estava chocado.

Olhei ao redor de novo, ainda incrédulo, ainda tentando *aceitar* aquilo, aquela organização tão *errada*, aquela cena tão limpa, tão simples, tão quieta, como se horas antes aquilo não fosse parecido com um furacão de dor e morte. Vi de novo o rosto de dona Mônica se chocando contra o teto, o sangue borrifando no vitrô e na geladeira.

Samuel soluçou. Seus braços estavam arrepiados. A manta descobriu um lado de seu corpo, mostrando as dobras nas costas. Carlos soltou um sopro feroz pelo nariz e me olhou. Tinha fúria naqueles olhos.

Encarei o delegado. “Você nunca vai acreditar no que aconteceu de verdade”, pensei, com tanta força que soube que Carlos *ouviu*, com os ouvidos de *dentro*, porque ele me olhou diferente. Como se eu tivesse *falado*.

O delegado abaixou-se, ficando na mesma altura que nós.

— Olhem... eu recebo uma chamada de um acidente terrível com três crianças e uma idosa. Lembro bem de ter ouvido alguém me dizer que a mulher estava horrível — disse, com um tom que eu só reconheceria anos depois, quando me tornasse adulto: o tom de condescendência de quem está acostumado a desmascarar mentirosos. — Então, quando eu chego, o que eu encontro? Na verdade, nada. Nada de acidente, nada de mulher em estado horrível... ainda que eu não a tenha visto, mas... eu só quero entender o que aconteceu aqui. De

verdade.

“O senhor nem imagina”, pensei, com menos força, mas mesmo assim Carlos me olhou de novo.

— Preciso que vocês me falem. Hoje é Natal, e acho que ninguém quer passar o Natal inteiro aqui dentro, certo?

“Apesar da indelicadeza, o senhor está correto, delegado?”.

De repente, compreendi tudo: “Desconfiança. Ele desconfia de nós. De nós! Foi por isso que você limpou tudo, não é, seu desgraçado? Seu monstro maldito, desgraçado e assassino filho de uma puta, se é que coisas como você possuem uma mãe! Foi pra jogar a desconfiança em nós, e não em algo sobrenatural, que você tirou seu rastro daqui. Pra foder com a gente de vez!”.

A voz do meu pai cortou meu pensamento:

— Delegado... Norberto, não é? Bem, aconteceu algo muito triste aqui hoje... a avó de um desses meninos morreu na frente deles... e pelo estado desses garotos... eles são *crianças*, tem doze anos... estão apavorados...

— Sim, eu vejo. Acho que não adianta muito conversar agora... mas eu preciso que eles...

Alguém bateu à porta e entrou.

— Com licença, delegado — Era outro policial. Ele chegou bem perto do delegado e falou baixo: — Eu estava vendo os documentos da senhora morta e do garoto... eles não tinham nenhum parente com quem eu pudesse falar... e o garoto é órfão, a senhora era sua avó e única familiar viva.

O rosto do delegado se contraiu levemente. Era pena o sentimento que brotava ali, e eu o desprezei naquele momento.

— Não tem mais ninguém?

— Não, senhor. Nada nos registros.

— Estou me sentindo mal... preciso respirar ar puro...

Era Carlos, e a urgência na voz dele assustou a todos. Ele estava de pé, com o rosto pálido e a mão na parede. Meu pai foi até ele, pois parecia prestes a cair.

— Leve-o para tomar um ar... — disse o delegado, olhando para Carlos, preocupado. — Vamos dar um tempo para esses garotos... além disso, preciso mesmo de um tempo pra pensar.

Segui meu pai e Carlos. Ele rejeitou a ajuda do meu pai quando saiu e se afastou um pouco. Apoiou as mãos no joelho e começou a ofegar. O delegado veio logo atrás de mim, ainda falando com o policial. Eu não consegui ouvir toda a conversa, mas a última frase do delegado foi:

—... tem que ligar para o conselho tutelar amanhã. Hoje é uma porra de um domingo, que Deus me perdoe. Um domingo de Natal, ainda por cima... mas

esse menino tem que ir pra lá. É uma pena, mas é o que deve ser feito.

Olhei para o delegado e em seguida para onde estava Carlos, e não o vi.

Meu coração deu um salto. Carlos havia sumido.

Olhei ao redor, desesperado. Então ouvi o som crescente das vozes. O delegado passou por mim, e eu o segui. Todos pareceram nos seguir. Meu coração já estava aos pulos.

— O garoto *tá correndo*, senhor! — gritou um policial, em um sotaque um tanto interiorano, exagerado, e eu *quase* ri, enquanto ele apontava para o meio da mata.

— Filho da... — vociferou o delegado. Ele correu e dois policiais foram com ele.

Forcei minha vista naquela tarde ensolarada, um sol forte e bonito que contrastava com a feiura do rumo dos acontecimentos, jogando sobre nossos rostos raios fortes e alaranjados; um dia que deveria ter sido de paz e união transformado em um inferno de sangue. Todas as pessoas ali, policiais, socorristas, meus pais, Samuel e sua mãe, e o jornalista com sua câmera pequena, todos olhavam para o mesmo lugar, a floresta que se estendia nos fundos da casa. Todos cobriam as vistas com a mão, protegendo os olhos do sol cegante.

Vi Carlos; ele corria velozmente em direção à mata, as mãos cerradas e movendo-se no ritmo das pernas. Três o seguiam, mas não o alcançaram a tempo. Rapidamente ele pulou sobre a pedra na qual sentamos naquela mesma semana para discutir nossos avanços e desapareceu para dentro da floresta.

Parte 2

Meia-noite

Capítulo XIV

Desconfiança

Ficariamos mais de um mês sem notícia de Carlos. Foram dias confusos e repletos de medo.

A polícia não conseguiu encontrá-lo. Desistiram de procurá-lo depois das nove horas da noite. Fizeram buscas com cães farejadores e cerca de vinte homens e não encontraram sinal dele na mata. *Nenhum* sinal. Pegadas, galhos partidos, pedaços de tecido da roupa, cabelo, nada. Absolutamente nada. Foi como se Carlos tivesse se transformado em um mísero inseto, uma mosca ou formiga, e tivesse se enfiado sob as cascas das árvores, invisível. No dia seguinte eles retornaram às buscas, tendo inclusive visitado minha casa e a casa de Samuel de manhã, na ânsia de encontrar Carlos escondido em uma das duas, mas foi em vão.

E mesmo se ele estivesse lá, eu não diria.

Porque eu compreendia plenamente o motivo de sua fuga. Sua avó havia morrido, ou melhor, tinha sido *assassinada* por uma entidade maldita diante de seus olhos, momentos depois de passar para ele, para *nós*, a missão importantíssima de detê-lo. Porém, sua condição o obrigaria a ser mandado para o Conselho Tutelar, e muito provavelmente para um orfanato. Não havia nenhum parente com quem contar. Nenhum. Preso em um orfanato, como se prepararia? Como enfrentaria a coisa?

Como se *vingaria*?

Eu o entendia. Teria feito o mesmo no lugar dele. No entanto, a forma como partiu, repentinamente, sem aviso ou sem sequer dar uma dica, um sinal de que se refugiaria, me deixou muito magoado e confuso, mesmo sabendo que ele

não tinha opção.

Ele sequer olhou para trás.

Magoou porque até aquele momento tínhamos feito de tudo por ele. Por ele e por sua avó, presença constante em nossas vidas nos meses que anteciparam aquele pesadelo. E mais constante ainda quando *tudo* começou a acontecer. E de repente ele se vira, fingindo passar mal, e desaparece dentro de uma floresta como um animal!

O que estaria sofrendo naqueles momentos, sozinho, sem ter o que comer, passando frio e provavelmente sede, lembrando a cada instante que sua avó, sua segunda mãe, aquela que o criara desde sempre, estava morta?

O enterro de dona Mônica aconteceu no dia seguinte. Foi rápido e poucas pessoas compareceram à despedida. Não havia parentes, obviamente. Fui com meus pais, relutante, porque não queria ver o rosto dela. Eu não imaginava uma forma possível da funerária esconder o estrago que havia no rosto dela. Depois lembrei que provavelmente a coisa teria revertido aquilo também, assim como as dezenas de ossos que deve ter quebrado. Como a casa, que da completa destruição voltou para a mais perfeita organização imaginável. O rosto de dona Mônica parecia extremamente esticado, como se tivesse dez anos a menos, mas se mostrava cruel em sua artificialidade. Não havia sinal do trauma facial. Eu a encarei por um bom tempo de longe, até finalmente ter coragem de me aproximar do caixão. Era um esquife escuro e sem muitos detalhes. Não que isso parecesse importante: a quantidade absurda de flores sobre a mulher desviava de imediato o foco na simplicidade da urna.

E quem haveria de prever, com toda aquela frugalidade, o quão importante aquela mulher fora?

Samuel apareceu depois, com seus pais, e também a contragosto, visto a cara de enjoo que ele carregava. Não chegou perto do caixão em nenhum momento.

O corpo foi enterrado às 16h00min, sob um céu azul claro quase branco. O breve cortejo do velório municipal até o túmulo em que o corpo de dona Mônica repousaria pareceu cercado por uma estranha tensão, uma atmosfera incomoda que apenas eu sentia. Entre as velhas beatas que rezavam o terço com véus sobre as cabeças e senhores curiosos e empáticos que seguiam aquele caixão eu via um fino verniz de morte. Uma película tão próxima e tangente que

temi por todos aqueles que não a viam. E quando os coveiros desceram vagarosamente o caixão para dentro da terra, envoltos pelo vento e pelas palavras do padre que ainda ecoavam, eu me senti a pessoa mais solitária do mundo, pois tinha entendido coisas que nenhuma daquelas pessoas jamais entenderia.

Entendi o quanto a vida era inútil e frágil.

Em meu peito havia uma tristeza imensa, esmagadora e indescritível, da qual só pude tomar conhecimento quando cheguei em casa e entrei no silêncio do meu quarto. Havia uma pressão amedrontadora naquele silêncio. E havia *certezas*. Certeza de que eu nunca mais veria dona Mônica, com seu sorriso alegre e suas histórias. Certeza de que a vida de Carlos seria ainda mais dura a partir de então. Foi só aí que eu chorei. Chorei como jamais pensei que choraria. Como jamais chorara antes.

Naquele mesmo dia, quando já eram quase dez horas da noite e eu me preparava para tentar dormir, recebemos um telefonema. Meu pai foi atender, com os olhos vermelhos de sono. Durante toda a conversa ele pouco falou além de pequenas confirmações sonoras. Eu e minha mãe o encaramos, provavelmente pensando na mesma coisa: a polícia finalmente encontrara Carlos. Meu coração disparou e instintivamente tateei pela minha mãe. Minha mão agarrou-se ao tecido do seu pijama e ela me puxou suavemente, a mão apertando com carinho meu ombro. Forcei minha mente, tentando, como no dia da morte de dona Mônica, ouvir o que se passava entre aqueles fones, entre aquelas *cabeças*, descobrir quem falava com meu pai e qual seria o assunto. Mas em matéria de telepatia eu era um tremendo amator. E na verdade não tinha *fé* naquilo como teria depois. Por fim, quando ele desligou o telefone, virou-se para nós:

— Era o delegado... ele me disse que... bem, você não quer ir deitar, filho?

Olhei para ele com a testa franzida. Depois, balancei a cabeça em afirmativa, soltei-me de minha mãe e subi as escadas. No corredor do andar de cima fingi estar andando, dando passos sem sair do lugar na porta do quarto, e a bati como se tivesse entrado. Fiquei esperando meu pai falar o que quer que fosse, com atenção e com medo de que viesse ver se eu realmente havia entrado no quarto. Mas ele não veio, e eu ouvi parte da conversa:

— O delegado me ligou dizendo que... que o resultado preliminar da autópsia indicou que dona Mônica morreu devido a uma *convulsão*. — Ao som daquela palavra, minha cabeça pareceu rodopiar, mas eu me esforcei para continuar ouvindo. — Eles não sabem ao certo o *que* causou a convulsão. Os resultados demoram pra sair. Pode ter sido pela idade avançada, por alguma doença não diagnosticada... ou até mesmo por causa daquela queda de uns meses atrás.

— Meu Deus...

— Mas o que ele perguntou pra mim foi o que eu achei estranho...

— O quê?

— Ele queria saber se Carlos vivia bem com a avó, entende? Se eles se davam bem, ou se entravam em atrito as vezes...

— Mas o que isso tem a ver?

— Ele não me falou, mas eu tenho uma vaga ideia do que ele suspeita...

Naquela noite não consegui dormir. Quando fechava os olhos, eu via os movimentos violentos da avó de Carlos contra o chão e o teto, junto do barulho seco que ela fazia toda vez que atingia um deles. E ouvia a voz da coisa: “estou próximo, estou *próximo*...”. Eu queria pensar com lógica. Dizia para mim mesmo: “Ele não pode sair... não *ainda*! Foi o que ela disse!”. Então, por que eu sentia aquele frio me envolvendo? Por que eu sentia cada parte do meu corpo se arrepiar como se pequenas e afiadas agulhas despontassem para fora da minha pele? Por que eu não conseguia imaginar outra coisa senão *eu mesmo* sendo arremessado diversas vezes contra o teto? Meu corpo sendo arrastado por uma mão invisível e se chocando contra o concreto duro do teto e a cerâmica gelada do chão, partindo os ossos do meu corpo e depois *revertendo tudo*, de modo que ninguém nunca pudesse imaginar que foi *ele*, que foi uma coisa sobrenatural, além do nosso entendimento e extremamente maligna, perversa e destrutiva que havia feito aquilo. Uma *convulsão*! *Convulsão*!

Aquilo me deixava mais amedrontado do que a possibilidade de meus pais saberem a verdade. Ou do delegado descobrir a verdade. Era um processo de queima de provas. A coisa estava deixando fora de vista qualquer sinal de sua existência, exceto para mim, para Samuel e para Carlos, que naquela hora provavelmente estaria sozinho, no frio e com fome. E quem poderia garantir que a coisa não o matara também? Não seria ele mais frágil *sozinho*? Ele precisava de nós, como dona Mônica dissera.

Sozinho, você nunca ia conseguir... mas com eles... com eles dois do seu lado... vocês vão vencer, com certeza!

Ainda assim, como ter esperança diante daquilo? Como imaginar derrotar aquele ser quando ele era capaz de possuir o corpo de alguém e destruí-lo sem

deixar uma única prova?

Eu quase podia ver as coisas se reorganizando, voltando para o lugar, as cadeiras se ajeitando sozinhas sob a mesa, o sofá quicando em passos rápidos até a posição correta, vassouras e sacos de lixo limpando a casa sozinha como se tivessem vida própria. A coisa ocultando a prova do crime.

Ocultando toda sua influência... e esperando

estou próximo

o momento em que ficaríamos sozinhos.

No dia seguinte, meu pai veio até mim com os questionamentos que eu já esperava.

— Acho que precisamos conversar, né? — disse, com a voz calma. Usava uma camisa social azul e uma calça jeans escura. Tinha acabado de chegar do trabalho, então o paletó já estava jogado sobre o sofá e a camisa estava aberta até o meio do tronco. Fazia calor naqueles dias. Eu estava sentado no sofá, encarando o nada, ainda tentando aceitar a morte de dona Mônica e aquela sequência de fatos. Aceitar não era a palavra exata. Eu ainda tentava *acreditar*.

— Sim — respondi baixo, sentado no sofá com os joelhos juntos e os pés próximos do corpo. Disse “sim” sem tomar conhecimento da palavra.

Meu pai me encarou ante aquela resposta. Provavelmente esperava a recusa, que aflorava na minha mente, mas que não tive coragem de lançar para fora.

— Precisamos conversar sobre o que aconteceu na casa do Carlos no Natal.

Dezenas de respostas sarcásticas e ignorantes subiram até minha garganta e voltaram.

— Sei que vai ser chato falar sobre isso, mas temos que falar, certo?

— Certo.

Continuou me encarando, ainda sem entender aquela passividade. Por dentro eu queria explodir de revolta. A ferida sequer cicatrizara e meu pai já a cutucava com um ferro quente. O ferro da *desconfiança*.

— Filho, ontem eu conversei com o delegado, por telefone. Ele me disse que precisa... do seu depoimento. Você é testemunha do que aconteceu.

Permaneci calado e atento.

— Mas se eu... puder impedir que você passe por isso... eu vou fazer.

Pra que você não... se estresse sem necessidades — continuou ele. Seu tom era tranquilizador, mas eu sentia a intenção por trás daquilo. — Eu não sei como que foi... que aconteceu. Mas eu te conheço, filho. O seu choque é evidente pra mim. Sou seu pai, e percebo que... que as coisas não foram *tão simples*. Eu entendo o apego que você tinha por aquela mulher... nos últimos meses, você conviveu muito com ela... viu ela se acidentar... e viu ela morrer. Eu imagino... que não seja fácil. Ficar com... essa imagem na cabeça.

Não olhei para meu pai. As lágrimas queriam sair. Se eu olhasse para ele... estaria perdido.

— Mas eu preciso de uma coisa, e essa coisa é uma maneira de te poupar. Preciso que você confie em mim e que *me conte* como tudo aconteceu. Apenas isso. Que confie em mim. Daí, eu mesmo me viro com o delegado. Que tal?

Ele aguardou alguma resposta, mas eu continuei calado. Não sabia como contar, e como ele reagiria se eu falasse. Também não *queria* contar. Esse era o problema.

— Olha... todo mundo tá triste com o que aconteceu... — continuou — Eu imagino o quanto você e Samuel estão tristes, sendo que vocês iam sempre lá ver ela... e imagino o quanto Carlos está mal. Mas a polícia precisa saber o que aconteceu...

Continuava sem encará-lo. Com certeza, pensava que eu não tinha ouvido a conversa na noite anterior, sobre a autópsia de dona Mônica, a tal convulsão e nenhum osso quebrado.

Ossos que *deveriam* estar quebrados.

Respirei fundo. Naquela hora poderia revelar tudo a ele, sobre a entidade, a verdade sobre o incidente da “queda” e das vezes em que ela falava com a voz grave, inclusive o dia em que quase virou a casa de cabeça para baixo para nos impedir de abrir um baú, e ficar com fama de menino bobão que inventa coisas fantasiosas, ou dizer o que ele gostaria de ouvir, que foi uma convulsão violenta.

— Eu não quero falar disso, pai — disse, por fim. Esperava com aquilo acabar de vez com as perguntas.

— Você *tem* que falar. Acho que não entendeu direito o que tá acontecendo...

“Eu não entendi, então?”.

— Aquela mulher *morreu* na frente de todos vocês, e depois o neto dela simplesmente *fugiu*, sumiu da face da Terra. O que você acha que vão pensar? — disse, o tom da voz mudando no final da frase. Um pouco agressivo.

— Eu não sei, pai — Olhei para ele dessa vez. Meus olhos estavam vermelhos. — Ela sofreu uma convulsão, não foi? Eu ouvi sua conversa com a mãe ontem...

Ele me encarou sem mudar de expressão. Já previa aquilo, provavelmente.

— Não fizemos nada... a gente não conseguiu fazer nada na verdade, nada pra salvar ela... mas se a gente pudesse, tinha feito. Mas não podia. Porque era... era mais forte do que nós.

Parei, a garganta apertando de novo. Ele me encarou durante alguns minutos, depois respirou fundo e sentou-se do meu lado no sofá.

— Deve ter sido... chocante. Né?

— Muito, pai. Chocante demais... mas... o que isso vai mudar?

— A polícia vai achar que Carlos matou ela. Causou a convulsão, entende? Eles acham...

— Impossível — falei, me mexendo no sofá e tentando não mostrar o quanto aquela desconfiança, aquela mera *hipótese* me incomodava.

— Eles acham que ele pode ter esquecido de dar algum remédio pra ela, e tenha lembrado tarde demais, na melhor das hipóteses.

— Na *melhor*? E qual é a pior *hipótese* que o senhor acha?

— Que ele tenha feito de propósito...

— Ah, pelo amor de Deus...

Levantei-me revoltado e impaciente, mas meu pai me segurou pelo braço.

— Calma, Paulo, não é assim! Não estou dizendo que ele fez isso...

— É o que então? Se não é isso, então o que é?

— É o que a polícia pensa... e eu sei que você não acredita nisso. Eu também não. Mas se ele é mesmo inocente, então por que *fugiu*?

Não havia desconfiança na voz dele. Nele. Eu sabia que não. Mas havia a dúvida, e isso era ruim da mesma forma.

— Droga, pai, o senhor não *enxerga*? Não consegue entender por que ele fugiu? Vai ver é porque agora sim ele tá *sozinho*, sem ninguém em quem confiar! Não acha que seja por isso? Porque *eu* tenho *certeza* que é!

— Eu sei que você... confia nele. Você estava na hora da morte, você que viu... mas se ele é inocente, precisa aparecer e explicar o que aconteceu. Se não, vai parecer mesmo que foi por culpa dele. É por isso que você precisa falar. Qualquer coisa que você souber. Até mesmo o lugar onde ele pode estar. Entenda, isso é pro próprio bem dele...

Puxei meu braço e olhei para ele sério. Naquela hora acho que ele percebeu um excesso de fúria de minha parte, principalmente quando citou a desconfiança sobre Carlos, e provavelmente tenha percebido antes de mim o sentimento que eu não fazia ideia que tinha, pois suas sobrancelhas se contorceram tristonhamente.

— Eu vou dizer o que aconteceu — falei, com firmeza. — Dona Mônica morreu se contorcendo e se debatendo contra as coisas... e ninguém nem *tocou* nela antes de cair dura no chão. Carlos nunca teve nada a ver com isso, nem eu e nem Samuel. E eu não faço ideia de onde Carlos tá, mas se eu soubesse, eu nunca ia trair a confiança dele. Mas *eu não sei* onde ele tá, não sei... e isso me deixa mais triste do que qualquer um de vocês. Agora, por favor, pai... não me faz lembrar daquele dia de novo... por favor...

E subi as escadas quase correndo, com as lágrimas brotando dos olhos e a garganta dolorida. Meu pai não disse nada nem veio atrás de mim.

A semana passou rapidamente, em dias quentes e ensolarados que rapidamente se convertiam em cinza escuro e ventos fortes. O dia 31 chegou, e em vez de festa, fomos para a missa de sétimo dia de dona Mônica. Samuel não compareceu, o que me deixou ainda mais com a sensação de solidão, e de que a *coisa* estava ali mesmo, dentro da igreja, se esgueirando por baixo dos bancos, roçando pernas e pés, e em poucos segundos ela estaria embaixo de mim, me olhando por entre os joelhos e cochichando no meu ouvido.

A noite foi quieta. Nenhum parente foi convidado para o *réveillon*. Meu pai e minha mãe ficaram na sala, conversando, bebendo alguns drinques e beliscando petiscos, enquanto eu passava a maior parte do tempo no meu quarto, navegando pela internet sem qualquer objetivo. Tinha um prato de petiscos na mesa do computador, mas pouco toquei nele. Minha mente vagava entre lembranças ruins e a impressão de que as coisas não mudariam, que todos os dias a partir da morte de dona Mônica seriam como aquele, iguais, cinzentos, secos e sem graça.

Quando o ano de 2012 assumiu seu posto, eu descii para sala e abracei meus pais, desejando-lhes que aquele ano fosse um ano *feliz*.

Pensei em Carlos, e se aquele ano seria de alguma forma feliz para ele.

Fui deitar logo depois da meia-noite, mas antes uma coisa me chamou atenção. Meus pais ligaram a TV e começaram a assistir um show que tradicionalmente sempre é apresentado nas noites de fim de ano, e entre uma apresentação e outra, uma equipe de repórteres espalhados pelo Brasil cobria as festas da virada do ano em diversas capitais. Um deles surgiu falando alto no meio de uma multidão enlouquecida, e mencionou o fato de que naquela cidade, se não me engano Recife, em Pernambuco, *ainda não era 2012*, pois lá não

estavam no horário de verão.

A expressão “horário de verão” imediatamente me fez pensar em dona Mônica. Na forma como ela dizia, veementemente, o quanto o horário modificado a incomodava...

E fui dormir com aquela inquietação... como se estivéssemos deixando passar um detalhe importante.

Capítulo XV

Enigmas

Nos dias que se seguiram, a tristeza constante que eu sentia pela morte terrível de dona Mônica e a ausência de Carlos foi sendo substituída por uma crescente revolta e interesse em esclarecer os *enigmas* que ela deixou depois que partiu.

Isso, porém, não surgiu de imediato. A primeira semana do ano foi terrivelmente apática e cinza, sem sabor de férias e sem sorrisos. Durante a semana eu sequer vi Samuel, nem pessoalmente, nem pela internet. Fiquei preocupado com o estado dele, com sua *saúde mental*, uma vez que ele também ficou abalado com a morte de dona Mônica (ou melhor, pela *forma* como ela morreu), enquanto eu parecia mais preocupado em saber onde Carlos se metera.

Mesmo triste, eu tentei retornar com os hábitos que havia deixado de lado, como jogar *videogame*. Quando o fiz, parecia que estava em um terreno extraterrestre. E não me trouxe alegria, de fato. Só serviu de distração, rápida e ineficiente.

Sair para pedalar então me deixava ainda mais entristecido, pois nos últimos meses aquele era meu meio de transporte para ir até a casa de Carlos. No primeiro dia pedalei até o centro e me deparei com o rosto de Carlos estampado em um cartaz, com a palavra “DESAPARECIDO” em negrito logo acima de sua cabeça e o telefone do conselho tutelar embaixo. Voltei na mesma hora, angustiado e preocupado. Ainda assim, continuei insistindo com os passeios de bicicleta, apesar das lembranças que aquilo me trazia. Olhar para a bicicleta me fazia pensar na apreensão que sentia quando me dirigia até lá. Mesmo com medo, eu seguia até a casa. Antes mesmo de saber o que ela *tinha*, eu já o fazia.

Me questionei sobre os *reais* motivos de continuar indo até a casa, mesmo após descobrir a existência da coisa. Que aquilo me apavorou era óbvio, mas invariavelmente continuei visitando-os, consciente dos riscos. Envolvi minha vida e porque não a vida dos meus pais naquilo, cômico da criatura que habitava o corpo da avó de Carlos. E ainda sim, lá estava eu quando ela quase nos matou para impedir que abrísssemos um baú. E todas as outras vezes, menos graves, mas que somavam provas à certeza do poder da coisa. E finalmente, quando a entidade conseguiu levar a cabo a missão de matar a mulher que o enfrentava e o confinava, lá estava eu de novo.

E por quê?

E aí começavam *outras* dúvidas, essas devido ao que dona Mônica dissera antes de seu corpo ser esmagado contra a própria casa.

Primeiro, ela havia dito que “*sempre foi assim, desde muito tempo*”. Foi daquele jeito com os pais dela, com ela e com os pais de Carlos, o que deixava a questão: há quanto tempo aquela *entidade* estava envolvida com a família de Carlos? O que tem acontecido com eles desde então?

Era uma pergunta importantíssima, que levava a outra ainda mais grave: teria aquela *coisa* alguma influência direta sobre *a morte dos pais de Carlos*?

A questão me arrepiou.

A resposta, eu acreditava, estaria nos diários de dona Mônica, e até onde eu sabia, Carlos os lia antes de sua avó morrer. E quando fugiu, ele *não* levou os diários. Não levou nada, afinal. O caderno ainda estaria dentro da casa. Pensei em ir até lá e procurar pelo diário. Se valeria a pena correr o risco para saber a resposta eu não poderia dizer, mas era a única forma de descobrir, já que a pessoa que poderia nos explicar tudo estava morta. No entanto, seria melhor esperar a poeira baixar. Carlos não poderia ter ido tão longe. Mais cedo ou mais tarde ele seria encontrado, era o que eu esperava. E então poderíamos conversar e chegar às respostas.

Decidi que se ele não fosse encontrado ou não aparecesse até um mês depois da morte de dona Mônica, eu iria até a casa e procuraria pelo caderno.

Outra questão que me incomodou por vários dias veio do momento em que dona Mônica *nos mencionou* em sua “despedida”, pois aquilo não foi nada mais do que isso. Ela *sabia* que ia morrer. Ela tinha o controle da situação, mas sabia que seria por pouco tempo. Ela sacrificou suas últimas forças para nos deixar uma mensagem, e agora contava com nós para que seguísssemos suas dicas. Ela disse: “*então surgiu esses garotos, esses seus dois amigos, e eu enxerguei uma força tão grande!*”. Ela enfatizou o fim da frase. Grande. Grande força.

Àquela altura eu já desconfiava da força que ela falava, do “poder” que

eu possuía. O *talento*. Não compreendia até perceber o zumbido que dona Mônica emitia antes de tudo acontecer. Era provavelmente algum toque mediúnico, e sobre o qual eu também deveria saber mais. *Queria* saber mais. Saber que eu poderia possuir aquele “talento” esclarecia algumas coisas, de certa forma, como nas diversas vezes em que ouvia a voz de dona Mônica na minha cabeça e acreditava ser apenas um pensamento. E não era. De fato, era *ela* imputando palavras em nossa mente, se comunicando conosco. Samuel também estava incluído naquilo, apesar de não conseguir ver naquele momento nenhuma prova de que ele possuía o “talento” ou algo parecido. Nunca comentou comigo se ouvia a avó de Carlos falando em sua cabeça. Apenas nossos sonhos batiam, o que não provava nada. Quanto a Carlos, era visível que tinha esse dom, e inclusive era óbvio como o havia recebido: biologicamente, em seus genes, um poder passado por gerações.

E de alguma forma, esse nosso poder, reunido, deveria servir para *combater* a criatura. “*Forçar ele a voltar, a desistir*”, como ela disse. E isso nos levava à questão mais importante:

Quando?

Que dia deveríamos esperar pela vinda da entidade ancestral que assassinara dona Mônica e impedi-la de causar mais destruição, mais desgraça?

Sem respostas, só restava esperar, ou investigar. E preferi a segunda opção.

No dia 7 de janeiro, fui visitar Samuel. Não o via desde o enterro de dona Mônica. Vez ou outra ele aparecia online no bate-papo, mas algo me desencorajava a conversar com ele daquela forma. Tínhamos que *nos ver*, falar frente a frente, de verdade, sem uma tela e um teclado escondendo nossas verdadeiras emoções. Eu tinha certeza de que ele estava amedrontado.

Quando cheguei na casa dele e o chamei, ele apareceu de mansinho na janela, os olhos com quase o dobro do tamanho. Fez uma cara de alívio quando me viu e veio abrir o portão, apressado. Estava sozinho.

— Entra, Paulinho, entra logo... — disse, com a voz baixa. — Vamo pra dentro.

Passei por um sonolento Kratos, que me encarava com olhos de quem parecia ter chorado a manhã inteira. Entramos, e Samuel bateu a porta logo atrás. Trancou-a e em seguida puxou o sofá até encostá-lo sob o trinco da porta. Fez isso com pressa e ofegando, e eu fiquei apenas observando-o, intrigado.

— Que que aconteceu, Samuca? — perguntei, já imaginando o que se passava. Ele virou-se para mim com a cara torta e os olhos esgazeados.

— Eu tô sozinho cara, minha mãe e meu pai foram viajar, manja, passar um final de semana na casa da minha vó... é um sítio em Elias Fausto, dá pra ir

de *bike*, mas eu não quis ir... mas mano, se eu soubesse eu tinha ido... droga véio... que merda, tô apavorado, mano!

— Calma cara, explica isso direito...

— *Eu tenho certeza de que ele tá aqui!*

Pensei de imediato que falava de Carlos.

— O Carlos tá...

— *O bicho tá aqui, véio...* — disse, gemendo, e no mesmo instante ouvimos o ruído de algo se arrastando. Os pelos da minha nuca se eriçaram de imediato.

— Ah, merda... — lamuriou, abraçando o próprio corpo e olhando para os lados.

— Calma, lembra do que a dona Mônica disse, não precisa ficar com medo. Ele não pode fazer nada com a gente agora.

— E *quem* garante? Ela tá *morta*, esqueceu? — gemeu.

Uma poltrona no canto da sala se arrastou sozinha, emitindo um ruído agudo e aporrinhante. Ela parou no meio do cômodo.

Samuel deu dois passos para trás.

— Como que dá pra ficar *calmo*, mano? A porra da coisa *tá aqui...* na *minha casa!* Ela veio atrás de *mim!*

Fui até ele e pus a mão sobre seu ombro. Seu corpo tremia.

— Vai ter que dar um jeito de ficar calmo, cara... ele deve tá fazendo isso já pra te deixar assustado. E tá conseguindo.

Ele olhou ao redor de novo, e aparentemente repensando a situação, relaxou os braços e soltou uma expiração longa.

— Vai dizer que cê num tá com medo?

Olhei para a poltrona que tinha acabado de sair do lugar e suspirei.

— Lógico que tô. Mas vamos ter que se acostumar.

Fomos pra cozinha. Lá ele tirou alguns biscoitos do armário e abriu um refrigerante. Enquanto comíamos, tirei uma pasta da minha mochila e joguei na mesa. Ele apanhou-a com os dedos úmidos e abriu.

— Então essas que é as fotos? — perguntou, tirando as fotografias em tons de sépia e alinhando-as sobre a mesa.

— É. E a gente precisa tirar alguma coisa delas — falei, puxando-as de perto da garrafa de refrigerante. Ele olhou para mim, confuso. — Informação. Essas fotos têm que ter alguma coisa que ajude a gente. Vamo ter que olhar elas com atenção, uma por uma, e procurar algo que tenha a ver com *a coisa*.

— Não parece que tem alguma coisa importante. É só foto de, sei lá... passeios? Não tem nada de... nossa, essa é a dona Mônica? — perguntou, mostrando a única foto de dona Mônica sozinha, jovem e bela.

— É sim.

— É a cara do Carlos. Caraca...

Ri.

— Só isso que você percebeu de estranho? Pensei que cê ia me ajudar...
— falei, gargalhando.

— Ah, mano, sei lá ué... não tem nada demais nessas fotos... o que cê queria?

— Não sei... talvez uma visão diferente da minha.

— Putz... deixa eu ver...

Ele olhou as fotos uma por uma, atentamente, franzindo a testa de um jeito engraçado. Depois da quinta foto e de quase cinco minutos, eu já não esperava muita coisa.

— Esse campo... é o mesmo dessa foto.

Ele mostrou as duas fotos do campo gramado, que se distanciavam uma da outra cinquenta e quatro anos.

— Gênio — respondi, com a voz desanimada.

— Ah cara, eu te falei... não dá pra tirar nada dessas fotos...

“Não dá pra tirar nada do seu cérebro”, pensei.

— Mas sei lá... você já viu essas *datas* na internet? Já viu o que aconteceu nesses dias?

Me pegou de surpresa; estiquei o pescoço e pensei que ele tinha dado uma ideia ótima. Uma que eu não havia tido.

Alguma coisa saiu de seu cérebro, afinal. Parabéns para ele.

Peguei a pilha de fotos. As datas despontavam nos cantos das fotos ou na parte de trás. Nas mais antigas, estavam marcadas com caneta no verso. Respirei fundo, e senti uma leve brisa de elucidação, como se uma porta fosse aberta levemente e jogado um facho de luz deveras fino, mas *luz*, sobre as dúvidas.

— Gênio — retrucou ele, triunfante.

Uma gaveta do armário abriu e fechou sozinha no mesmo instante, fazendo-o se calar.

Subimos para o quarto dele. O computador já estava ligado, com algum jogo carregando. Ele cancelou o processo e abriu uma página de pesquisa.

— Me dá uma foto aí. A mais velha, pode ser...

Era a foto do campo gramado, de 12 de janeiro de 1931. Ele digitou a data e apertou o *enter*.

Procuramos durante vários minutos por algum acontecimento importante naquela data, porém, nada encontramos.

— Vamo pra próxima — disse, e passei pra ele a foto de 13 de junho de 1940. Onde os pais de dona Mônica a seguravam no colo, provavelmente com

poucos meses de vida. Os cinco minutos seguintes não resultaram em nada que chamasse a atenção.

A data da foto de dona Mônica jovem, 28 de fevereiro de 1963, não resultou em nada significativo. O máximo que ocorrera naquela data fora um fenômeno relacionado a uma nuvem “estranha” que surgiu no céu dos EUA, e nada mais. As fotos restantes renderam o mesmo resultado inútil. Nada que fizesse ligação com os acontecimentos recentes.

— E então, gênio? — perguntei, mas estava tão desolado quanto ele depois de verificar todas as datas e não encontrar nenhum evento importante.

— Sei lá... podia ter dado em alguma coisa. Não foi dessa vez.

— Quero ir na casa... na casa da dona Mônica. Ver se encontro os diários.

Durante a frase ele foi virando o rosto para mim, perplexo.

— Cê tá locão, né? Voltar *lá*? Cê tá maluco...

— Cara, a gente tem que fazer alguma coisa. Lembra do que ela falou? A missão é *nossa* agora. Nós três, eu você e o Carlos.

— É, e ele vazou fora no primeiro minuto.

— Não fala isso, cara. Cê sabe que ele tava em risco de ser levado pro orfanato, e olha lá se não fosse preso...

— Preso? Por quê?

— A polícia não gostou de ele ter fugido daquele jeito.

— Droga, por que que ele fugiu então? Ele podia tá ajudando a gente... agora tá essa coisa aqui, rondando minha casa e me deixando nesse cagaço...

Como resposta, as portas do guarda-roupa se abriram todas de uma vez.

— A gente vai dar um jeito.

— Tem uma coisa... uma coisa que ela falou... dona Mônica... que me deixou meio... meio que pensando, manja?

Olhei para ele.

— Ela disse que ele ia sair, mas que não era naquele dia... mas era um dia que a gente ia descobrir. Lembra?

— Lembro. O que que cê acha?

— Eu acho... sei lá, pode ser bobagem, mas ela não ia dar uma dica assim se esse dia fosse um *dia qualquer*, manja? Tem que ser um dia que a gente... que a gente perceba que é *esse dia*, entendeu? Se não, não adianta nada ela ter falado aquilo. Pode ser qualquer dia, mas...

— Mas *não pode ser qualquer um* — falei. — Porque se não, nunca vamos descobrir.

— Pode crer. Acho que é isso.

Ele tinha razão, e novamente me senti inferior por não ter pensado

naquilo antes. Parabéns para ele de novo.

— A gente precisa dos diários. Mas eu acho que a gente não pode ir na casa agora...

— Nem me fala em voltar lá... eu acho que não consigo passar nem do portão. — A voz dele sumiu no meio do silêncio daquela casa. Sumiu no meio do medo que tinha.

— Mas a gente *vai ter que ir*. Só que não pode ser agora. Se por algum acaso a polícia tiver *seguindo* a gente... eles vão achar estranho a gente indo lá, então...

— Então dá merda.

— Isso. Dá *muita* merda — falei, respirando fundo. — O que a gente pode fazer agora é esperar.

E esperamos. Essa foi a parte *fácil*. Obviamente, passamos por algumas *intempéries*.

A primeira delas se iniciou naquele dia na casa de Samuel: objetos se movendo.

Quando cheguei em casa, fui pego de surpresa com a confusão em que estavam os móveis do meu quarto: as portas do guarda roupa estavam todas abertas, a cama estava de lado, o colchão solto displicentemente e o monitor do PC estava *de cabeça para baixo*. As roupas se espalharam pelo chão. Levei quase uma hora para arrumar toda aquela desordem. Agradei a Deus por minha mãe não ter visto aquilo.

Durante dias eu ouvi os ruídos dos móveis se arrastando pela casa, vez ou outra. Só acontecia quando eu ficava sozinho, ou quando minha mãe estava no quintal. Meu sangue gelava por saber que era *ele*. Temia que ele “aprontasse” coisas mais perigosas, como puxar o tapete quando minha mãe estivesse sobre ele ou dar um curto-circuito no chuveiro enquanto meu pai tomasse banho. Se os matasse, eu não saberia o que fazer. Acho que enlouqueceria. Tenho *certeza* que enlouqueceria. Porque seria difícil conviver consciente do fato de que foram mortos por uma força obscura e demoníaca que nos *odiava*. Seria penoso ver seus atestados de óbito dizendo que morreram por choque elétrico ou traumatismo craniano e saber que aquilo era mentira.

Mesmo com isso acontecendo, decidi não me amedrontar. Não de forma desesperada. Obviamente, acordar todos os dias ciente de que aquela criatura era

real e me cercava, me sondava, não era nada reconfortante. Cada rangido naquela casa, cada movimento que causasse um pequeno som, cada estalo da dilatação da madeira dos móveis, cada latido do cachorro do vizinho no meio da noite, cada carro que passava devagar na rua durante a madrugada e até mesmo o vento que sacudia as árvores, lançando sombras grotescas através do vidro da janela, cada uma dessas coisas e muitas outras não me deixavam esquecer-lo. Era como se me dissessem: “Não sossegue, Paulo... não sossegue...”.

E somado a isso, lógico, havia os *sonhos*.

O primeiro era o antigo pesadelo de sempre, onde eu corria pela estrada cheia de pedras e a criatura me seguia. Sonhar com aquilo era *enjoativo*, como ser obrigado a comer uma quantidade maior de bolo de abacaxi do que você dá conta. Era cansativo, e toda vez que eu despertava dele, sabia que no dia seguinte o vivenciaria de novo.

Mas naquela semana *outro* sonho começou a disputar espaço dentro da minha cabeça. Neste, eu estava em alguma época antiga. As pessoas vestiam roupas bonitas e bem ajustadas. Os homens usavam ternos grossos e devidamente recortados junto com pequenos chapéus fedora, e as mulheres usavam vestidos leves que terminavam no meio das canelas. Apesar da beleza, porém, tudo era acinzentado, como um filme rodado na década de 20. As pessoas passeavam por uma pequena praça, levando crianças pequeninas que carregavam balões e comiam espigas de milho assadas. Eu andava a esmo durante um tempo, sem sentir calor nem frio; era como se estivesse vivendo em uma fotografia. Logo depois surgia alguém. Era uma garota do meu tamanho. Ela tinha o cabelo curto na altura das orelhas, um sorriso pequeno e covinhas nas bochechas. Ela pegava minha mão e dizia: “Vem comigo, quero te mostrar um lugar”, e começava a me puxar. Corríamos durante um bom tempo, mas, você sabe, o tempo passa de forma estranha nos sonhos, e então rapidamente nos víamos longe daquela praça, em um terreno de mato alto de onde não era possível ver o horizonte. O capim-limão batia na altura das nossas testas. Ela corria cada vez mais rápido, enquanto meus passos pareciam desacelerar. Eu tentava alcançá-la, mas era como se houvesse um peso amarrado às minhas pernas. Então ela parava, de repente. Quando se virava para mim, seu rosto era de verdadeiro pânico, fazendo as belas covinhas nas bochechas desaparecerem. Ela estendia as mãos abertas para mim, como se pedisse para que eu não fosse até ela, e quando sua boca se abria para falar, algo a *puxava*, veloz e furtivo, fazendo seu corpo desaparecer no mato alto e escuro. Havia um rugido.

Na primeira vez, acordei com o coração aos pulos, sentindo o cheiro do capim verde e áspero por todo o quarto.

Não precisei de muitas noites seguidas com o mesmo sonho para

perceber que aquela garota era dona Mônica. Era incrível como eu podia sentir a maciez da mão dela quando ela pegava a minha mão, como eu conseguia visualizar cada fio de cabelo que roçava em seu rosto e as bochechas que mostravam duas covinhas pequenas quando sorria. Era estranha a sensação de acordar sentindo o capim batendo na testa e aquele cheiro grudado nas mãos. A *mensagem*, porém, era óbvia e lógica: ela queria *me mostrar* um local. E era importante demais para que *a coisa* deixasse, por isso que ela desaparecia sempre no meio do sonho... e logo em seguida eu era perseguido pela entidade no pesadelo de outrora, sem as roupas e ofegando de cansaço e medo.

Ela tentava se comunicar comigo, e naqueles dias eu nunca quis tanto que um pesadelo se repetisse como aquele. Mas quando acontecia, terminava com seu grito abafado e interrompido pela forma brusca como era puxada para baixo, fazendo-a desaparecer.

Conversei com Samuel sobre esse sonho no fim de semana seguinte.

— Não sonhei com ela — disse, categórico.

— Tem certeza? Droga... ela parece tão *real* no sonho, manja...

— Eu só sonho com *o outro*... — e se arrepiou, esfregando os braços. A voz ficou passeando entre o grave e o médio, pois falava baixo. — Ele ainda me persegue no sonho, rosnando... droga, é quase todo dia!

— Comigo também. Tá tentando assustar a gente. Tentando fazer a gente desistir.

— E tá quase conseguindo — disse, apertando ainda mais os braços.

— Daqui a onze dias vai completar um mês da morte dela... — falei. — Se até lá Carlos não aparecer, eu vou até a casa. Eu queria que *cê* fosse comigo.

Ele gemeu baixo, apertando os braços mais do que parecia possível.

— Droga, Paulo... por que *cê* me meteu nessa?

— A briga não é só do Carlos e nem só minha. A briga é de *nós três*, lembra do que ela falou!

Ele balançou a cabeça, ainda olhando para o chão.

— Eu sei, porra... pior que eu sei...

Então, uma semana antes de retornarmos à pequena casa cujo acontecimento ainda permeava nossos pesadelos, a coisa deu *mais* uma investida contra nós.

Kratos já tinha lá seus quatorze anos. Ainda parecia saudável, apesar dos

pelos brancos no nariz e dos olhos esbranquiçados. Passava o tempo inteiro deitado no quintal, mal latia, e quando o fazia era um som preguiçoso e grave. Comia quase um quilo de ração por dia. O pai de Samuel o levou para casa já velho, com dez ou doze anos. Samuel tinha oito anos na época, e ele mesmo o batizara “Kratos”, uma homenagem ao seu personagem preferido. O fato é que Kratos, apesar da idade avançada, não tinha nenhum sinal de doença, e somente a velhice de fato o mataria, na ordem *natural* das coisas.

Nós soubemos que era a *coisa* assim que vimos o cachorro flutuando.

Era uma tarde ensolarada. Os pais de Samuel tinham ido ao mercado, e nós dois estávamos no quintal, sentados enquanto folheávamos algumas páginas que havíamos copiado da internet. Eram sobre cultos *antigos*, religiões misteriosas e perdidas há séculos, ou que pelo menos *pareciam perdidas*. Cultos judeus de exorcismo. Sinais antigos sobre forças misteriosas que influenciavam pequenas vilas. Seres venerados em tribos ancestrais e extintas. Buscávamos com isso indícios da criatura que enfrentávamos, uma vez que dona Mônica dissera que a entidade era *ancestral*, muito antiga. Se ele realmente fosse tão antigo e tão poderoso, era possível que em um passado longínquo ele tivesse agido, e sua influência de alguma forma tivesse sido registrada. Seria um ponto a nosso favor se descobríssemos, por exemplo, o *seu nome*, pois vários artigos na internet explicavam que o nome do demônio era seu ponto fraco, e que em posse dele seria possível derrotá-lo. Pura tolice, hoje sei, mas naqueles dias, sem a presença de Carlos e sua avó para nos guiar, e com *medo*, qualquer solução parecia ser *a solução*.

Então, a sensação de ar turvo e pesado que há dias não sentíamos preencheu o quintal de repente, e no mesmo instante meu corpo inteiro se arrepiou. Minha cabeça começou a latejar, uma pulsação constante que quase empurrava meu corpo junto. Larguei as folhas no chão, sentindo a vista embaçar e o suor brotar da minha testa como gotas frias de orvalho de uma manhã úmida. Samuel empertigou-se, me olhando, e me encarou com dúvida. Eu fazia alguma careta, tenho certeza. Era como se houvesse duas mãos segurando minha cabeça e apertando-a com as pontas dos dedos. Com as unhas.

— Droga, que que tá pegando, Pauli...

— Ele tá aqui — falei, a voz quase não saindo. — Tenho certeza que tá aqui... de uma forma *diferente*. Diferente de antes...

Foi quando ouvimos um ganido, e nos viramos imediatamente para Kratos.

Ele estava a dez centímetros do chão, as patas duras e o rabo enfiado entre as pernas. Fazia o que parecia ser uma cara de espanto, a baba pingando do canto dos beiços escuros. Seus olhos baços outrora escondidos entre rugas e

pelos pareceram duplicar de tamanho, injetando como balões negros soprados e enchidos ao extremo. Seu peito se inflava debaixo da grossa camada de gordura, pele e pelos. Flutuava com uma leveza absurda.

Samuel deu um grito e levou as mãos à cabeça. Levantou-se no ímpeto, e parecia prestes a pular sobre o próprio cachorro, mesmo sem ter a mínima ideia do que fazer após isso. Olhou para mim com desespero. Levantei ainda tonto, atordado pela chegada repentina de nosso adversário, e ciente de que não estava nem um décimo preparado para enfrentá-lo se precisasse. E ele estava *ali*. Próximo de nós. *Muito próximo*. E poderia, com toda a certeza do mundo, fazer o que quisesse conosco. Não era questão de momento, de nos pegar desprevenidos ou sozinhos. Era questão de *querer*. Se quisesse, teria partido nós dois ao meio em um instante. Aquilo se mostrou terrivelmente desalentador. Sentime novamente inútil e fraco diante daquilo tudo, diante daquela situação que aparentemente se repetia. Tentei com muita força me lembrar das palavras de dona Mônica, lembrar que ele não estava *realmente ali*, que ele não poderia fazer de fato nada contra nós, que era apenas uma presença, uma influência falsamente poderosa, mas diante daquela sensação de insignificância, parecia impossível acreditar naquilo. Éramos ínfimos. Miúdos. Meros vermes sem importância diante da magnitude ciclópica daquele ser.

E como que para confirmar nossa fraqueza, a coisa *falou*, através de Kratos.

Samuel deu outro berro após isso, e não viu o que aconteceu com o cachorro pois tapou os olhos com as mãos e quase se ajoelhou, não fazendo de fato isso porque eu o segurei antes que reverenciasse a besta. Encarei o cão, aturdido e com as pernas frouxas, crente de que nada mais era impossível.

A coisa/Kratos falou: “Estou próximo”. Depois, só veio o som mole do corpo atingindo o chão.

Ele caiu morto, eu pude notar assim que seu corpo encontrou o piso frio. Não havia mais respiração. Os olhos não tinham mais o brilho detrás do tom cinzento que a velhice dos cães dá a eles.

Meus apelos mentais foram atendidos: a coisa não o colidiu contra o chão e o telhado. Kratos simplesmente caiu no quintal, sem vida.

Quando Samuel viu o corpo do cão largado sobre o piso, correu até ele aos berros. Ainda tive tempo de olhar para a rua, pelas frestas do portão, e para os muros atrás e diante de mim, na ânsia de cruzar meu olhar com o de uma *testemunha*, qualquer que fosse. Alguém que me olhasse e me dissesse com os olhos: “Eu também vi, cara. Você não está louco. Eu *também vi*”.

Não havia ninguém além de nós dois.

Puxei Samuel para que ficasse de pé. Sua boca estava arreganhada de

pavor, e ele quase babava como o cão que há poucos segundos estivera vivo. Massageava o peito já duro do animal, enquanto o chamava balbuciando tão desesperadamente que senti minha cabeça doer. Ergui-o, puxando-o pelos braços, mas ele não parecia ter consciência de que eu fazia isso. Sacudi-o diante de mim, e ele começou a gemer assustado. Depois de sacudi-lo diversas vezes, ele me encarou pálido e pôs as mãos nos meus ombros.

Sua boca balançou, abriu e fechou e nenhum som saiu. Esperei pacientemente, dando a ele tempo para que se recuperasse do choque. Ele gemeu fino, quase como foi o ganido do cão, e por alguns segundos pensei que a coisa fora um pouco mais *além* de simplesmente matar Kratos e tivesse de fato *trocado* seu espírito com o de Samuel, jogando o animal dentro do corpo do meu amigo e prendendo o garoto na carne moribunda do cachorro, e estava prestes não somente a considerar essa hipótese como inclinado a aceitá-la, quando ele por fim conseguiu falar, com a voz afinando no início e no fim da frase.

E o que ele disse na verdade foi quase um golpe fatal.

— Eu não quero... eu não quero mais fazer parte disso. Dessa loucura. Tô fora, Paulinho.

Ele não quis qualquer tipo de ajuda com Kratos. Pediu que eu fosse embora. Eu queria ficar e ajudá-lo, mas sabia que de nada adiantaria. Seu cachorro estava morto.

Enquanto voltava para casa, com a garganta travando e quase chorando, eu imaginei até que ponto aquilo tudo iria. Era como um pesadelo sem fim.

Depois, só conseguia pensar em quem seria a próxima vítima da coisa.

Porque, àquela altura, era fácil imaginar que ela poderia matar qualquer pessoa próxima a nós. Para nos intimidar, nos amedrontar e nos fazer *desistir*. Como ele acabara de fazer com Samuel.

Fiquei apavorado. Eu amava meus pais, e por Deus, eu *não tinha* cachorro. Como que a coisa me atingiria, então?

Por mais que devesse, meu coração não se tranquilizou mesmo quando cheguei em casa e vi minha mãe em perfeito estado. Viva. Horas depois meu pai chegou inteiro, e ainda assim meu peito retumbava, incômodo, descompassado, tenso.

Durante dois dias não falei com Samuel, e nesses dois dias eu pensei seriamente em desistir também. Carlos tinha desaparecido, e só Deus saberia

dizer se já não estava morto... por que então eu deveria seguir com aquilo? *Para quê?*

Durante esses mesmo dois dias eu sonhei com a pequenina dona Mônica me chamando para conhecer um lugar. Nos sonhos ela era tão linda como uma flor do campo, o sorriso curvado e brilhante, os olhos grandes e os cabelos curtos e reluzentes. Nos sonhos, sua voz era suave e divertida. Nos sonhos, nós corríamos por ruas e estradas que não existiam.

Nos sonhos, ela era arrastada para dentro do mato pela mesma coisa que matara o cachorro de Samuel.

Capítulo XVI

Ponto zero

Ela segurava minha mão e corria. Ria. O campo parecia gigantesco, com um céu azul colossal sobre nossas cabeças, e tinha cheiro de capim recém-cortado, mas onde estávamos ele passava das nossas testas, batia contra nossos narizes e me fazia querer espirrar. A brisa quente da tarde movia o capim alto em ondas ritmadas, e eles pareciam braços esguios, milhões de braços erguidos para o céu e balançando para os lados. O som sibilante de vento no mato hipnotizava, uma melodia frouxa e simplória que insistia em percorrer pelos ouvidos e pela pele que roçava constantemente nas folhas compridas. Ela continuava segurando minha mão, me puxando, e aos poucos eu sentia seus dedos deslizando, soltando-se dos meus, enquanto meus passos pareciam cada vez mais pesados e lentos, o capim alto enroscando-se nos meus pés, tentando me segurar, tentando impedir que eu continuasse.

Mesmo assim eu corria para acompanhá-la. Ela me prometera que dessa vez me mostraria o lugar, só que eu deveria correr o mais rápido que pudesse, se não ela não conseguiria

uma sombra corre pelo canto do olho
e para sempre ela partiria.

Porque ela não podia ficar muito tempo. Eram as regras, e se ela quebrasse as regras seus pais brigariam com ela. Eles estavam na cidade, na festa de São Pedro, e ela dissera que seriam só dez minutos, e lá estava ela, distante quilômetros e quilômetros do centro, me levando. Então tínhamos que correr. Correr *muito*, para chegar antes que escurecesse

outra sombra passa ao lado

e não nos perdêssemos na floresta sem fim.

Sua mão escapou. Ouvi seu suspiro, a inspiração de medo, e estiquei os dedos o máximo que podia. Tinha que alcançá-la, tinha

a sombra se move rápido à esquerda eu a vejo

que segurar sua mão.

Consegui.

O calor da mão dela sumiu. Estava úmida do orvalho da madrugada, mas há pouco era dia e isso me confundia, por mais que fosse um sonho ainda me confundia. Olhei ao redor e vi que era noite. Um pélagos negro se entendia sobre nossas cabeças, pontilhado em sua totalidade por estrelas brancas e douradas de brilho antigo e infinito. Uma faixa branca e sinuosa cortava a imensidão do céu azul-escuro quase preto de ancestral existência, milhões de universos imensos observando-nos do alto daquele panteão brilhante, me fazendo sentir-se pequeno, miúdo, diminuto, ínfimo. O vento era frio e tocava meu rosto como uma faca de lâmina afiada e comprida. Minha mão se apertava à dela.

Estamos perto estamos quase chegando, ela disse. Estamos bem perto do
é a sombra aquele vulto negro à sua direita?

lugar que quero te mostrar, e seu sorriso era belo e singelo, os dentes brancos brilhando na escuridão parcial do céu índigo iluminado pelas estrelas.

Ainda assim, havia algo estranho. Meus pés ainda pesavam

a sombra passa por trás dos dois veloz como um lobo

como chumbo e pareciam não querer me deixar seguir. Ela me arrastava campo adentro, enquanto a crescente insegurança

está na frente deles adiante olhos vermelhos fitando-nos

incomodava meu estômago, comprimindo-o, retorcendo meus intestinos, fraquejando minhas pernas, e ela continuava me puxando, me arrastando, ela precisava me levar

aguardando-nos

ao lugar, era sua última chance.

O capim-limão abruptamente terminou, se abrindo como uma porta verde e me jogando em um campo vasto, o feno aparado, cercado de árvores altas e frondosas, que sacudiam com o vento ininterrupto. Ela se virou para mim com um sorriso enorme no rosto.

É aqui, disse

a sombra está atrás dela os olhos vermelhos aumentando e queimando com fúria infernal

e agora vamos ter que desenhar; e jogou para mim um graveto.

Tem que desenhar a *chave*.

A sombra tem braços. Dezenas. Centenas. Eles se abrem, e ele parece um gigantesco aracnídeo negro de olhos brilhantes e fumegantes que exalam ódio, maldade e luxúria, e a sombra começa a cair sobre a garota.

Gritei. O sorriso não saiu do rosto dela. Ela cruzou os braços nas costas e fechou os olhos. Por um momento seu corpo pareceu transparente, e ao mesmo tempo cheio de luz, uma luz que parecia emanar dela, mas segundos depois só havia sombras, só trevas, não existia nenhuma estrela no céu, nenhuma galáxia e nenhum universo, apenas a noite escura e a sombra de olhos vermelhos que caía sobre a garota e a consumia, ou ela somente desapareceu, eu não sei, mas tinha que sair dali, a sombra vinha na *minha* direção, ela me queria, eu *precisava* sair, passos para trás, meus pés se enroscaram, o capim me envolveu, sobre mim somente o abismo infinito do céu e dois olhos vermelhos que pareciam olhar dentro de mim, olhar...

Eu ainda tinha a sensação de segurar o graveto em minhas mãos e de sentir meu corpo ser preenchido por trevas quando acordei.

Foi fácil, depois *daquele* sonho, presumir qual era o local que a jovem Mônica queria que eu conhecesse. Antes mesmo de descer para o café da manhã, fui até a mesa do computador, abri a gaveta e puxei de dentro dela uma pasta marrom de elástico, onde estavam guardadas as fotos que Carlos me confiara. Não precisei procurar muito, pois eram as primeiras: as duas fotos do campo grande e de grama baixa, cercado por altas árvores e com marcas cruzadas por toda sua extensão, uma da década de trinta e outra de 1985. Uma em tons de sépia, repleta de marcas brancas e falhas no papel, e a outra em cores desbotadas, tons verdes e azuis claros caindo para o amarelo pálido. O campo. O lugar.

Da forma como a jovem Mônica corria no meu sonho, me arrastando em direção àquela imensa área verde, em passos desesperados e incansáveis, e considerando o apetite da entidade negra de olhos vermelhos em impedi-la, eu podia, com toda certeza desse mundo, afirmar que aquele lugar, aquele belo campo cercado de imponentes árvores e repleto de grama rasteira, era o *ponto zero*. O portal. A porta de *saída* da besta e de *entrada* para nosso mundo. Independente do dia e da hora, aquele campo gramado seria o lugar de onde a coisa *sairia*. A prisão eterna dela. Pensar nele me deixava arrepiado. Eu quase sentia as centenas de braços deslizando pelas minhas costas, tateando, tentando

me segurar.

E aquele era o lugar. Com certeza.

E deveríamos descobrir *onde* ficava. O quanto antes.

No dia em que completou um mês da morte horrenda de dona Mônica, eu decidi que iria até a casa onde tudo aconteceu.

Durante os dois dias que seguiram o sonho com o grande gramado que Mônica me mostrara, eu tentei de várias formas encontrá-lo, fazendo inclusive um “voo virtual” com mapas na internet, mas foi em vão. Primeiro, era difícil, pelas fotos ou pelo sonho, determinar a região onde ficava o campo. E segundo, a visão aérea não era a mesma da visão que eu tinha na foto e nos sonhos. Sem falar que nas fotos havia um espaço de pelo menos 50 anos. Aquela área poderia estar totalmente modificada então, com casas ou até mesmo prédios e ruas no lugar de onde outrora havia um gramado. Aquele lugar poderia ser em outra cidade, em outro *estado*. Por Deus, em outro *país*! E mesmo ciente da dificuldade e da obviedade do fracasso, procurei por várias horas nos dois dias, e nada encontrei.

Também sentia falta da ajuda de Samuel. Mesmo sendo pouco participativo, o pouco que fazia já era o bastante. Era uma pessoa medrosa e molenga, mas era meu amigo. E naquela hora eu estava só. Saber que ele não estaria mais disposto a ajudar me deixava ainda mais desanimado e melancólico, ainda que restasse um pouco de fé dentro de mim. Fé no que dona Mônica dissera antes de partir, que era nós três, *juntos*, que dariam fim àquilo. Era uma missão que eu aceitara dolorosamente, e que mesmo inclinado pelo medo a me esconder dos olhos da criatura, que eu sabia que podiam me vigiar onde estivesse, eu não deveria desistir. Não *queria* desistir. Porque desistir seria digno de *pena*.

E havia a imensa saudade que eu sentia de Carlos, e a forma como aquilo parecia esburacar um vazio gigantesco dentro de mim.

Mesmo assim, o plano deveria ser cumprido: se ele não aparecesse até o final do primeiro mês após a morte de dona Mônica, eu iria até a casa, e foi o que aconteceu. O dia vinte e cinco de janeiro terminou quente e quieto, com nuvens esparsas cobrindo o sol poente, e naquela madrugada eu pouco dormi, me preparando para o que quer que eu fosse enfrentar dentro daquela casa que meu corpo e minha mente repeliam e repudiavam tão fortemente.

Não houve sonhos naquela madrugada.

Acordei cedo no dia seguinte, com o pensamento certo de que seria bem melhor visitar a casa durante a *manhã*. Qualquer escuridão tornaria meu passeio uma visita repleta de medos induzidos e possivelmente traria à tona pensamentos tristes e abomináveis. Não imaginava de onde tirava coragem para retornar à casa onde todo o poder da criatura se fizera evidente. Acho que não fazia a menor ideia do real perigo que aquele ser representava. Hoje posso olhar para trás e ver a missão suicida em que me metia. Mas também posso imaginar o quanto o mundo seria diferente se eu *não* tivesse ido.

Antes de pedalar minha bicicleta até a SP-101 e correr o risco de ser atropelado, porém, eu passei na casa de Samuel. Queria ter uma última conversa com ele, sobre tudo. Sabia que, se ele não viesse comigo, aquele seria nosso último papo. Não haveria qualquer chance de continuarmos amigos se ele virasse as costas para nossa missão. Eu não o culparia, logicamente. Mas não saberia olhar para ele e puxar qualquer tipo de conversa e senti-lo olhando nos meus olhos e vendo dentro deles o medo que a coisa transmitia. Eu não me sentiria bem em saber que toda vez que ele me visse ele se lembraria do corpo de dona Mônica sacudindo no ar e se chocando contra o teto. E do último suspiro de seu cão. A missão, entretanto, parecia inútil quando eu pensava nisso. Do que adiantaria, se já havíamos perdido tanto? Ou melhor, do que adiantaria se *ele* havia perdido tanto? Percas não podem ser comparadas, não é mesmo?

Eu precisava dele. Por isso o chamei diversas vezes antes dele finalmente pôr a cara na janela.

Não parecia disposto a sair de lá. Estava seguro, era o que poderia pensar, mas eu sabia que mesmo após perder o cão e garantir que não se envolveria mais com aquilo, a *coisa* não o deixaria em paz. Não. Ela se lembraria dele. Se lembraria do dia em que a intimidou com um ramo de oliveira. Ela não deixaria aquilo passar. Não mesmo.

O cachorro não seria o *bastante*.

Depois de dois minutos me encarando, e eu o encarando com o olhar ainda mais firme, ele saiu.

— Cê tava fazendo minha cabeça doer — disse, triste, a cabeça encostada no portão.

— Desculpa. Não era de propósito.

— Cê tá indo lá, né? Tá indo garantir sua morte.

Aquela frase ecoou na minha cabeça até eu pensar em uma resposta.

— Não, cara. Tô indo pra cumprir minha missão. *Nossa missão.*

— Não vem com essa de missão, cara! Não tem final bom pra isso, não tá vendo?

Olhei para ele com determinação. Ele *tinha* razão. Mesmo com toda minha confiança em seguir em frente, seguir com a “missão”, eu sabia que ele estava certo. Era perigosíssimo. Não só pelo que a coisa poderia fazer. Por mais que o medo da criatura nos cutucasse o cérebro como um prego enferrujado, eu podia ver nos olhos de Samuel e ouvir em sua cabeça que seu maior receio era entrar naquela casa minúscula e vivenciar aqueles momentos de um mês antes. Quando uma tarde feliz de Natal se transformou em um inferno sangrento.

— Cara... eu também tô apavorado. Mas não vou ficar esperando o que essa coisa pode fazer quando conseguir *sair*. Imagina, cara... — parei, eu próprio *imaginando*, e não gostando nem um pouco do que via — Imagina por um segundo o que esse bicho vai fazer quando estiver fisicamente aqui... eu não quero ver isso. Não quero.

Ele baixou a cabeça, os olhos vermelhos quase lacrimejando. Ele tremia. Sua *mente* tremia. Então deu as costas, abriu a porta da casa e entrou. Ainda o esperei por alguns minutos, sentindo e sabendo que ele não sairia. Era um covarde. No fim das contas, era um maldito gordo covarde. Um gordo frouxo, como a própria criatura falara pela boca de dona Mônica. Relembrar aquela voz me diminuía.

Montei na bicicleta com a sensação de derrota iminente. Não consegui me firmar de primeira. Minhas pernas vibravam. Pisei com um pé dormente sobre o pedal e senti meu corpo pesado demais, enquanto meus lábios tremiam. Sozinho. Definitivamente sozinho. A coisa me esperaria silenciosamente entre as sombras da velha casa e me devoraria devagar. Era o fim. Sem Carlos e sem Samuel, era o fim.

Estava descendo a rua da casa quando ouvi a buzina grave atrás de mim. Virei-me com um sorriso no rosto.

Era Samuca, sentado na *bike* pequena demais para sua bunda, a barriga dobrando-se contra os joelhos à cada pedalada. Seu rosto brilhava, inchado, rubro. Ele sacudiu a mão para mim e eu parei. Chegou até o meu lado. Seus olhos estavam vermelhos. Não havia ali, porém, qualquer sinal de lágrimas. Havia, sim, uma força crescente que irradiava dele.

— Eu também não quero — disse, antes que disparássemos pela ladeira, rumo à casa de dona Mônica. — Não quero ver do que ele é capaz *aqui fora*.

Capítulo XVII

Sombras interiores

Refazer o caminho que se tornara rotina e que fora brutalmente interrompido naquele vinte e cinco de dezembro foi agonizante.

Os caminhões passavam desvairados por nós. A imprudência de nossa parte também nos colocava em risco, mas aquele acostamento de pouco menos de dois metros era nosso único caminho até a Chácara Águazul. E mesmo o dia claro e quente não espantava de nossas cabeças aquela nuvem escura de medo.

O movimento de carros na pista naquela quarta-feira era alto. Por pelo menos três vezes tivemos que jogar nossas bicicletas para o terreno além do acostamento. Seguíamos pela contramão, conselho constante do meu pai que sempre dizia que dessa forma veríamos os carros se eles viessem em nossa direção. Li anos depois que o índice de acidentes frontais com bicicletas era totalmente superior às colisões traseiras, o que colocou em xeque esse conselho. Por sorte conseguimos desviar dos carros que ultrapassavam pelo acostamento nos momentos exatos, sempre seguidos pelo som da buzina do carro e de um xingamento de Samuel. Quando chegamos à entrada da chácara, atravessamos a pista rapidamente e entramos pela passagem cercada de árvores.

Descemos a estrada coberta de pedras. Elas estalavam sob as rodas e me deixavam com uma estranha sensação de nostalgia.

A poucos metros do portão, Samuel freou sua bicicleta e parou. Parei mais adiante e me virei para ele. Encarava o portão da casa com visível pavor nos olhos, as mãos pressionando com força o guidão, o suor brotando da testa e ensopando a camisa no peito e nas axilas. Quase podia *ouvir* seu receio, ecoando de sua cabeça, palavras desconexas e intercaladas, como preces. Seus olhos se

desviaram para os meus, a testa franzida. Um facho de luz do sol atravessou as folhas das árvores e iluminou seu rosto, destacando seu cabelo avermelhado e o brilho da transpiração na cara.

Porém, ele nada disse. Forçou o pedal e pôs a bicicleta em movimento outra vez. Seguimos juntos até o portão.

Havia uma fita zebrada desbotada jogada sem jeito em volta da porteira de madeira. Descemos das bicicletas e olhamos em volta. Folhas secas se espalhavam por todo o quintal da casa, além do mato que começava a brotar em certos pontos, e que já crescera no pé da porta e em volta do tanque de lavar roupa. As paredes de madeira pareciam ainda mais escuras dali. Tudo parecia mais escuro, mesmo com aquele sol brilhando branco sobre nossas cabeças. Puxamos a fita amarela e preta com mãos trêmulas e abrimos o portão. Nossos pés arrastavam folhas ressequidas e levantavam poeira. A velha jabuticabeira jazia sem vida no meio do terreno, repleta de manchas brancas e com raras folhas cobertas de pontos amarelados, um velho totem sem vida, parecendo erguer os braços para o céu numa última súplica desesperada.

No mesmo instante tive a sensação de estar sendo observado. E novamente pensei na coisa disforme do meu sonho, escondida atrás de uma das árvores, olhos que eram duas luzes rubras que faiscavam, esperando a chance de nos atacar. Um descuido, um olhar desviado, e lá estaria ela, atrás de nós, caindo sobre nossas cabeças com seus milhares de braços e dentes. Meu corpo estacou no chão sujo, e Samuel parou junto. Uma lufada morna de ar nos atingiu, fazendo o suor se transformar em algo parecido com óleo quente. Grandes garças levantaram voo por cima das árvores, grasnando um canto lúgubre e arrepiante. O vento ficou mais forte e menos quente. Parecia dançar ao redor, o som de seus pés se arrastando entre as folhas e jogando-as sobre nós. Ainda assim, podia ouvir o som do meu coração, apressurado e inconstante. Também ouvi quando Samuel engoliu em seco, o pescoço largo e pequeno se movendo como um tubo de gás.

A sensação foi diminuindo. O vento continuava forte, e esfriava em ondas espaçadas e inesperadas. Com esforço, tirei meu pé do chão e voltei a andar, dessa vez mais devagar e com um leve tremor incomodando meus joelhos. Samuel prosseguiu ao meu lado, esfregando os braços com as mãos, como de costume. Passamos pela jabuticabeira, que parecia não se mover mesmo com o vento agitando tudo ao redor. Já era possível ver dali a porta remendada. As janelas estavam sujas de poeira. Havia musgo grudado em vários pontos da madeira, subindo pelas paredes como mãos esguias e podres. De perto, a casa parecia *doente*. Não duraria muito tempo de pé. Era como se toda a sua força houvesse desmoronado quando dona Mônica foi derrotada pela coisa. Lembrava

uma caixa de sapatos molhada, encharcada, com suas lascas de madeira soltando devido à umidade e buracos abertos pelos cupins aqui e ali.

De frente para a porta, o sentimento de que éramos espionados retornou. Por alguns segundos pensei na polícia, e no quanto devíamos ter sido cuidadosos no caminho, pois de fato não havíamos prestado atenção em nada naquele sentido. Se fosse a polícia, como explicaríamos aquela “visita surpresa”?

Mas a sensação não vinha do lado de fora da casa. Ela vinha de *dentro*. Coloquei a mão na maçaneta e ela parecia quente. Forcei a porta e ela não cedeu. A impressão inicial era de que algo ou alguém a segurava por dentro. Minha nuca estava arrepiada e fervia.

Continuei torcendo a maçaneta, inutilmente. A porta estava trancada, e mudei o foco para as janelas. Limpamos um pouco da poeira que a embaçava e tentamos olhar para dentro (e em um ínfimo segundo o medo primal alertou que alguma coisa se aproximaria do vidro quando colássemos o rosto bem pertinho...), mas no interior da casa só havia escuridão. Samuel me ajudou e conseguimos puxar um dos lados da janela o bastante para que pudéssemos erguer o fecho, o que eu fiz com a chave da minha casa. Ela destravou num pequeno clique que pareceu ribombar mesmo com o som alto do vento. Abrimos a janela e o cheiro de mofo e umidade veio até nossos narizes. Ficamos olhando para a janela aberta durante alguns segundos, julgando mentalmente se entrar lá era mesmo necessário. E se seria *útil*. Como que para tentar me intimidar, minha mente invocou imagens irreais de meu pai me buscando na delegacia por invadir uma propriedade privada... as perguntas a partir daí seriam bem mais chatas do que as de pouco menos de um mês antes. Afastei o pensamento e olhei para Samuca. Ele me encarava com os olhos que diziam “Você na frente”.

Ele juntou as mãos e me deu apoio para que eu subisse na janela. Pisei nas mãos gordas que se uniam hesitantes. Ele me ergueu com facilidade, as pernas abertas e as costas encostadas na parede. Joguei uma perna para dentro da casa, depois a outra, e torci para que nada me *puxasse*.

Esperei meus olhos se acostumarem com a luz mais baixa e então entrei.

Senti o cheiro da poeira e a vi cintilando no ar quando meus pés tocaram o chão, erguendo partículas minúsculas que fariam Samuca espirrar dali a alguns segundos. A casa estava, por dentro, totalmente diferente do normal, e principalmente, diferente da forma como foi deixada. Os móveis estavam todos entulhados uns sobre os outros e bloqueando a porta. Na “cozinha”, somente a mesa e o fogão continuavam no mesmo lugar. A cama onde dona Mônica dormia foi desmontada e suas peças empilhadas em um canto. No meio de onde outrora era a sala, vários livros e cadernos jogados, além de alguns objetos que eu não pude discernir de imediato. Havia um cheiro seco de fumaça. Dois metros

adiante, as sombras interiores dominavam tudo.

Era como se aquela forma fosse como ela *deveria estar* depois daquele dia... o dia em que tudo se movia e dona Mônica era assassinada.

Queria me virar para a janela e avisar a Samuel que a porta estava bloqueada, mas a sensação era de que algo se aproveitaria do momento em que daria as costas para o interior da casa e me puxaria para as profundezas daquela escuridão; por fim, andei de costas até a janela e chamei por Samuel.

— Porra, achei que cê tinha caído de cabeça e desmaiado — cochichou ele.

— Tá uma bagunça aqui dentro e a porta tá cheia de coisa na frente... não dá pra abrir. Cê vai ter que pular pela janela também.

— Merda... tem certeza que eu preciso entrar?

— Larga a mão de ser... frouxo... — falei, subindo para a janela de novo. Teria que ajudá-lo a subir, e aquela missão pareceu, momentaneamente, ser a mais difícil do dia. Estendi a mão para ele e segurei na parede com a outra. — Vamo, força!

Ele apoiou os pés na parede e forçou para subir, mas nas primeiras três tentativas ele só conseguiu arrancar lascas da parede e suor da minha testa. Minha mão estava úmida. Na quarta tentativa, ele pôs uma das pernas para dentro, as partes de madeira da parede estalaram sob aquele peso e eu tive que descer da janela e puxá-lo. Ele caiu sobre o taco, e o som ecoou pela casa silenciosa, levantando poeira e fungos minúsculos.

— Pelo amor de Deus, parece que cê é de chumbo!

— Porra, cê que é um fracote... — respondeu, e então arreganhou a cara, e eu não tive tempo de dizer nada: ele espirrou duas vezes com tanta força que seu corpo inteiro vibrou.

O silêncio que se seguiu àquele espirro foi a coisa mais tensa que eu poderia imaginar. Não consegui reagir, apenas mantive meus ouvidos alertas a todo e qualquer tipo de som, como vozes do lado de fora da casa, policiais nos vigiando... ou pior... algo se arrastando dentro daquele cômodo escuro... algo disforme, hediondo, que nos devoraria em questão de segundos.

— *Put a que pariu Samuel... como você consegue?* — cochichei, ainda tenso.

— Caralho, Paulinho, o que você quer que eu faça?

— Que tal não fazer *barulho*?

— Mas que merda, eu sou alérgico, seu filho da puta!

— Vai cagar, bolachão.

— Ah vá se fud... *oh meu Deus!*

— Ahhh!

Ele me agarrou, enlaçando os braços rechonchudos e úmidos em volta do meu pescoço. Seu grito de pavor soou do lado da minha orelha, espetando meu tímpano. A boca arreganhada ficou praticamente colada na minha bochecha. Ele olhava para dentro da escuridão com os olhos arregalados, e eu segui seu olhar.

Não posso explicar a sensação que preencheu meu corpo naquele momento. Minhas pernas formigaram quando vi a chama pequenina bruxuleando em meio aquelas sombras indiscerníveis, e ela pouco a pouco foi aumentando, se *aproximando* de nós, e junto a ela vinha um vulto baixo, com passos leves e uma presença firme. Dois pontos brilhavam atrás da chama, olhos furiosos. O medo invadiu meu corpo como ferro derretido, enraizou-se no meu estomago e o contraiu com força. Minha cueca ficou alguns mililitros mais úmida. Meus joelhos dobraram ante o peso de Samuel, que parecia querer se esconder dentro do assoalho, fazer um buraco na madeira com as unhas e os dentes e enfiar a cabeça dentro. Então, o pavor que me fez perder momentaneamente o controle sobre minha bexiga foi se transformando em euforia quando aos poucos o vulto foi se aproximando, tornando distinguível sua estatura familiar, e o brilho refletido do que poucos segundos antes pareciam ser olhos brancos e luminosos mostrou-se ser um par de óculos. Os cabelos negros e ensebados se separaram da escuridão, contrastando com a pele branca, pele essa que parecia terrivelmente mais pálida que o comum, paradoxo à cor que se alastrava abaixo de seus olhos, onde duas olheiras negras transformavam aquele rosto em uma carranca amargurada.

Meu coração, entretanto, entrou em disparada quando as sombras foram definitivamente afastadas pela chama da vela que a figura carregava. Forcei Samuel para que ele me soltasse e andei trêmulo e sorridente na direção de Carlos.

Capítulo XVIII

Promessa

Era ele. Um tanto mais magro e descuidado, a pele cheia de manchas de fuligem assim como a calça que vestia, única peça de roupa que usava sobre o corpo franzino. Segurava a vela com uma das mãos. Com a outra carregava o pequeno machado com o qual um mês ou mais antes eu arrebentara a porta da frente para impedir que a coisa implodisse sua cabeça e explodisse dona Mônica. Pensar que de certa forma não adiantara muito me deixou triste e decepcionado. Escondia o machado por trás de uma das pernas, mas a pressão da mão já afrouxara. Seu torso se mostrava repleto de cicatrizes finas e avermelhadas, resultado óbvio da fuga desesperada mata adentro, enquanto corria de policiais e cães farejadores. Senti seu cheiro e não pude acreditar que *cães* não o encontraram antes. Ele cheirava como madeira úmida, ou como aquele cheiro que escapa de gavetas há muito trancadas.

Naquele momento eu queria abraçá-lo. Era como se houvesse um terremoto no meu peito. Minha mente zunia, uma mistura desalinhada de sensações sutis e agradáveis, e misturado a isso uma confusão gigantesca. Eu *não sabia* por que queria abraçá-lo. Então, nada fiz. Sequer cheguei perto o bastante para ver a cor dos seus olhos. Queria que ele falasse algo, que se manifestasse, mostrasse que estava bem e explicasse de uma vez por que sumira tão precipitadamente, mas ao mesmo tempo queria poupá-lo, livrá-lo de qualquer esclarecimento constrangedor ou que lhe trouxesse dor e lembranças amargas. Queria-o sem dor alguma no peito.

Mas Samuel não queria nada disso. Quando se deu conta de que era Carlos, seu rosto mostrou sinais misturados de alegria e fúria.

— Ah seu maldito filho da puta! Por onde cê andou, seu *lazarento*? Quase matou a gente do *coração*!

— Me desculpem... — disse, com a voz pesada. — É que não deu... não deu pra evitar...

Largou o machado no chão.

Desatou a chorar.

Ele pediu que não abrísssemos as cortinas. Acender as luzes era impossível, pois a energia tinha sido cortada. As velas foram uma por uma acesas até que obtivemos uma luminosidade aceitável. O céu parecia mais escuro, pois se encobria de nuvens e o sol se escondia por detrás das árvores, e estas por detrás da casa, jogando uma penumbra que mergulhava o casebre em uma quase noite. O movimento das chamas das velas, quase uma dança ensaiada, versava sombras disformes nas paredes. Mesmo lúgubre, a casa parecia reconfortante, acolhedora. Como se fosse *somente* nós três, de verdade. Carlos mexeu no armário velho, que agora servia de barricada na porta, e puxou uma camisa de lá. Vestiu-a e foi até a geladeira desligada. Trouxe uma garrafa de refrigerante. Voltou e abriu o forno, de onde eu sentia que partia aquele calor aconchegante, e puxou uma forma arredondada e fumegante de dentro.

O cheiro invadiu meu nariz com vontade. O estomago reagiu instantaneamente.

— É de ontem — falou. — Já é o terceiro dia seguido que como pizza. Em outras condições eu não estaria reclamando.

Pegou um pedaço ainda quente com os dedos e o levou à boca. Quis fazer o mesmo, mas tinha coisas para *perguntar* primeiro. Algumas coisas.

— E por onde cê tava? — perguntei, preocupado. Depois de quase dez minutos chorando ajoelhado no chão, situação essa que acompanhamos quase imóveis, sem saber o que fazer, eu já estava receoso de que Carlos tivesse *enlouquecido*. Não sabia até àquela hora pelo que ele havia passado desde a morte da avó. — Cê sumiu bem sumido, hein.

— É, sumi sim... mas eu estive aqui quase o tempo todo — disse, bebericando a Coca quente. — Não me afastei nem três quilômetros mata adentro. Os policiais desceram atrás de mim, mas eu praticamente cresci aqui... não que seja muito, mas foi o bastante pra eu descobrir bons esconderijos.

— Cê é louco. Do jeito que você correu... os caras tavam achando que cê

matou sua vó...

Olhei para Samuel com censura. Ele calou-se, mas Carlos pareceu não se incomodar. Pelo menos não *pareceu*.

— Depois eu voltei. Antes do ano novo. Tô aqui desde o dia primeiro. De vez em quando eles vem aqui, me procurar... mas eu consigo me esconder bem. Faz umas duas semanas que eles não aparecem. Acho que desistiram.

— Não cai nessa. Eu vi um cartaz com sua cara semana retrasada. Acho que ainda é bom ficar esperto.

— Ou então ir na delegacia... e explicar tudo pra eles... — sugeriu Samuel.

— Você *pirou* de vez? Se eu for lá, é da delegacia pro conselho tutelar e daí só Deus sabe. E adeus... adeus missão — disse Carlos, a voz quase se extinguindo no final.

— Mas cê não pode continuar assim — falei. — A casa tá um lixo, véio... e cê tá magro, não tá comendo direito. Com que força cê vai enfrentar a coisa assim?

— Com *essa* força — respondeu, tocando a cabeça com o indicador. Depois, deu outra mordida na pizza.

Ficamos em silêncio. Àquela altura, meu coração já estava mais tranquilo em ver Carlos com o mínimo de sanidade, então peguei um pedaço de pizza também. Samuel já estava no segundo.

Porém, a todo o momento eu pensava no que Carlos havia dito minutos antes, enquanto chorava.

— E vocês conseguiram... descobrir alguma coisa? Quando eu estava “fora”?

— Um pouco — falei, abrindo minha mochila e puxando a pasta das fotos. — A gente veio aqui justamente procurar mais coisas... os livros e os diários.

Ao som da última palavra, o rosto de Carlos se fechou.

— Mas eu tive sonhos... sonhos com o lugar que a coisa vai sair. Acho que é esse lugar.

Mostrei-lhe as fotos, e sua testa franziu em dúvida.

— Mas essas fotos...

— São da sua vó, isso mesmo. Ela, ou os pais dela, pra ser mais exato, devem ter batido essas fotos... a mais antiga, obviamente, não foi ela. E eu sonhei com esse lugar. Sua vó me levou até ele. Ela jovem.

Ele me olhou com frieza e inveja. Eu *sentí*.

— Você *sonhou* com ela?

— Sonhei... só que ela ainda era uma crian...

Antes que eu terminasse, ele se levantou rápido e foi até a janela. Encostou-se na armação de madeira e ficou lá.

— Carlos?

Ele não respondeu, e quando chamei de novo, ele bufou de raiva.

— Carlos, que que foi?

— Você sonha com ela... e eu... a última imagem que tenho dela... é do corpo subindo e descendo batendo no teto e no chão...

Um silêncio angustiante varreu a casa. Samuel parou de comer e ficou encarando o chão, constrangido.

— Carlos...

— Droga, eu queria tanto *falar* com ela! Ver ela pelo menos um pouco... mas eu *não consigo*! Não consigo! Não vejo ela no meu sonho de outro jeito sem ser... sem ser *daquele* jeito... toda...

Sua voz saía misturada com soluços desesperados.

— Isso não é culpa sua, cara... — comecei, mas não sabia como continuar. Pensei em levantar, mas ele se virou pra mim com os olhos vermelhos.

— Eu sei que não! Mas eu queria *tanto*...

Ele enxugou as lágrimas e voltou a se sentar. Olhou para as fotos do campo com os olhos brilhando e os cantos da boca trêmulos.

— Sabe onde é?

— Não faço ideia. No sonho, ela pegava na minha mão... — parei e olhei para ele, temeroso. Ele não reagiu. — Ela me levava até esse lugar, mas antes a gente passava por um matagal cheio de capim alto. E quando a gente chegava nesse lugar, dava pra ver que era imenso... e depois ela...

— Ela? — Sem desviar os olhos da foto de sua avó ainda jovem, bela e sorridente.

— Ela ia embora. *Ele* levava ela.

— Entendi...

— Mas — disse-lhe, pegando a foto do terreno gramado e aproximando-a do rosto dele —, antes de sumir, no último sonho, ela me disse que eu tinha que *desenhar* no gramado. Tá vendo essas marcas na foto? Ela disse que eu tinha que desenhar uma “chave”, e acho que é isso, essas marcas que estão no gramado. Mas não entendi a parte da chave...

— Ela disse “chave”? Desenhar uma “chave”?

— Sim, foi o que ela disse...

— Desenhar *uma* chave ou *a* chave?

Pensei por um tempo, mas ele não me esperou responder. Esticou o braço e pegou um dos livros que estava empilhado perto da garrafa de refrigerante.

Era um livro velho, de capa de couro marrom desbotado e rachado.

Abriu-o em um dos diversos pontos em que havia marcações nas orelhas das páginas. Várias estavam dobradas.

— A chave de Salomão — disse, abrindo o livro e me mostrando um desenho estilizado e complexo de diversos pentagramas e outras figuras geométricas entrelaçadas, além de estranhos símbolos contorcidos que pareciam alguma caligrafia inventada por uma criança (e cujo desenho tenho que ocultar devido às forças misteriosas que esse símbolo pode evocar...). — Acho que ela nos ajudou no seu sonho mais do que eu esperava. A chave é uma prisão mística. Se não estou errado, vai servir pra segurar a *coisa* dentro do gramado. Enquanto *damos conta* dela.

Samuel olhou para Carlos e dele para mim.

— Dar conta? Quer dizer então que...

— Quero dizer que, mais cedo ou mais tarde, essa entidade vai sair e nós vamos ter que enfrentar ela... *frente a frente*. De alguma forma vamos ter que encurralar ela dentro da chave e lutar com ela. E *juntos*, porque assim seremos mais fortes. Paulo, você sonhou com nosso campo de batalha.

Sorri forçadamente, amedrontado com a possibilidade que lentamente se tornava mais real e próxima.

Não ficamos o resto da tarde na casa. Carlos disse que precisava pensar a respeito do que faria, mas não me deixou partir sem me emprestar o livro com a tal “Chave de Salomão”. Porém, quanto ao diário, ele fingiu que não percebia meu interesse, e sequer tocou no assunto. Preferi, enfim, não o incomodar com aquilo. Ainda estava visivelmente fragilizado, e a única coisa que o mantinha desperto era a batalha que teríamos que travar. Batalha essa que já tinha data e local marcado, mas que ainda não fazíamos ideia de nenhum dos dois. O desconhecimento constante do ambiente em que nos metíamos me deixava temeroso quanto ao que fazer. E me deixava ainda mais desconfortável pensar nas palavras de Carlos enquanto ele chorava desalentado no chão frio daquela casa escura, horas antes.

O corpo curvado, jogado ao chão, quase como que orando, submissamente.

Ele implorou: “Me ajudem, por favor. Me ajudem a vingar minha vó. Me ajudem a dar o troco nessa coisa”.

E nós dissemos sim.

Capítulo XIX

O campo

Descobrir onde ficava o terreno gramado visto no sonho e confirmado nas fotos tornou-se nossa “prioridade”.

Quando voltei para casa, me senti incrivelmente feliz por ter reencontrado Carlos. Por outro lado, precisei conter a euforia, pois ele ainda estava oficialmente desaparecido. Ele pediu que não revelássemos a *ninguém* que tínhamos nos encontrado. E foi o que eu fiz, com esforço, pois minha alegria extrapolava o comum, principalmente depois da morte de dona Mônica e daquela sequência de acontecimentos ruins. E, de certa forma, isso significava *mais* mentiras, coisa que estava me incomodando desde o começo dos eventos misteriosos com a avó de Carlos.

Mas mentir era necessário. E, é claro, esconder seu retorno era vital. Tínhamos uma batalha para travar, e precisávamos dele.

Constatei, animado, que seria mais difícil que desconfiassem que nossos passeios de bicicleta terminavam na casa de Carlos porque estávamos de *férias*. Era um verão muito quente, e ficar dentro de casa era torturante. Logo, sair de bicicleta sem dizer o destino era algo normal e aceitável. Minha mãe sequer poderia imaginar que íamos até a casa no meio daquela mata.

Talvez meu *pai* imaginasse.

Tínhamos nossas técnicas também: evitávamos passar pelo centro da cidade antes de chegar à rodovia. Seguíamos nos esgueirando por ruas em bairros residenciais, de uma forma que não chamasse a atenção. E não íamos direto para lá. Dávamos voltas e mais voltas até sentirmos que ninguém nos observava. Ou nos *seguia*.

Sentime preenchido por uma energia grandiosa, uma animação sem controle. Ter Carlos de volta à turma, saber que estava vivo, limpava, de certa forma, as manchas escuras de medo que nossa “missão” insistia em deixar em nossas cabeças. Não aliviava a tensão e o terror totalmente, mas nos deixava mais confiantes. Até em Samuel eu notei isso: ele já não questionava se devíamos continuar envolvidos com aquilo. Já fazia parte de sua vida, de seu destino. Eu chegava até sua casa, montado na bicicleta, e ele já me esperava do lado de fora, dando voltas pela rua para se aquecer. Vê-lo fazendo aquilo me animava ainda mais.

Era bom saber que não estava só.

Encontramos Carlos três dias depois, conforme combinado, e foi nesse dia, sem querer, que descobrimos onde ficava o *campo*.

Foi um domingo abrasador, daqueles que convida para um churrasco na beira da piscina com música rolando. Eu consegui escapar desse cenário às 15h00min, quando o sol parecia estar no ápice. Sem que eu percebesse, parentes e mais parentes começaram a surgir em casa. Às 11h00min nosso quintal parecia um clube. Minha mãe só me deixou sair depois de passar filtro solar pelos braços e no rosto. Odiava aquela pasta branca pegajosa. Hoje agradeço por ela existir. Quando saí, já estava *suando*, e quando minhas pedaladas cessaram na frente da casa do Samuel, meu corpo fervia a ponto de quase evaporar o suor na minha pele. Nem mesmo o boné sobre a cabeça aliviava a luz forte sobre os olhos.

Tive pena de Samuel quando chegamos próximo à rodovia. Toda a sua roupa já estava molhada de suor e ele resfolegava como um cachorro velho. Foi nesse ponto que vimos as nuvens escuras e gigantescas no horizonte, como uma onda preenchendo o céu azul claro. Relâmpagos pipocavam entre elas, e quando atingiam o chão, o som ensurdecedor nos alcançava em poucos segundos. Sinal de que estava *próxima demais*.

Pedalamos o mais rápido que podíamos. O vento, porém, trazia as nuvens em nossa direção e dificultava nosso avanço. Nossos rostos eram atingidos constantemente por areia, folhas e o que fosse que os motoristas se livrassem no acostamento. Quando a chuva despencou, precedida por raios brilhantes e colossais que ribombavam ao nosso redor, veio fria e fina, a força aumentando gradativamente até formar grossas gotas que machucavam onde batiam. Ficamos ensopados em menos de um minuto.

Para nossa sorte, o portão da chácara rapidamente surgiu. Entramos, e a proteção de árvores reduziu levemente o impacto das gotas.

Meu corpo fervia, mas eu tremia por dentro. Samuel martelava os dentes uns nos outros. Descemos a estrada devagar, os pneus vacilando vez ou outra nos pedregulhos úmidos. O cheiro de terra molhada e o som da água alvejando as folhas das árvores criava uma espécie de parede sonora ao nosso redor, um mantra natural e envolvente, que tornava qualquer outro ruído imperceptível. Por isso, não notei quando meu chinelo escorregou do meu pé e caiu na estrada, distanciando-se de mim à medida que me aproximava do portão da casa. Parei diante dele, olhando para trás, no intuito de encontrar meu chinelo, e pus o pé descalço no chão.

Aquele movimento repercutiu dentro do meu corpo como um choque elétrico, se espalhando sob minha pele, pelos meus músculos, até chegar ao meu cérebro. Olhei para o chinelo ao longe, sujo de folhas molhadas e barro, e dele para as pedras arredondadas e úmidas daquela estrada. Observei cada ponto daquela estrada, levantando minha cabeça até não conseguir ver mais nenhuma pedra, no ponto onde a estrada ultrapassava o portão da casinha e se estendia até onde era impossível ver o seu fim, adentrando a floresta que parecia negra e fechada.

Que parecia *familiar*.

— Droga, Samuca, tira o chinelo — falei, a fala se escondendo atrás do som da chuva.

— Quê? — indagou, a voz esganiçada.

— Tira o chinelo e pisa no chão!

Não me virei para ele. Estava embasbacado com a sensação que se infiltrava em minha pele pelas solas dos pés, mas soube, *senti*, quando ele chutou de leve o chinelo e pisou nos pedregulhos molhados com um pé arredondado, branco e enrugado. Minha cabeça *beliscou*. A sensação se espalhou pelo corpo, descendo até os pés e voltando em seguida pelo mesmo caminho. Ele também sentiu.

— Putz cara... essa... essa sensação...

— Sim... é isso mesmo! É *essa estrada*! É a mesma...

Olhei para ele, o sorriso enorme no rosto.

— Não pode ser...

— É a mesma estrada...

— *Oh Meu Deus...*

— Do sonho!

E era. As pedras geladas sob meu pé não me permitiam pensar diferente. Soltei minha bicicleta displicentemente, deixando-a cair de lado sem o menor

cuidado sobre a estrada. Fechei os olhos, e de novo eu parecia estar lá, naquele maldito pesadelo, nu e molhado. As gotas da chuva caíam espaçadas e finas, escorriam pelo meu corpo, grudavam na roupa e me faziam tremer ainda mais. Logo atrás de mim, Samuel, inconscientemente, me enviava ondas, ou ruídos, eu não sei, que indicavam que sentia o mesmo que eu; já *estivemos* ali, enquanto dormíamos.

Em nossos pesadelos.

Ele se aproximou de mim.

— Cara, eu tô ficando com medo...

— Eu também. Mas isso tem que significar alguma coisa. Não sonhamos com isso à toa. Essa estrada... — Olhei para o mais longe que podíamos, onde a estrada se enfiava entre grossas árvores entrelaçadas e desaparecia no meio de trevas inexploradas, e aponteí. — Temos que ir... por ela. Que nem no sonho. Ir até o final dela.

— Cê tá louco... não vou nem ferrando. Olha essa chuva!

— Vamos sim. E vamos agora!

Fechei a mão ao redor de seu pulso roliço e o puxei. Deixamos nossas bicicletas para trás, deitadas no chão, e sequer me senti preocupado com elas, pois aquela sensação de *revelação* se abrindo diante de mim não merecia ser quebrada, e aquilo vinha do que meus pés puxavam daquela estrada de seixos escuros e arredondados. Chutei meu outro chinelo para longe. Eu *precisava* dos pés no chão. Precisava senti-las fustigando as solas dos meus pés. O barulho da chuva amortecida pelas árvores parecia nos transportar cada vez mais para aquele pesadelo. Eu nunca quis tanto correr *para dentro* de um pesadelo. E foi o que fiz, corri como um louco, olhando apenas a estrada cinzenta diante de mim.

Minutos depois mal conseguíamos ver o portão da casa de Carlos, e as bicicletas haviam se misturado ao tom das pedras, um cinza que caía para o preto, assim como a luz ao redor, que pouco a pouco parecia desaparecer, deixando diante de nós sombras que se revelavam sem aviso. Samuel logo se cansou, e puxá-lo foi ficando mais difícil, de modo que soltei seu braço e diminuí o passo. Ele automaticamente abraçou os próprios braços, o que retardou ainda mais seus movimentos, e passou a olhar a todo instante para trás. O vento atravessava as árvores corpulentas e nos atingia, arrepiando nossos pelos e reduzindo a temperatura ao redor. Ele fazia as folhas se roçarem e farfalharem naquela escuridão que progredia, e eu podia entender o *porquê* de Samuca olhar constantemente para trás.

Era como se fossem passos, mas não *eram* passos, porque eram mais velozes e arrancavam o cascalho do chão, jogando-os para trás e fazendo-os se chocarem em um ruído característico e conhecido. Não eram *passos*, de forma

alguma. Era um trote, uma corrida. Patas raspando nos pedregulhos molhados.

Em poucos segundos ele já parecia mais alto, mais próximo, e não olhar para trás era impossível. Não se via nada, apesar disso. Apenas a escuridão nos seguia, como se ocupasse um espaço seu por direito. Diminuímos o passo, dando voltas em volta de nós mesmos, como cães perdidos, tentando enxergar o *que* poderia estar nos seguindo.

Quando o som seco do que pareciam garras arranhando as pedras tornou-se mais discernível, começamos a ouvir a *respiração*. Então, começamos a correr.

E foi incrível como a sensação real pareceu muito mais opressora e pavorosa do que no sonho. Fisicamente, o pesadelo havia se tornado concreto e verossímil: as gotas de chuva nos atingindo a nuca, a dor aguda dos pés atingindo as pedras, a panturrilha querendo endurecer e travar a corrida, e a ânsia insana de virar a cabeça para trás, para *ver o que nos perseguia*, mesmo sabendo que não havia *nada*, e ainda sim ciente de que *havia*, e que era enorme e tinha muitos braços e olhos rubros como a mais quente chama do inferno. O pavor de qualquer pesadelo anterior parecia ínfimo. Sentíamos como se seguidos pela própria *coisa*.

Minha cabeça pareceu ter vida própria quando me forçou a olhar para trás. Meus olhos não queriam se abrir, mas se abriram, e eu vi Samuel vários metros atrás de mim, com o rosto repleto de pavor, os olhos apertados, correndo às cegas. Então eu parei, forçando meus membros inferiores o máximo que podia, para que ele me alcançasse. Não pude ver se algo realmente nos seguia. Não *queria* ver. Assim que consegui parar, percebi, tarde demais, que Samuel não estava assim *tão* longe.

Ele não abriu os olhos nem quando se chocou contra mim. Sua cabeça acertou meu queixo em cheio. Sentime como que atropelado por um carro. Ele tropeçou e nós voamos. Meu corpo realmente saiu do chão, enquanto ele ainda dava passadas mesmo com os dois pés suspensos no ar. Minha cabeça rodava e eu sentia o gosto amargo de sangue na boca.

Não sei se perdi a consciência. Acho que não. Havia na minha cabeça a ideia constante, uma frase: “Não desmaie! *Não desmaie pelo amor de Deus, não desmaie!*”, ecoando, e não sei se continuei ouvindo-a e apaguei, ou se ela simplesmente desapareceu durante a queda. Só sei que durante um tempo indeterminável, tudo rodopiou.

Caímos sobre algo incrivelmente úmido, macio e de cheiro forte. Levei cerca de um minuto para ter consciência de que estava bem. Samuel caiu do meu lado. Pus-me de joelhos. Ele estava sentado com a bunda no chão, ofegando com os olhos arregalados e a beira do choro. Respirei fundo e levei dois dedos para

dentro da boca. Passeios de leve sobre a língua. Retirei-os. Sangue. Uma bela mordida na língua.

Não quis comer carne em casa, comi fora dela mesmo.

O cheiro à nossa volta foi invadindo meu nariz e eu tomei ciência de onde estava. Apoiei minhas mãos no ombro de Samuel e me levantei. Olhei ao redor, atordoado, segurei ele pelas axilas molhadas e o ajudei a se levantar. Queria que ele também olhasse.

O capim-limão devia estar com cerca de um metro e oitenta, bem mais alto do que parecia no meu sonho. Eu só conseguia olhar para o céu se levantasse minha cabeça ao máximo. Mas estava ali, bem como achei que estaria. Olhei para trás, de onde chegamos, e a estrada de pedras se estendia de volta para a floresta sibilante.

— E agora, Paulinho? Onde a gente tá?

— Não sei, mas tamo perto — respondi, ofegante. Cuspi um pouco de sangue no capim atrás de mim. — Vamos em frente.

E seguimos reto, na direção em que a estrada nos trouxe. Não poderia saber se era por ali mesmo que chegaria ao gramado, mas segui crente de que chegaria. O capim molhado jogava gotas da chuva que acabara de cessar, e toda hora tínhamos que secar nossos rostos, pois aquilo incomodava. Os únicos ruídos ali era o coaxar dos sapos, que provavelmente saltavam mais próximos de nós do que gostaríamos, e o vento, que balançava o capim alto, além é claro do som que se ouvia a cada passo que dávamos, quando nossas pernas se esfregavam no capim, aquele ruído arrepiante e chato da aspereza do mato resvalando em nossa pele.

Samuel seguia na frente, não porque queria, mais porque eu o impeli para que seguisse. Abria caminho pelo mato que não parecia ter fim, enquanto eu o seguia incomodado pela ideia constante de que, assim como Mônica no sonho, ele começaria a se distanciar de mim, o capim seguraria minhas pernas com firmeza, e então ele se viraria apavorado e desapareceria sugado para dentro do matagal. Esse medo me fez acompanhá-lo de perto, ora com a mão no seu ombro, ora segurando sua camiseta. Ele percebeu isso e não reclamou. Provavelmente se sentia mais seguro assim.

Caminhamos durante vários minutos. Notar a passagem do tempo naquele ambiente constante era impossível. O céu continuava escurecido pelas nuvens gigantescas, os trovões dando as caras de vez em quando, mostrando para nós o quanto era inseguro estarmos ali, e nada parecia capaz de nos parar. Meus pés beliscavam, resultado da corrida de pouco tempo antes, quando pisávamos ensandecidos sobre as pedras arredondadas. O pavor parecia ter se dissipado, mas eu ainda sentia uma apreensão.

Nos meus sonhos, a coisa também aparecia naquele matagal.

Duas vezes Samuel olhou para mim por cima do ombro, questionando com os olhos se realmente devíamos seguir em frente. Nas duas vezes simplesmente o empurrei de leve com a palma da mão. Ele nada dizia. Àquela altura, imaginei que devíamos estar mais de um quilômetro distante da casa de Carlos. Não fazia ideia de que era bem mais do que isso, mas meu corpo havia ultrapassado o limite da exaustão; meus pés pareciam dormentes e as pernas estavam quentes e relaxadas. Poderia continuar andando por muito mais do que as quase duas horas que inconscientemente já havíamos gastado até ali.

Quando Samuel abriu caminho pelo capim e ele simplesmente desapareceu diante de nós, eu soube que tínhamos chegado.

O campo era enorme, exatamente como no sonho, e o vento soprava forte dentro dele, como se para nos receber ou indicar o fim do caminho. Devia ter quase trezentos metros de diâmetro, ou pelo menos era o que parecia ter. Árvores colossais cercavam-no, fazendo um grande “U”. Eram árvores tão grandes que mesmo de longe faziam-nos perder a noção do tamanho real do lugar. Sobre nós, o céu escurecido pela tempestade se agigantava e se expandia, transmitindo a incomoda sensação de que algo de obscuridade ancestral nos *observava*, calado e indiferente. Algo monstruoso.

Foi difícil fazer Samuel dar o primeiro passo para dentro do campo. Quando finalmente se moveu, ficou olhando ao redor, embasbacado com a imensidão daquele lugar. Não passou pelas nossas cabeças que éramos alvo fácil para um raio ali mesmo onde estávamos. E eles cismavam em riscar o céu.

— É aqui mesmo? — perguntou, vacilante.

— Pode crer que é.

Ficamos um bom tempo andando a esmo por todo o campo. Tirei a camisa molhada e a coloquei no chão, próximo de onde viemos, para ter certeza de que voltaríamos pelo mesmo caminho. Enchia-me de pânico a sensação de me perder no meio daquele nada que era o matagal. Não havia muito o *que* ver, e mesmo assim ficamos lá, observando aquela imensidão, sem pensar um único momento no que de fato aconteceria ali dentro. Quando começou a escurecer, quando de fato a *noite* foi chegando, nos apressamos em voltar. Abrimos caminho matagal adentro e mesmo com a escuridão preenchendo tudo ao nosso redor, conseguimos encontrar a estrada de pedras por onde descemos correndo. Só paramos de andar quando chegamos em frente ao portão da casa de Carlos. Não olhamos para trás em nenhum momento sequer.

Ele nos esperava, encarando intrigado nossas bicicletas.

— Eu sabia que vocês estavam por aqui, mas onde vocês se meteram durante essas quatro horas?

Samuel olhou para mim, sem acreditar no tempo que havíamos gastado. Eu simplesmente sorri.

— Nós achamos. Achamos o campo. O *lugar*.

No dia seguinte, subimos em nossas bicicletas e levamos Carlos ao terreno. E sim, ele continuava no mesmo lugar.

Digo dessa forma porque, na noite anterior, quando cheguei em casa após a longa caminhada que nos levou ao terreno, exausto e com a sola dos pés feridas, eu acessei o mapa pela internet e segui o mesmo caminho que fiz com Samuel pela tela do computador, e por mais absurdo que isso seja, o terreno *não estava lá*. Repeti o procedimento, e nada! O que aparecia era somente uma mancha borrada, sem definição de onde ficava o matagal ou as árvores que formavam o “U” característico. Nada. Somente uma *mancha borrada*.

Até chegar ao local no dia seguinte, ainda me incomodava a sensação de que não o reencontraríamos. Que o campo seria fruto de nossos medos, meu e de Samuel. Uma ilusão.

Mas o campo se abriu majestoso diante de nós, após descermos das bicicletas na entrada do matagal e seguirmos grande parte a pé, com o sol torrando nossos pescoços e os mosquitos zunindo em nossas orelhas.

O céu azul apenas ampliava sua grandiosidade.

— É incrível... — falou Carlos, baixinho. Trazia um isqueiro na mão direita, do tipo *zippo*, e o acionava constantemente. Samuel marcava o ponto de retorno com uma pedra grande que trouxera nas mãos durante todo o caminho.

— Eu não acreditei quando vi, mas aí está... — falei, também admirando aquele lugar, que durante o dia era belíssimo. — Agora só nos resta...

— Nos resta *muitas* coisas, não só o que quer que você for falar — disse Carlos, rispidamente. Abriu a mochila e tomou um grande gole de água da garrafa que trouxemos. Samuel tomou a garrafa da mão dele e também bebeu. Depois, Carlos remexeu o interior da bolsa e puxou um caderno. Era um dos diários.

— Aqui... — começou, folheando as páginas amareladas — tem alguns textos... que falam as formas de enfrentar a coisa... no dia.

Aproximei-me. Ele pareceu prestes a puxar o diário para uma posição em que eu não pudesse lê-lo, mas não o fez. Ele se sentou no chão e eu o acompanhei por cima de seu ombro.

— Tem vários rituais que podemos fazer pra enfrentar ele. Mas existe um, específico. É o mais eficaz, mas é também o mais difícil. Era o que minha vó usava.

Samuel se aproximou. Sentamos em círculo.

— É uma espécie de tripé de força. Ela fazia com a ajuda dos pais dela. E fez uma vez com a ajuda dos meus pais... — Parou de falar quando citou seus pais, e eu esperei pacientemente até que se sentisse à vontade para falar. — Mas depois eles morreram... então por vários anos ela fez sozinha.

“Ela fazia um ‘tripé de força’ *sozinha*? *Sozinha*?”, pensei, com tanta surpresa e força que soube que Carlos “ouviu”. Ele me encarou, mas não disse nada.

— Então a sua vó fazia essa... esse *ritual* contra a coisa *todos os anos*? — perguntou Samuel, com a voz fina.

— É, fazia... é uma espécie de missão, passada por várias gerações, eu acho. Ela não fala disso nos diários. Ela fala muito pouco disso tudo nos diários. Quase nada, na verdade. A parte que tem mais detalhes é de antes dela se casar, e depois dos meus pais morrerem... e ela não esclarece *nada* do que eu queria saber, na verdade. Se eles foram mortos... pela coisa. E acho que nunca vou saber...

— Acho... que é melhor assim — falei. Ele balançou a cabeça, concordando.

— Enfim, esse ritual envolve nós três. E envolve um ramo de oliveira e uma tocha de fogo sagrado — continuou. — Não faço ideia de como conseguir isso, mas ainda estou lendo... estudando as hipóteses.

— E quanto à chave? — perguntei.

— Vamos ter que desenhá-la por todos o gramado. Acho que arrancando a grama e deixando só a terra nua. Olhem bem... não notam nada de anormal nesse gramado?

— Bem, além de ter sonhando com ele sem nunca ter visto ele antes? Não, acho que não — falei, sorrindo.

— A grama não *cresce mais*... não passa desse ponto. Podem acreditar, ninguém vem aqui pra carpir isso. Não sei por que, mas se você não consegue ver ele no mapa *via satélite*, acha mesmo que *outras pessoas* o vejam, ou que alguém vem aqui além de nós? Ou que alguém tenha vindo aqui além da minha vó, dos meus bisavôs... dos meus pais? Esse terreno, esse lugar... é um ponto morto... uma zona escura, sabe... meio que um *buraco* no espaço... ele não existe, na verdade. Só existe pra quem interessa... como nós.

— E *ele* — disse Samuel, e mesmo naquele calor intenso, eu tremi de medo.

Na verdade, Carlos estava *parcialmente* correto. O lugar, sim, *existia* fisicamente. Qualquer um poderia ter ido ali antes de nós. Qualquer pessoa poderia ter entrado naquele terreno majestoso cercado de altas árvores, e ficaria embasbacado como nós ficamos, e se sentiria perdido em tanta imensidão como nós nos sentimos. Mas, em contrapartida, o terreno despertaria nela um repentino sentimento de *angústia*, uma sensação que a faria querer sair dali o mais rápido possível. Porque era o que a coisa queria. Que *ninguém* estivesse ali quando fosse sair. Que ninguém a atrapalhasse. Era a coisa quem borrava a imagem no mapa do site e quem fazia o capim em volta ficar alto, assim como as árvores. Para que ninguém se interessasse em cruzar aqueles limites. Se por ventura um cachorro passasse por ali, seu rabo se enfiaria automaticamente entre as pernas e as orelhas se levantariam, despertando seu instinto de sobrevivência mais avito. Pássaros cessariam seus cantos quando sobrevoassem aquela área. Gatas prenhas perderiam suas crias imediatamente, em um sangramento rápido e doloroso. Velhos com câncer sentiriam as raízes de seus tumores crescerem velozmente e penetrarem dentro de seus corpos consumidos. Moribundos faleceriam somente ao contemplar aquela imensidão. Porque aquele campo era uma zona morta.

A sensação de exclusividade que tínhamos ao adentrar aquela terra, porém, nos deixava assustados com a chance real de enfrentar a coisa. E às vezes, *não saber* o dia em que isso aconteceria me deixava levemente aliviado. Ela sairia e nós não tomaríamos conhecimento. Coisas ruins aconteceriam, mas seria de repente, e pensar em uma morte rápida ao invés da espera torturante pela coisa naquele campo era reconfortante. Porém, sabíamos em nosso âmago que não seria assim. Se não nos antecipássemos a ele, sentiríamos o momento em que saísse, e seria *tarde*.

Esperar por ele na porta do inferno parecia ser nosso destino.

Capítulo XX

O ramo de oliveira

— Eu li o *outro* diário da minha vó! — esbravejou Carlos, no dia 2 de fevereiro de 2012, quando voltamos a nos reunir. — E lá eu pude ver... não estamos nem *perto* da força que a gente precisa ter pra enfrentar a coisa!

Na última reunião, depois de voltarmos exaustos do campo gramado, com a pele ardendo graças ao sol e o corpo úmido e fedendo a suor, dividimos algumas tarefas para nos prepararmos para enfrentar a coisa, apesar de não fazermos ideia de quando isso seria. Carlos me deu um livro de “Magia Branca” que ensinava vários mantras e frases, “para se concentrar no dia”, dissera ele. Para Samuel, emprestou-lhe um livro chamado “*Controle Mental: Técnicas Práticas do Autocontrole*”, o qual Samuel pegou e levou a contragosto. Vi nos olhos de Carlos que o esforço era inútil. Ele não lia aquilo. Tinha medo demais para se meter *mais ainda* com aquelas coisas. Senti em Carlos que ele desejava que Samuel realmente o lesse, pois no dia de enfrentar a entidade, seríamos *nós três*, um “tripé de força”, como ele próprio havia dito. E se o gordo falhasse na hora em que precisássemos dele, com certeza coisas boas não aconteceriam.

Ele também me entregou um envelope com sementes de oliveira dentro. No dia do embate deveríamos usar um ramo da árvore para completar o ritual, e, nas palavras dele, “Aquele que for segurado pelo ramo deve segurar ele antes”. Não entendi as palavras na hora, mas depois tudo se esclareceu perfeitamente.

Seria *eu* quem usaria o ramo no rito.

Ele deu um soco na mesa, furioso.

— Calma cara... fica de boa! — falou Samuel, mas Carlos retribuiu a frase com um olhar encolerizado.

— Como posso ficar calmo, cara? Vamos ser *massacrados pela coisa*, é isso que eu tô falando!

— Por que você tá dizendo isso? — perguntei, realmente temeroso, pois dois dias antes éramos o “tripé da força”, e agora éramos os massacrados.

— A gente junto não tem nem metade da força que minha vó tinha. Ela enfrentava aquilo *sozinha*. Fez isso quase cinco anos direto. Mas a gente... vai ser a primeira vez, então...

— Mas cara, ela mesmo passou a missão pra gente — falei. — Não acho que ela faria isso sem...

— Ah, por favor, será que vou ter que *mostrar* pra vocês? — vociferou, ao mesmo tempo em que saía pela porta recém-desbloqueada. Ficou alguns segundos lá fora, deixando-nos na dúvida sobre o que estaria fazendo, e quando pensei em levantar e ir verificar, ele voltou com algumas coisas nas mãos. Soltou-as sobre a mesa, exasperado.

Era um coco verde e grande, três jabuticabas e uma pedra do tamanho da minha cabeça.

— Isso aqui é minha vó, beleza? — disse, erguendo o coco na altura do rosto. Colocou-o sobre a mesa e apanhou as três jabuticabas. — E essas três coisinhas é a gente. E isso é a coisa.

Pegou a pesada pedra com uma das mãos. Os tendões dos braços se retesaram. Ele segurou a pedra na altura da cabeça, e com a outra mão ajeitou o coco no meio da mesa.

— Isso é o que a coisa fez com minha vó nesses dois meses — disse, e colidiu a pedra contra a casca lisa do coco com violência. O som oco atingiu nossos ouvidos com secura. Carlos ergueu a pedra. O coco estava intacto. Novamente ele desceu a pedra em cima do coco, uma, duas, três vezes, e o som choco do impacto de cada pancada me fazia lembrar do corpo inativo de dona Mônica impelindo-se contra o teto e o chão. A pedra atingia o coco e eu via dona Mônica atingindo o assoalho, o corpo alquebrado carregado por uma força invisível. Era ruim relembrar aquilo. Tirava minha confiança.

Depois de mais de dez pancadas, o coco finalmente rachou, fazendo jorrar de dentro dele um minguado fluxo da água esbranquiçada. Na décima quinta pancada, o já ofegante Carlos fez o coco partir-se em quatro pedaços. A pouca água restante derramou-se sobre a mesa nua e escorreu por entre as velhas brechas e veios da madeira escurecida.

Bruscamente ele afastou os pedaços do coco com o braço, arremessando-os contra o chão sem cerimônia.

Com a mão livre, ajeitou as três pequenas jabuticabas no lugar onde estava o coco, e mesmo ciente do que ele faria, não consegui proferir uma única

palavra.

— E agora, *isso* é o que a coisa vai fazer com a gente.

E esmagou as três jabuticabas de uma vez, com um único e sonoro golpe. O miolo alvo das frutas espargiu-se sobre a mesa. Pedacos úmidos atingiram Samuel no rosto. Ele secou a cara debilmente, encarando Carlos como a um ídolo.

— Entenderam agora o que eu quero dizer? — disse Carlos, largando a pedra sobre a mesa.

Sentou-se aborrecido. Fitei a pedra durante vários segundos antes de quebrar o silêncio.

— O que... o que *cê* acha que a gente tem que fazer então?

Ele respirou fundo.

— Isso que é o pior. Eu não sei. Não sei mesmo. Queria que minha vó tivesse aqui. Ela ia saber o que fazer...

Ficamos quase duas horas calados. Foi terrível.

No fim de semana, plantei a primeira semente de oliveira.

Foi estranho, mas me deu uma sensação boa, de energia renovada, de esperança. O vaso pequenino de plástico preto ficou escondido dentro do meu armário, para que ninguém o encontrasse e me questionasse sobre ele. Não saberia o que dizer.

Quando saía de casa, entretanto, colocava-o próximo à janela e trancava a porta do quarto. Ele precisava receber luz direta do sol, e deveria ser regado pelo menos uma vez por dia.

Torcia para que não precisasse dele tão cedo. Em três dias, não deu qualquer sinal de que fosse vingar.

As aulas voltaram no dia oito de fevereiro, uma quarta-feira ensolarada. Foi um dia como qualquer outro em que se volta às aulas: o reencontro com os colegas com quem pouco ou nada se fala durante as férias, a expectativa sobre qual sala você vai ficar e sobre quem vai cair na sua sala, o barulho desenfreado de adolescentes precoces extravasando suas emoções por meio do tagarelar

constante e dos berros agudos e bobos. Depois, cada um para sua sala, um professor novo que se apresenta, um antigo que retorna, causando o burburinho incômodo daqueles que se desagradam com isso sem saber por quê. Intervalo, gritaria, caos, sala novamente. Mais professores. Mais burburinho. Mais caos.

Minha cabeça queria explodir nesses dias.

Samuel não caiu na mesma sala que eu, e isso me deixou decepcionado. Estávamos acostumados a estudar na mesma turma havia anos; talvez fosse parte da prática que alguns conselhos de professores insistem todos os anos, ou seja, separar aquele grupo de amigos que mais conversa do que presta atenção na aula. Não era nosso caso, mas talvez pensassem que eu atrapalhava o desenvolvimento do Samuel. Não sei. Tolice esquentar a cabeça com isso.

Como não poderia deixar de ser, fui questionado sobre Carlos diversas vezes.

O primeiro a perguntar sobre ele foi o professor de Português, o mesmo do ano anterior, e que ainda se lembrava de Carlos.

— E seu amigo... Carlos... por onde anda?

Ele apoiou a mão no meu ombro, como se eu fosse alguém precisando de consolo, o que de certa forma era verdade. Fingi que não entendi a pergunta, o que foi um erro.

Estávamos na porta da sala, esperando o sinal para sair para o intervalo. Havia uma pequena turminha à nossa volta.

— O Carlos, aquele seu amigo. Eu... nunca mais o vi desde... desde o meio do ano passado, eu acho... — disse o professor, e progressivamente o volume da sua voz foi diminuindo, assim como o dos que nos cercavam. Alguns alunos encararam o chão, constrangidos. Outros olhavam diretamente para mim, esperando minha resposta, como se eu devesse saber onde Carlos estava. Ou como se eu estivesse escondendo-o no bolso.

Ou como se tivéssemos participado de um crime.

— Ele... — balbuciei, enquanto o som na sala parecia diminuir ainda mais, aquietando-se para ouvir minha mentira — Eu não sei o que aconteceu com ele... acho que ele se mudou. Eu acho...

O sinal para o intervalo tocou e me salvou de mais perguntas e mais mentiras.

Por pouco tempo, é claro: encontrei Samuel no pátio, e no meio de todos os olhares que se direcionavam para nós eu conseguia ouvir murmúrios vocais e *mentais* me atingindo como flechas, e todos tinham um único assunto: Carlos e sua avó morta. Era como um zumbido de abelhas na minha cabeça. Suspeitas atrás de suspeitas, comentários desagradáveis e desnecessários, pensados e ditos, e aquilo incomodava profundamente.

Samuel não parecia nada feliz também.

— Merda, cara, por que separaram a gente?

Dei de ombros, também desanimado. Olhei por sobre o ombro de Samuel e vi Jonas e Peterson, os “perseguidores” de Carlos. Eles nos olhavam vez ou outra, e apesar da leve mudança nos seus rostos, como pelos espalhados de barba se anunciando e mudanças mais evidentes nas vozes, eles ainda pareciam os mesmos moleques idiotas de sempre. Seus gritos e chacotas eram ouvidos com clareza, mesmo no meio do ruidoso intervalo.

— Em que sala eles caíram, afinal? — perguntei, mas olhando para Samuel, não precisei pensar muito. Seus lábios estavam torcidos. Bati com a mão no ombro dele.

— Agora quem recebe as bolinhas de papel na cabeça é eu — disse ele. — Merda, agora sei como o Carlos se sentia...

“Só um pouco”, pensei. Olhei para os dois moleques barulhentos não tão longe de nós e forcei minha mente na direção deles, de uma forma intuitiva. Não sabia como fazer aquilo que dona Mônica fazia, aquela coisa de falar na minha cabeça. Então fiquei repetindo os dois nomes em pensamento, “Jonas e Peterson, Jonas e Peterson, Jonas e Peterson, Jonas e Peterson”, até minha cabeça começar a doer e eu me cansar.

Não sei se foi impressão minha, mas quando parei, *ambos* me olharam, e eu não sei dizer se foi por minha culpa ou apenas porque não conseguiam ficar quietos... mas eu vi que seus sorrisos sumiram um pouco. Depois eles voltaram às suas chacotas, assim que desviei meu olhar e puxei Samuel para longe deles.

Na verdade, eu só conseguia pensar no que nos esperava do lado de fora. Olhava para todos aqueles garotos e garotas, jovens inconsequentes com a vida inteira pela frente, aparentemente donos de si, mas fracos e inseguros, e *inconscientes* do mal que espreitava, quieto e calmo, esperando pelo dia, o grande dia em que se libertaria de sua prisão e espalharia sua desgraça sobre todos que caminhavam sobre a Terra. Olhava para todos aqueles jovens como eu e me perguntava se um dia, em um momento ínfimo de iluminação ou revelação, eles saberiam, mesmo que em um lampejo involuntário, que suas vidas estavam nas mãos de três garotos tão fracos e inseguros como eles. Que suas vidas corriam mais risco do que poderiam imaginar.

Espero que nunca saibam.

Conseguimos nos reunir depois apenas no domingo, 12 de fevereiro, pois com o retorno das aulas ficou difícil ludibriar meus pais. Eles eram exigentes demais.

Foi a penúltima reunião antes de enfrentarmos a coisa.

— Bom, o ritual vai consistir no seguinte — disse Carlos. Ensaiávamos tudo no quintal da casa dele, olhando constantemente para o portão. O medo de sermos descobertos ainda prevalecia. — Nós três vamos desenhar a chave de Salomão pelo terreno. O melhor jeito vai ser arrancando a grama e formando o desenho com a terra. A gente pode tentar levar um cortador de grama, mas não sei se vai dar conta. Não sabemos o lugar *exato* em que o portal pode abrir, então o desenho vai ter que cobrir o terreno inteiro.

Samuel olhou para mim, pasmo.

— Só nós três? Como a gente vai desenhar essa porra dessa chave naquele terreno enorme?

— Se eu bem me lembro, minha vó passou a missão pra nós três. Não dá pra enfiar alguém no meio. Vai dizer o que? “Olha, só ajuda a gente a desenhar aqui e depois pode ir embora”. Que que cê tá pensando, Samuca? — respondeu Carlos, com amargura.

— Sei lá cara, mas cê viu o tamanho daquele lugar...

— Minha vó fazia sozinha, lembra?

O gordo soltou um sopro de desânimo

— Não tem outro jeito — disse Carlos, definitivo. — Continuando, na hora que ele for sair...

— Hora essa que a gente *não faz ideia* — disse Samuel. Carlos olhou para ele.

— Exato. Mas na hora que ele for sair, a gente tem que tá preparado. Eu vou segurar uma tocha de fogo sagrado. Até lá tenho que conseguir óleo consagrado, senão não vai adiantar...

— E onde cê vai achar isso? — perguntou o gordo novamente.

— Ué, na igreja, onde mais?

— Ah...

— Você, Samuca, vai ter que me fazer *sombra*.

— *Fazer o quê?*

Carlos bufou, batendo as palmas das mãos na perna.

— Porra, cê leu aquela merda daquele livro?

— Ah, eu li mais ou menos...

— Merda, Samuel, se você der cagada na hora, cê sabe que...

— Eu sei, *eu sei*, que merda... eu vou ler! Juro!

— Tá certo. Cê vai me fazer sombra; então, o Paulinho, que vai tá com o

ramo na mão, vai atrair a coisa.

Ergui minha cabeça e levantei no ato.

— Como é?

— É isso mesmo. Você vai atrair ele.

— Mas como assim? — falei, abrindo os braços. De repente, minhas pernas ficaram moles. — Droga, você é o mais “talentoso” de nós três, porque cê não faz isso?

— Não posso. Se ele entrar em mim, as coisas saem do controle.

— Então quer dizer que *em mim* ele pode entrar?

Comecei a andar impaciente, pela primeira vez cômico do risco ao qual estava me expondo. “Atrair a coisa”. Muito saudável!

— Não é isso, Paulinho... — disse Carlos, com a voz baixa. Sacou o isqueiro *zippo* do bolso e acendeu-o. — Exatamente por eu ser o mais “talentoso” de nós, sou eu quem tenho que usar a *tocha*. A gente tem que atrair a coisa pra *dentro* do ramo. E então, tocamos fogo nele. Dessa forma, ele volta pro lugar de onde veio.

— Só isso? — perguntou Samuel. Carlos fuzilou-o com o olhar.

— Não! Não é só *isso*! Se a gente *chegar nisso*, agradeça. Porque se qualquer coisinha der errado, é o nosso fim.

No dia quatorze de fevereiro, as primeiras folhas verdes da oliveira brotaram delicadamente no vaso de plástico preto. Era de um verde-claro singelo e sutil, e emitia uma força positiva intensa, como um calor. Eu *sentia*. Gostava de ficar olhando para ele. Mantive-o afastado do sol forte durante alguns dias, deixando-o à luz somente quando ia para a escola, e retirando-o logo quando chegava em casa. No dia dezesseis, minha mãe questionou o fato da porta do quarto permanecer trancada enquanto eu não estava em casa. Tentei fingir que não ouvi, mas ela foi incisiva e eu tive que inventar algo sobre estar guardando o presente de aniversário do meu pai. Ele completaria trinta e quatro anos no começo de março, e tive que forçar minha mente ao máximo para inventar aquela história. Marquei em um papel, depois, um lembrete para comprar um presente para ele assim que tudo terminasse.

Claro, se terminasse.

Paralelo a isso, comecei a leitura do livro sem nome que continha inúmeras frases de concentração. Era um emaranhado complexo de palavras, e

durante horas eu fiquei olhando aquelas letras e sílabas desconexas sem saber como prosseguir com aquilo. Quando finalmente consegui pronunciar uma das frases, me senti um vitorioso. Passei a noite inteira repetindo-a em voz baixa. Não pareceu, entretanto, que tivesse qualquer efeito especial.

No final de semana e início do Carnaval fomos até a casa de Carlos, mas não o encontramos lá. Sobre a mesa havia um bilhete escrito por ele, dizendo que havia pessoas rondando aquele terreno e que por isso ele decidiu se esconder na mata. Dizia também para termos cuidado, pois não sabia dizer se eram policiais ou não. Fomos embora na mesma hora, e durante a volta cruzamos com os resíduos deixados pelos “visitantes”: uma caixa de cigarros, algumas bitucas e uma garrafa de plástico. Imaginei que seriam apenas pessoas comuns (e muito mal-educadas, diga-se de passagem) passeando pelas trilhas daquela mata. Pensei em como se sentiriam quando começasse a escurecer...

Ainda assim, preferimos não arriscar. Passei o resto da tarde na casa do Samuca. Em nenhum momento eu o vi chegando perto do livro que Carlos lhe emprestara.

Como de costume, a semana do Carnaval foi livre de aulas, aquela pausa comum em todas as escolas. Depois, como diziam os mais velhos, o ano *começaria* de fato no Brasil.

No dia vinte e um meu broto de oliveira já tinha cerca de três centímetros de altura, e uma pequenina folha verde se pronunciara no topo. Era lindo, e eu passava vários minutos contemplando-o e de certa forma absorvendo aquela energia que ele emanava. Imaginei vagamente aquele pequeno e jovem broto crescendo mais dez, vinte, cinquenta centímetros, e depois eu teria que replantá-lo em outro lugar, mas não teria problema pois o jardim da minha casa era grande e havia espaço para transferi-lo. Ele não cresceria muito além do normal, mas se tornaria uma majestosa oliveira de tronco retorcido e rugoso, e jogaria sobre a casa toda aquela energia branca que transmitia naturalmente. Pensei naquilo e achei fantástico, belo. Era um futuro e tanto para aquela plantinha.

Depois, lembrei-me de seu verdadeiro porvir: ela seria queimada para ajudar a derrotar a coisa que espreitava, antes mesmo de passar dos dez centímetros de altura. Meu corpo inteiro arrepiou-se e quase se contorceu ante a crueldade do destino daquele broto, e no pecado que seria interromper aquele fluxo tão especial de força pura e virtuosa.

Na quarta-feira de cinzas acordei com uma agitação desmedida: sonhara novamente com a coisa me perseguindo na estrada de pedras escuras e arredondadas. Estava me acostumando com a ideia de não sonhar mais com aquilo, já que tínhamos desvendado seu segredo, no caso, a localização do campo, e a quebra da tranquilidade só me fez sentir ainda mais o perigo da

situação que nos esperava. Ele me fazia fugir, rosnando nas minhas costas. Foi o sonho mais vívido de todos. Mas não terminou como sempre acabava. Dessa vez, ele me seguiu entre as folhas altas de capim-limão, agitando tudo ao redor e deixando incerto se estaria às minhas costas ou do meu lado, com olhos de fogo e prestes a me puxar para baixo. Por fim *atravessamos* o matagal, e eu caí estatelado no meio do terreno gramado, uma lua enorme se exibindo sobre minha cabeça, tão perto que seria possível tocá-la se eu quisesse. Então, Carlos e Samuel também apareceram no campo, nus como eu, mas em seus olhos havia um tom sombrio, a luz da lua refletida em suas pupilas dilatadas ao extremo, despertando em mim uma estranha sensação de vazio e frieza. Lentamente eu me aproximei deles, e quanto mais próximo eu chegava, mais seus corpos pareciam rijos e artificiais, como se fossem bonecos feitos de borracha e deitados em posições débeis e quase impossíveis. Próximo o bastante para ver a umidade que grudara na pele de ambos, eu pude de fato concluir o que meu coração lentamente afirmava em disparos cadenciados: os dois estavam mortos, os corpos retorcidos e quebrados contra a própria vontade.

Uma sombra ergueu-se atrás de mim, e eu senti as mãos frias da fera, milhares delas, fechando-se em volta do meu pescoço e do meu abdome. Acordei desesperado enquanto ele me partia em dois e sussurrava em meu ouvido: *Estou próximo...*

Imediatamente fui até o pequeno broto que ficava escondido atrás do armário enquanto eu dormia, e trouxe-o para perto do meu corpo. Toquei na pequena folha verde e senti um leve choque, a energia pura da planta penetrando meu espírito e limpando-o da força macabra do pesadelo do qual saltei desesperado. Uma aura clara e reluzente me envolveu naquele momento. Durante uma hora eu fiquei sentado na cama segurando o pequeno vaso, não me importando com mais nada a não ser a simplória vida que tirava da terra daquele vaso toda a energia necessária para si, e aprendi, então, que deveria fazer o mesmo. Eu a protegia, e em troca, ela me protegeria, quando fosse necessário.

Levantei. Meus pés descalços tocavam o chão com uma leveza irreal, como se quase *flutuasse*. Aproximei a pequena planta do meu peito e saí do meu quarto. Desci as escadas. Na casa, o silêncio preenchia todo e qualquer espaço físico. Passei pela sala e abri a porta. Fui para o quintal. Uma brisa suave soprou meu rosto. No céu, o azul escuro cósmico e um véu infinito de estrelas lançavam sobre mim uma luz de brancura incrível, que rodopiava ao meu redor e parecia penetrar em minha pele, pelos meus poros, fazendo sensível todas as partes do meu corpo. O jardim parecia enorme diante de mim, mas não precisaria de muito, afinal. Com a mão mesmo arranquei uma pequena parte do gramado e cavei o necessário para que a pequena oliveira fosse devidamente acolhida.

Quando suas raízes tocaram aquele solo, a luz aumentou ainda mais, espalhando-se como uma onda pelo chão, varrendo a casa e além dela. Enquanto se afastava, a luz pouco a pouco diminuía, até não ser nada mais que uma névoa etérea, e então simplesmente desapareceu.

Olhei para baixo e vi que o antes pequeno broto havia crescido para quase dez centímetros. Duas pequenas folhas nasciam logo abaixo da primeira folha, que agora parecia maior e mais bela; passei os dedos sobre ela. Não havia mais nada, nenhum choque nem energia branca, e sim apenas a aveludada textura dela, que respirava o ar frio daquela madrugada.

Deixei-a no jardim, ciente de que permaneceria ali até o dia em que precisasse sacrificá-la; qualquer empecilho sentimental havia sido quebrado naquela noite. E tanto ela quanto eu pareciam prontos para finalmente cumprir nossos destinos.

Voltei para o interior da casa. Parecia mais frio lá dentro. Abracei meu corpo e esfreguei a pele sob o pijama. Subi as escadas. Ainda tinha o resto da madrugada pela frente, e a certeza de que não teria mais pesadelos. Não mais.

Entreí no meu quarto e no mesmo instante tudo enegreceu. Em um devaneio, as coisas estavam espalhadas e desordenadas, a cama estava virada para a porta, os pés encostados na parede, e eu *sabia* de onde vinha aquela posição. Dona Mônica. A coisa. A casa rodando.

E minhas coisas rodavam. O computador passou velozmente próximo ao meu nariz. Minhas roupas giravam num turbilhão. O vento tentava me tirar do chão.

Olhei com atenção para a cama. Havia alguém lá. Era baixo e magro, e nenhum lençol o cobria, revelando cordas prendendo suas pernas e seus braços. Seu rosto estava escurecido, mas seus olhos brilhavam com uma luz carmim que me penetrava a mente e me feria. Ardia. Os olhos ardiam, e eu sentia, porque quando a luz lentamente retornou e as sombras pouco a pouco se afastaram do corpo esquelético amarrado à cama, *era eu quem estava lá*. E era *ele* quem estava em mim.

Minha boca forçosamente se abriu, tanto a que estava no garoto que era eu na cama quanto a minha *mesmo*, e a coisa falou, com a voz roufenha que me despertava o mais primitivo horror:

Estou próximo!

Berrei, e estava deitado na minha cama outra vez. Já era dia. As coisas estavam no devido lugar, assim como a própria cama, os quatro pés apoiados no chão. Não havia nenhuma roupa voando. Eu não estava amarrado. Ele não estava *em mim*.

Saltei da cama, sai do quarto e desci as escadas correndo. Meus pais me

olharam espantados enquanto passava por eles sem sequer encará-los. Abri a porta com um empurrão e corri para o jardim.

A pequena oliveira estava lá, miúda e frágil, mas *lá*. Tentei apontar o que de fato havia acontecido durante a madrugada, o que realmente fora sonho e o que havia sido realidade, e decidi aceitar, passivamente, a hipótese de ter sido *ambos*.

Capítulo XXI Egrégora

É engraçado como reagimos quando descobrimos algo que estava bem diante de nossa cara. Ou seja, quando a *percebemos*, e isso geralmente acontece tarde demais. Ou em cima da hora, como aconteceu conosco, graças a Deus ou o que quer que esteja sobre nós.

Lógico, tudo era complexo demais para nós. Mesmo com nossa inteligência um pouco acima da média e o “talento” psíquico que no fundo ainda era um completo mistério, deduzir como tudo aconteceria, deduzir o *quando*, era tão complicado que só mesmo pude compreendê-lo anos depois. Tratava-se de algo que ia além de qualquer imaginação, porque era ao mesmo tempo suntuoso e ridículo, titânico e parco, grandioso e ínfimo. Acima de tudo, porém, era *sutil*.

Eu nunca podia conceber tal hipótese antes de vê-la concretizando-se diante dos meus olhos. E não fosse uma frase importante que dona Mônica dissera para nós antes de morrer, eu provavelmente não estaria contando essa história hoje.

A “revelação” veio no dia vinte e quatro de fevereiro. Era a sexta-feira daquela semana sem aulas e cheia de apreensão. Eu havia acordado cedo para regar a pequena oliveira no quintal. Não sei por que, mas minha mãe sequer a havia notado.

Eu estava sentado no sofá, olhando distraidamente para a TV. Por fim, liguei-a e fiquei assistindo desenho animado, e aquilo me deu uma estranha sensação de nostalgia. Há quanto tempo não fazia aquilo? Quantos meses? Desde... outubro? Desde... o dia em que dona Mônica começara a surtar? Sim, desde aquele dia...

E então eu cochilei. Minha mente divagava entre o escuro do sono pleno e a claridade do dia, os ruídos da TV e a espera constante, a espera por *ele*, porque era isso que estávamos fazendo, afinal. Esperando que *ele* desse sinal de sua vinda.

Quando o âncora do jornal começou a falar sobre o fim do horário de

verão, eu não dei muita importância. Acontecia todos os anos, afinal. As pessoas já deviam estar acostumadas, não?

“Quando os ponteiros marcarem meia-noite”, dizia ele, “o horário de verão chegará ao fim, e os relógios devem ser atrasados em uma hora”.

“Para quem gosta de dormir, é uma hora a mais de sono”, disse, e foi isso que me *despertou*.

Para *quem* gosta de dormir.

Mas *ele* não. Ele não dorme. Ele vai estar acordado nessa hora.

Saindo.

Levantei-me na mesma hora, subi na bicicleta e saí de casa sem avisar.

E era tudo óbvio, finalmente. A criatura sairia no dia 25 de fevereiro de 2012, o dia em que os relógios marcariam meia-noite e no segundo seguinte marcariam *onze horas*. Porque era tudo questão de *tempo*.

Tempo. O fator determinante. “Vocês saberão quando for o dia”, dissera dona Mônica, e por fim ela estava certa. Saberíamos, porque não seria um dia qualquer. Seria um dia *anormal*. Um dia com uma hora a mais. O dia de vinte e cinco horas.

Porque a criatura nunca foi desse mundo, e sim de outro lugar, outra *dimensão*. Outra esfera. Outro *plano*, um plano etéreo, não-físico, abstrato, desconexo e indefinível, indeterminável. Impossível. Uma criatura ancestral, anciã e poderosa, porém, *limitada*. Limitada por sua posição, por sua não-forma, por sua prisão. Está além do mundo e seu mundo fica além de qualquer mundo.

Nada pode ir sem deixar uma parte. Nada pode voltar sem abster-se de um pedaço. A balança não pode oscilar. Bem e mal, claro e escuro, real e irreal, concreto e abstrato, óleo e água, com e sem, positivo e negativo, tudo e nada. Sim e não. *Dentro e fora*. O equilíbrio é a essência do universo, da existência e da imensidão. Nada nem ninguém pode fugir disto. A *Coisa*, a *Entidade*, a *Besta*, o *Ser*, nem mesmo ele pode desamarrar-se das leis impostas pela complexidade do Universo. Nada.

Entretanto, existe uma coisa, *uma única coisa*, que mesmo não sendo capaz de reverter essa lei, pode dar poder contra ela. Essa coisa chama-se *consciência coletiva*.

Porque, além de tempo, era também questão de *crença*.

A coisa serve ao equilíbrio, e o equilíbrio mantém a coisa *lá*, presa em seu mundo, livrando o *nosso* mundo de seus atos e pensamentos mundanos. Mas nós, com nossa mania de distorcer o correto, de modificar o normal, de anomalizar a natureza e seus ciclos, damos à coisa o *poder* de livrar-se das correntes que o atrelam ao seu nêmesis. E esse poder chama-se *horário de verão*. Porque nada mais é o horário de verão do que uma *distorção* do tempo. Durante

séculos a Entidade tenta, a todo custo, invadir nosso mundo. Colonizá-lo. Moldá-lo. Dizimá-lo. Imparcial, a balança do tempo, o equilíbrio universal, dá a ele somente vinte e quatro horas de cada dia para infringir contra o véu da realidade seu poder, e dotado de imensa gana destrutiva, a Coisa investe violentamente contra o fino tecido que é a realidade paralela de seu mundo e do nosso. Com todo seu ódio natural e sua repulsa comum, ele rasga um pequeno pedaço da nossa realidade. Ele vê a Terra, vê as pessoas, vê a imensidão daquele lugar, e o quanto pode ser *seu*, o quanto pode destroçá-lo a seu bel prazer. Mas a balança é *implacável*. Ao findar o ciclo, ao zerar-se as vinte e três horas, cinquenta e seis minutos e quatro segundos, o equilíbrio impõe sobre a Coisa suas condições inflexíveis, e *arranca-o* de seu devaneio e de seu rasgo recém-aberto, de sua janela. Ela se fecha, e novamente o equilíbrio o mantém em seu mundo. E novamente a Besta se põe em sua missão de furar nossa realidade e *atravessar*. Mas ela nunca consegue. Nunca conseguirá. Porque o equilíbrio é inclemente, inexorável e impiedoso. Ele sempre o impede ao fim do ciclo.

Eis que o homem distorce o tempo (“ninguém pode ficar alterando a ordem natural das coisas...”) e inconscientemente, cria uma brecha para a Coisa. “Adiante o relógio uma hora, economize energia, aproveite a luz do dia”... e então essa hora roubada é jogada para *outro dia*. Não um dia qualquer, mas o terceiro domingo de fevereiro, exceto nos domingos que coincide com o Carnaval, sendo então o domingo seguinte. Recupere a hora perdida desse dia, atrasando o relógio *uma hora*.

Uma hora. O bastante para que a coisa, em seu ritmo frenético de cólera, termine de perfurar o tecido da realidade. Rasgá-lo, por fim. E atravessar. Entrar no nosso mundo. E uma vez aqui, não volta. Porque o equilíbrio não a alcança.

Pode-se perguntar: o que isso muda no ciclo? A hora subtraída do início do horário é apenas empurrada para outro dia. A distorção é corrigida. Temporalmente falando, o ciclo não muda, afinal. A Terra não para de girar para recuperar essa hora! As vinte e três horas, cinquenta e seis minutos e quatro segundos ainda regem as coisas no período universal, não é?

E eu digo: sim, está correto. E é aí que a *consciência coletiva* entra.

Nada muda. Os dias são sempre iguais. O sol nasce no mesmo ponto do ciclo, mantém-se no céu por certo intervalo e se põe no ponto correto. O que dá a coisa o poder de passar? A *crença*. Mesmo o horário de verão não alcançando todo o Brasil, apenas no estado de São Paulo já são mais de *quarenta milhões* de pessoas. Soma-se a isso os outros estados do Sudeste, do Sul, alguns do Centro-Oeste e do Nordeste, e pronto. Milhões. Todas, *todas vivendo sob a influência do horário modificado*. Todas adiantam seu relógio. Todas sentem que perdem uma hora do dia quando o horário começa, reclamam da noite curta e do céu escuro

quando acordam cedo. Todas sentem a hora recuperada quando o horário termina, todas veem o dia ficar uma hora mais longo, todas passam duas vezes pelas onze horas da noite. E isso age em suas mentes. Fazendo-as *crer*. São usadas.

No fim, o pensamento cresce coletivamente como uma epidemia. E a Coisa *sente isso*. Sente que há algo fora do normal, algo que dá a ela confiança. Esperança. Uma hora a mais. *A mais*. Mais do que o necessário.

Bem mais que o necessário.

Obviamente, enquanto eu pedalava velozmente em direção à casa de Carlos, eu não podia *imaginar* que esse fosse o motivo. Mas dentro do meu peito eu sentia o que aconteceria. E não precisava entender para perceber a gravidade daquilo.

A coisa sairia. Estava próxima. Próxima *demais*.

Uma onda de choque se espalhou pela minha perna quando chutei o portão da casa de Carlos, mas ignorei-a completamente. Berrei por ele antes mesmo de alcançar a jabuticabeira. O grito ecoou pela mata e espantou um bando de pequeninos pássaros verdes que descansavam em uma árvore. Voaram para longe, soltando grasnados agudos, até desaparecerem entre os galhos. Sequer olhei para eles. Gritei por Carlos de novo.

A porta se abriu lentamente. Era ele atrás da pequena fresta, eu sabia. No começo, pareceu que não colocaria os pés para fora. Tentei mandar-lhe uma mensagem, pensando com força “ELE SAI AMANHÃ”, mas o máximo que consegui foi sentir mais dor de cabeça.

Ele viu meu olhar e saiu fazendo uma careta horrenda.

— Cara, se for fazer isso, treina antes! Cê quase explodiu minha cabeça...

— *É amanhã!*

— Como?

— É amanhã! *Amanhã! A coisa sai amanhã!*

Coloquei as duas mãos nos ombros dele. Encarou-me incrédulo, o queixo querendo pender da cabeça, mas apertou os dentes para segurá-lo.

— Cê... tá falando sério?

— Absolutamente. É amanhã, tenho certeza. Certeza absoluta!

Seus olhos faiscaram. Ele desviou o olhar, e seu corpo oscilou, enviando

pelos meus dedos ondulações de energia. Sacudi-o.

— Droga Carlos, será que você não me ouviu...

— Mas como...

— O horário de verão, Carlos! É o *fim do horário de verão*! Você se lembra quando sua avó começou a sofrer aqueles surtos? Foi um sábado, choveu bastante e nós trouxemos você para cá, de carro... eu tenho certeza que foi naquele dia que tudo começou, e tenho certeza que foi naquele sábado que tive meu primeiro pesadelo, e posso afirmar com toda certeza que Samuel também teve o mesmo sonho! Porque o que faz essa coisa vir pra cá é o *horário de verão*!

Ele ainda me encarava, aturdido.

— Lembra como ela não gostava do horário de verão? Lembra como ela sempre tocava no assunto?

— “Não se pode mexer...”

— “... na ordem natural das coisas”, isso mesmo, isso mesmo! Era isso que ela queria dizer! Era isso!

Carlos olhou para o chão, surpreso, e eu pude ouvir sua mente se felicitar ao mesmo tempo em que se autoflagelava por não ter percebido aquilo *antes*. Antes que a avó tivesse perdido a luta.

— Então era isso... *o dia*... um dia que a gente *iria saber*... como você percebeu isso, Paulo?

— Eu não sei, cara, não sei, só sei que tava assistindo televisão e daí o cara falou que o horário de verão terminava amanhã, então, eu meio que senti que esse era o dia... eu juro que não sei explicar... não sei mesmo. Mas tenho certeza. Certeza absoluta!

— Você é um filho da puta de um *gênio*! — gritou. Moveu-se rapidamente em minha direção, enlaçou meu corpo na altura da barriga com ambos os braços e me ergueu do chão com facilidade. Jogou-me sobre o ombro e começou a correr e gritar pelo quintal.

— Amanhã! Vamos pegar você, seu desgraçado! É amanhã! Espere pela gente, e você vai ter o que merece!

Não conseguia falar devido à pressão no meu estômago, e queria pedir a ele que me colocasse no chão, pois estava machucando, mas *ao mesmo tempo* eu estava maravilhado com aquilo, com aquela felicidade mesmo por um motivo que na verdade deveria despertar terror e apreensão. Não queria reclamar daquilo, daquela proximidade... e inconscientemente eu soube que o amava, e de uma forma tão complexa que eu mal entendia. E a incompreensão foi tão grande que eu não pensei naquilo. Tínhamos um problema para lidar. E não sabia se sairia vivo depois de tudo.

Ainda assim, aquele momento foi extremamente cômico e singelo.

Quando me largou, apoiou as mãos nos joelhos e respirou ofegante. Fiquei olhando para ele enquanto esfregava a barriga dolorida. Ele riu.

— Droga... por que que eu tô comemorando? — E então se levantou, o sorriso desaparecendo completamente da face. Sua mente irradiava uma energia fria. Arrepiei-me. — Chegou a hora, Paulo...

— É... chegou. O que vamos fazer?

— Vamos fazer o que a gente tem que fazer. Tá pronto?

— Não sei. Acho que sim.

No fundo, não estava.

Liguei para Samuel. Imediatamente contei-lhe a descoberta. Em resposta, silenciou-se do outro lado da linha.

— Samuel? Samuca? Tá me ouvindo? É amanhã, cara. Cê tá entendendo?

Quieto.

— É amanhã, quando der meia-noite. É nessa hora que ele vai sair. Chegou o dia, cara. Agora, é com a gente. Tá me ouvindo?

Silêncio. Temi que ele já não estivesse mais *ali*. Que a coisa, de alguma forma...

— E foda-se se você não leu a porra do livro. Teve tempo pra isso, agora é tarde.

Soltou um longo suspiro. Ainda estava ali, por Deus.

— A gente precisa de você, Samuca, cê tá ligado né? Tripé, cara, Tripé de Força. Você é a terceira perna, velho... se você não for com a gente, não adianta nem a gente ir.

— Eu... eu... — gaguejou do outro lado, com a voz grossa. — eu... você tem certeza que é amanhã? Porque se não for, eu não quero nem imaginar *quando for*, porque eu não quero sentir tanto medo de novo...

— Eu... tenho certeza... — falei, mas o questionamento de Samuca me fez sentir pequenas pontadas de dúvida no peito, e um aperto na barriga que até então era inédito. — Eu também tenho quase certeza que se a gente procurar na internet agora as datas daquelas fotos... tenho certeza que vai bater com vários horários de verão de anos atrás. Então *você* é um gênio, porque a gente tava no caminho certo, só não pesquisou tudo o que podia. Mas tem que ser amanhã.

Não existe outro dia pra isso.

— Por que ela simplesmente não disse que ia ser nesse dia?

— Como é? — perguntei, tentando absorver aquela pergunta tão repleta de razão.

— Por que ela apenas não falou, ou escreveu no diário: “toda vez que termina o horário de verão, essa é a hora da treta”? Por que ela não fez apenas isso? Por que ela nos deixou com essa dúvida o tempo inteiro?

Respirei fundo, tentando encontrar uma resposta.

— Talvez ela quisesse que a gente passasse por isso tudo, ok... — continuou ele. — Não foi nada legal da parte dela, mas, nunca se sabe... a gente devia passar por isso né, pra ficar preparado? Sofrer, morrer de medo... perder coisas que a gente gosta...

Parou.

— Não acho que seja isso, Samuca — falei, a garganta travando, a vontade inconsciente de chorar subindo pelo meu peito. — Se ela não fez uma coisa assim tão simples como essa, provavelmente era porque ela não podia. Ele não deixava. Só isso.

Em silêncio de novo, e dessa vez mais longo, opressor. Vazio.

— Você vai, né? Você vai com a gente. — Dessa vez quase sem perguntar. Afirmando mesmo.

— Eu vou sim. Prometo que vou.

— Tá certo. Valeu.

Desligou. Por várias horas até o momento em que nos encontramos no campo gramado, no dia 25 de fevereiro de 2012, eu duvidei que Samuel realmente fosse nos ajudar a enfrentar a coisa. Seu medo era abissal. Mas no dia seguinte, às 11h00min, por Deus, ele estava lá.

Capítulo XXII

A chave

A batalha de verdade iniciou-se na noite do dia vinte e quatro, quando tive que mentir novamente para meus pais. A batalha *dentro de mim*.

Quando cheguei do meu encontro com Carlos, encontro marcado pela alegria insensata da descoberta do dia fatídico e do reconhecimento inconsciente do sentimento que eu nutria, encontrei meus pais extremamente nervosos na sala de casa. Levantaram-se logo quando cheguei, questionando por que saí tão desesperadamente e sem avisar, e principalmente *onde estive* durante aquele tempo. Prefери acalmá-los ao invés de discutir. Disse que tinha saído para dar uma volta de bicicleta com o Samuel, e depois pisquei de leve para minha mãe.

Ela captou rapidamente o recado. “Ah, o presente!”, pensou, com tanta força que eu pude *ouvir* as palavras, como um apito de futebol no meio da minha cabeça. Ela própria passou a tranquilizar meu pai, que parecia desconfiado de mim. Durante o almoço ele me encarava a cada minuto. Algo no rosto dele me incomodava. Ele me olhava prestando mais atenção do que eu gostaria que prestasse. Seus pensamentos chegavam até mim entrecortados e com picos de raiva e incompreensão.

Era em *Carlos* que ele pensava. Estava preocupado com meu “envolvimento” com a estranha morte de dona Mônica, e mais *escondido*, nos pontos mais inacessíveis de seu pensamento, ele questionava o meu *real* sentimento por Carlos. Meu coração saltou quando vi aquela mancha azul escuro que se modelava e remodelava, subindo para um tom púrpura e depois se avermelhando, até voltar ao azul escuro. Era a dúvida. O questionamento. Percebera antes de mim meu sentimento e se perguntava se aquilo era certo ou

errado não só para mim, mas também *para ele*. Isso me levava a crer que ele já suspeitava que eu houvesse reencontrado Carlos e que a saída sem avisar desse dia tenha sido para vê-lo. Tentei imaginar o que fazer para que ele não suspeitasse daquilo pelo menos por enquanto, pois eu conseguia imaginar perfeitamente meu pai ligando para a polícia e dizendo que Carlos tinha reaparecido. Mas no fim não sabia o que fazer.

Passei o resto da noite tentando imaginar qual desculpa daria para estar fora de casa no sábado. E o problema na verdade não era inventar uma mentira tola do tipo “vou dormir na casa do Samuel”, que foi o que eu tive que falar para ele antes de sair no dia seguinte. O que atribulava minha mente era a possibilidade de *morrermos* naquele confronto, e então toda a mentira cairia diante dos meus pais, e o que é pior, viveriam o resto de seus anos amargos imaginando o que de *fato* fazíamos antes de morrer.

Pensar nisso não me ajudava. Imaginei que se morrêssemos, resultaria na vitória da Coisa, então por fim todo mundo morreria. Seria apenas um detalhe.

Quando o sábado amanheceu, levantei e iniciei os “preparativos”. Acomodei confortavelmente na minha mochila os livros que Carlos me emprestou, assim como o envelope com as fotos. Peguei uma garrafa grande de água também, pois teríamos muito trabalho debaixo do sol para desenhar a chave de Salomão, alguns pacotes de biscoito que minha mãe guardava no armário, para enganar o estômago, e roupas, para simular que passaria a noite na casa de Samuel.

Não me passou pela cabeça que ligariam para lá horas mais tarde.

Depois, desci até o jardim e, com uma pá de jardinagem, retirei da terra com todo cuidado o pequeno broto de oliveira, cujo verde claro singelo que anteriormente me transmitira tanta tranquilidade agora só me fazia lembrar a missão terrível que eu teria naquela noite. Guardei-o dentro de um saco e coloquei-o devagar na bolsa. Respirei fundo.

Entrei em casa e me preparei para a mentira.

Eles tomavam café da manhã. Meu pai estava de folga e não tinha aula no curso de inglês da minha mãe. Chamei-os, com a voz embargada.

— Mãe, pai, posso dormir na casa do Samuca hoje?

Olharam-me com dúvida.

— Depois do que você fez comigo ontem? — perguntou minha mãe. —

Não se sai assim sem avisar. Você só tem doze anos. E se alguma coisa acontecer com você?

— Mas mãe... — resmunguei. Pensei que ela facilitaria para mim, visto que tinha entendido a piscadela referente ao “presente” do meu pai. Presente que eu nem tinha comprado.

— Pode deixar ele ir.

Era meu pai. Bebia uma xícara de café sem olhar para mim.

— Vai deixar ele ir? Agora?

— Sim, querida. Deixa ele... aproveitar o final de semana, né filho?

Olhou para mim e sorriu de leve. Um sorriso que eu nunca o tinha visto dirigir a mim, ou aquele tipo de sorriso sereno que se mostra apenas a bebês, por isso imaginei que com certeza pelo menos uma vez na vida, antes de tudo aquilo acontecer, aquele sorriso já tinha se voltado para mim e eu estava apenas revendo-o, e por isso era tão bom.

Fui até ele e o abracei, com força. Ficou surpreso enquanto meus braços enlaçavam seu pescoço. Minha mãe abriu um largo sorriso. Mas eu queria chorar. E não só porque mentia para ele, não só porque me colocaria em risco naquela noite e escondia isso dele, não só porque aquele poderia ser o último abraço que eu daria em meu pai.

E sim porque sentia, nas profundezas da mente dele, que ainda havia desconfiança. Eu era a isca da sua suspeita. Ele queria ter certeza do lugar que eu ia, e para isso, precisava que eu me entregasse. Aquele sentimento me queimou por dentro. O que eu podia fazer? Não podia adiar aquela ida. Eu tinha que ir encontrar meus amigos, mesmo se meus pais não me deixassem sair. Mesmo que eu precisasse fugir, como Carlos fizera. A coisa não nos esperaria para um duelo. Tínhamos que concluir aquele desafio. Tínhamos que estar lá, esperando por ela, podendo ou não.

Então, resolvi da única forma que eu descobri que podia. Olhei nos olhos dele e disse:

— Eu te amo, pai.

— Eu também... — gaguejou ele. Antes que terminasse, senti aquela mancha azul se recolhendo. Sorri para ele, com os olhos um tanto úmidos. A tempo de que ele não visse nada, fui até minha mãe e a abracei também. Quando disse que a amava, ela respondeu com um beijo no meu rosto.

— Eu também te amo, querido. Incondicionalmente.

Não demorei mais naquela cozinha, pois sabia que choraria. Arrastei minha bicicleta para fora de casa, subi nela e pedalei velozmente em direção à SP-101, em direção à casa de Carlos, em direção ao campo gramado de onde sairia a coisa maldita que ameaçava nossas vidas, com o coração dando

solavancos em meu peito enquanto minhas lágrimas eram levadas pelo vento.

Cheguei em frente ao portão da casa de Carlos exatamente às 11h00min. Ele já me esperava em cima da sua bicicleta velha. Deu para mim um enorme saco de pano com pás e enxadas adaptadas por ele para nosso tamanho. Os cabos estavam mais curtos e com camadas e camadas de fita crepe em volta, para diminuir o atrito da madeira em nossas mãos. Não adiantou muito, no final. Tinha outro saco na bicicleta dele.

Esperamos mais dez minutos até que Samuel aparecesse. O dia estava quente, e ele usava uma camisa regata e um *short* cinza pequeno, que o deixava com a aparência risível.

— Vai assim mesmo? — questionou Carlos, sério.

— Vou, qual o problema? — respondeu o gordo, com a voz afinando. Já estava apavorado. — Tá um puta calor, cê acha que vou o que, de moletom?

— Tá certo... eu tô levando meu agasalho na mochila.

— Eu também — falei.

— À noite vai tá frio. Depois não diga que não avisei.

— Vai se foder.

Carlos esticou o dedo médio para ele e tocou a bicicleta para a frente. Seguimos ele.

Desci aquela estrada de pedras arredondadas e escuras com um misto de medo e ansiedade, uma coisa que fazia meu estomago e meus intestinos se retorcerem, a perna formigar e o corpo parecer mais pesado do que o normal. Olhava para Samuel e via nele os mesmos sintomas, porém dez vezes mais forte.

As mãos pressionando o freio para suavizar a descida pareciam dormentes.

Carlos demonstrava muita frieza. Pedalou até mesmo nas descidas, e várias vezes corremos o risco de cair naquelas pedras polidas. Se alguém quebrasse um braço ou uma perna (ou um pescoço!), todo mundo estaria frito. Todo o mundo. Era como se houvesse nele uma ânsia pelo confronto, pela batalha com a coisa, como se tudo fosse apenas uma questão de acertar as contas, e não de proteger aquele mundo que tínhamos, único que conhecíamos e que fazia sentido para nós. Tive medo que aquela fúria, pois era isso que era, nos prejudicasse no final. Que não o permitisse fazer sua parte direito.

Chegamos até o ponto onde a estrada acabava e começava o matagal.

Escondemos desnecessariamente nossas bicicletas debaixo de alguns galhos secos e folhas, e marcamos o lugar com algumas pedras. Avançamos a pé, com o sol queimando nossas cabeças e os mosquitos se chocando contra nossos rostos. A calmaria no ar e no céu eram angustiantes, um silêncio sólido, como se todas aquelas árvores atrás de nós e o capim verde e alto, e os mosquitos, sapos, grilos, besouros e toda espécie de ser naquela parte do mundo, toda aquela natureza e o ar parado e as nuvens fizessem “shhhhhhh... são eles... vejam... são eles...”.

Os loucos. Os ensandecidos. Os que não têm a menor ideia de *quem* querem enfrentar.

Ao chegarmos ao gramado, contemplamos atônitos aquela imensidão. Tive que cobrir meus olhos com a palma da mão, pois a luz do sol era intensa. Samuel soltou um resmungo. Sua pele já estava ficando vermelha. Carlos enfiou a mão na grande bolsa que carregava e tirou um tubo branco com tampa. Espirrou parte do seu conteúdo na palma da mão e passou o tubo para mim. Era filtro solar fator 100.

Olhei para ele sorrindo.

— Passe no corpo — disse, amargamente. Despejei um pouco nas mãos e fiz o que ele recomendou. Passeio para Samuel e ele fez o mesmo.

Carlos puxou um boné da mochila e jogou-o sobre a cabeça. Estava mesmo preparado. Meteu a mão no bolso e tirou o que parecia vários papéis dobrados. Desdobrou-os, revelando três folhas brancas.

— É o desenho da Chave. Igual pra todo mundo. Tá marcado aí a parte que cada um vai desenhar. A gente tem até 23h30min, no máximo, pra fazer isso. Vamos lá — disse, e afastou-se de nós.

Eu e Samuel olhamos para o desenho detalhado da chave, com seu grande círculo e as retas cruzadas e os pequenos símbolos em seu interior, e os nossos nomes nas partes que deveríamos desenhar. Depois olhamos para o campo, imenso, e imaginei, assim como Samuel, que nunca conseguiríamos fazer aquilo em menos de dez horas.

Ao longe, Carlos deu um berro e abriu os braços, indignado.

Começamos a trabalhar.

No início, para fazer os dois grandes círculos que formavam a chave, prosseguimos bem. Com as pás e as enxadas, puxar a grama do chão foi fácil. Não tínhamos certeza se o círculo ficaria exato, perfeito. Carlos havia nos alertado várias vezes que qualquer traço ou qualquer detalhe deixado de lado tornaria a chave inútil. O que nos ajudou foi a forma do campo, que era meticulosamente circular, como se anos e anos do trabalho de dona Mônica e sua família sobre aquele terreno o tivesse modelado para facilitar aquela atividade.

Quando fechamos o círculo já eram 14h00min, meu corpo ardia e meu

estômago roncava. O suor pingava da minha testa e entrava nos meus olhos. Meus tornozelos latejavam como se eu estivesse carregando outra pessoa nas costas, que também beliscavam devido à postura adotada para manusear a enxada.

Samuel parecia mais debilitado do que eu. Suas mãos estavam vermelhas e descascando. O sol deixara em seus ombros sua marca dolorosa. Os olhos estavam apertados como se houvesse pimenta neles.

Já Carlos, mesmo ofegante, labutava como se disso dependesse sua vida. E no fim era isso.

Nossa única pausa foi às 15h00min, quando os traços internos e cruzados da chave já estavam quase concluídos. Sentamos próximo ao capinzal, em um ponto onde o sol pouco atingia, abrimos os pacotes de biscoito e comemos desenfreadamente. Samuel balançava para frente e para trás, sonolento e exausto. Sacudi-o diversas vezes para que não dormisse. Dez minutos depois levantamos, mesmo com as articulações reclamando com agudas pontadas de dor e estalos constantes. Meu pescoço parecia travado. Carlos passou novamente o protetor solar e nós fizemos o mesmo.

Eu sentia cada junta do meu corpo estalar enquanto jogava a enxada para frente e a puxava. Nenhum pensamento corria na minha mente a não ser o medo constante e escuro do que nos esperava dali a algumas horas. Também pensava em meus pais, vez ou outra. Mais em meu pai do que em minha mãe, não sei por quê. Por mais que fosse mais ligado à minha mãe, sentia cada vez mais falta do meu pai ali onde eu estava. Aqueles quilômetros que nos separavam pareciam abissais.

Havia também um maldito desconforto abdominal se aglutinando dentro de mim. Por várias vezes tive que parar e apertar minha barriga com força, pois ela parecia querer explodir. Pensei que com certeza não haveria pior momento para ser obrigado a evacuar do que aquele, e me concentrei, tentando me controlar, até a dor desaparecer gradualmente.

Foi horrível.

Quando fechamos o desenho da estrela interna, o sol já se escondia por trás do mato alto. Às 19h00min, o céu era de um vermelho fogo estonteante, com nuvens dispersas e esdrúxulas, e mais ao alto os tons de azul se mesclavam ao carmim, dando àquele cenário uma atmosfera cálida e reconfortante. Quando nos dividimos para desenhar os pequenos símbolos que detalhavam a chave, o sol já havia partido e o céu era uma campã negra onde somente a lua crescente, um fino e quase oculto C no meio do céu, despontava e jogava sobre nós sua minguada luz.

Os detalhes da chave gastaram menos tempo do que o imaginado, mas

mesmo assim foi trabalhoso recriar aqueles símbolos da forma mais fiel possível. E além de tudo, havia o escuro da noite. Fazer aqueles desenhos apenas com o auxílio da luz de uma lua crescente foi muito difícil. Tínhamos lanternas, é claro, cada um com a sua, mas nada seria melhor do que um holofote de estádio de futebol para facilitar nossa vida ali. Mesmo assim, fizemos, enquanto os olhos lentamente se acostumavam com aquele mundo de trevas.

Terminamos o desenho às 22h58min, com um misto de triunfo e cansaço. Fomos até onde ficavam as árvores e subimos em uma delas, com muita dificuldade, pois a estafa era avassaladora. Samuel não conseguiu subir mais que dois metros, mas eu e Carlos ficamos a quase seis metros do chão, e de lá dava para ter uma ideia do resultado. Ainda pensei que quem passasse de avião sobre nós notaria um enorme desenho de uma grande estrela com várias pontas e recheada de símbolos, imponente e majestosa, desenhada com a terra de onde a grama fora retirada, e só então percebi que no escuro da noite aquele campo gramado seria mais uma das gigantescas manchas negras de trevas que formariam a Terra, e quem pensasse em olhar para baixo não notaria nada além de escuridão.

Pensar naquilo me deixou ainda mais angustiado. Era como se ninguém pudesse ver nosso esforço. Como se estivéssemos nos sacrificando à toa. Lutando de graça por pessoas que sequer imaginariam nossa existência.

— Ficou legal? — perguntou Samuel, abaixo de nós.

Carlos não disse nada, apenas balançou a cabeça, sério. Mostrei o polegar para Samuca e sorri.

— Ficou bom!

Descemos. Só então notei o quanto a noite realmente estava escura. Carlos era apenas um vulto em movimento à minha frente. Samuel, uma presença ruidosa logo atrás. Sua respiração pesada entregava seu receio.

Torci para que meus olhos se adaptassem o quanto antes.

Olhei no meu celular. 23h00min. Mostrei para Samuel e Carlos.

— Onze horas.

— Falta uma hora — disse Carlos. — Vamos nos preparar.

De novo uma onda de desconforto abdominal abateu-se sobre mim. O medo queria me enfraquecer.

Carlos foi até o saco de pano e retirou de dentro dele um grande e grosso pedaço de madeira. Parecia um galho de alguma árvore. Depois, envolveu uma das extremidades com um tecido branco. Fez uma tocha com perfeição, quase como as que se vê em filmes. Tirou uma garrafa da mochila com um líquido translúcido. Embebeu o tecido com o líquido.

— É o óleo consagrado — disse, mostrando-me a tocha. — Cadê seu

ramo?

Abri a mochila e puxei com cuidado o saco zipado onde eu havia guardado o pequeno broto de oliveira ainda com as raízes sujas de terra. Mostrei para ele.

— Parta ele no meio.

— Quê? — perguntei, ao mesmo tempo em que apertava contra o peito o broto envolto no plástico que me dera tanta esperança e força nos últimos dias.

— Tem que partir ele. Vai usar só as folhas. — Ele viu em meu rosto a relutância em quebrar o broto. — Vai ter que sacrificar ele. Sinto muito. O broto protege aquele que o protegeu. Você já o protegeu. Agora é a hora do broto fazer a parte dele.

Diante daquelas palavras, retirei do saco o pequeno e frágil broto, que já devia ter quase quinze centímetros e três pequeninas folhas despontando no topo do fino caule, e com o coração apertado, segurei-o com as duas mãos e separei as folhas do caule. Não aconteceu nada de especial, mas meu peito doeu como se eu tivesse matado um milagre.

Carlos balançou a cabeça, confiante, e eu acenei de volta. Estava chegando a hora.

Samuel envolvia o próprio corpo com os braços. Tremia. Quando começou a ventar, ele tremeu mais ainda. Carlos olhou para ele.

— Vai fazer sua parte? — perguntou, e preendi a respiração, aguardando a resposta de Samuel. Ele olhou para nós e balançou a cabeça, bem rápido. Um aceno repleto de pavor e incerteza.

Olhei no relógio. 23h10min.

O único ruído que se ouvia era o do vento, como se murmurasse, e nossas respirações, que pouco a pouco se tornavam mais audíveis e ofegantes, inquietas, atormentadas pela realidade perigosa que pouco a pouco se aproximava de nós. Uma realidade assustadora, cruel e insana.

Em menos de uma hora, descobriríamos, realmente, o que aquela coisa maligna planejava. Estaríamos lá, esperando por ela.

Capítulo XXIII

A coisa à espreita

— Cara, cê *acredita mesmo* nisso?

Era Samuel. E perguntava apenas por pura tolice. Não havia por que duvidar, seria naquela noite, seria naquela hora, seria dali a poucos minutos.

— Cala a boca, Samuca. Já tá quase na hora. Falta três minutos! — respondeu Carlos, com a rispidez que lhe era inerente, enquanto abria constantemente o isqueiro e encarava o nada, resoluto.

Logo atrás dele, eu me arrepiava a cada sopro do vento em meu pescoço, mas sabia que a maior parte daqueles arrepios era por outro motivo. Enquanto olhava para o pequeno ramo de oliveira na minha mão, pensava em minha família, especialmente meu pai, que de certa forma me enxergara da forma correta e para quem eu mentira logo em seguida. A culpa se remoía em meu peito.

— Tá tudo bem aí, Paulo? — perguntou Carlos, virando o rosto para mim. Estava preocupado, pois sabia que minha parte naquele ritual era arriscada. Sabia que eu estava com medo. Ouvia meu medo.

— Tá, tá sim... tô tranquilo — falei.

Mas era mentira. Eu estava me borrando de medo. Sentei-me sobre as pernas dobradas, quase encolhendo meu corpo para dentro de mim.

— Falta dois minutos. — A voz de Carlos trazia ondas de angustia de apreensão. Samuel gemia de medo a cada frase. Carlos havia iniciado aquela contagem regressiva às 23h30min, e provavelmente não pararia até a meia-noite. Era visível sua gana, sua ansiedade em finalmente enfrentar a coisa que lhe tirara a avó de forma tão violenta. Entre nós três era o único que esperava, que *ansiava*

pela criatura sem nome que invadiria nosso mundo em busca de destruição. Samuel evidentemente preferiria estar longe dali, mesmo ciente do perigo que nossa omissão representaria. Quanto a mim, estava dividido entre minha reconhecida obrigação e o medo de não sobreviver àquilo. De não rever meus pais.

— Falta um minuto — falou Carlos, e eu senti sua voz tremendo um pouco.

— Porra, cara, cala essa boca! — gemeu Samuca. — Cê só tá piorando as coisas, meu! Cê tá vendo que eu tô me cagando de medo, caralho!

— Agora não é hora pra ter medo. Você sabia o que tava por vir. Tá aqui por vontade própria — falou Carlos, aquele jeito sério de falar que machucava.

Os olhos de Samuel reviraram dentro da cara gorda.

— Como é que é?! Tô aqui por vontade própria?! — berrou Samuca, a voz mais fina do que o normal — Eu tô aqui porque foi *você* quem veio choramingando pedindo ajuda! *Você* que tava quase louco e que só num endoidou porque *a gente* foi te ajudar! *A gente* só tá aqui pra não deixar *você* sozinho nessa roubada! Nessa *treta* que *você* arrumou!

O rosto de Carlos fechou-se como se um manto negro fosse jogado sobre ele. Uma lágrima silenciosa rolou pelo seu rosto, o vento a arrancou despretensiosamente e a lançou no meu rosto. Aquilo me despertou, de certa forma. Samuel estava errado.

— Para, Samuca. Você sabe por que a gente tá aqui. Por *quem* a gente tá aqui — falei, e ele gemeu de novo.

— Eu sei, cara, eu sei! — falou choramingando, com aquela voz estridente, só que de arrependimento — Desculpa, Carlinho... é que eu tô com um baita cagaço, véio!

— Quando isso acabar... eu juro que eu quebro essa sua cara gorda. Seu frouxo — falou Carlos, secando discretamente o rosto molhado por uma única lágrima.

— Pode vir que eu te quebro também — gemeu Samuca. Carlos sorriu de leve.

— A gente precisa ficar unido agora — falei — Vai deixar a gente mais forte.

— Eu sei — disse Carlos — Eu que te ensinei isso.

O sorriso não me aliviou por dentro. O vento frio parecia rodopiar entre nós, querendo cortar. Ele trazia nuvens que pouco a pouco se acumulavam em volta da fina lua crescente, única testemunha da nossa pretensão e loucura em enfrentar a coisa. A escuridão total partira assim que os olhos se acostumaram com a cor da noite. Podia ver cada um dos meus amigos em suas posições, o que

de certa forma não me tranquilizava. Apesar de estar com os dois, me sentia só, isolado, como se não estivessem ali de verdade. Como se houvesse só eu, o broto e o medo.

Estava *próximo*, e como eu sentia! Cada pelo do meu corpo estava eriçado, como espinhos minúsculos cravados na minha carne. Cada centímetro de mim estava sensível como que queimado, suscetível à chegada daquele ser.

Olhei o relógio.

23h59min48seg.

Fechei os olhos com força. Sei que Samuca e Carlos fizeram o mesmo, com sentimentos diferentes.

23h59min49seg.

O ramo jazia frio na minha mão, e eu o apertei com o máximo de fé que eu tinha.

23h59min50seg.

Samuca deu outro apertão nos braços, e eu sabia que aquilo devia estar doendo.

23h59min51seg.

Carlos respirou fundo. Soltou o ar, uma nuvem de fumaça saindo pela boca. O tremor era de medo.

23h59min52seg.

O isqueiro prateado despontou na mão direita, e o polegar se posicionou sobre a tampa, puxando-a, um movimento que havia ensaiado por meses.

23h59min53seg.

Estava perto. *Muito perto.*

23h59min54seg.

Quase na hora.

23h59min55seg.

23h59min56seg.

23h59min57seg.

Três segundos.

23h59min58seg.

Dois segundos.

23h59min59seg.

Um segundo.

É agora.

23h00min00seg.

E foi como se nada fosse acontecer. O vento continuou forte, nos obrigando a contrair nossos músculos com rigidez, os dentes chocavam-se uns contra os outros espontânea e dolorosamente. O céu permaneceu em sua

constante mudança, as nuvens dançando em volta da lua numa pulsação constante, como se desaparecessem e reaparecessem transmutadas segundos depois. A lua continuava fina e medíocre, cravada naquele firmamento negro sem estrelas com uma débil insignificância. Naquele momento, milhões de relógios no país inteiro marcavam 23h00min25seg, alguns previamente atrasados pelos que dormem cedo ou pelos que sabiam que não se lembrariam de alterá-los no momento certo. Mas isso não importava, o que era relevante naquilo tudo era o fato de que naquele momento o dia vinte e cinco de fevereiro ultrapassara suas vinte e quatro horas permitidas e caminharia normalmente para as vinte e cinco *horas*, certo como o sol nasceria no dia seguinte.

Isso, claro, se nos saíssemos bem naquele terreno gramado. Naquela armadilha.

As horas no meu celular se modificaram automaticamente; encarei aqueles dois pontos que pulsavam entre as horas e os minutos, contando-os quase compulsivamente, imaginando naquilo uma contagem regressiva para a chegada da coisa. Esperando aquele susto repentino. contei cada piscada daqueles pontos, e quando já eram 23h02min, comecei a sentir as pernas formigando. Me levantei devagar. Samuel tremia batendo os dentes a uns cinco metros à minha esquerda. Carlos estava a nossa frente, pouco mais de três metros distante, e praticamente no centro do enorme círculo que formava a chave.

O vento desacelerou, diminuindo o ruído até um ponto onde eu conseguia ouvir a respiração e os gemidos constantes de Samuel. Ele olhou para mim com a boca curvada para baixo e as sobrancelhas contraídas.

A voz de Carlos veio trazida pelo vento.

— Alguma coisa de anormal aí?

— Não — falei, olhando ao redor, para aquelas árvores altas que nos cercavam e para o matagal à direita. — Nada por enquanto.

— Fiquem de olho... o portal pode abrir em qualquer ponto do terreno...

— Eu tô falando, cara... — Samuel, lamuriando-se. — *Não vai ser hoje...* por favor, me deixem ir embora...

— Paulinho, tá sentindo alguma coisa?

— Não... na verdade, só frio.

— Tá muito estranho... nada tá acontecendo... — Carlos cochichava, ainda com a tocha apagada erguida, mas com as pernas mais afastadas e andando devagar para trás, para perto de mim.

— Cara, cês tão me ouvindo?

— Acho que ele ainda não saiu.

— O quê?

— *Ainda não saiu...* deve levar um tempo pra terminar de abrir a porta... mais do que o tempo que já passou, pelo menos...

— Véio, eu tô falando... a gente tá aqui à toa...

— Ou então...

— Então o quê?

— Quer pegar a gente desprevenido.

Minha garganta endureceu com aquela frase.

— Gente, eu não tô aguentando, eu vou mijar na cueca aqui...

— Cala essa boca, Samuel!

— Mas que droga...

— Tá ouvindo isso?

— Para de choramingar, pelo amor de Deus, cara! Você tá atrapalhando, porra...

— Eu não tenho *culpa*, cara!

— Cês tão ouvindo isso?

— O quê?

— *Oh meu Deus...*

— Ouviu?

— O quê? Eu não ouvi nada...

— Ouve, ouve...

— *Onde?*

— *Ai meu Deus eu tô ouvindo! Ai meu Deus, ai meu Deus...*

Um ruído estranho e farfalhante veio crescente da floresta à nossa esquerda. Algo balançava aquelas árvores com força, e mesmo naquela escuridão pudemos ver suas copas se sacudindo, trazendo um sussurrar assustador que me fez tremer. O som crescia, *vivo*, aumentando em *nossa direção*. Samuel começou a se distanciar de onde estava, passou por trás de mim e ficou lá, se escondendo nos meus ombros. Carlos olhava para o alto com os olhos arregalados, a tocha erguida e a mão fechada ao redor dela. O isqueiro estava preso em seus dedos, imóvel. O som fazia nosso peito vibrar por dentro. Crescia de tal forma que eu sentia que meu corpo se enchia daquele som, como um saco plástico se enche de ar até certo limite e explode. Era ensurdecador, era terrível!

Um grasnado retumbante atingiu nossos ouvidos e pareceu nos encolher quando centenas de corvos despontaram dos topos das árvores e voaram desordenadamente pelo céu escuro. O som desafinado e cortante daqueles pássaros ferrou nossos tímpanos. Samuel quase caiu no chão. Carlos instintivamente cobriu a cabeça com a mão, sacudindo a tocha apagada. Os corvos atravessaram todo o terreno, gritando exacerbados e escandalosos, o som

das asas batendo umas com as outras e criando uma avalanche sonora indescritível. O bando se distanciou, os últimos chocando-se uns nos outros, em voos desordenados e desesperados. Desapareceram sobre o capinzal, o grasnar encolhendo e gradativamente desaparecendo na imensidão da distância que deixavam entre nós. Quando nenhum som mais era perceptível, nossos ouvidos zuniam.

Foi quando sentimos a mudança do vento. Ele havia *parado*, em algum momento que não podíamos ter percebido ante a confusão de aves que nos sobrevoavam. De repente havia uma calmaria incomoda, uma espécie de bafo quente que subia *da* terra. O suor brotava da cabeça de Carlos. Foi então que percebemos por que aqueles pássaros haviam fugido de tal forma.

Eles *sabiam*. A coisa estava à espreita.

Saindo.

A noite repentinamente pareceu ainda mais escura, a lua desapareceu entre nuvens carregadas e a única coisa que havia ali era o vento quente em nossos rostos, como um hálito. Olhava desesperado ao redor, mas não via nada com clareza. As árvores se tornaram manchas distantes e até mesmo o capinzal parecia agora apenas um borrão preto. Meu corpo vibrou e minha cabeça rodopiou; sentia como se flutuasse na beira da realidade, onde qualquer coisa parecia possível. Eu entenderia aquela oscilação logo em seguida.

Ouvimos um ruído espectral e atroz. Invadiu nossas mentes com fulgor. Era um ruído parvo, indescritível e indubitavelmente familiar. O som de algo sendo *rasgado*. Carlos virou-se para mim com os olhos vidrados.

— Está *saindo*! Ele está abrindo a...

E de repente aquele chão gramado tremeu, uma sensação horrível de instabilidade física que eu só havia sentido no dia que dona Mônica foi morta. Foi impossível ficar de pé. Meus olhos se moviam para todos os lados, procurando o foco daqueles ruídos. Precisávamos saber o lugar exato em que aquilo acontecia, ou então o perderíamos.

Minhas pernas se embolaram e eu caí com os joelhos no chão. Abri meus braços para proteger meu rosto da queda. As mãos atingiram o gramado e eu senti tudo sob mim virando pedra: as mãos arderam como se eu tivesse atingido o asfalto fervente. Esfolei meus joelhos nas folhas da grama, que pareciam minúsculas lâminas. Pequenas lágrimas brotaram nos cantos dos meus olhos. Quis chorar como uma criança, mas me contive.

Por pouco tempo. Abri as mãos diante do meu rosto e percebi que não segurava mais o broto.

Meus lábios tremeram no mesmo instante, assim como o chão sob meus pés, que continuava instável e descontrolado. Não conseguia ver meus amigos, não sabia se estavam perto de mim, se tinham caído ou se continuavam de pé. Não podia ver se a coisa já tinha saído. E o que era pior: o broto havia se perdido no meio da grama.

Lancei meus joelhos no chão e minhas mãos se agarraram à grama. O som ao redor ainda era revoltoso e áspero, assim como o vento, rodando e se lançando contra nós com voracidade. Ouvi Carlos gritar para que eu me levantasse. A urgência em sua voz era histérica. Gritei de volta, não lembro bem o que, algo como “Calma!” ou “Espera!”, e eu senti que ele me via tateando pelo gramado em busca do broto que eu havia perdido. Imaginei sua face de decepção e o desespero incrustado no olhar. A voz de Samuel vinha entrecortada, como se o vento a levasse para outras direções que não a nossa. Ele berrava de pavor.

E eu não conseguia encontrar o broto.

Uma forte sensação de angústia preencheu meu peito. Eu conhecia aquilo. Já a havia sentido: quando dona Mônica se virou para a janela naquele dia chuvoso em outubro e disse para nós, com a voz grossa, “sem histórias por hoje”; quando a velha com mais de setenta anos se pendurou no teto e rosnou com os dentes cheios de restos de insetos; quando ouvíamos aquela voz áspera e terrível que não era a dela atingindo nossos ouvidos com maldade latente; quando a casa inteira parecia revoltada contra nós, os objetos nos atingindo como se tivessem vontade própria.

Quando o corpo da avó de Carlos se projetou contra o teto e o chão diversas vezes até não haver mais vida nele.

Era a *coisa*. Estava saindo.

E sabíamos disso porque ela fazia *pressão* não apenas na realidade como também em nossas mentes. Era impossível perceber naquele momento de terror puro, mas a coisa cutucava nossas cabeças por dentro com sua simples *existência*. Cada segundo mais próximo daquela presença expunha gradativamente nossas *consciências* a perigos indescritíveis.

O ofício daquela coisa era enlouquecer. E ela *queria fazer isso* conosco.

O desespero havia tomado conta de mim. Minhas mãos tremiam passeando sobre o chão seco e estranhamente quente e eu não encontrava em nenhum lugar o tão raro broto de oliveira de quem cuidei por dias e que em um rápido descuido deixei se perder na escuridão. As lágrimas escorriam silenciosas pela minha face, assim como as gotas de suor que irrompiam da minha testa. Eu estava prestes a murmurar impropérios desconsolados dirigidos à minha sorte e ao inocente broto quando senti duas mãos se apoiarem nos meus ombros.

Carlos aproximou a boca da minha orelha. Ele ofegava e também suave.

A pressão de seus dedos nos meus ombros era torturante e me trouxe de volta à realidade.

— Fique calmo! — disse, pausadamente, uma palavra por vez, entoadas com uma confiança confusa.

Respirei fundo, engolindo o choro que se acumulava na minha garganta e sentindo o gosto de lágrimas nos lábios. Fechei os olhos com força, apertando-os tanto que senti minha cabeça girar. Eu *tinha* que encontrar o broto. Tinha que *encontrá-lo*!

— Deixe que *ele* te encontre — disse Carlos, enquanto o chão tremia e Samuel gritava em algum ponto perto de nós. — Um de cada vez...

Ele me soltou e eu caí no chão, o rosto grudado ao solo, à grama abrasadora. A Terra parecia me sugar para baixo, me puxar para ela, de volta ao pó, de volta as cinzas da existência. Ela já não tremia mais. Havia apenas um vazio onde eu parecia cair.

Abri os olhos, uma bochecha colada ao chão, e o broto estava ali, diante do meu rosto, caído na grama, intacto, se misturando aos tons de escuridão que a noite impunha a tudo. Agarrei-o com uma mão, buscando sentir de novo a força contida nele, mas só senti frio.

Levantei-me preocupado e olhei ao redor. Tudo estava parado.

A Coisa tinha saído.

Demoramos a vê-la, e isso de certa forma nos atrasou perigosamente. A escuridão ao nosso redor e sobre nós era tanta e eu contraía com tanta força a testa que minha cabeça parecia prestes a encolher, implodir. Sem perceber, estava distante de Carlos e de Samuel. Quase não podia vê-los. Levantei com dificuldade, pois as quedas e o tremor de outrora me deixaram cansado e ferido. O calor ao redor aumentava a cada segundo. Junto a isso havia um som assustador, *gorgolejante*, como água fervendo. Virei-me para aquele som, e então eu o vi.

Não existe a palavra que defina o meu pavor quando vi aquela coisa sombria saindo do que parecia realmente um *rasgo* naquela realidade que nos cercava. O ar se preencheu de arestas e dobras intangíveis. Tudo, *tudo em que eu acreditava* simplesmente desapareceu da minha mente. Aquilo era a verdade.

Aquilo era a verdade.

Assim como nos meus mais negros pesadelos, ele tinha braços, centenas deles, saindo de um corpo amorfo, horrendo. Braços nasciam dos braços e mais braços, e destes membros, esqueléticas mãos escuras cresciam e se moviam escabrosamente. E eu só podia ver e saber que eram mãos porque era com elas que o ser abria cada vez mais aquela fenda no nada em nossa frente. O corpo, ou o lugar de onde vinha, não dava para saber, exalava um cheiro maldito e

indescritível. Meu estômago revirou-se. Engulhei diversas vezes, cobrindo a boca e o nariz com a palma da mão. Alguém vomitou a poucos metros de mim, com certeza Samuel. Forcei os olhos e pude vê-lo ajoelhado no chão com as mãos na barriga e a cara quase enfiada na grama. Ele se retorcia por dentro sem sair do lugar. Sua barriga se contraía com tanta força para fora que eu pensei por um momento que tudo o que houvesse dentro dele se espalharia pelo gramado em pouquíssimo tempo. Era a coisa. Ela fazia aquilo. Ela *causava* aquilo. O mataria. Mataria Samuca.

Os olhos da criatura se abriram, e imediatamente me senti *sendo visto* por ela. Encarava-me. Via-me. Olhava por *dentro de mim*, e *através de mim*. Brilhavam rubros e sedentos. Todo tipo de força odiosa emanava daqueles pares de olhos sangrentos. E atrás dele, um turbilhão de formas e forças brilhava e rodopiava, puxando-o para dentro. Eram *outros*, como ele. Espíritos ancestrais, mais antigos que o próprio tempo, de maldade incalculável e pujança soberba, esperando pelo momento em que tivessem *suas oportunidades* de passarem para esse lado. A hipótese quase me arrancou a sanidade.

Ele esgueirou-se bestialmente para fora, ao mesmo tempo em que, com alguns de seus múltiplos braços, atingia com força o que quer que estivesse tentando puxá-lo de volta. As criaturas que o seguiam guinchavam em protesto, em uma espécie de fala cuja audição me deixou pálido e ignóbil. Era um som que não *deveria* existir. Que não deveria ser ouvido. Ele fazia minha mente desprender-se do amparo da razão.

Depois, com os mesmos braços escuros e assombrosos, puxou as bordas invisíveis daquele rasgo na realidade, e com o esforço de um urro áspero e excruciante, que aterrorizaria nossos pesadelos durante anos, ele *fechou* a porta maldita que o continha e o prendia dentro de seu mundo.

Estava livre enfim.

Ele não tinha forma, isso era notável mesmo na escuridão na qual estávamos imersos.

Não sei de onde tirei forças para gritar por Samuel. O som do vento era tão forte como o de uma turbina. Ele batia nos nossos ouvidos, fazendo-os queimar e doer. Mesmo assim gritei. Não sabia se seria ouvido e nem se conseguiria “trazê-lo de volta”. Firmei-me e olhei diretamente para ele, gritando seu nome. Ele tragou uma grande quantidade de ar, seu peito se inflando com

tanta pressão que me fez pensar “*Vai ser agora, vai ser agora, vai estourar!*”. Então ele escarrou e cuspiu duas vezes no chão. Virou seus olhos para mim. Estavam insanos. Derrotados.

Quando o cheiro acre diminuiu de certa forma, pois a coisa ainda trazia um pouco dele consigo, e o vento quente deliberadamente transformou-se em uma tormenta destrutível, fazendo nossas roupas tremerem e pipocarem como uma metralhadora, quase deitando o capim no chão e jogando-nos para cima, finalmente me dei conta do quadro maléfico em que estávamos inseridos. A besta-fera havia *saído*. E em nosso êxtase de admiração e pavor, *nada fizemos* para contê-la. Eu olhava para aquela criatura abismal, pré-histórica e maligna, e mal conseguia mover meu peito para *respirar*. Estava travado.

Naquele momento, quis me matar. É ridículo agora, mas foi o que mais quis. Não posso explicar de outra maneira a ânsia sombria que dominou meu ser: simplesmente quis me matar porque ele tinha saído, e só isso. Era a loucura, a insânia que aquela coisa ancestral trazia, a insignificância que ela nos causava. Sua grandiosidade era tamanha que apenas a morte parecia trazer amparo o bastante para meu desalento. Entendi que viver diante daquela criatura parecia algo fútil. Banal. *Aquilo* era uma *existência*. Aquele ser *era*.

Olhei Samuel com o canto do olho, a cabeça inclinada para o chão e as mãos sobre a barriga, arfante, soluçando, e via claramente sua cabeça separando-se do corpo, decepada por um machado, a lâmina escura se enterrando na dobra branca e despelada atrás do pescoço com tanta força que faria o osso estalar. Ele sequer teria tempo de gritar. O ar sairia por um buraco rubro no meio do pescoço decapitado, o machado atingiria o solo gramado úmido de sangue. Eu já vira aquele machado. Já arrebentara a porta da casa do Carlos com ele, mas nunca imaginei que seria capaz de desejar tanto arrancar a cabeça do meu melhor amigo.

Eu sentia o cabo envernizado em minhas mãos, tão real que eu o apertava e notava as manchas vermelhas do sangue sobre minha carne se movendo. Sentia o peso da lâmina na ponta, preta, afiada, sibilando no ar, e naquela hora não quis apenas decapitá-lo. Quis esquartejá-lo. Desmembrar seu corpo gordo com voracidade. Deitar-me na carne despedaçada e adormecer sobre o calor e o cheiro podre das vísceras no gramado.

Eu quis. *Eu quis*.

A voz de Carlos, quase gutural e recheada de uma fúria incontrolável, foi quem me despertou.

— SAMUEL! A SOMBRA! ME FAZ A SOMBRA! AGORA!

Olhei ao redor totalmente aturdido. Minha garganta se contorceu, pois a cena cruel de meu insano desejo induzido ainda reverberava na minha cabeça.

Quis chorar de novo.

— SAMUEL! A SOMBRA! AGORA! — berrou Carlos de novo.

A única coisa que conseguimos ouvir vinda de Samuel era uma lamuria chorosa e constante:

— *Oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus...*

Ele ainda estava ajoelhado no chão. As nuvens pouco a pouco eram levadas pelo vento potente que rodeava aquele terreno e a luz discreta da lua o iluminou. As mãos estavam sobre a cabeça, forçando as orelhas e fazendo-o esbugalhar os olhos. A boca estava escancarada, e seu rosto era uma carranca de pavor e covardia astronômicas. Não olhava para a coisa, mas parecia ciente de que, se olhasse, enlouqueceria.

— SAMUEL! A SOMBRA! PELO AMOR DE DEUS!

— *Oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus...*

— Samuel! Olha pra mim! SAMUEL! —gritei, já desperto do devaneio ridículo em que me meti e ciente de que fora instigado pela coisa. Minha voz parecia inútil no meio daquela tormenta, mas eu precisava despertá-lo daquele horror abissal.

Foi inútil. Olhar Samuel daquele jeito foi pior do que vê-lo ter a cabeça arrancada por mim na minha mente. A boca aberta estava tão distorcida e arreganhada e sua voz saía tão fina e desesperada que eu achei que o perderíamos. Que mesmo se sobrevivêssemos, Samuel não conseguiria. Ele morreria.

Ou pior. Ele não seria mais *o mesmo*.

Com o pouco de atenção que a situação me permitia, percebi que a Coisa parecia desorientada. Ela rodava em círculos e movia os braços de uma forma bizarra, como se não tivesse qualquer tipo de articulação, e de fato ela não parecia ser formada por nada que eu pudesse reconhecer como sendo *deste mundo*. Era um movimento que incomodava.

Ela começou a rodar e sobrevoar a área onde surgira, parecendo tentar reconhecer o lugar onde se encontrava. Como um cão perdido, sua “face” se virava para as árvores e das árvores para o gramado, e dele para o céu, e a cada movimento seu corpo se modificava e se transformava incompreensivelmente. Era incrível e horripilante perceber o quanto a simples visão daquela coisa parecia capaz de enlouquecer e amedrontar. Eu forçava meus olhos para que não olhasse, não *contemplasse* a criatura, mas alguma força ridiculamente irritante me obrigava a virar e olhá-lo novamente.

E cada vez que meus olhos fitavam a criatura eu sentia uma lasca da

racionalidade se desprendendo. Minha boca salivava. O suor escorria da testa, do peito, da virilha. Minha cabeça girava. Um calor inoportuno se alastrava do meu púbis. Sentir aquilo era sujo e me deixava constrangido, como se todo o universo me julgasse.

A coisa rosnava, rugia e se movia com uma rigidez extremamente apavorante.

Ela deu a primeira investida contra a Chave de Salomão inconscientemente, sem parecer se importar, provavelmente pensando que estava livre de fato; que ninguém a aguardava. Seu corpo horrível avançou na direção das árvores, e por um segundo Carlos estendeu a mão que segurava o isqueiro na direção da coisa, e eu ouvi sua mente gritar “NÃO!”, tão forte que fez meus tímpanos arderem. Seu rosto de decepção, e ainda ávido pela batalha, não durou muito tempo. Tudo tremeu quando o ser atingiu a parede invisível que nos rodeava.

— SAMUEL! A SOMBRA! FILHO DA PUTA! — berrou Carlos, os olhos voltados para a coisa que pensava em escapar.

O ser se afastou e avançou de novo contra a mata, sem sucesso. Um sorriso tímido brilhou no canto da boca de Carlos. Funcionava. A Chave funcionava.

Pude sentir a revolta da criatura ali de onde estava, provavelmente uns cem metros longe, pois ela quase *cresceu* de ódio. Seu corpo se expandiu e emanou fachos de luzes avermelhadas, que brilhavam e fulguravam de seu corpo. Um som acompanhou isso, um berro da mais pura raiva. Ela avançou ainda mais furiosa contra a floresta. Não adiantou. Voltou-se e tentou outro caminho. Sem sucesso. Uma, duas, três, quatro vezes: seu corpo ia e voltava dos limites do círculo como se houvessem paredes invisíveis à nossa volta. E a cada choque a criatura crescia e emanava ódio.

Em um ímpeto, ela avançou para o céu, voando e se alongando como a ponta de uma flecha na direção da lua que nos espreitava entre as nuvens. Carlos levou a mão à boca, tenso, enquanto eu apenas tremia e tentava trazer Samuel de volta.

— SAMUEL! OLHA PRA MIM SAMUEL! VOCÊ TEM QUE REAGIR! — gritei, pois Carlos agora parecia também terrivelmente assustado. Olhava de Samuel para a Coisa e dela para o amigo de novo, como se pressentindo, com razão, o fim que se abateria sobre nós se Samuel permanecesse em seu estado de torpor. Deu alguns passos para trás e gritou:

— DROGA SAMUEL VAMO MORRER! FAZ A PORRA DA SOMBRA SEU FILHO DA PUTA!

— *Oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus...*

— SAMUEL!

Outro som, como trovoadas, e nos viramos para cima. A coisa acertara algo no alto com tanta força que facho e rastros de luz se espalhavam ao redor, de cima para baixo, como ondulações, e só então notamos o formato da fortaleza que nos protegia: como uma bola de cristal sobre nós, a Chave se erguia magicamente até o céu, fechando-nos com a criatura dentro de algo que parecia uma redoma impressionante e descomunal de energia.

Ela atingiu o solo com um estrondo. Poeira e grama voaram pelos ares, enquanto a coisa se debatia no solo, quase epileticamente, enquanto rosnava e protestava contra aquilo tudo.

Parou. Enquanto a poeira se assentava, vi que o ser claramente nos mirava com seus olhos rubros.

— SAMUEL!

O grito de Carlos, fino e repleto de desespero, fez a coisa se levantar e se avermelhar ainda mais.

Ela nos notara. Finalmente *nos notara*.

— DROGADROGADROGADROGA...

— SAMUEL! ELE TÁ VINDO! PELO AMOR DE DEUS!

— *Oh meu Deus oh meu Deus oh meu Deus...*

— SAMUEL, OLHA PRA MIM! FAZ A SOMBRA! PELA NOSSA AMIZADE DROGA!

— *Oh meu Deus...*

— A SOMBRA! A SOMBRA!

— *Oh meu Deus oh meu Deus...*

— POR FAVOR! *PELO KRATOS, FAZ A SOMBRA!*

Alguma coisa agiu dentro de Samuel naquela hora, pois no instante seguinte ele largou a cabeça e abriu os braços. Seus olhos começaram a virar, como se entrasse em um transe mediúnico assustador. Ficaram vidrados e opacos, distantes. Turvos. Como se estivesse morto.

Ouvi dois zunidos distintos na minha cabeça. Um vinha de Samuca. Era seu “talento”, finalmente, sendo utilizado em um grau que eu jamais poderia imaginar que ele possuísse, pois o vento começou a vir *dele*, com potência, quase derrubando a mim e a Carlos no chão.

O *outro* zumbido vinha da Coisa.

Ela rasgou em nossa direção, rosnando algo, um ruído inarrável, mas repleto de ódio e repulsa. Seu “corpo” se movia desordenado e com uma velocidade incrível. Venceu cinquenta dos cem metros que nos separavam em um segundo. O vento bateu em nossas fronteiras e fez as peles de nossas bochechas vibrarem. O cabelo quase foi arrancado da cabeça. No mesmo instante em que a

fera investiu sobre nós, uma espécie de *escuridão sólida* pouco a pouco nos envolveu, cortando bruscamente aquele vento e qualquer som que viesse dele. Uma escuridão massiva, palpável, como piche. Mexia-se como algo líquido, mas pairava no ar e nos envolvia como fumaça. Era a *sombra* de Samuel, o escudo projetado por sua mente, que se aglutinava sobre nós com velocidade. Carlos desapareceu diante dos meus olhos, engolido pelo negrume. Olhei para o lado e observei Samuel, com os braços abertos e ajoelhado no chão numa pose messiânica bizarra sendo encoberto pelas trevas que ele mesmo produzia. Ele estava lá, e no instante seguinte, havia desaparecido.

Não escutava nenhum som e não sentia nenhum movimento. Foi como se qualquer ramificação nervosa do meu corpo tivesse sido cauterizada. E então eu vi os pares de olhos em minha direção e me dei conta de que a sombra só cobria Samuel e Carlos. Lembrei que aquilo era parte do plano.

“Deixe que ele te encontre. Um de cada vez”.

Não tive tempo de reagir. O movimento débil dos meus joelhos se dobrando não significaram nada diante da força incrível daquele ser quando seu corpo me atingiu. Não consegui proteger o rosto ou qualquer outra parte de mim. O corpo quente e fétido da criatura me atingiu com a força de mil elefantes.

E ao mesmo tempo, *nada* me atingiu. Não fui arremessado. Sequer me movi do ponto onde estava. Porque ele não havia se chocado contra mim.

Ele havia *entrado* em mim.

Só percebi quando tentei olhar para meu peito, o ponto onde ele havia *entrado*, e minha cabeça não se moveu. Meu corpo inteiro formigou, como se não circulasse mais sangue por ele, e cada centímetro da minha pele, cada pedaço de carne em volta dos ossos e cada osso branco, cada cabelo e as unhas de cada dedo, meus olhos, meus ouvidos, minha língua e meu nariz, meu coração e o estômago e os testículos pendurados entre as pernas, todo meu corpo estava inativo e fora do meu controle. Eu queria movê-lo, tomá-lo de volta para mim, mas era impossível.

Me senti preso dentro da minha própria cabeça, e depois fora dela, como se me visse do alto, as pernas entreabertas e os joelhos flexionados, os braços travados na altura dos ombros e as mãos fechadas com força. E em volta somente a escuridão, sólida e desoladora.

E caindo. Caindo e caindo na escuridão até finalmente desaparecer.

Era um sonho, só podia ser um sonho, e *era*, porque eu estava longe dali.

Eu estava sentado. Um banco. Macio. Um banco de carro. Era macio, mas sua superfície meio áspera roçava em minhas pernas desprotegidas e provocavam uma irritante coceira. Irritante, mas suportável.

Era um carro e nos movíamos. O ar passava pelo meu rosto. Os tons de cinza confundiam minha visão. Eu estava em um sonho, mas me sentia como se tivesse acabado de acordar. Um banco. Janelas fechadas. Fechadas e úmidas. Cinza. Chovia. Ou chovera, pois o céu era cinza detrás da janela. Cinza, opaco, turvo. O ar saía da minha boca e embaçava o vidro. Minha mão limpava o vidro. Embaçava de novo. Não sei quanto tempo fiquei limpando o vidro. O tempo não pode ser medido nos sonhos. O que me fez olhar para frente foram as vozes.

Alguém dirigia. Um homem. Cabelo preto, escuro, liso. A cabeça se projetava para fora do limite do banco, quase encostando no teto. Alto. Óculos. Barba. Voz média, estridente. Olhares rápidos para frente, para o lado, para frente, para o lado. Uma mulher. Do lado havia uma mulher. Pequena, atarracada. Cabelos escuros. Mãos ágeis. Voz desenfreada. Preocupada. O homem falava com a mulher.

Uma rodovia. Um dia cinza.

Meus olhos pareciam colados. Sentia-me como se não pudesse abri-los completamente. Meus braços se moviam. Nervosismo. Tensão. Medo. Desespero. Pânico. O carro tremia. Tremia porque *eu* tremia. Respiração acelerada. Descompasso. Zumbido. Ar. Queria ar. *Precisava* de ar...

Uma mão caiu sobre a minha. Virei-me.

Mãos enrugadas. Manchadas. Uma aliança no dedo esquerdo. Unhas castigadas. Dedos magros. Articulações grossas.

— Não se mova. Assim vai acordar.

Dona Mônica sentada do meu lado. Usava uma velha camisa branca que de tão antiga parecia cinza. Cinza como quase tudo no carro. Eu já a vira com aquela camisa. Era a camisa do descompromisso, das tardes entediantes em casa. Sobre as pernas uma saia florida e com rasgos em certos pontos.

Sobre as minhas pernas não havia nada. Nem sobre meu torso. Estava nu.

— Calma. Não se preocupe, ninguém está vendo.

Respirei fundo. Recuperei a calma. Era dona Mônica. Era um carro. Não estava só.

— Estou...

— Não fale isso.

Calei-me.

— Ele venceu. Ele venceu, não é?

— Ninguém vence. Todos perdem.

Respirei ainda mais fundo. Outra pergunta nos lábios.

— Veja — disse, me interrompendo.

Viro para frente e os vejo. Eles não se viram. Não estamos lá. Não de *verdade*. Não estamos lá então eles não nos veem. Seus rostos no espelho retrovisor estão amedrontados. Perdidos. Ele tem olhos azuis e ela tem covinhas nas bochechas.

Ele está cansado. Com medo. Ela ainda mais. Com medo por ele. Porque ele é fraco. Ele não gosta de saber disso. Ela adoraria que ele não soubesse. Mas ele é fraco. É o elo fraco. Não tem fé. Não tem força. Ele foge.

Ela toca seu rosto. Ele olha o nada, desiludido. Desesperado. E se ela morrer? O que ele faria sem ela? Por que *ela* tinha que se arriscar? Por que *ela* tinha que *protegê-lo* e não o contrário? Por que *ele* era o fraco?

Porque ela era filha *dela*. Mônica. Porque ela tinha o talento. Porque crescera com aquilo, com aquela vida, com aquela missão. Aquela maldição. Ele a ama tanto que sente seu peito doer. Não pode perdê-la.

Ela não quer perdê-lo. Ela ouve cada um de seus pensamentos e se culpa por isso. Sabe que ele tem medo. Sabe *do que* tem medo. Ele não devia ter medo, não daquilo. Com aquilo ela e sua mãe podiam se virar. Era a vida delas. O destino. E seria o mesmo para o filho deles. Mas ela não podia fazer nada. Ele tinha que fugir. Se esconder. Pois a coisa *o vira*.

— É agora — disse dona Mônica. — Veja.

Ela indica a frente, com a cabeça. Não preciso abrir tanto os olhos para ver o caminhão que ao longe desce a rodovia e balança entre as duas faixas. Não preciso abrir tanto os olhos para ver que ambos não usavam o cinto de segurança. Não preciso abrir tanto os olhos para ver a chuva recomeçando, pesada, barulhenta, caindo sobre o vidro e cortando a pouca visibilidade existente.

Não preciso abrir tanto os olhos para ver o que tirou a vida dos pais de Carlos. O homem não vira o volante a tempo. Os corpos se movem em direções contrárias. O caminhão se agiganta sobre o capô, sobre o para-brisa, sobre nós, e os faróis ligados acendem fortemente, brilham detrás da enxurrada que cobre o vidro, brilham amarelos e débeis, revoltados.

Vivos.

— Ninguém vence. Todos perdem — sibila dona Mônica. Uma lágrima escorre pelo seu rosto. Sua testa está ensanguentada.

O carro se choca. Não há som. Não há dor. Não é real. O impacto é a coisa mais surpreendente possível. Nossos corpos saem do banco por uma fração de segundos, mas o tempo é o bastante para olhar para frente e ver o par de faróis do caminhão, acesos, ofuscantes, vívidos, e eles brilham e faíscam como

dois olhos sangrentos.
Famintos.

Não sei como nem por que, mas voltei. Voltei ao campo. Voltei à batalha. Não estava morto.

Sufocado pelo desespero, comecei a me debater inutilmente, sentindo que a única coisa que eu podia mover era meu espírito, que naquela hora lutava por espaço dentro de um corpo raquítico com uma criatura milhões de vezes mais forte e mais raivosa, uma raiva primal, remota e inveterada. Sacudia meus braços e pernas como um epilético, mas somente em minha mente eu via meus braços e pernas. Fisicamente, não os sentia. Não sentia nada, apenas aquele prurido intenso, torturante, espetando cada ponto do meu ser.

Quis sair. Quis *sair* de meu próprio corpo. A sensação era atroz e violenta. Quis abandonar aquele vaso revoltado em dores e, paradoxalmente, sem *percepção*, sem sensibilidade alguma. Queria renegar o corpo fraco de Paulo Gomes Abrantes. Queria me soltar daquele martírio incoerente e mergulhar no abismo profundo de luzes brilhantes e rodopiantes de criaturas antigas e bestiais, de eterno e arraigado ódio, e ali me amalgamar aos seres indescritíveis que por si só eram a verdade.

Quis morrer.

E ao mesmo tempo. algo me prendia, e eu sentia que não era a Coisa. Ela me queria fora. Despedaçaria meu corpo em seguida, chafurdaria sobre os restos despedaçados do meu ser e depois esperaria, pacientemente, que Samuel perdesse suas forças e a sombra recuasse, então eles se revelariam e seriam os próximos. Samuel morreria ajoelhado, como um servo, como um tolo. Rápida e indulgentemente. Já Carlos... seria diferente. Sua morte seria lenta. Dolorosa. A afronta o incomodava. O insulto. O desafio. Um reles garoto desafiá-lo era uma ofensa à sua magnitude, à sua amplitude. Ele faria com que Carlos sofresse pelo maior tempo que pudesse. Ainda assim, o que me prendia ao corpo era benévolo, branco, um ponto de luz fraco, entretanto *um ponto de luz*, um foco, uma direção, e eu a segui, guiei-me até ela, desesperado por socorro.

A luz vinha da minha mão e pouco a pouco percebi que ainda tinha controle sobre ela. Ainda a sentia. A ardência não a atingia totalmente. Percebia seu tato, a suavidade da palma da mão jovem, a dureza da unha e a maciez dos pelos pequenos e loiros sobre os dedos.

Sentia o calor e a força que emanava dali.

Sentia o ramo de oliveira entre os dedos.

No instante seguinte eu estava lá de novo. Eu via pelos meus próprios olhos, respirava o ar insípido e a umidade da língua batia contra o céu da minha boca e meus dentes. Meus braços antes travados agora esforçavam-se para voltar a serem *meus*. Puxei com esforço a mão direita na direção do meu peito, ao mesmo tempo em que, dentro de mim, a coisa lutava para retomar o controle, me derrotar e me expulsar. Ela rosnava e *babava*, produzindo sons indizíveis, inexplicáveis e impensáveis. Ela tremia.

Ela se abria e se alargava dentro de mim, como uma mão enfiada dentro da boca, enterrada à garganta, abrindo-se com unhas afiadas. Meus joelhos queriam se dobrar, me subjugar, me entregar. Não estavam suportando. Meus pés beliscavam, o acúmulo do cansaço de todo aquele dia de esforço descomunal para enfrentar a criatura se avolumando sobre os tendões, inchando-os.

Por um instante pensei que seria definitivamente expulso do meu corpo. Então abri a mão e olhei para o ramo. Ele brilhava, em uma incandescência esplêndida. A criatura berrou dentro de mim. Investiu com toda a força que tinha. Senti como se *mordido* por dentro.

Forcei o braço e trouxe o pequeno e frágil ramo contra o peito.

Estava quente. Estava fervente. Senti o cheiro da fumaça. Quando olhei para baixo, o tecido da parte da frente da minha camisa estava queimando. Ardia. A criatura soltou um berro inexequível, que preencheu meu corpo com uma onda de choque e dormência. Senti-a sendo *puxada* de dentro de mim, de dentro da minha carne, o ramo grudado contra meu peito como plástico quente, destruindo o ultimo pedaço de pano que o separava da minha pele. Brilhava com um ponto de luz que escapava pelos dedos entrecruzados. Fachos de luz escapavam dos espaços entre os dedos. Era uma luz tão forte que forçava minha mão, meus dedos. Afastei-as, e então toda aquela luz explodiu e se espalhou.

Ele estava *lá*, dentro do ramo que fervia contra minha pele. A dor apoderou-se da minha mente e da minha voz. Gritei. Berrei. Senti minha garganta se abrir, rasgar e sangrar.

A luz era tão forte que eu não podia olhar.

Imediatamente as sombras sólidas se abriram, ao mesmo tempo em que o facho de luz se encolhia sobre meu corpo, voltando para dentro do ramo. Desistindo, diminuindo, recuando. Acabando. Cedendo.

Uma chama dourada brilhou diante de mim, iluminando uma face. Era Carlos. Veio na minha direção, o rosto completamente molhado de suor e os olhos brilhando com uma fúria intensa. Fúria e gana. A tocha estava firme em sua mão, queimando sobre sua cabeça. Desceu-a contra mim, fagulhas

vermelhas subindo no céu, e a enfiou com determinação em meu peito.

Em cima do ramo de oliveira.

Tudo clareou e desapareceu. Vi-me sozinho em uma imensidão cristalina sem fim. A sequência de sensações me deixou embasbacado, apavorado e à beira da morte.

Senti todas as dores que dona Mônica sentira. Suas torções violentas e os choques da cabeça contra o chão, a consumição de seu corpo e suas forças, a dor dos punhos e pernas amarrados, a dor pela fome e pela inanição, os músculos ressecando sem água, o rim beliscando, os pulmões cheios de areia, o peso da coisa contra seu corpo e as pancadas surdas contra o teto e o chão. Uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Os ossos se partindo, fêmur, costelas, coluna, escápula, ísquio, ulna, tíbia, crânio. Senti o gosto do sangue quente dentro da boca e descendo pela goela. Músculos se rasgaram, o nariz esmagado ardia e as gengivas cortadas inchavam dentro da boca estourada. Sangue escorria pelo meu rosto. Cada poro do meu corpo parecia inflamado, queimado, infeccionado, e a dor era tanta que a razão se distanciou, afastando-se lentamente e restando apenas a demência.

Então braços compridos pareceram me segurar, me amparar. Me curar. Tudo beirou o absurdo e a incompreensão. Quando senti meu corpo em repouso naqueles braços, a sensação foi de felicidade, de júbilo. Meus olhos, independente de qual realidade estivessem, se encheram de lágrimas. Transcendi o limite da existência e enxerguei o vazio da imensidão imaterial que me cercava. Naquele espaço não havia dor, não havia medo. Só existia o alento. Estava seguro.

Tudo durou poucos segundos. Em um instante aquele mundo desapareceu.

Voltei a mim, incrédulo da viagem que acabara de fazer. Revivi todo o martírio de dona Mônica e *sobrevivi*.

Minhas mãos e meus joelhos se apoiavam na grama fria, mas arranquei-os imediatamente dali. Pulei com um grito agudo e desesperado. As terminações nervosas estavam despertas ao extremo. Não tinha ar nos meus pulmões. Não tinha ar em nenhum lugar. Meu peito se contraía, para dentro, como se fosse secar, encolher. Pressionava meu coração que palpitava desregrado. Andei para trás e caí. Não enxergava nada diante de mim.

Duas mãos quentes me seguraram pelos ombros. Empurrei o corpo que as possuía, apavorado, e corri cego pelo campo. Era a coisa, decerto que era, e suas mãos, suas centenas, milhares de mão podres me tocavam, me profanando, me enlouquecendo.

As mãos vieram de novo. Com mais força. Me agarraram por sob as

axilas. Depois mais duas. Imobilizado. Me puxaram para o chão, para a grama fria, e cada toque daquela grama nas minhas pernas me despertava ondas cálidas de dor, e eu gritava, insano.

Não sei quanto tempo durou aquele devaneio. Pouco a pouco minha visão foi voltando ao normal, e eu vi a escuridão implacável do céu e o brilho intenso, porém fino da lua. Ela estava curvada, como um sorriso. Nuvens claras cortavam-na. Vi árvores enormes. O vasto campo, a grama baixa balançando com o vento forte. A brisa que cantava entre as folhas e o capim alto, dançante.

Ouvi respirações. Senti uma ardência insuportável no peito.

Olhei para o lado, a vista ainda embaçada, e vi entre manchas o rosto jovial e belo de Carlos, sujo de fuligem. Seus olhos estavam arregalados de pavor e de preocupação. Suas mãos envolviam meu tórax em um aperto implacável. Lentamente me acalmei. Não era a Coisa. Não eram suas mãos que me envolviam.

Segurando meus braços atrás de mim, Samuel suava e arfava.

Eles sentiram minha respiração diminuindo e me soltaram. Sentei, *me joguei* na grama seca. Samuel caiu logo atrás, as expirações emitindo assovios agudos. Esparramou os braços no chão, abertos. Carlos andou para trás e dobrou um dos joelhos, exausto.

Observamos o campo gramado com os rostos contraídos, tensos. Vi novamente a lua brilhando no céu e as árvores sacudindo com o vento forte. Mas era um vento reconfortante. Natural. Um vento com cheiro de relva e umidade. Secava o suor do meu rosto e me acalentava.

Olhei para Samuel deitado no chão, a barriga subindo e descendo em pesadas respirações. Seus olhos estavam fechados e sua pele tão pálida que mesmo naquela escuridão era notável. Me virei para Carlos. Ele encarava o chão, o rosto fechado.

— O que aconteceu? — balbuciei. Algo na minha voz, um leve tremor ou a lembrança das dores que eu senti ecoando na minha mente atingiram Carlos. Olhou para mim, assustado.

— Eu não sei. Eu... simplesmente não sei...

— Eu nunca... — falei, e logo em seguida me calei. Não sabia exprimir o que se passava em minha mente. — Eu nunca imaginei... que foi tão doloroso... pra ela...

E comecei a chorar. Chorei como uma criança que era, dando soluços inconstantes e secando o nariz que escorria. Senti Samuel sentar-se e me encarar com pena. Senti Carlos me olhar pela primeira vez com uma profundidade que incomodava. Senti a dor da queimadura no meu peito, carne viva embaixo do buraco chamuscado na camisa. Senti os corações dos meus dois amigos, pessoas

que levaria para sempre dentro de mim e por quem eu daria facilmente a vida. Senti seus medos e suas angústias. E chorei. Chorei por Kratos. Por Daniel, Diana e sua mãe. Chorei por Mônica e seus pais, e pelos pais de Carlos. Pelos pais de Samuel e pelos meus pais. Chorei por nós.

O vento era uma leve brisa, aconchegante, assim como o gramado desenhado em toda sua extensão, cômodo e confortável. Sussurrava um som suave em meus ouvidos, um cício tênue e macio. Tinha cheiro de coisa boa. De voltar para casa. Ele rodopiou e soprou para o alto, para o céu, e as nuvens se espalharam como fumaça sacudida pelas mãos de uma criança. O universo sobre nós se revelou, belo, brilhante, gigante, magnífico. Uma infinidade de estrelas e corpos que cintilavam e convergiam pela imensidão do cosmo, sobre o infinito.

Olhei ao redor. Procurava por *ela*. Pela Coisa. Ela havia desaparecido.

Olhei o relógio. 0h17min. O dia vinte e cinco se fora.

Finalmente.

A mão de Carlos pousou brandamente sobre meu ombro. Agachou-se ao meu lado e sorriu.

— A gente conseguiu. Derrotamos ele.

Abri um largo sorriso e olhei para o céu, as lágrimas embaçando minha vista. Me deixei deitar sobre o macio colchão de grama, olhando para a lua e para o céu descomunal e belo com uma sensação saudosa de pureza na alma.

Os dias seguintes foram conturbados e não cabem mais aqui. Provavelmente, jamais serão contados como foram esses. O que posso dizer é que, de certa forma, saímos daquele campo gramado preenchidos pela vitória, vingados, apesar de cansados e destruídos física e mentalmente.

Levou certo tempo até que isso fosse notável.

Quando retornamos, nossos pais nos esperavam na frente da casa de Carlos, junto da polícia. Nós os vimos alguns metros antes. *Vários* metros antes, enquanto cruzávamos os limites do capinzal com a estrada de pedras arredondadas. Ouvimos com nossas mentes. O som dos passos e o vozerio incessante, desesperado, agitado. Ouvia o pensamento da mãe de Samuel sem me esforçar nem um pouco. Com mais atenção, podia sentir o cheiro das balas dentro de cada arma. O gosto do chiclete que um policial mastigava. Os soluços desalentados da minha mãe.

Isso permitiu que Carlos desaparecesse novamente.

— Quando nos veremos? — perguntei, enquanto ele se embrenhava na mata, com a roupa do corpo, empurrando a bicicleta e carregando as ferramentas que trouxemos.

— Em breve, Paulinho — disse sorrindo. — Deus queira que em breve.

Foi extremamente complicado explicar para os meus pais o que estávamos fazendo e pelo que tínhamos passado. Samuel parecia dez quilos mais magro, tamanha a exaustão. Havia utilizado sua mente ao máximo e de uma forma que nunca fizera antes. Eu nunca soube de onde tirou tanta força, e gosto de acreditar que o amor pelo cão morto foi o bastante.

Quanto a mim, estava abatido, com os nervos gritando sob a pele a cada toque e com uma queimadura de segundo grau no meio do peito, na estranha forma discernível de uma folha. Uma folha de oliveira.

Mas quando se começa a mentir, continuar se torna fácil, e foi o que fizemos. Passar pelo castigo, pelas broncas e pelas pomadas para queimadura foram o preço a pagar.

Um preço baixo comparado ao que evitamos que entrasse no nosso mundo.

23h59min55seg...

23h59min56seg...

23h59min57seg...

23h59min58seg...

23h59min59seg...

00h00min00seg...

00h00min01seg...

00h00min02seg...

Epílogo

As coisas nunca foram iguais desde então.

A cidade não mudou muito. A velha praça com a figueira no meio continua lá, mas a figueira não é a mesma. Assim como tudo na vida, ela morreu, mesmo tendo vivido mais do que muita gente. Outra ocupa seu lugar agora.

A rodovia foi alargada e duplicada. Andar de bicicleta no acostamento se tornou algo mais arriscado do que o normal, logo estritamente proibido. Além disso, não importa mais. A adolescência já se foi faz um tempo.

Para Samuel, tudo mudou. Ele presenciou coisas que enlouqueceriam qualquer pessoa, quanto mais uma criança de doze anos. Levou meses para que voltasse a dormir direito. Suas noites eram preenchidas pela presença quimérica e macabra dos seres que ele sabia que existia, ali, bem próximo, do outro lado da nossa realidade, separados de nós apenas por uma fina película que sequer é possível enxergar. O sussurro desses seres toca seus ouvidos todas as noites. Ainda é ruim. Ainda é difícil.

Levou um bom tempo até que encarasse seu “talento” como uma dádiva e não como uma maldição. Os primeiros meses ouvindo os pensamentos alheios quase o fizeram sair da escola, mas eu fiquei do lado dele, insistindo para que não desistisse e o ajudando a controlar o dom que possuía.

Eu aprendi muito sobre controlar o *meu* dom ajudando-o a controlar o dele. Aceitei tudo com mais facilidade. Gostava um pouco, inclusive, de certas coisas que o “talento” me proporcionava. Em certas ocasiões, foi bom saber de antemão o que esperavam de mim. Virei um mentiroso *infinitamente* melhor. Não me orgulho disso, mas, dane-se. O que testemunhei naquele dia em que a coisa quase me matou modificou toda minha forma de ver a vida. Encarei-a desde então com menos seriedade. Eu havia visto a verdade.

Isso tirava meu sono certas noites. Ainda *tira*.

Quanto a Carlos, eu só o veria dez meses depois daquele dia, o dia da batalha com a coisa no campo gramado, vinte e cinco de fevereiro de dois mil e

doze. Ele deixou definitivamente de frequentar a escola. Sua infância foi perdida e ele nunca mais a reencontraria. De uma forma reconfortante, isso nunca pareceu problema para ele.

O tempo passou, é claro, e eu cresci. Nós crescemos. Enquanto escrevo, tenho trinta e cinco anos. Me tornei um engenheiro muito próspero, mais até do que meu pai. Enquanto escrevo, simbolicamente faz vinte e três anos que tivemos nosso primeiro contato com a criatura. Enquanto escrevo, ainda moro na mesma cidade, sou casado com uma mulher maravilhosa chamada Mariana e tenho três filhos. Enquanto escrevo, eles correm sorridentes pelo gramado. Hugo, Eduardo e Mônica, é assim que se chamam.

Meus pais já faleceram, infelizmente. Gostaria que não tivesse ocorrido da forma que foi, como uma piada de humor negro, mas mesmo precavidos, nunca temos o controle de *tudo*. Eles se foram em um acidente de carro.

Samuel ainda não se casou, mas vez ou outra aparece com uma namorada. Continua gordo, mas está fazendo uma dieta para perder trinta dos cento e quarenta quilos que pesa aos trinta e quatro anos e assim fazer uma cirurgia de redução de estômago. Confio que conseguirá. Ele está sentado em uma cadeira reclinável no gramado, com óculos escuros redondos sobre o rosto rosado, sem camisa e com uma bermuda preta que é a versão “3.4” do short que usava aos doze. Acho que está cochilando. Moveu-se sobre a cadeira agora. Está acordado. Ergueu os óculos e sorriu para mim, piscando.

Carlos tornou-se um homem belo, inteligente e ainda interessante em seu mistério. Usa uma barba cerrada que, infelizmente, cobre as covinhas nas bochechas. Ele corre pelo gramado, brincando com meus filhos. Um dos poucos momentos em que pode ser criança de novo, sem preocupações e sem medo, apenas a diversão pura e jocosa e as gargalhadas.

Ninguém conseguia encontrá-lo quando ele não queria, tanto nós quanto a polícia. Quando completou dezoito anos, finalmente apresentou-se para as autoridades. A investigação acerca da morte de dona Mônica já tinha sido arquivada há vários anos. O laudo da perícia indicara convulsão e consequente infarto como causa da morte, sem qualquer associação com agentes externos, tanto pela ausência quanto pela presença deles. Não havia, então, nada que pudesse ser usado como prova contra Carlos. Este explicou tudo o que pôde para o delegado, assim que voltou. Não teve qualquer problema após isso. Não duvido que tenha usado um pouco de seu “talento” para se livrar de qualquer repreensão. Não tinha o que pagar, além do mais. Já sofrera o bastante com a morte de tudo que era ligado sanguineamente com ele. Já havia pago por ser o que era.

Eu não sei onde ele mora, e isso não importa. Quando olho para ele,

ainda sinto meu peito balançar amargamente, mas tudo se tornou uma espécie de sensação platônica e distante. Como uma saudade.

Não se pode controlar essas coisas, afinal.

Olho para o céu azul e ensolarado dessa tarde de fevereiro e sinto uma pontada de pena. As crianças correndo e fugindo de Carlos que se finge de monstro, Mariana esticando a toalha sobre a mesa e ajeitando sobre ela bandejas majestosas cujo cheiro nos atinge e nos fisga de imediato, Samuca descansando debaixo da sombra de uma majestosa árvore, e eu escrevendo não tão longe dele, sob a sombra da árvore que certo dia escalamos para ver o trabalho de um dia inteiro...

Odeio sentir pena, mas era isso que eu sentia, pois dali a poucas horas aquele belo lugar emanaria uma lúgubre onda de energia negra.

Eu contei-lhes que me tornei um engenheiro próspero? Acho que sim... me tornei provavelmente o engenheiro civil mais requisitado da cidade. Isso me gerou uma renda invejável, diga-se de passagem. Em cinco anos eu tinha uma boa casa, projetos e mais projetos em andamento, sociedade em uma empresa e dinheiro demais acumulando no banco. Então decidi procurar um corretor.

Ele demorou um pouco para entender a parte da zona rural que eu queria, até porque ele não possuía registros de sua *totalidade*; talvez fosse a pressão mental que eu exercia sobre seus pensamentos. Deixava-o meio atordoado. Os únicos papéis que ele tinha eram sobre uma pequena propriedade rural à sudeste da cidade, nos limites da Chácara Águazul, que compreendia uma grande reserva de mata atlântica e uma pequena casa de madeira construída em uma clareira. Mas o terreno que *eu queria* ele realmente nunca encontraria, de modo que consegui influenciá-lo até que ele estendesse os limites das terras *além* do lugar que eu desejava, um terreno gramado circular de quase trezentos metros de diâmetro cercado por elevadas árvores e um capinzal fechado, a qual se chegava por meio de uma estradinha singela e misteriosa de pedras arredondadas. Um terreno que borrava mapas e afugentava animais.

Ele fez a escritura, com muito prazer.

Agora esse largo terreno é meu. Meus filhos correm e brincam nele nesse momento. Não que eu tivesse medo de que outra pessoa se apropriasse dele. Ou talvez fosse isso mesmo. Nunca se sabe que tipo de coisa pode acontecer. O futuro é imprevisível e sempre haverá coisas novas para te atrapalhar. Para tentar te surpreender. Prefiri garantir que o terreno nunca sumiria das minhas vistas.

As crianças correm e gritam enquanto Carlos as persegue, inconscientes do que acontecerá daqui a algumas horas. Elas não se aproximam desse terreno em nenhum outro momento do ano, lógico, e nem sozinhas. Eu *nunca permitiria*. Elas mal notaram o desenho simétrico e detalhado feito com a terra

da grama arrancada. Não faz diferença para eles. Não sabem. *Ainda não*. Um dia perceberão, e então será inevitável.

Um dia também farão parte de tudo.

Daqui a algumas horas eu os levarei para casa no carro, deixarei os três com minha esposa uns bons quinze quilômetros longe daqui, onde provavelmente descansarão o sono das crianças levadas, enquanto eu retornarei sozinho para encontrar Samuel, com o rosto sério e ainda demonstrando aquele medo que tem desde criança, e Carlos, com um pedaço de madeira grande na mão e um isqueiro na outra, ascendendo-o constantemente, para não perder a prática. Antes de descermos a estrada de pedras, arrancarei a pequena e recém-nascida oliveira do chão, próxima da velha jabuticabeira que hoje floresce e dá frutos maravilhosos, ainda sentindo uma fígada de remorso ao vê-la se desligando do solo para ser sacrificada, e a levarei comigo, no colo.

Então, desceremos a estrada, atravessaremos o terreno de capim alto, um capim que nunca cresce e nunca morre, e aguardaremos, ansiosos e ainda com medo.

Porque, apesar de tantos anos fazendo isso (terceiro domingo de fevereiro, ou o domingo seguinte, no caso de coincidir com o Carnaval), é impossível controlar a apreensão que sentimos ao ver o relógio correr das 23h59min para meia-noite e de repente voltar para 23h00min. É impossível controlar o pulsar do coração quando ouvimos aquele barulho de algo se rasgando.

É impossível não temer quando se sabe o que espera ansiosamente do outro lado.

Everaldo Rodrigues
Monte Mor, São Paulo

02 de outubro de 2013 - 17 de setembro de 2016.

Posfácio para a 2ª edição:

Sobre o horário de verão (e outras coisas)

Entre a finalização da primeira versão desse livro e o lançamento da segunda edição, há algo em torno de seis anos. E talvez uns dez anos me separem da concepção da ideia, quando, numa das muitas maravilhosas e entediantes aulas do ensino médio, eu imaginei o que poderia existir de macabro por trás de algo tão banal quanto o horário de verão.

E não há nada de mais, na verdade. No começo ela parecia uma ideia brilhante, um horror cósmico tupiniquim, e aos poucos foi se transformando numa história boba sobre amizade, amor e proteção, até parecer para mim, hoje, nada mais que um texto que só reflete o escritor mirim que eu era (não se enganem, ainda não passei da puberdade).

Olhando para trás, a única coisa que eu acho que me permite manter essa história disponível é o apego, um sentimento piegas o bastante para fazer você fechar este posfácio antes de terminar a leitura (não sei nem como chegou até aqui, aliás!), torcendo o nariz e debochando; e não o culpo. Tenho essa mania besta de evitar falar sobre o que eu escrevo, escrevendo. Não faz sentido, eu sei. Foda-se.

“Horário de verão”, à princípio, se chamaria “A coisa do horário de verão” (ainda bem que não mantive o “a coisa” no título, já não bastam as insinuações de “plágio de It” por gente que não leu uma linha do livro, mas enfim...) e seria um continho de terror. Seria, porque quando terminei a primeira versão, o texto tinha mais de 40 mil palavras e uma estrutura que não se decidia entre a novela e o romance. Naquela época (“oh, como ele é velho...”) eu não fazia ideia de nada. Porra, eu mal tinha entrado na maioridade, eu acho. Não que eu faça muita ideia hoje também, mas acho que as coisas mudaram um pouco, para melhor espero, e apesar disso, tive o mínimo de maturidade para aguardar e não “soltar” a história. Mantive-a escondida, até me sentir “preparado”, e isso só aconteceu em idos de 2013, quando eu reli aquele texto cheio de advérbios e repetições de conjunções adversativas e pronomes, e senti que podia (oh meu Deus) esticar a

história.

O “eu” de hoje nunca pensaria uma besteira dessas de um conto/novela/não-sei-o-quê, e provavelmente mexeria para deixar ainda menor. Isso se não a jogasse fora, ou a guardasse para um “Passeio Noturno” da vida, que é como chamo os livros em que eu enfio textos que não fui bom o bastante para dar vida própria. Eu não aumentaria o texto, isso é fato.

Acho que a imaturidade daquele cara que eu era me ajudou, me deixou menos bitolado, e mais preocupado com a história do que com formas e estilos, coisa que a gente, depois de um tempo, passa a valorizar, sendo que às vezes não valem de nada. Não importa. O “eu” de 2013, o “eu” juvenil e que mal sabia o que era um advérbio não pensava nessas coisas. Ele só escrevia. Eu gosto daquele cara. Ele era legal. Uma pena que ele tenha ficado no passado. Que seja. Há males que vêm para o bem. Ou não.

O que aconteceu foi que eu não apenas aumentei o texto, como acrescentei uma parte que antes não existia, a tal “história da bruxa”, que no original só era mencionada.

Vejam só que sandice! Além de aumentar todos os acontecimentos do livro, desenvolvendo cenas mais longas, como toda a parte da véspera do Natal e toda a investigação dos garotos, também acrescentei a história de Diana, Daniel, a bruxa e a vila amaldiçoada, que no final é atacada por uma criatura que, se não for a mesma que Paulo, Carlos e Samuca enfrentam no fatídico dia, certamente é da mesma natureza.

(Eu espero que ao menos isso tenha ficado claro.)

Então, depois dos acréscimos, eu tinha meu romance. Meu primeiro romance. E quem escreve sabe a sensação que isso dá. A gente pensa que ele é lindo, maravilhoso, e que todo mundo vai querer conhecê-lo. Ah, doces ilusões.

Mas acho que nossa vida de escritor, principalmente aqui no Brasil, é uma vida de doces ilusões mesmo, então o que nos resta é saborear pelo menos enquanto ela ainda é doce, né.

No final das contas, o livro foi lançado de forma independente em 16 outubro de 2016, durante a mudança para o horário de verão (olha só que jogada de marketing, hein! Genial! Palmas!), e desde então ele me tem feito muito feliz. Apesar do clima avesso a qualquer coisa que eu lancei depois, da pegada juvenil e das comparações com *Stranger Things* (basta uma conta rápida e todo mundo descobre que o livro é anterior, mas é inegável que ambas as obras bebem da fonte “Kingiana”, então tá tudo bem), é um livro do qual tenho certo orgulho. A ideia central, a do horário de verão como uma ferramenta de distorção do tempo, apesar de chinfrim, continua legal, e acho que continuará sendo, pelo menos até o governo extinguir o programa, o que parece algo iminente. Gosto

principalmente da relação dos três protagonistas. É a melhor coisa do livro para mim. E o clima “lovecraftiano” do meio para o fim me deixa bem satisfeito. Foi a maneira que encontrei de inserir os elementos de horror cósmico que a história exigia, sem precisar de tentáculos, nomes impronunciáveis e finais clichês (calma, eu ainda gosto dos textos do cara).

No entanto, uma coisa acima de todas as outras me deixa muito mais feliz e satisfeito, e essa coisa tem sido as reações dos leitores. Para um autor independente, um livro lançado não pode ser esquecido, e posso me orgulhar de, nesses dois anos, “Horário de Verão” ainda ser lido, resenhado e avaliado, ainda gerar reações raivosas e tensas quando certa personagem querida morre, etc e tal. Para essas coisas eu não tenho palavras. Só agradeço.

Para as pessoas a quem esse livro tocou de alguma maneira, há muito carinho, gratidão e amor. O amor que só a literatura desperta, aquele que vai além do ego massageado e das palavras que às vezes salvam um dia. A alegria e satisfação de saber que aquela história, que brotou na sua cabeça quando você sequer tinha barba no rosto, hoje consegue entreter, emocionar, fazer rir, e veja só, até assustar!

Isso não é algo para se comemorar?

Claro que é! É sim! E eu comemoro.

E torço para que aquele “eu”, aquele de 2013, nos círculos irrevogáveis do tempo e nos abismos sem fim do desconhecido, possa comemorar também. Onde quer que ele esteja. Eu devo parte disso a ele.

Everaldo Rodrigues
Agosto de 2018

Apoie a literatura nacional. Leia autores brasileiros.

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Parte 1 — Cinco para meia-noite](#)

[Capítulo I: Dia chuvoso](#)

[Capítulo II: Sonhos e surtos](#)

[Capítulo III: A história da bruxa - parte 1](#)

[Capítulo IV: A história da bruxa - parte 2](#)

[Capítulo V: No teto](#)

[Capítulo VI: Homem feito](#)

[Capítulo VII: Tempo perdido](#)

[Capítulo VIII: Ficar forte](#)

[Capítulo IX: O baú](#)

[Capítulo X: Árvore de Natal](#)

[Capítulo XI: Véspera de Natal](#)

[Capítulo XII: Natal](#)

[Capítulo XIII: Grito no silêncio](#)

[Parte 2 — Meia-noite](#)

[Capítulo XIV: Desconfiança](#)

[Capítulo XV: Enigmas](#)

[Capítulo XVI: Ponto zero](#)

[Capítulo XVII: Sombras interiores](#)

[Capítulo XVIII: Promessa](#)

[Capítulo XIX: O campo](#)

[Capítulo XX: O ramo de oliveira](#)

[Capítulo XXI: Egrégora](#)

[Capítulo XXII: A chave](#)

[Capítulo XXIII: A coisa à espreita](#)

[Epílogo](#)